

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

**O “PROJETO” DE BRASIL DA ESQUERDA
CATÓLICA EXPRESSO NO SEMANÁRIO
“BRASIL, URGENTE”**

Dissertação apresentada à banca examinadora para
obtenção do grau de mestre em História Econômica na
FFLCH da USP.

Sob orientação do

Prof. Dr. BENEDICTO HELOIZ NASCIMENTO

MARIA FERNANDA MARQUES ANTUNES

São Paulo, novembro de 1999.

Apresentação

Quando se trata de desvendar as conjunturas em que ocorrem ou se acirram as mil faces da dialética entre ruptura e continuidade, os estudos históricos conduzidos pela paixão são os mais adequados. O pesquisador tem, então, uma possibilidade de compreensão desses quadros plenos de instabilidade, visto neles estar totalmente mergulhado. É uma objetividade ao contrário, mas muito produtiva.

Foi assim que, profundamente interessada em entender este *vir a ser que não veio*, dos anos 1963 e 1964, que trabalhei o tema desta dissertação. Nas angústias da solidão que um trabalho desta natureza provoca e pela certeza final de que estou só começando, espero deixar aqui uma contribuição aqueles que se interessarem pelo assunto.

São Paulo, 1999.

Agradecimentos

Ao longo destes anos e, especialmente no período final, desta pesquisa, precisei de muita ajuda. Ajuda da família e amigos de todos os cantos. Doações preciosas, as suas, desde um cafezinho, um auxílio na informática, uma troca de idéias, uma discussão teórica, uma tradução para o inglês, a indicação de um livro ... enfim ... tenho que agradecer a todos o imenso carinho que recebi. Não direi seus nomes. São muitos. Mas eles sabem que me ajudaram e muito, a fazer esta dissertação.

Lembro, também, da seriedade e empenho de meus examinadores na qualificação. O professor Augustin Wernet, profundo conhecedor do papel histórico da Igreja que me deu subsídios para trabalhar esta parte de meu tema. O professor Wilson do Nascimento Barbosa, onde se combinam espírito crítico e disponibilidade, me empurrou para a reflexão das questões econômicas.

Mas ainda resta um agradecimento especial ao meu orientador professor Benedicto Heloiz Nascimento. Sem o seu rigor, dedicação, paciência e imensa disponibilidade esta dissertação nunca se completaria.

Resumo

A intensa mobilização política que ocorria no Brasil nos anos 63 e 64 expressava uma necessidade de mudanças sociais no país. O crescimento da economia, ocorrido nos anos 50, ampliou a dependência ao capitalismo internacional e a concentração de renda.

A organização dos trabalhadores crescia e com eles estavam setores progressistas da sociedade que pleiteavam um desenvolvimento nacionalista, que incluísse reformas sociais, que revertissem na elevação do padrão de vida das maiorias, até então excluídas.

Na luta ideológica o jornal *Brasil, Urgente*, criado por um grupo de católicos, se colocou como um “jornal do povo pela justiça social”. Ele assumiu uma posição de formador de opinião de uma esquerda católica.

Este estudo das propostas econômicas veiculadas nesse jornal e sua contextualização é uma tentativa de entender alguns aspectos daquela conjuntura histórica.

Abstract

The intense political mobilization which took place in Brazil during the years of 1963 and 1964 expressed the need for social changes in the country. The economic growth which occurred in the 50's increased the Brazilian dependence on international capitalism as well as its income concentration.

The workers' organization was on the increase, and supporting them were the progressive sectors of society. These sectors demanded nationalistic development along with the social reform that would lead the majority of the population to higher life standards.

Amidst such ideological strife, the newspaper "*Brasil, Urgente*", created by a catholic group, came forward as the people's newspaper for social justice. It assumed the role of forming the opinion of Brazilian catholic left-wingers.

This study of the economic proposals published in the newspaper mentioned above as well as its contextualization is an attempt to understand some aspects of that historic conjuncture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

PRIMEIRO CAPÍTULO: - O semanário *Brasil, Urgente*

SEGUNDO CAPÍTULO: - O *Brasil, Urgente* e a Igreja Católica

TERCEIRO CAPÍTULO: - A luta pela opinião pública nos anos 63 e 64

QUARTO CAPÍTULO: - *Brasil, Urgente* e seu projeto de Brasil

CONSIDERAÇÕES FINAIS

ANEXOS

Testemunhos de alguns participantes da Esquerda Católica

INTRODUÇÃO

A preocupação central desta pesquisa histórica foi estudar o semanário *Brasil, Urgente*, partindo da hipótese de que esse jornal teve um papel significativo na disputa ideológica sobre a construção do futuro do Brasil que se travou no início dos anos sessenta. Este jornal era publicado sob a liderança de católicos, que de forma genérica, poderiam ser chamados de *esquerda católica*¹

Eles usavam o termo revolução como sinônimo de justiça social e propunham novos rumos para o país através de reformas estruturais, conhecidas como as reformas de base. Reformas essas, que deveriam ser feitas com a participação popular e para beneficiar as maiorias aliadas do poder e dos benefícios do progresso.

A atuação dos católicos na luta por mudanças sociais ocorreu frente aos desafios contemporâneos dos violentos contrastes entre o crescimento econômico e a miséria, numa conjuntura internacional de expansão do socialismo como caminho para a superação dessas desigualdades sociais. Em plena Guerra Fria, cerca de um terço do

¹ O jornal *Brasil, Urgente* n. 42, de ----, p. 12, expõe sua postura enquanto esquerda: " (...) Se por *esquerda* entendermos a luta pela Justiça Social, a grande batalha pela redenção sócio-econômica de um povo, a incorporação dos operários e camponeses à cultura e à civilização nacionais, então nós pertencemos certamente à *esquerda*. Contudo, se por *esquerda* quisermos significar materialismo histórico, totalitarismo marxista, supressão da liberdade humana, não seremos positivamente da *esquerda*..

planeta, aderiria ao socialismo o que para muitos brasileiros colocava em risco a ordem social vigente, da qual a Igreja era um dos sustentáculos. Os anseios de justiça social dos setores mais radicais se guiavam por uma visão engajada do evangelho e ganhavam força diante da nova postura oficial da Igreja voltada para as questões sociais.

O radicalismo expresso pela esquerda católica, entretanto, revela seus limites nas propostas concretas de mudanças sociais que em síntese conduzem para “melhoria” do sistema capitalista. Isto se explicaria não só pela conjuntura histórica em que a correlação de forças era insuficiente para a mudança do sistema como, também, pela fragilidade de sua fundamentação teórica que submetia a economia e a política à moral religiosa cristã e pela própria inserção da instituição católica na manutenção da ordem social, portanto fortemente conservadora.

Esses limites da postura dos católicos se expressam em suas propostas e ações quanto ao desenvolvimento do Brasil ou seja, quanto ao seu projeto de Brasil.

A temática do **desenvolvimento econômico** foi eleita pela grande significação dada em estudos, discussões, planos políticos no período e no governo João Goulart, enfocado pela pesquisa. Nessa fase se acreditava, como possíveis e necessárias, grandes mudanças vislumbradas através de manifestações de populares, intelectuais, estudantes, políticos e religiosos e do crescimento da organização dos trabalhadores em sindicatos e outros tipos de associações de classe. Trata-se da análise de uma conjuntura histórica, momento privilegiado da História do Brasil em que a luta social encaminhava, a nível nacional, clara e confiantemente, a demanda das grandes maiorias, que certamente lutavam para se apropriar dos benefícios do crescimento econômico. As possibilidades de reformas nas estruturas políticas, econômicas e sociais está presente nas disputas, em que se insere o pequeno jornal, *Brasil, Urgente*.

Para efetuarmos a pesquisa traçamos como principais objetivos:

1) obter do jornal ***Brasil Urgente***, através das *propostas, opiniões e análises*, nele expressas, uma visão do que a *esquerda católica* elegeu como melhor para o desenvolvimento do Brasil.

2) buscar os pressupostos teóricos dessa *esquerda*, que se expressa através do jornal *Brasil, Urgente*, para avaliar os limites e contradições de suas propostas econômicas, a nível do discurso e de sua prática, em

decorrência de sua inserção nessa etapa específica de atuação da Igreja Católica.

3) desvendar o papel do projeto econômico dessa *esquerda* católica na conjuntura específica brasileira dos anos 63 e 64, ápice da disputa entre forças conservadoras reformistas e revolucionárias, visto que a definição do tipo de desenvolvimento econômico era fundamental para a definição de quem ficaria com o poder político.

4) colocar os dados e análises no quadro de uma representação da totalidade histórica da sociedade civil dessa importante conjuntura da República do Brasil Contemporâneo, cujas marcas ainda estão presentes no país.

Todos esses objetivos podem ser sintetizados numa meta maior: partir do estudo da *visão de desenvolvimento* da chamada *esquerda católica*, expressa no jornal *Brasil, Urgente*, e da sua inserção nas *disputas sociais e políticas* do governo Goulart (anos 63-64), visando *contribuir*, a nível da racionalidade, para a compreensão dessa conjuntura histórica e de seu desfecho no golpe militar de 1964. Considere-se que tal desfecho se fez na direção contrária a da ansiada construção da modernidade democrática, que a livre manifestação pública dos diferentes segmentos sociais indicava estar próxima, e que eliminou, assim, um possível desenvolvimento econômico que beneficiasse, também, as grandes majorias de trabalhadores.

O brusco desenlace do golpe militar, que seguiu-se a esse período de disputas democráticas, levou a silenciar os

projetos comprometidos com as reformas de base. A repressão, controle ideológico, e novos projetos de desenvolvimento, impostos *desde cima*, não resolveram as questões fundamentais como a agrária. Decorridos mais de trinta anos desde a deposição de Goulart, a luta pela reforma agrária volta a se intensificar sob a direção dos movimentos *dos sem terra* em todo o território nacional. A mobilização popular, parece de novo impossível de conter com o agravamento da crescente concentração fundiária e as crescentes dificuldades trazidas pelo neoliberalismo.

Ao colocarmos as disputas e destacarmos as visões de desenvolvimento presentes no governo Goulart como expressões de democracia tentamos contribuir para uma compreensão maior dos problemas e das lutas que se processam contemporaneamente no Brasil.

Nas muitas “vozes” políticas desse passado recente estão implícitas visões econômicas. Tal ocorreu nas publicações como a que selecionamos como fonte histórica: o jornal *Brasil, Urgente*.

Levantar o “projeto econômico” num semanário não especificamente econômico, pois ele se posicionava como *formador de opinião*, representou captarmos na luta política o “projeto” econômico que nela se inseria.

Explicitadas as razões da escolha, do jornal *Brasil, Urgente*, enquanto fonte principal de pesquisa histórica, apontamos alguns aspectos da metodologia utilizada considerando os limites, possibilidades e especificidades

do uso de jornais enquanto fonte histórica. Tentamos desvendar desde as múltiplas faces da imprensa as que o historiador pode utilizar na construção da *História viva*, ou seja uma História construída num constante diálogo, análise e fundamentação, do presente, do qual faz parte o olhar do historiador, com o passado onde ocorreram os fatos.

O primeiro ponto de intersecção da imprensa com a História está no fato de que a imprensa apresenta os mais diferentes tipos de fatos relativos ao cotidiano das sociedades. Atua, portanto, no que para o historiador é a curta duração. A tarefa específica do historiador é a de enxergar a conjuntura, em foco, e situá-la na construção do tempo longo, do processo histórico.

O aproveitamento da imprensa como fonte histórica tornou-se usual à medida em que o avanço da historiografia nos leva a recortar das formações sociais passadas e analisar suas ligações com as preocupações presentes. Tal se deu por influência do materialismo histórico (Segunda metade do século XIX) e da Escola de Annales (a partir de 1929). É necessário ouvir, então, as representações das falas dessa conjuntura e, para isso os jornais são elementos privilegiados.

Quanto à credibilidade das informações, partimos do princípio básico de que a imprensa sempre se coloca como informante da *verdade*. Entretanto, a concretude das *muitas verdades*, das várias abordagens jornalísticas testemunhos de eventos, revelam, pela análise de

coerência, confronto de dados e crítica teórica que há outras fortes motivações e objetivos nem sempre explícitos.

Neste trabalho, em que a fonte de pesquisa central são os jornais, o historiador procurou sempre levar em conta a natureza das várias verdades que caracterizam a imprensa. Para isso desmistificando o significado aparente dos fatos e buscando descobrir como essa aparência foi construída, e para isso analisando as condições de sua construção.

Na busca de cientificidade, a postura crítica do historiador levou em conta um elemento muito presente na imprensa: o fato de suas informações serem permeadas pela ideologia, expostas por *meias verdades*. E que ao fazê-lo executam o seu projeto de seduzir para tornar real um *futuro* que interessa a um ou mais segmentos sociais que *falam* através de jornal.

Como diz Maria Helena Capelato:

“Conhecer a história através da imprensa pressupõe um trabalho com método rigoroso, tratamento adequado da fonte e reflexão teórica.”² .

O diálogo desse estudo histórico procurou, então, responder a perguntas do tipo: quem produziu o jornal? a quem se destina? a quem interessa? a que pretende levar? como se sustenta? em que condições históricas foi feito?

² (1) Capelato, Maria Helena R. *Imprensa e História do Brasil*. S. Paulo, Contexto/EDUSP, 1988, p. 23.

Sobre o uso da imprensa como documento para pesquisa histórica concluímos que, como afirma S. Wilhelm Bauer:

“o jornal ... é uma verdadeira mina de conhecimento: fonte de sua própria história e das situações mais diversas; meio de expressão de idéias e depósito de cultura. Nele encontramos dados sobre a sociedade, seus usos e costumes, informes sobre questões econômicas” ³(2).

O ponto de partida do trabalho de pesquisa foi selecionar, no diversificado conteúdo do jornal **Brasil, Urgente**, as suas posturas com relação a uma questão, global, e marcante do contexto histórico dos anos 60: o *desenvolvimento econômico do Brasil*.

Os trabalhos da pesquisa se fizeram numa primeira etapa, extraíndo dos textos do jornal *Brasil, Urgente* referências que permitissem compreender a sua visão de desenvolvimento econômico. Conjuntamente foram levantados trechos que indicassem a identificação teórica das pessoas ligadas ao semanário escolhido. Essa visão de desenvolvimento da esquerda católica foi, depois, confrontada com a de dois conceituados teóricos do *desenvolvimento econômico*: Andrew Gunder Frank e Celso Furtado.

Além disso, levou-se em conta que os ativistas ligados ao jornal estudado e outros movimentos católicos se

³ in Capclato, Maria Helena R. *Imprensa e História do Brasil*. S. Paulo, Contexto/EDUSP, 1988. P.21.

inspiravam nas encíclicas sociais mais marcadamente na “*Mater et Magistra*” e “*Pacem in Terris*”, de João XXIII.

Foi considerado, também, um confronto dessa visão de desenvolvimento do *Brasil, Urgente* com alguns pontos de vista defendidos por outro grupo de opinião, que participavam da diversidade de ideologias em luta no início dos anos sessenta – o PCB - quanto a como viam a questão do *desenvolvimento econômico para o Brasil*.

A contextualização do jornal *Brasil, Urgente*, e análise de suas posições foi aprofundado recorrendo-se a outros tipos de documentos históricos como: livros, outros jornais, revistas, depoimentos de pessoas atuantes nessa conjuntura histórica, enfim um extenso material que pode nos trazer diferentes dados para o construir da memória dos problemas socio-econômicos em pauta no governo João Goulart.

No primeiro capítulo localizamos o jornal, ou seja, dizemos o que foi, como surgiu, para que surgiu, seus recursos materiais, sua abrangência em termos do número de exemplares e o número de leitores, sua composição e formato, distribuição de assuntos, editorial e sua proposta enquanto formador de opinião.

A seguir, no segundo capítulo, é discutida a relação do jornal enquanto expressão da esquerda católica. Procuramos localizar nas encíclicas sociais e as teorias a que se vinculam os fundamentos e as posturas defendidas pela esquerda católica, além das relações grupos católicos e hierarquia da Igreja.

O terceiro capítulo destina-se a tratar da conjuntura dos anos 63 e 64, nela situando a complexidade da luta na disputa da hegemonia ideológica, das questões políticas, econômicas, sociais e o desfecho do golpe de 1964.

Já o quarto capítulo expõe os dados que mostram a visão econômica do jornal, ou seja a sua visão de desenvolvimento. Nessa parte tratou-se de apresentar o resultado do levantamento empírico, realizado através da leitura do jornal dos dizeres sobre: *capitalismo (direita)*, *comunismo (esquerda)*, *desenvolvimento-subdesenvolvimento, reformas de base, capital estrangeiro e imperialismo*. Através dos destaques do jornal se procurou desvendar o projeto de desenvolvimento e a ideologia veiculada por esse jornal.

Ao final, nos anexos, três exemplares do jornal *Brasil, Urgente* (xerox); o texto *Credo Social Cristão*; o texto de uma Cartilha do Desenvolvimento; e a transcrição dos depoimentos resgatando a memória de algumas pessoas ligadas ao jornal *Brasil, Urgente* bem como um olhar atual sobre esse passado próximo e tão marcante de nossa história contemporânea.

PRIMEIRO CAPÍTULO : “O semanário *Brasil, Urgente*”

O jornal *Brasil, Urgente*, nasceu das discussões feitas pelos católicos que frequentavam os sermões e palestras do frei Carlos Josaphat no convento dos dominicanos, em São Paulo. Nesses encontros, que atraíam numeroso público, discutia-se a encíclica *Mater et Magistra*, recém publicada, cujos princípios estimulavam a busca de soluções cristãs para os problemas sociais do Brasil. Os debates eram tão envolventes que mesmo não católicos os frequentavam, como é o caso de Roberto Freire, psiquiatra, escritor e jornalista, que fez parte do grupo que decidiu levar adiante o projeto de se fazer um jornal. Foi ele quem sugeriu o nome do jornal e foi seu diretor responsável.

Muitas dessas pessoas já atuavam em grupos de luta político-social ou de discussão religiosa e viram no jornal um meio para divulgar as suas propostas e ações bem como arregimentar novos elementos como o faziam os comunistas e a direita através de seus jornais e revistas.

Assim os criadores do jornal vislumbraram nesse veículo de comunicação de massas a expressão de um movimento mais amplo que fosse porta voz dos que atuavam no sentido da mobilização popular pelo desenvolvimento econômico com justiça social.

Em seu depoimento frei Carlos Josaphat, que liderou aqueles que se envolveram na criação do Jornal, destaca a

necessidade de suprir as falhas da grande imprensa que omitia ou adulterava as lutas populares, como ocorreu na Greve de Perus⁴:

“- ... por que o jornal? É porque nós começávamos a notar o seguinte: havia uma série de movimentos, greves, etc, a imprensa deturpava tudo ou não dava notícia ... Então aquilo nos causava uma indignação muito grande. Dissemos sem a opinião pública não temos nada a fazer... Sobretudo a gota d'água é que havia uma greve que estava sendo realizada em Perus na fábrica de cimento e aí essa greve estava sendo apoiada pelo nosso movimento em geral e eu estava lá com Dom Jorge, bispo de Santo André, que era grande líder, nessa época, com Mário Carvalho de Jesus [da Frente Nacional do Trabalho - FNT]. Estávamos lá com o piquete da greve conversando ... quando a polícia chegou e atacou imediatamente e feriu um, chegou a ferir um trabalhador ... a imprensa deu que os operários se tinham sublevado contra a polícia, se oposto a polícia que foi obrigada a fazer aquilo. Nós assustamos, então colocamos, fizemos uma declaração para os jornais e então no dia seguinte vimos que todos os jornais publicaram nossa declaração dizendo que o bispo de Santo André, frei Carlos Josaphat e Mário de Carvalho ficaram nervosos com a intervenção da polícia e não compreenderam e etc e tal ... Então a necessidade do jornal

⁴ A greve dos operários da Cia. Portland de Perus feita por falta de pagamento e outras irregularidades incluíram uma paralisação de 10 meses em 1962 e uma tentativa de assumir a fábrica através de uma cooperativa de seus trabalhadores. Eles sofreram privações e violentas pressões a mando do patrão o empresário, banqueiro e deputado federal J.J. Abdalla.

foi primeiro para ser porta-voz do movimento e em segundo lugar para ser, então, a ligação do movimento com a opinião pública...”⁵

A partir dessa decisão se tomaram as primeiras providências para divulgar, ampliar o número de adeptos e angariar recursos. Além de Frei Josaphat, Roberto Freire, Ruy do Espírito Santo e outros membros do grupo faziam palestras em várias localidades do país e

“... o jornal nasceu de maneira ampla para dizer verdades, custe o que custar, doa a quem doer...”⁶

Para reunir o capital inicial necessário para concretizar o jornal foram vendidas cotas e ações para os simpatizantes, perfazendo cerca de 8 mil acionistas. Segundo frei Josaphat, a confiança na Igreja fez com que contribuíssem desde empresários a trabalhadores. A sociedade assim organizada levou o nome de Veritas S/A (verdade), copiado do lema da ordem dos dominicanos. Entretanto, essa sociedade não chegou a ser registrada.

No editorial do primeiro exemplar do *Brasil, Urgente*, de 17 a 24 de março de 1963 está escrito que o *Brasil, Urgente* nasceu “porque oito mil acionistas, brasileiros de todas as camadas sociais, particularmente trabalhadores e homens de classe média, estão convencidos de que se faz necessário um ‘um jornal livre, a serviço exclusivamente da verdade, e da justiça social’.

(...)

⁵ Depoimento de frei Carlos Josaphat, no Convento dos Dominicanos, em São Paulo, em 10/06/99.

⁶ idem

“ No plano social, a Justiça é irmã da Verdade e da Liberdade...”⁷

A construção da democracia através da informação e da conscientização era outra tarefa a que propunham nesse editorial.

Um resumo dos princípios do movimento encabeçado pelo jornal, segundo o frei Josaphat, foi divulgado e aprovado, em uma reunião, na Praça da Sé, em frente a Catedral. Tratava-se de um artigo que ele escrevera e foi publicado no *Brasil, Urgente* n.8 de 5 de maio de 1963: *Credo social cristão*.

“ cremos na primazia absoluta dos valores espirituais, sem desconhecer, entretanto, certa prioridade dos fatores econômicos, no plano social; uma vez que as sublimes prerrogativas da liberdade, serão apenas palavras mortas, se não se apoiarem numa ordem econômico-social, realmente equitativa para todos.

(...)

Cremos que não há democracia sem formação e informação honesta da opinião pública; e reconhecemos na dominação dos grupos econômicos sobre as organizações publicitárias, a mais perniciosa das ditaduras. Sem a democratização econômica, particularmente dos meios de

⁷ A partir desta nota quando a fonte for o jornal *Brasil, Urgente* a referência será colocada ao lado da citação, no próprio texto, sem se recorrer a notas, como: (BU n.1. p.3)

difusão, rádio, imprensa, cinema e televisão, não é possível verdadeira democracia política.” (BU n. 8, p.9)

O jornal se colocou como voz de uma frente de grupos, a maior parte deles de inspiração católica, sendo os principais a Juventude Católica Universitária (JUC); a Juventude Estudantil Católica (JEC), composta pelos secundaristas; Juventude Operária Católica (JOC); a Frente Nacional do Trabalho (FNT); a Ação Popular (AP).

Depois tentando aglutinar ao jornal grupos desligados da Igreja frei Josaphat expôs os mesmos princípios em uma assembléia do sindicato dos metalúrgicos, de São Paulo. Este sindicato considerado *vermelho*, ou seja liderado pelos comunistas, oficialmente rejeitou a participação no movimento encabeçado pelo jornal, justificando que os católicos tinham boa intenção mas acabavam fazendo o *serviço para a burguesia*. Entretanto, mais adiante um membro desse sindicato passou a compor a equipe que decidia, semanalmente, a pauta do jornal. Frei Josaphat justifica a mudança:

“Quando houve uma grande greve no começo de 63, coordenada pelos comunistas, todos os jornais eram contra. O *Brasil, Urgente*, foi o único que efetivamente noticiou a greve favorável aos objetivos da greve ... A partir desse momento nós tínhamos um *comunista* que fazia parte da própria redação do jornal...”⁸

⁸ Depoimento de frei Carlos Josaphat, em 10.06.99.

“... já em meados de 63 nós estávamos unidos podemos dizer, os estudantes, com o núcleo cristão, e com uma grande penetração entre aqueles que queriam reformas: os operários; ... a liga dos camponeses, de Francisco Julião ... A dificuldade maior é que nós não dávamos nenhum apoio direto a alguma coisa que aparecesse como comunista ... procurávamos nos entender nos problemas práticos e não em formulação de doutrina.”⁹

Da mesma forma o grupo do jornal se aproximava dos socialistas e outros grupos políticos comprometidos, então com a luta pelas reformas a favor do povo e pelo desenvolvimento autônomo da economia do país. Apresentava notícias sobre os sindicatos rurais liderados por membros da Igreja mas também sobre as Ligas Camponesas de Julião.

O sucesso vinha principalmente da combativa e inédita abordagem do jornal, sua amplitude – visto que não era expressão de um só partido ou grupo político, atendendo a expectativa dos que queriam se informar e participar daquele contexto histórico de intensa ebulição política. Assim:

“ (...) esse *Brasil, Urgente* passou a ser um instrumento de politização. Então você pode verificar que as matérias que o *Brasil, Urgente* traz não são apenas matérias de notícias. São matérias de conteúdo, o que permitia que se formassem grupos para discussão do

⁹ idem

próprio jornal. O *Brasil, Urgente*, passou a ser instrumento, em consequência disso, de organização popular...”¹⁰

Outro aspecto marcante foi a preocupação de continuar a fazer reuniões, ou seja, buscava estar próximo de seus leitores:

“ O Sindicato dos Metalurgicos foi palco no último dia 17 de um grande acontecimento. Os que lá estiveram sentiram a coesão e unidade que nos irmana nessa luta pela ‘solidificação’ de *Brasil, Urgente*. Cerca de 500 acionistas discutiram os problemas de nosso jornal dando testemunhos vivos do interesse e do carinho com que vêm acompanhando nossas atividades.

Pretendemos multiplicar tais reuniões, inclusive realizando-as em outros centros onde os acionistas são numerosos. Pensamos realizar a próxima em Belo Horizonte, no mês de agosto. O que acham?” (BU, n. 20, p.2)

O funcionamento do jornal era viabilizado por profissionais: funcionários administrativos e especialmente pelo trabalho de dois jornalistas Dorian Jorge Freire e Josimar Moreira de Mello, ambos vindos da Última Hora, tendo como diretor administrativo Ruy do Espírito Santo. Entretanto, nas quintas feitas se reuniam os representantes dos grupos ligados ao jornal para definir os assuntos, os destaques e o direcionamento a ser dado na redação dos artigos. Na Sexta-feira os jornais eram preparados, no sábado embarcados para as grandes

¹⁰ Depoimento de Antonio Funari, em 6.11.99, que foi distribuidor do jornal em Jaboticabal, SP.

idades do país, onde chegavam com data de Domingo para serem distribuídos.

Assim este semanário inovava em termos de organização: era sustentado e distribuído por seus leitores, e sua elaboração era realizada por um colegiado que fazia do trabalho no jornal militância política. Os moldes dessa sociedade eram portanto de auto-gestão e bastante democráticos.

A publicação do livro *Evangelho e Revolução Social*, de autoria de frei Josaphat, cujos postulados foram destacados no *Credo social cristão*, já citado, contribuiu para discussões sobre as novas posturas engajadas que questões sociais requeriam dos cristãos. Assim o frei Josaphat, membro da Igreja engajada, foi o grande articulador da criação do *Brasil, Urgente* e com a

“... sua produção teológico-política, com a qual enfrentava o desafio marxista e ensaiava uma resposta social-cristã para a situação brasileira.”¹¹

Do *Brasil, Urgente* foram publicados 55 exemplares. Com uma tiragem, que dado O sucesso dos primeiros tempos fez com que chegasse a 60 mil exemplares e uma venda de cerca de 48.000, um número bastante expressivo. O de número 1, de 17 de março de 1963, ao de n. 55, de 28 de março de 1964. Este seu último número, o 55, saiu

¹¹ Botas. Paulo Cesar Loureiro. *A benção de abril*. Petrópolis. Vozes. 1983.p.159.

na semana anterior ao golpe de 64, depois disso não houve mais condições de sua impressão.¹²

O *Brasil, Urgente* era elaborado em São Paulo e atingia principalmente a região sudeste mas chegava as outras regiões do país podendo-se dizer que era uma publicação de abrangência nacional. Ele chegava especialmente onde a Igreja abraçara as causas da atuação política para resolver as questões sociais. A sua distribuição era feita pelos movimentos que o apoiavam, especialmente junto a paróquias cujos padres pretendiam estimular o debate e mobilizar o apoio às reformas sociais no país. Assim, pôr exemplo, era lido em Recife, onde o cardeal D. Helder Câmara exercia seu ofício liderando as alas mais avançados da Igreja e em Natal, onde a esquerda católica era importante pois de lá partira, em 1962, um grupo que participou das discussões para a criação da Ação Popular ou AP, em Belo Horizonte, em 1962. Esse era o grupo mais a esquerda entre os ativistas católicos em Belo Horizonte. O *Brasil, Urgente* chegava também às universidades onde havia lideranças engajadas, nos movimentos rurais e ganhou leitores, apesar de com maior dificuldade, nos movimentos operários. O público leitor era eclético abrangendo religiosos, intelectuais, trabalhadores e estudantes, inclusive secundaristas.

¹² Rosane Monteiel em sua dissertação escreve que o Jornal Movimento tinha uma tiragem de cerca de 25000, isso nos anos 70, o que leva a concluir sobre a expressiva tiragem do Brasil, Urgente, uma década antes.

O *Brasil, Urgente* apesar de seu formato tablóide tinha a intenção de se firmar entre os grandes jornais. Continha editorial e seções variadas, tratando não só de questões políticas, religiosas, econômicas, sociais, como também de esporte, cultura, humor, palavras cruzadas e até horóscopo. Havia artigos assinados; depoimentos; alguns artigos eram enviados de várias partes do Brasil dando notícia das mobilizações locais; sob o título *notas e informações* se apresentavam sínteses, comentários e informes oportunos; outros artigos tratavam das questões importantes que haviam mobilizado o país até o fechamento da edição. Em todos os números havia uma folha com humor crítico nas fotos que selecionava e frases que escrevia Arapuã e outra com as charges ou quadrinhos de Claudius. Estes artistas segundo depoimentos, colaboravam para o jornal sem se preocupar com a remuneração, numa perspectiva de estarem ajudando a conscientizar o país.

O jornal teve inicialmente o apoio da hierarquia da Igreja que temia o sucesso dos comunistas nas camadas populares e grupos de classe média (estudantes, bancários, e outros) especialmente após a Revolução Cubana. O Cardeal Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, de S. Paulo apoiava e até incentivava o radicalismo do jornal:

“ Não desejo que *Brasil, Urgente* seja como o caqui: mole, doce e sem nervuras.” (B,U n.6)

Mesmo considerando os dados que situam a criação do jornal como uma autentica expressão dos anseios dos

católicos para ampliarem o seu engajamento não podemos ignorar a possibilidade de terem contribuído para a mesma interesses da hierarquia da Igreja.

Não era, então, alheia à Instituição, a estratégia de apoio e incentivo à criação de meios de comunicação de massa, como jornais e revistas, cursos de alfabetização e outras intervenções culturais através das quais se se buscava o apoio popular. Essa definição chega aos bispos a partir do estudo sobre a América Latina elaborado pela FERES (Fédération Internationale des Instituts Catholiques de Recherches Sociales et Socio-Religieuses), de 1962. E no mesmo ano, em que se discutia e obtinham fundos para criar o *Brasil, Urgente*, os jesuítas do Chile publicam a *Revista Mensaje*.¹³

Em destaque aparece a sua ligação com a linha da doutrina cristã da encíclica “*Mater et Magistra*”, do papa João XXIII :

“...Mas a doutrina deve ser confrontada com os fatos e a ela aplicada. Daí a necessidade da análise destemida e profunda do atual processo de desenvolvimento brasileiro em seu conjunto e em suas particularidades com suas características regionais, bem como em suas implicações continentais e internacionais” (B,U n.43, p.15)

¹³ Botas, P.C. Loureiro. *Op cit*

Em outras partes do editorial, desse primeiro número, reforçou-se a necessidade de lutar pelo *desenvolvimento* do país e se propõe a “estimular” a “fome e a sede de Justiça”.

A seleção destes dados, como vimos, mostra o quanto este primeiro editorial é rico em informações sobre “a que o jornal veio”. Os dados extraídos de outros exemplares confirmam a sua postura inicial pois prosseguem pregando as mesmas metas. Havia artigos enviados por movimentos de outros estados, especialmente tratando dos movimentos rurais porque a sua presença no grupo editorial do jornal ficavam mais difícil. E o jornal apesar de não se ligar diretamente com nenhum partido político, apoiou a frente progressista de deputados: a Frente Parlamentar Nacionalista. Pressionar os congressistas para que aprovassem as reformas de base era a razão principal desse apoio, bem como dos conteúdos publicados e das campanhas do jornal incentivando a mobilização popular e ao final a Frente de Mobilização Nacional, que se colocava como frente única de apoio as reformas de base.

As reiteradas afirmações do jornal de que seu movimento não era marxista, de seus membros se oporem ideologicamente aos comunistas, de que apenas somavam com eles e outros grupos forças favoráveis às reformas necessárias ao desenvolvimento do país não satisfizeram a direita. O jornal passou a ser violentamente atacado e a ser considerado pelos conservadores, membros da hierarquia, fiéis, e outros setores da sociedade, como um jornal

“subversivo” ou “comunista”. Um dos diretores, Ruy do Espírito Santo que trabalhou no jornal até o último número, acompanhou as pressões de várias procedências que fizeram grande parte da diretoria inicial foi se afastando.

Em seu depoimento o diretor Ruy do Espírito Santo explica a visão que se criou de que o jornal era subversivo. Para ele o que realmente ocorria era um sério combate ao imperialismo norte-americano, que ameaçava a autonomia dos países latino americanos e contribuía para a sua pobreza. Assim a Revolução cubana encantava a todos, principalmente, por ter-se subtraído ao poder norte-americano:

“ (...) e o jornal ganhou essa conotação de mais comunista do que cristão, seja porque os dominicanos eram considerados de esquerda, seja porque abriu espaço para Fidel Castro ou a Revolução Cubana etc. Houve lá uma série de artigos sobre a Revolução Cubana ...”¹⁴

Os ataques da grande imprensa, especialmente *O Estado de S. Paulo*, intelectuais e membros mais conservadores da Igreja deram força a direita católica. A partir do número 25, frei Josaphat, passa a aparecer apenas como *diretor fundador*, e finalmente a Ordem dos Dominicanos, em dezembro de 63 o envia para a Europa.

Mesmo sem existir uma ligação formal entre o *Brasil, Urgente* e a hierarquia da Igreja a CNBB acabou por emitir uma nota deixando claro que o *Brasil, Urgente* não era um

jornal *católico*. Individualmente, entretanto, muitos religiosos continuavam a apoiar o jornal. O cardeal Motta, arcebispo de São Paulo, declarava então:

“ (...) Manifestei o meu acordo com a afirmação de que *Brasil, Urgente* não é um jornal da Igreja (...) ele, em editorial se declarava jornal de católicos mas não porta-voz da hierarquia ou intérprete do clero. Rejeitei, no entanto, a expressão ‘não é um jornal católico’, porque ela daria a entender que o jornal não é fiel aos princípios da Igreja ou que não o sejam os seus diretores.” (B,U 27, p.5)

Essas pressões mostram o fortalecimento da direita dentro da Igreja de mesma forma que isso também ocorria em outros setores no complexo jogo de forças que antecederam o golpe de 64.

Mesmo afastado das reuniões e depois vivendo no exterior, Frei Josaphat, não interrompeu a sua colaboração ao jornal. Ele continuava mandando suas contribuições, que aparecem sob o título: *Bilhete de Paris*, alguns deles de incentivo aos companheiros para continuarem a luta.

Essas dificuldades se estenderam à distribuição de exemplares fechando-se o espaço de várias Igrejas e também as reuniões da equipe de redação se esvaziaram, especialmente nos últimos números.

Mas de modo geral a linha radical do jornal se mantinha graças a equipe de profissionais do mesmo; dos artigos enviados por grupos e movimentos, bem como os

¹⁴ Depoimento de Ruy do Espírito Santo, em 19.11.99.

produzidos por analistas políticos como Vitor Rego, que não pertencia ao movimento católico. (nota remetendo para os anexos, um artigo de Vitor Rego e 2 de Frei Josaphat)

Para sustentar o jornal surgiram as SABUs *Sociedades de Amigos do Brasil, Urgente*, que, além de cuidar da divulgação e outras atividades que levassem a obter recursos, também promoviam reuniões e sendo-lhe solicitada a participação com artigos, críticas e outras formas de interação com o jornal.

Imediatamente após o golpe militar de 1964 a sede do jornal *Brasil, Urgente*, visto como veículo de subversão, foi invadida e seus documentos confiscados. A violência atingiu principalmente seu diretor responsável Roberto Freire que, em seu depoimento, contou ter sido preso e torturado por 12 vezes, o que afetou uma de suas vistas. Ele narrou como durante os interrogatórios teve que ler, reler e explicar os conteúdos do jornal. Também Antonio Funari, que era universitário e membro AP foi conhecer na prisão o último número, digo um pacote dele com o seu nome, pois ele era o distribuidor deste semanário em Jaboticabal, interior de S. Paulo.

Esses atos da repressão da ditadura militar implantada em 1 de abril de 1964 são indicativos de uma significativa influência que o jornal *Brasil, Urgente* exercia no *arrebanhar de adeptos* para as causas que defendia.

SEGUNDO CAPÍTULO: O Brasil, Urgente e a Igreja Católica

O *Brasil, Urgente* nascido sob inspiração da encíclica *Mater et Magistra* traz, em grande parte, de suas *falas*, de forma implícita ou explícita, uma fundamentação teórica que associa as questões sociais e existenciais a uma visão de mundo cristão ou mais precisamente católica.

O *Credo Social Cristão*, considerado por frei Josaphat uma síntese dos princípios do jornal começa afirmando:

“Cremos na vocação divina do homem à posse eterna de Deus, e, igualmente, na sua missão providencial de edificar sobre a terra, civilizações solidárias e justas.” (nota BU 8, p.9)

No primeiro número do *Brasil, Urgente*, em entrevista o general Osvino Ferreira Alves, comandante do I Exército, analisa a situação do país:

“ Toda a intranqüilidade decorre da miséria e da injustiça social. Desapareçam tais razões e a intranqüilidade desaparecerá, também. Do que necessitamos é de maior solidariedade entre os homens na base do cristianismo verdadeiro. Alcançaremos a independência econômica e desaparecerão o analfabetismo, os graves problemas de saúde pública, de defesa nacional e outros (...)” (nota BU 1, p. 10)

No mesmo sentido se pronuncia Paulo de Tarso, deputado federal, do Partido Democrata Cristão, e Ministro da Educação do governo João Goulart: ’

“1) Desvincular a doutrina social cristã das atuais estruturas, divorciadas, em definitivo, da essência da mensagem cristã, pelo ateísmo prático que contagia todo o sistema. 2) Ligar o cristianismo social aos movimentos proletários devolvendo-lhe o caráter evangélico e revolucionário (...)” (BU 45, p.17)

Já Vinicius Caldeira Brant, presidente da UNE, de 1962 a 1963, também se colocou:

“Considero – disse ele – que a perspectiva fundamental da vida de um cristão leigo, no século XX, é a de engajamento histórico. Nossa participação no campo temporal, que especificamente nos cabe, é um instrumento de aproximação de todos os homens com Cristo e sua mensagem. Não é uma atividade propriamente apostólica no campo confessional (...)” (B,U 1, p.17)

Todas essas posturas se identificam com a doutrina teórica social cristã conhecida como solidarismo. São idéias que aparecem freqüentemente no *Brasil, Urgente*, por vezes associadas a outras teorias afins cuja análise se faz sob uma ótica cristã. Isso permite, mesmo lembrando que o jornal falava por muitos grupos da esquerda católica, identificar o solidarismo como a matriz teórica mais claramente explicitada no *Brasil, Urgente*.

A explicitação do solidarismo é feita no artigo *Lebret e seu manifesto por uma civilização solidária!*. O texto fala das obras de I.J.Lebret e mostra o seu envolvimento aglutinando equipes sob o grupo *Economia e Humanismo* visando formar especialistas para atuarem no combate ao

subdesenvolvimento em várias partes do globo. Assim o padre Lebrecht tenta por em prática as teorias do solidarismo expressas no *Manifesto por uma civilização solidária* e outros livros que publicou. O articulista Alfredo Bosi extrai do *Manifesto* :

“ É evidente que, por maior que seja atualmente a sua força, o capitalismo não resistirá aos ataques que lhe são dirigidos de todos os lados caso se manifeste incapaz de se humanizar num plano mundial, acêitando os riscos de desenvolvimento harmonioso do conjunto das regiões.” (B,U 54, P. 9)

Mas desde o início as pessoas ligadas ao jornal *Brasil, Urgente*, assumiram uma atitude transformadora da realidade em grande parte mobilizadas pela ótica solidarista do frei Carlos Josaphat.

O seu livro *Evangelho e Revolução*, de 1961, foi muito divulgado entre os leitores do semanário *Brasil, Urgente* apresenta um visão solidarista.

“ Acima dos mitos da direita e da esquerda, superando a exploração capitalista e a opressão comunista, essa *concepção integral do homem* (itálico do autor) constitui o elã animador da atual renovação cristã. Porque nós cremos neste corolário de nossas elites por uma civilização solidária. Admitimos o sentido providencial para a história humana, e, na civilização do trabalho que vem despontando, saudamos a oportunidade concreta para a promoção e a ascensão do conjunto dos homens. Cremos

na capacidade de nossos trabalhadores das cidades e dos campos de lutarem por um mundo de justiça e de paz. Cremos que vai expirando um triste passado de egoísmo e de misérias, herança do velho paganismo. E vem surgindo a verdadeira esperança, cujo penhor é o Sangue do Cristo que valoriza o suor de uma infinidade de batalhadores.”¹⁵

Essa obra, dos anos 61 a 64, mobilizou a favor ou contra os católicos. É louvada pelo padre Jaime Snoek C. no texto *Evangelho e Revolução* (B,U 15, p.14) e defendida do ataque do conservador católico *Gustavo Corção* sob o título *A leviandade em Gustavo Corção*.

A criação do *solidarismo*, é atribuída ao jesuíta alemão Heinrich Pesh, que no início do século XX, propunha superar o individualismo do capitalismo e o coletivismo que anularia a pessoa humana do comunismo e socialismo. Para isso propõe que se promova a justiça nas relações indivíduo-sociedade da qual nasceria a responsabilidade nasceria o solidarismo.

Outro propulsor do solidarismo Nell- Breuning coloca-o como uma situação em que cada um para o todo de que faz parte e o todo responde pelos membros um a um.

Para outro teórico, Gustav Gundlach (1892-1963) os indivíduos e grupos sociais estão vinculados a uma sociedade para realizar os seus objetivos e para o aperfeiçoamento destes e que a sociedade depende dos indivíduos para realizar a sua finalidade. Há uma co-responsabilidade entre membros e sociedade que é o

¹⁵ Josphat, Carlos P. de O. *Evangelho e Revolução*. S.Paulo, Livraria Duas Cidades, 1963, p.5.

princípio dominante do convívio humano, que ele chama de solidarismo.

“(...) Solidarismo, escreve ele [Gundlach], é o sistema social que erige em princípio dominante do convívio humano a união solidária de toda a comunidade com os seus membros e destes com a comunidade”.¹⁶

As inquietações, ações e reflexões, que antecederam e levaram a formulação do solidarismo tem suas raízes nas questões sociais do século XIX. Essas iniciativas podem ser vistas como um esforço, dos europeus, para a compreensão do novo mundo criado com a Revolução Industrial, tendo por base os fundamentos religiosos, especialmente do catolicismo.

O novo mundo que, então se estabelece, choca pela rapidez de suas transformações e com os gritantes contrastes. São flagrantes o enriquecimento de poucos que vivem na abundância aproveitando os benefícios da modernidade e a violenta do homem exploração, escassez de bens e vida presa a uma precariedade anacrônica. Essas contradições advindas da plenificação do capitalismo saltam aos olhos nos grandes centros urbanos onde se aglomeram as massas trabalhadoras e também onde residem as elites que os exploram. Mas essas vítimas se revelam *perigosas*, pois elas tem uma capacidade de se organizar, protestar e exigir seus interesses inédita na História. Esses proletários se revelam perigosos para a

¹⁶ Gundlach, SJ, Gustav, v. 1, p. 172, in Ullmann. Reinholdo A. *Solidarismo*. Valc dos Sinos. 1993, p. 83.

ordem estabelecida que garante o poder burguês porque são muito numerosos e geograficamente próximos uns dos outros. E, principalmente por assumirem sua consciência de classe e a medida que se organizam e lutam se reconhecem como criadores de riqueza através de seu trabalho, uma riqueza que lhes é expropriada.

A visão conformista da Igreja sustentáculo do poder estabelecido, passa a correr sério risco de ser ultrapassada frente ao nascimento das teorias socialistas, outro esforço de entender aquela realidade, mas que contestavam o capitalismo e abriam novos caminhos de ação.

Assim, em 1846, antes mesmo da publicação do Manifesto Comunista de Marx-Engels, de 1848, a *Encíclica Qui Pluribus* já se opunha ao socialismo. Outros documentos se sucederam e em 1864, o papa Pio IX enumerava no catálogo de erros modernos:

“ (...) o Socialismo, o Comunismo, sociedades clandestinas, sociedades bíblicas, sociedades clerico-liberais (...)” (BU 30, p.12)

Posturas, manifestos, teorias e encíclicas foram aparecendo, ao longo do século XIX e XX, para reposicionar a Igreja em relação aos conflitos sociais, ou questão social, a expansão capitalista através do Imperialismo, as teorias socialistas e o Manifesto Comunista de Marx e Engels. A encíclica *Rerum Novarum* (1891), do papa Leão XIII, foi elaborada ditando a política da Igreja Católica diante dessa nova realidade. Ela critica a violenta exploração dos trabalhadores e prega, em nome do

cristianismo, a necessidade de colaboração dos capitalistas para amenizá-la:

“12- Enquanto, em mãos de poucos, se acumulavam riquezas imensas, as classes trabalhadoras iam gradualmente caindo em condições de crescente mal-estar. Salários insuficientes ou de fome, esgotadoras condições de trabalho, que nenhuma consideração tinham pela saúde, física, pela moral e pela fé religiosa. Sobretudo as inumanas condições de trabalho a que eram freqüentemente submetidas as crianças e as mulheres. Sempre ameaçador o espectro do desemprego...

13. Daí, uma profunda insatisfação nas classes trabalhadoras, entre as quais se pregava e consolidava o espírito do protesto e da rebelião. E assim se explica por que encontraram tanto aplauso, naqueles meios, as teorias extremistas, que propunham remédios piores que os próprios males.”¹⁷ (nota p.132- encíclica MM).

As questões socio-políticas-econômicas de que trata a *Rerum Novarum* foram aprofundadas no *Quadragesimo Anno*, de 1931. Vislubravam, então, os revolucionários resolver a questão social inspirando-se na Revolução Russa, de 1917, que concretizara a implantação do primeiro regime socialista na União Soviética. As forças conservadoras formaram a reação fascista, que assumindo o poder, por meio de ditaduras, pela violência, sufocaram as contradições sociais dos difíceis anos do entre guerras.

Essa carta papal condena o socialismo sob qualquer forma, reforçando, assim, o poder temporal fascista que, então, eliminava a esquerda:

“31. Entre comunismo e cristianismo, o Pontífice declara novamente que a oposição é radical. E acrescenta não se poder admitir de maneira alguma que os católicos adiram ao socialismo moderado: tanto porque ele foi construído sobre uma concepção de vida fechada no temporal, com o bem-estar como objetivo supremo da sociedade; como porque fomenta uma organização social da vida comum tendo a produção como fim único, não sem grave prejuízo da liberdade humana; como ainda porque lhe falta todo o princípio de verdadeira autoridade social.”
(MM p.134)

As críticas aos diversos matizes de socialismo apresentadas nas encíclicas também aparecem nos teóricos cristãos. Elas baseavam principalmente no fato de que as concepções de vida, no socialismo, colocam o bem-estar terreno como bem supremo realizando-se, dessa forma, a pessoa no plano temporal. Ignora o socialismo, portanto, a concepção religiosa da suprema dimensão espiritual do homem criado a imagem de Deus, destinado por ele a ter a vida eterna.

O capitalismo, as vezes colocado como liberalismo, também é criticado, especialmente pela exploração, individualismo e materialismo. Este último com o sentido

¹⁷ Papa João XXIII. *Encíclica Mater et Magistra*, trad. da edição italiana de Temi di Predicazione de Reginaldo Iannarone. Outras referências aparecerão no texto apenas como: o número de

de excessivo apego aos bens materiais. As críticas se estendem a ganância do Imperialismo. Como solução se propõe a colaboração internacional a partir dos critérios de justiça e caridade social, ou seja :

“ 34- (...) indica como princípios fundamentais, o regresso do mundo econômico à ordem moral e a subordinação da busca dos lucros, individuais ou de grupos, às exigências do bem comum...” (MM,p.134)

A Mater et Magistra, elaborada por João XXIII, em 1961, além de retomar as duas encíclicas anteriores tem que responder aos desafios do século XX, especialmente do pós guerra. A pobreza e contradições da exploração capitalista se expressavam com todo o vigor não mais nos países europeus mas nos países chamados subdesenvolvidos. Nestes se buscava o padrão de crescimento econômico e se reivindicavam os benefícios que o Estado de bem estar social implantara para as populações dos países desenvolvidos. O globo estava, então, superando o colonialismo. Vigorava a guerra fria na bipolaridade de regimes comunismo-capitalismo. O fato de cerca de um terço do planeta se identificar como socialistas, incluindo a China, abria espaço para tentativas de os países subdesenvolvidos obterem um tratamento melhor na política internacional. A Revolução cubana, às portas dos EUA, símbolo do Imperialismo internacional mostrava isso. Nessas nações as estruturas de poder e da economia eram responsabilizadas e questionadas e o risco

de uma revolução socialista existia. E o avanço da informação tornava muito mais visível o contraste regional e de classes.

João XXIII, na *Mater et Magistra*, não se posiciona diretamente sobre a polêmica dos cristãos aderirem ao socialismo e nem utilizar o termo socialismo mas ele retoma e não contesta as encíclicas sociais anteriores. Mais ainda ele continua se contrapondo aos principais pilares do materialismo histórico, depara, principalmente com o grande desafio do avanço do socialismo, que, na sua forma de marxismo contesta a própria existência da religião.

Nesse sentido ele também defende a propriedade privada, inclusive dos meios de produção, como um direito natural e um bem social e como garantia de liberdade da pessoa. Aceita o acúmulo de lucros, desde que levem em conta, as condições da empresa e a ética do bem comum, incluindo a prática da caridade:

“... Direito natural de todos à propriedade privada dos bens necessários a si e suas famílias, inclusive dos bens de produção e direitos à transmissão da herança... Para o reto uso desses bens ... intervem os deveres da justiça e caridade ... Direito ou missão da Igreja em orientar doutrinariamente para a solução do problema...”¹⁸ (15).

Vale-se, ainda, de Pio XI para propor a superação da *luta de classes* pela colaboração entre o capital e o trabalho:

¹⁸ Citado por Mesquita, José L. in *As encíclicas sociais de João XXIII*, p. 92.

“89. (...) as relações entre os empresários e dirigentes, por um lado, e trabalhadores, por outro, sejam caracterizadas pelo respeito, pela estima e compreensão, pela colaboração leal e ativa, e pelo amor da obra comum; e que o trabalho seja considerado e vivido por todos os membros da empresa, não só como fonte de lucros, mas também como cumprimento dum dever e prestação dum serviço. O que supõe, também, poderem os trabalhadores fazer ouvir a sua voz e contribuir para o bom funcionamento e o progresso da empresa... Uma concepção humana de empresa deve sem dúvida salvaguardar a autoridade e a eficiência necessária da unidade de direção; mas não pode reduzir os colaboradores de todos os dias à condição de simples e silenciosos executores, sem qualquer possibilidade de fazerem valer a própria experiência completamente, passivos quanto às decisões que os dirigem.” (MMp. 140)

Nessa encíclica a abordagem do tema *socialização* tem esse caráter de contemporanizar as posturas da Igreja. Ela se refere a realidade de nossa época associada ao avanço científico e técnico bem como a elevação do nível de vida e expressa nas preocupações governamentais com a saúde e educação pública. Esses aspectos positivos da socialização estavam associados a satisfação dos direitos humanos, mas haveria aspectos negativos quando pensar no coletivo implica-se em falta de liberdade dos indivíduos. Outra crítica era ver a socialização como decorrência do determinismo histórico:

“59. Mas por outro lado, a socialização multiplica os organismos e torna sempre mais minuciosa a regulamentação jurídica das relações entre os homens, em todos os domínios. Deste modo, restringe o campo da liberdade de ação dos indivíduos. Utiliza meios, segue métodos e cria círculos fechados, que tornam difícil a cada um pensar independente dos influxos externos, agir por iniciativa própria, exercer a própria responsabilidade, afirmar e enriquecer a própria pessoa. Sendo assim, deverá concluir-se que a socialização, crescendo em amplitude e profundidade, chegará a reduzir necessariamente os homens a autômatos?...”(MM, p.137)

“60. Não deve considerar-se a socialização como resultado de forças naturais impelidas pelo determinismo; ao contrário, como já observamos, é obra dos homens, seres conscientes e livres, levados por natureza de agir como responsáveis, ainda que em suas ações sejam obrigados a reconhecer e respeitar as leis do progresso econômico e social, e não possam subtrair-se de todo à pressão do ambiente”. (MM, p.137)

Alceu de Amoroso Lima, intelectual católico conhecido como Tristão de Ataíde, que escreve freqüentemente no jornal aponta a presença do solidarismo na *Mater et Magistra*, por exemplo, quando João XXIII procura conciliar a personalidade com a comunidade, em todas as questões, até nas econômicas, com base no princípio de solidariedade.

E João XXIII propõe, então, como solução para estabelecer a justiça social um deslocamento repentino da análise político-econômica-social para propostas dentro do campo da moral:

“64. Se a socialização se praticasse em conformidade com as leis morais indicadas, não traria por sua natureza, perigos graves de vir a oprimir os indivíduos. Pelo contrário, ajudaria a que nestes se desenvolvessem as qualidades próprias da pessoa humana ...” (MM 138).

As idéias anti marxistas das encíclicas que estão presentes em movimentos cristãos, encontram sustentação teórica em vários pensadores. Johannes Messner, busca uma outra classificação explicatória para os conflitos sociais, subtraindo-se a categoria marxista de luta de classes e buscando amparo numa visão *moral de os oprimidos exigirem seus direitos de justiça* :

“ La lucha de clases no se halla limitada, según Marx, por freno moral ou jurídico alguno. Las mismas ideas de moralidad y Derecho de una sociedad no son sino expresión de su situación com respecto a la lucha de clases. Debido a esta oposición al orden moral, la teoría cristiana de la sociedad há reprobado siempre la lucha de classes marxista, a la vez que el movimiento social cristiano en todos sus setores (especialmente los sindicatos cristianos y las asociaciones obreras cristiana) há librado en todo momento una abnegada y cruenta lucha contra la misma. Algo totalmente distinto de la lucha de clases en el sentido marxista es la lucha de los grupos sociales perjudicados

por la conquista de un orden social de justicia, frente a grupos que tratan de mantener las condiciones existentes, con los privilegios que las mismas derivam para ellos. Esta lucha de clases, subordinada a la justicia y e librada en nombre de la justicia, no se halla en modo alguno en contradición com el orden moral”¹⁹.

Sob alegação de que para a Igreja a paz não é só um fim mas também um meio se configura uma desqualificação da luta de classes e da revolução armada. Resulta daí a proposta da Igreja de evolução ao invés de revolução.

Retomamos o teórico católico Johannes Mesner:

“ A reforma social é essencialmente um processo evolutivo: só a título excepcional pode desembocar numa revolução. O certo, porém, é que, depois da Segunda grande guerra, por toda a parte se ouviam gritos a clamar por uma ‘revolução’ social. Até algumas autoridades eclesásticas aderiram a esa atitude, reclamando uma ‘revolução’ social, embora não certamente no mesmo sentido que lhe davam, por exemplo, os comunistas (...)”

A diferença entre evolução e revolução radica no grau de imediatidade com que se realizam as transformações das funções e das instituições básicas para a ordem e o sistema da sociedade. Considerando que a Constituição do Estado regula essas transformações, pode-se dizer também que as transformações evolutivas da ordem social se movem dentro dos trilhos constitucionais, ao passo que as

¹⁹ Mesner, JOHANNES. *La question social*. Madrid, Ediciones Rialp, 1960, p. 14”

revolucionárias decorrem fora eles. Quer dizer: a evolução mantém as funções vitais mais importantes da sociedade, sobretudo as da ordem jurídica, e pretende transformar a pouco e pouco as instituições existentes, adequando-as mais à respectiva finalidade; em contrapartida, a revolução ataca os fundamentos da ordem social, apesar do risco de eliminar transitoriamente essas funções (...)”²⁰

Apesar dessa oposição ao comunismo a Igreja, que se propõe universal, cuidou de antecipar a coexistência com comunistas e estimular o ecumenismo através da Encíclica “*Pacem in Terris*” (1963), de João XXIII:

“7 – Relações entre católicos e não católicos no campo econômico, social e político

Quando foi aduzido até agora, ou deriva da própria natureza das coisas ou, em maior escala, pertence ao campo do direito natural (...) Em tais circunstâncias, aqueles que professam a fé católica sejam coerentes consigo próprios, e não desçam a compromissos em matéria de religião e de moral. Ao mesmo tempo, porém, dêem prova de espírito, de compreensão, de desinteresse e propósito sincero de colaborar na consecução dos objetivos que sejam bons por natureza, ou próprios para conduzir ao bem”²¹

Em vários artigos do *Brasil, Urgente*, a encíclica é apoiada e citada para esclarecer as pessoas sobre a convivência com os comunistas e outros temas altamente

²⁰ idem. *A ética social*. S. Paulo, Quadrante, p. 487.

²¹ João XXIII. Encíclica *Pacem in Terris*. S. Paulo, FTD, 1963. p.53.

polêmicos e inovadores. Mas para muitos fiéis era estranho que, embasados nesse documento, parte da Igreja criticasse os capitalistas e se propusesse uma aproximação com os comunistas. No artigo “O cristão e o comunista”, Ruy do Espírito Santo, cita o que diz Abbé Pierre em entrevista ao jornal *Brasil, Urgente*:

“...claro que o cristão não vai concordar com o materialismo histórico ou com a supressão da liberdade, mas é sentado à beira do poço e dialogando com nossos irmãos de outras crenças, que vamos nos entender ...”(B, U n.43, p.15).

Na Confederação Nacional dos Bispos Brasileiros (CNBB) as alas progressistas discutiam e ampliavam os temas sociais e políticos. Tal era noticiado no jornal *Brasil, Urgente*, no artigo *Já passou a era dos bonzinhos* destacando-se o bispo D. Helder Câmara que, fazia parte desse grupo:

“Hoje não existe nenhum problema humano que não tenha de ser encarado em escala mundial”(B,U n.1, p.13).

A fala do cardeal Mota, de S.Paulo, no artigo *Cristo também foi chamado de endemoniado*, também é lembrado pela frase:

“Não devemos ter receio de ser qualificados de comunistas”. (B,U n. 1, p.12)

A aproximação dos protestantes, já praticada em várias mobilizações, é expressa no *Brasil, Urgente*, em vários artigos. Um deles “ Evangélicos entram na luta

pelas reformas de base” dá notícia das reuniões realizadas pelos evangélicos para estudar as questões sociais brasileiras, desde 1955, que resultaram na Conferência do Nordeste Cristo e o processo revolucionário”, realizada em Recife em 1962 e um programa de estudos e ação sobre os problemas brasileiros para o período 63 a 67. Um dos líderes evangélicos, o reverendo Almir Santos declarou:

“A revolução social está em andamento, e é um grito de revolta no bom sentido, de uma população que desperta para a consciência de que a miséria não é uma situação imutável.” (BU 9, p. 15)

No Brasil, a partir dos anos 50, são visíveis esses anseios de mudança entre os católicos. Sua postura vinha se modificando no sentido de uma reflexão mais radical frente as estruturas que perpetuavam a degradação da grandes massas populacionais dos países pobres.

A Igreja Católica, tradicional controladora de “consciências” em nossa sociedade, atuava, junto a seus fiéis, especialmente através da Ação Católica, criada em 1933, mas estruturada a partir de orientação superior dessa Instituição, em 1935. Desde o início dos anos 50 ela atuava junto a vários segmentos da população: senhoras, homens, jovens e operários. A partir de então, da oração e reflexão sobre “o levar uma vida cristã”, alguns dos grupos da Ação Católica começavam a voltar seus olhos para os problemas sociais. Essas alas católicas ultrapassavam, então, a prática da caridade ao concluir que cabia aos

cristãos discutir as soluções políticas para a injustiça social terrena.

Estes católicos passaram a atuar na disputa ideológica dos que visavam encaminhar o Brasil para o seu desenvolvimento o que se acentuou muito nos agitados anos iniciais da década de 60.

A dialética entre o enxergar dos problemas sociais e as teorias e práticas européias católicas que os enxergavam leva a falar da presença de padres estrangeiros entre nós, como o frei Cardonnel presente na Semana Social, realizada em março de 61, na Faculdade Medianeira de Filosofia de Nova Friburgo, segundo nos diz José Oscar Beozzo. Entretanto, a expulsão deste religioso foi reivindicada pelos conservadores da Igreja.

Esse encontro contou com a presença de professores da PUC do Rio como frei Henrique Vaz, considerado progressista pois apoiava a inquietação política da JUC, e membros do ISEB, empenhados no projeto de desenvolvimento do Brasil desde JK.

Beozzo também trata da crescente tensão entre a hierarquia da Igreja e as novas posturas da JUC, que acabaram conduzindo à criação da AP. Nascido da JUC, esse grupo buscava uma autonomia maior para a ação política enquanto a Igreja insistia em mante-lo na função evangelizadora universitários. A tentativa de controle da hierarquia, foi tentada através de vários documentos da Igreja. Isso ocorria à medida que a JUC se aproximava

mais da defesa de uma atuação política mais radical, em vários estados brasileiros.

No Rio a ligação entre Henrique Vaz e os estudantes universitários indicam uma influência inicial dos estudos do ISEB sobre um grupo. Da JUC e elementos que antes não compunham os movimentos de Igreja nasceu um movimento essencialmente político conhecido como Ação Popular (AP), criado em Belo Horizonte em 1962.

Este movimento cresceu muito, especialmente entre os jovens atingindo até os secundaristas. Seus membros atuavam ao mesmo tempo em outros movimentos, o que favorecia uma mobilização mais ativa.

“Eu era secundarista, membro da AP, da JEC E presidia um clube feminino, em Jaboticabal, através do qual promovíamos discussões, palestras, apresentações teatrais e outras atividades culturais. Na escola eu distribuía o jornal *Brasil, Urgente* até que houve um problema. Eu fui até agredida... Um colega me xingou de subversiva por levar aquele jornal, discutimos e ele chegou a me dar um soco nas costas. Meu pai levou o problema ao diretor que disse que quando jovem tinha sido revolucionário mas me pediu para não levar mais o *Brasil, Urgente* à escola...”²²

Os membros da AP, ocuparam de 61 a 64 a presidência da UNE e vários UEEs. Independentes da Igreja seu radicalismo crescia e o líder estudantil Aldo Arantes chegava a afirmar:

“sem titubear, que se poderia ser cristão e marxista e, que no concreto, a ação seria idêntica. A única distinção é a fé que tinham, mas que só interessava no campo estritamente pessoal”.²³

Esta postura não era unanime pois os primeiros documentos da AP propunham o socialismo mas criticavam o materialismo marxista. Apesar de comporem com os comunistas nas várias lutas de que participavam eles se diziam anti-comunistas e se afirmavam mais radicais que eles.

Beozzo conclui, então, que “a AP, a despeito do peso da presença dos cristãos nos seus quadros, não era e não pretendia ser um movimento confessional.”(17)

Segundo depoimentos a AP participou do movimento do *Brasil, Urgente* mas seu nome não aparecia. Assim ela atuava basicamente de duas formas: na divulgação e no seu aproveitamento nos trabalhos políticos de conscientização e agitação; e contribuindo com críticas, notícias, enfim, na linha radical do semanário, que, também, expressava posições de outros movimentos.

A radicalidade do jornal, por sua vez, também conduzia para arrebanhar novas adesões para AP pois esta é reconhecida como a ala mais radical da esquerda católica, dos anos 60.

Manchetes como esta expressavam a premissa do jornal:

²² depoimento de Regina Funari. em 6/11/99.

“É PRECISO DESATRELAR A IGREJA DO EQUÍVOCO CAPITALISTA”(B,U n. 2, p.15).

Ao falar pelo grupo da chamada esquerda católica, o jornal, por vezes, assumia posições radicais que parecem extrapolar os limites de suas origens e ligações com a Igreja Católica.

²³ Afirmação extraída de documentos e entrevistas de militantes segundo nota n.50. in Bozzo. José

TERCEIRO CAPÍTULO - A luta pela opinião pública nos anos 63 e 64

Desde os anos 40 ocorreu um intenso debate a respeito da necessidade e dos diferentes caminhos que o país deveria trilhar para chegar ao desenvolvimento. No processo histórico interagiram, nas estruturas então existentes, com maior ou menor força, medidas práticas e proposições teóricas relativas ao seu encaminhamento. A gênese da questão do *desenvolvimento* se inseria nas condições econômicas, políticas e sociais, nas conjunturas nacionais e internacionais, que resultaram em um expressivo avanço da industrialização brasileira, dos anos 40 aos 60. Desde os governos Vargas e Kubitschek ia-se contradizendo a *vocação agrária* de nosso país, enquanto se firmavam grandes expectativas de que brevemente superaríamos o subdesenvolvimento.

Na dialética do crescimento econômico, associado a industrialização, desses mais de 20 anos, cresceram e se diversificaram as manifestações dos diversos grupos sociais e políticos que culminaram nas exacerbadas contradições expressas no governo de Goulart. Pode-se dizer que essa luta, dos primeiros anos da década de 60, se dava pela apropriação dos benefícios do desenvolvimento econômico, que ostensivamente ficavam para uma minoria nacional ou eram remetidos para o exterior, sendo que essa apropriação

estava intimamente ligada às opções feitas para o desenvolvimento do país.²⁴

A definição e os primeiros passos de uma opção governamental de promover a industrialização do país se localizam na ditadura do Estado Novo e, efetivamente, se concretiza no segundo governo Vargas. A crise de 29 e a II Guerra Mundial restringindo nossas importações favoreceram a expansão da produção industrial nacional. Esse surto anima aqueles que defendiam a industrialização para construir uma economia mais sólida e até para garantir a autonomia do país. Para isso se delineia um projeto em que o Estado arca com a criação da indústria de bens de produção para, para favorecer o acúmulo de capitais nacionais no setor privado industrial que devia conduzir a autonomia de nosso capitalismo.

“ Na primeira metade dos anos cinqüenta (...) o padrão de acumulação intentado para a economia brasileira fundava-se numa prévia expansão do setor produtor de bens de produção, que poderia – atente-se para o condicional – fundar as bases para uma expansão industrial mais equilibrada entre os três departamentos básicos: o produtor de bens de produção, o produtor de bens de consumo não duráveis, e o produtor de bens de consumo duráveis (...)”²⁵

Em termos políticos a ditadura Vargas foi extinta ao se estabelecer a legalidade democrática, foi garantida pela

²⁴ Oliveira, Francisco de. *A economia da dependência imperfeita*. R. de Janciro. Graal. 1977.

²⁵ Idem, p.77

elaboração da Constituição de 1946. Compondo essa mudança avançou a mobilização política e social, tentando romper comportamentos políticos arraigados no passado.

A composição partidária indicava algumas mudanças pois foi legalizado o Partido Comunista Brasileiro (PCB) que existia desde 1922; juntamente com o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), recém criado por Getúlio, colocava como representante dos trabalhadores. Assim enxergavam-se os trabalhadores como portadores de interesses e força política específica. Continuavam, no entanto, a ser os maiores partidos os que levavam adiante as posturas das elites: o Partido Social Democrata (PSD), mais ligado aos proprietários de terra e a burguesia varguista; e a União Democrática Nacional (UDN) que contemplava os interesses da burguesia e setores da classe média defendendo o ideário liberal.

O PCB, formado por parte da intelectualidade, estudantes, trabalhadores adeptos do comunismo que tinham como projeto a revolução socialista, conseguiu eleger 17 deputados e 1 senador, Luis Carlos Prestes, que foi o senador mais votado. O PCB tornava-se o quarto partido. Além disso o PCB exercia uma grande influência nos sindicatos de trabalhadores. Assim de forma inédita, na História do Brasil, há uma clara identificação de camadas populares urbanas com a esquerda. Já o Partido Trabalhista Brasileiro foi criado por Getúlio Vargas para, justamente, para atrair os trabalhadores e desviando-os de uma aproximação do PCB.

A persistência do poder político dos conservadores nacionais agindo em sintonia com a internacional “guerra fria”, em 1947, levou à proibição do funcionamento do PCB, tornando-o ilegal, e cassando o mandato de seus parlamentares. No espaço sindical, o “trabalhismo”, do PTB, visto como sinônimo, de “varguismo” avançou assente na expectativa de reformas de “cima para baixo”, o que era favorecido pela legislação que atrelava os sindicatos ao governo. Mas a influência comunista continuou ocorrendo junto ao movimento sindical.

Para favorecer a industrialização garantindo a produtividade e lucratividade do setor privado o Estado fornece bens e serviços estatais subsidiados, com uma política de confisco cambial que transferia recursos da exportações do setor primário para a indústria e com a contenção salarial. O peso para os trabalhadores é grande e, apesar da forte ideologia populista, as greves são freqüentes.

As grandes greves de massa de 1953 e 1957, além de outras menores, traduziam a mobilização desse proletariado. A primeira delas, no governo de Getúlio Vargas, calcula-se que mobilizou 300 mil e a segunda, no governo de Juscelino, 400 mil operários.

Entretanto, estes não são os únicos que procuravam modificar o papel que a sociedade tradicionalmente lhes atribuía.

Os trabalhadores rurais, ao longo de nossa História, alijados de qualquer benefício, que o sucesso econômico

tivesse trazido ao país, não tinham nem mesmo os direitos da legislação que favorecia os trabalhadores urbanos. A situação de miséria, o atraso técnico e a intensa exploração dos trabalhadores era perpetuada pelas estruturas fundiárias do latifúndio e abuso de poder das elites agrárias ainda na metade do século XX. Trabalhadores volantes (temporários), minifúndios improdutivos e arrendamentos aviltantes, incluindo ainda o cambão atrelavam as famílias às relações classificadas usualmente de produção pré-capitalistas ou *semi-feudais* e restritos a uma produção de subsistência ou insuficiente para ela. A introdução de algum progresso técnico em usinas e outras unidades produtivas feitas no afã da modernização capitalista torna ainda mais numerosos os volantes, expulsa arrendatários, enfim desacomoda os grupos sociais mais expoliados e amplia a concentração de riqueza nas mãos de uma minoria.

Foi a mobilização dos trabalhadores do Engenho Galiléia que, com a orientação do advogado Francisco Julião, iniciou a organização da primeira liga camponesa abrindo o caminho no sentido da reforma agrária. Trata-se de uma luta de defesa dos interesses dos *roceiros* frente aos patrões, que usufruíam de uma estrutura de poder que vinha dos tempos coloniais. Em outros locais se sucederam organizações semelhantes, ainda em Pernambuco e depois em outros estados. O sucesso das ligas camponesas não passou despercebido: o Partido Comunista Brasileiro e pessoas ligadas à Igreja Católica

criaram sindicatos rurais. A meta de todos eles era a reforma agrária.

A questão social se expressava não só no Nordeste mas em toda zona rural brasileira, ainda que lá as condições subhumanas, chamassem particularmente a atenção e até porque muitos desses problemas eram vistos como tragédia associada às condições climáticas locais.

Apesar da omissão dos governantes muitas denúncias haviam antecedido a criação das organizações de trabalhadores rurais. Em 1950 Dom Inocêncio Engelke, bispo de Campanha, MG, discursa sobre as precárias condições de vida dessas populações. Desde 1951 alguns bispos se pronunciam a favor de uma reforma agrária. Em 1952 os bispos do Nordeste criticam os latifundiários no documento: *A Igreja e o Vale do São Francisco*. E em 1954, a CNBB fala de reforma agrária como uma exigência de justiça social, nos documentos da Pastoral da Terra. Entretanto até o final dos anos 50, predominava a visão de que se podia sensibilizar e contar com a colaboração dos donos de terra, bem como se enxergava a precária situação como decorrência do atraso técnico. A propriedade privada é defendida nos termos das encíclicas:

“ O que realmente importa é o aproveitamento parcial ou integral da propriedade (...) A divisão ou subdivisão das propriedades privadas não deve ser considerada como ponto básico para uma reforma agrária. As propriedades devem ser respeitadas, em princípio, e evitado o seu

desmembramento, salvo os casos de interesse do bem comum”²⁶

Ao se iniciar a década de 60, como se vê os diferentes segmentos sociais, políticos e econômicos, até então distantes das discussões e das decisões sobre os destinos do país, em meio a muitos percalços e contradições, vinham percorrendo uma trajetória, de defesa de seus interesses. Para firmar a atuação desses grupos foi significativo, viver-se no Brasil, um período de cumprimento das normas constitucionais como ocorreu no governo Kubistchek, com a continuidade da manutenção da ordem democrática no país e um otimismo desenvolvimentista mesmo frente às dificuldades que concretamente afetavam as grandes maiorias.

Com o projeto nacional-desenvolvimentista do governo Juscelino, expresso no Plano de Metas, ordena-se a continuidade do esforço de industrialização do país. Industrialização era praticamente sinônimo de desenvolvimento nas teorias de política econômica da época. Os desenvolvimentistas afirmavam que os países subdesenvolvidos estavam nessa condição porque ainda não tinham feito a sua revolução industrial. Precisariam superar a sua economia agroexportadora para alcançar o desenvolvimento, como o tinham feito os países desenvolvidos. Tratava-se de um modelo etapista que não

²⁶(nota Conclusões da Segunda Assembléia Geral da CNBB (1954). Pastoral da Terra, p.85, in Mainwaring, Scott. *A Igreja católica e política no Brasil*. S. Paulo, Brasiliense, p.74)

considerava os diferentes processos históricos, por exemplo, o nosso passado colonial e a força do Imperialismo sobre as ex-colônias. Para eles a taxa de crescimento e o aumento da renda por habitante identificariam a chegada ao desenvolvimento.

O ISEB, Instituto Superior de Estudos Brasileiros, criado em 1955, e ligado ao Ministério de Educação e Cultura, era um dos difusores de estudos que tinham afinidade com esta visão. Nesse órgão como em outros seguia-se o grande debate: industrializar-se abrindo o país ao capital estrangeiro, de forma liberal ou seja sem restrições; valer-se desses recursos controlando a sua entrada ou não recorrer a eles. O ISEB deixou a imagem de defensor do nacionalismo econômico, mas os entreguistas continuaram a defender as suas idéias em outros espaços.

Um dos defensores de se favorecer a entrada de capitais estrangeiros no país foi o ministro de Café Filho Eugenio Gudín, responsável pela criação da Instrução 113, da Superintendência da Moeda e do Crédito, de 1955:

“ (...) a Carteira do Comércio Exterior do Banco do Brasil era autorizada a emitir licença de importação sem cobertura cambial (isto é, sem licitação prévia nos leilões de câmbio), de equipamentos industriais que correspondessem às inversões estrangeiras. Praticamente, isso dava aos inversores estrangeiros o direito de trazerem seus equipamentos sem nenhuma despesa cambial,

enquanto os industriais nacionais eram obrigados a adquirir previamente, com pagamento à vista, as licenças de importação exigidas para trazerem do exterior os equipamentos de que necessitassem. Os interesses imperialistas eram tão poderosos junto às autoridades brasileiras, que logravam inclusive favores negados aos próprios nacionais.”²⁷

Os protestos dos empresários que ao menos queriam igualdades de condições foram inúteis, o governo seguinte, Juscelino manteve o favoritismo ao capital estrangeiro. Esse foi dos pontos que fez muitos burgueses nacionais se associarem à empresas estrangeiras.

Juscelino, para cumprir seu Plano de Metas, de 1956 a 1960, também, estruturou a expansão industrial do país através de uma intensa abertura ao capital estrangeiro, representado principalmente pela entrada das multinacionais.

A industrialização se fez com a produção de bens de consumo duráveis, portanto, contemplando os anseios da burguesia e dos setores mais abastados da classe média, portanto um mercado restrito, que gerou um impulso também restrito à industrialização.

Fora criado, em 1952, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, cuja função seria financiar a criação de indústrias nacionais favorecidas pelo impulso econômico que animava a economia.

²⁷ Prado Jr, Caio. História econômica do Brasil, S. Paulo, Brasiliense, 1976, p.314

Mas o esforço nacional para atender essa produção de consumo restrito é muito grande. Os salários ficaram bem aquém do crescimento da riqueza do país, situação que é agravada pela elevação do custo de vida, caracterizando-se um processo inflacionário que levaria a crescimentos significativos dos preços partir de 1958. A presença do capital estrangeiro fez crescer a industrialização mas não propiciou a capitalização necessária ao auto-desenvolvimento de nosso capitalismo, pelo contrário, continuavam a se escoar os capitais nacionais no pagamento dos serviços da dívida externa, remessa de lucros das empresas estrangeiras e de outras formas. A obtenção de novos recursos para continuar a concretizar o Plano de Metas esbarra com a intransigência do FMI. Esse organismo internacional exigia o corte de despesas estatais, ou seja, reduzir o impulso ao crescimento econômico, e sacrificar mais os trabalhadores, o que agravaria as condições sociais populares e favoreceria a perda de seu apoio. Os capitais que obtém depois do rompimento com FMI, eram de curto prazo e com juros altos, elevando a dívida externa. As exportações de produtos primários tinham seus preços aviltados, pois eram estabelecidos pelos países ricos, e a solução adotada de emissão de moeda resulta em grande inflação. Ao final do governo JK já se anunciava uma crise de crescimento de nossa economia.

Internamente as contradições sociais se agudizaram pois este modelo de desenvolvimento resultou na flagrante concentração de renda, ampliando o abismo entre as

classes sociais e diferenciando ainda mais a riqueza das regiões industrializadas e não industrializadas do país. O desenvolvimento dos meios de comunicação e da propaganda tornam mais visíveis, os contrastes ou seja a variedade de bens de consumo exibidos pelos afortunados e desejados pelos excluídos.

Diante da crise que se enuncia Janio Quadros adota a receita do FMI: controle de despesas estatais portanto restrição da função social do Estado, agravando as condições da população mais pobre; contenção de salários, que agrava a situação dos trabalhadores; abertura do mercado aos produtos e empresas estrangeiras; o fim do confisco cambial, até então fonte de captação de recursos transferida, pelo governo, da agricultura de exportação para o desenvolvimento industrial; fim dos subsídios ao trigo e petróleo e outros produtos, o que eleva o preço de seus derivados. Essas medidas abrem o caminho para empréstimos do FMI e mas também para a recessão econômica.

Mas, Janio não aguardou os resultados de sua política econômica, renunciou a 25 de agosto de 1961, deixando o país mergulhado em uma aguda crise política. Os setores golpistas expressaram, então, toda a sua euforia através dos comandantes das Forças Armadas: general Odylio Denys, almirante Silvio Heck e o brigadeiro Grum Moss. Eles se colocaram contra a Constituição que, em tal circunstância, determina a posse do vice-presidente, no caso João Goulart, que estava em visita oficial a China. A

direita amplia através da grande imprensa o temor de que, na presidência Goulart, iria criar uma *república sindicalista*, devido às suas ligações com os sindicatos ou que, sob influência dos comunistas, ele levaria o país para esfera de dominação soviética colocando em risco a formação cristã ocidental do Brasil.

A campanha pelo respeito a carta constitucional foi desencadeada por Leonel Brizola, então governador do Rio Grande do Sul, mobilizando apoio através de uma rede de rádios na campanha *rede para a legalidade*. Fortalecido pelo apoio do comandante do IV Exército, Machado Lopes e do comandante da 3ª Zona Aérea de Porto Alegre, recebeu a adesão de setores progressistas de outras partes do território nacional num movimento que deu força aos legalistas do parlamento. Foi votada, então, a emenda que estabelecia o parlamentarismo para dar posse a João Goulart.

Empossado Goulart, em 7 de outubro de 1961, impunha-se recuperar a intensidade da produção industrial e outros componentes do crescimento econômico brasileiro, bem como a necessidade de combater a crescente inflação.

Nos primeiros meses do governo de Goulart as grandes decisões econômicas titubearam em meio as constantes mudanças de gabinetes parlamentaristas. A volta ao presidencialismo reivindicada pelo presidente foi encaminhada e defendida por grandes mobilizações populares. A sua vitória no plebiscito restabelecendo o

presidencialismo, a partir de janeiro de 1963, não arrefeceu a luta social: estava em pauta a concentração de renda; a crescente distância entre as cifras do crescimento econômico e dos benefícios que chegavam à população; e a penalização das camadas populares com o crescimento da taxa de inflação. Tornava-se mais forte a discussão dos caminhos econômicos a seguir entre os defensores do capital estrangeiro e os nacionalistas econômicos. Mas apesar da subversão da direita vivia-se uma conjuntura de confiança na democracia formal. Para manter o status quo que os favorecia os grupos denunciavam o perigo comunista a todo momento. Não aceitavam a unificação sindical no Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) de 1962 nem o Estatuto do Trabalhador Rural, em 1963, que levava a legislação trabalhista ao campo.

Os ânimos se acirravam na luta ideológica e a direita ganhava espaço nas Forças Armadas, como mostra o jornal *Brasil Urgente*, quando comenta a nota do gal. Peri Bevilacqua, por ocasião do levante dos sargentos. Como este general outros militares se preocupavam acima de tudo com a ordem e autoridade daí a sua guinada para a direita:

“Para o general Peri Bevilacqua as entidades sindicais de operários são ‘ajuntamentos ilegais e espúrios, serpentários peçonhentos inimigos da Democracia, traidores da consciência democrática’ que ‘se apresentam sob títulos exdrúxulos de CGT, Pacto de Unidade e Ação, Forum de Debates.’ Constituem um ‘superpoder da

República', formam um 'nefasto sindicalismo revolucionário', utilizando todos os meios para alcançar os seus fins, manipulando 'greves ilegais', algumas 'amorais e desumanas'. Os seus membros são, finalmente, 'malfeitores, criminosos de lesa-pátria'. (BU 29, p.2)

Os muitos projetos ideológicos para a construção de um país "rico" e, para alguns, um país "mais justo", marcaram a intensa mobilização política dos anos 62 a 64.

Na luta pela construção do novo Brasil se enfrentaram setores para quem era novidade ser ouvido e outros que buscavam modelos de continuidade de estruturas que lhes eram favoráveis. No seu conjunto essa mobilização encaminhava para a perspectiva de *modernidade* onde *desenvolvimento* e *democracia* eram apontados como elementos indispensáveis.

O governo Goulart apresenta o seu projeto de política econômica explicitado no Plano Trienal de Desenvolvimento Econômico e Social, publicado em 30/12/62. Este plano foi elaborado sob coordenação do economista Celso Furtado, quando Ministro Extraordinário do Planejamento, e devia vigorar de 1963 a 1965, ou seja durante a presidência de João Goulart.

É do mesmo autor o livro "*Dialética do Desenvolvimento Econômico*", escrito antes do golpe mas publicado em junho de 1964, no qual nos fala que "cabe definir o desenvolvimento econômico como *processo de mudança social pelo qual um número crescente de necessidades humanas- preexistente ou criadas pela própria*

mudança - são satisfeitas através de uma diferenciação no sistema produtivo decorrente da introdução de inovações tecnológicas” (grifo do autor (28).

O Plano Trienal contemplava uma visão significativa e bem fundamentada de política econômica pois Celso Furtado, contava com a experiência de profundos estudos e atividades devido a sua participação na CEPAL, Comissão Econômica Para a América Latina, órgão da ONU, criada em 1945, para estudar as questões relativas ao desenvolvimento da América Latina. Atuou, também, na criação da SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste), a qual dirigiu, entrando em contato direto com a busca de soluções para os graves problemas de nossa realidade.

“ O Plano Trienal (...) foi o primeiro instrumento de política econômica global e globalizante, dentre todos formulados até então pelos diversos governos no Brasil. Em comparação com os planos, programas, comissões, institutos, departamentos e superintendências criadas pelos governos anteriores, o Plano Trienal correspondeu a uma fase mais avançada de elaboração e conceptual e analítica. Pela primeira vez formulava-se, no âmbito do próprio poder público, um diagnóstico amplo, detalhado e integrado das condições e fatores responsáveis pelos desequilíbrios, estrangulamentos e perspectivas da economia do País. Nesse sentido, ele exprimia a convergência das experiências práticas dos diversos governos brasileiros anteriores e dos debates técnicos e

teóricos realizados por economistas brasileiros e latino americanos, principalmente no âmbito da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) (...)"²⁸

Este plano de ação propunha retomar o crescimento econômico e ao mesmo tempo debelar, gradativamente, a inflação. Sua concretização estava atrelada às Reformas de Base, uma das quais seria a Reforma Agrária.

“ Nos anos de 1961-4, a economia brasileira apresentou as seguintes taxas de crescimento: 7,3; 5,4; 1,6 3,1. Como nesse mesmo período a população crescia a uma taxa de 3,1% ao ano, em 1963 houve descapitalização do país; e em 1964 a taxa de crescimento da economia foi anulada pelo aumento populacional. Esse quadro geral da situação econômica brasileira adquire maior clareza e significação se observarmos que o comportamento da taxa de inflação, nos anos 1961-64, foi 38,1%; 53,3%; 73,5% e 91,6%, respectivamente.”²⁹

Havia outros objetivos como o de reduzir as desigualdades regionais e refinar a dívida externa. O crescimento econômico devia ser alavancado na industrialização ainda no sentido de completar a substituição das importações. Pretendia-se captar recursos

²⁸ Ianni, Octavio. *Estado e Planejamento Econômico no Brasil*. R. de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971, p.205

²⁹ nota Simonsen, Mario Henrique. Brasil 2001, R. de Janeiro, Apec, 1969, p.314, in Ianni, Octavio. *Estado e Planejamento Econômico no Brasil*. R. de Janeiro, 1971, p. 204.

de forma não inflacionária para manter o nível de importações necessárias a essa expansão, planejando as inversões para maior aproveitamento e para não ampliar a inflação. Assegurada a estabilidade, com o controle dos déficits públicos e redução gradativa da inflação, os esforços seriam dirigidos para o crescimento econômico.

T. Skidmore, em *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)* sintetiza a necessidade de solucionar as questões econômicas no governo Goulart:

“qualquer linha de medidas antinflacionárias devia fazer parte de uma política geral para reatar os níveis de alto desenvolvimento”.³⁰

Ao fim do triênio a indústria do país produziria 70% dos bens de capital do que o país necessitava, para a economia nacional manter o crescimento programado. “... desde que resolvidos os problemas de financiamento interno e externo, a substituição de importações continuaria a impulsionar o crescimento do produto, estando afastada qualquer tendência do tipo inflacionária”.³¹

Além da reforma agrária propunham-se outras reforma como: a reforma urbana, a reforma bancária, a reforma universitária e a reforma eleitoral.

Os setores progressistas da sociedade acreditavam que estas reformas possibilitariam a democratização dos

³⁰ T. Skidmore, em *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)*. R. de Janeiro, R. de Janeiro, Saga, p.228.

³¹ Miranda, José Carlos. O Plano Trienal e o Canto do Cisne Nacional, dissertação de mestrado, abril 1978, Unicamp, p. 18.

benefícios do crescimento econômico. Interesses há muito estabelecidos, como as oligarquias agrárias e seus recentes aliados, à burguesia em expansão, bem como outras expressões dos recentes avanços econômicos, como era o caso das empresas estrangeiras, se opunham às reformas de base nas quais enxergavam o perigo internacional das “revoluções” comunistas. Esse quadro político compõe uma conjuntura que dificultava encaminhar com agilidade as mudanças que o país necessitava mas a importância dessas reformas econômicas se evidencia pela mobilização social e política que ativou.

O Plano Trienal aumentou as polêmicas ao associar o desenvolvimento às reformas de base, especialmente a reforma agrária, para a qual propõe como objetivos mínimos:

“a) nenhum trabalhador, que durante um ciclo agrícola completo, tiver ocupado terras virgens e nelas permanecido sem contestação, será obrigado a pagar renda sobre a terra economicamente utilizada;

b) nenhum trabalhador agrícola, foreiro ou arrendatário por dois ou mais anos em uma propriedade, poderá ser privado de terras para trabalhar, ou de trabalho, sem justa indenização;”³²

Outras medidas governistas como a criação da Superintendência da Reforma Agrária (SUPRA) encontraram forte oposição da direita e setores conservadores entre os quais se incluíam grande parte do

Parlamento. As dificuldades de política externa também existiam pois Goulart regulamentou do decreto de remessa de lucros para o exterior, bem como encontrou resistência dos Estados Unidos quanto a emcanpação ITT, empresa estadunidense no Rio Grande do Sul; e em controlar a atuação de outras empresas estrangeiras no Brasil. Dois graves problemas decorrem dessas dificuldades a impossibilidade de obter os empréstimos necessários para alavancar o Plano Trienal e a ação externa para desestabilizar o seu governo.

Partindo-se da análise das polêmicas em torno das reformas de base de Goulart, podemos situar os grupos cujas opiniões ganham espaço expressando reações favoráveis ou contrárias as propostas governamentais.

Angelina Cheibub descreve as dificuldades de implantar as mudanças econômicas ao tratar das *reformas de base* e da questão da democracia no governo João Goulart:

“O Plano Trienal pode ser visto como uma tentativa por parte do governo de promover um acordo (e eventualmente um pacto) entre grupos comerciais e industriais, por um lado, e trabalhadores, por outro...”

“A combinação dessas políticas macroeconômicas restritivas com um programa de reformas era parte de uma tentativa mais geral de implantar uma estratégia política de centro. Essa estratégia pretendia atender as reivindicações internas por reformas

³² Presidência da República, *Plano Trienal de Desenvolvimento Econômico e Social*, 1992.

e, ao mesmo tempo, obter a aprovação do FMI e ajuda financeira imediata dos Estados Unidos. Seu sucesso dependia da habilidade do governo em formar uma coalizão multiclassista baseada em concessões e acordos mútuos³³(23)”.

Para essa autora citada, à medida que o tempo passava mesmo os grupos que inicialmente apoiavam o governo, como a FIESP, em 1964 ficaram inertes ou na oposição. As manifestações contrárias vinham também da esquerda, como ocorreu, no final de janeiro, com o ataque feito pelo Partido Comunista, partido tinha grande influência sobre a CGT. Prestes comentava o *Plano Trienal* de Goulart:

“uma tentativa da burguesia ligada aos interesses internacionais de aumentar o ritmo de desenvolvimento e reduzir a inflação com a manutenção do privilégio do capital imperialista e do setor agrário-exportador. [Era] preciso, portanto, ser combatido pelas forças patrióticas e populares. [CM, 31.1.1963]”³⁴ (24).

Em meados de 63 o Plano Trienal já estava desacreditado pois a inflação subia, passando, como já vimos, de 53,3% para 73,5. Em decorrência a elevação do custo de vida pesava sobre os trabalhadores que se mobilizavam atrás de aumentos, daí as críticas de Prestes e de outros membros da esquerda. A energia de Goulart e dos que o apoiavam se concentrou na luta pela aprovação

³³

das reformas de base. Formou-se no parlamento a Frente Nacional Parlamentar com os deputados de vários partidos para defender as reformas e na tentativa de fortalecer o presidente diante do crescimento da ameaça golpista os movimentos se uniram numa frente única a Frente de Mobilização Popular.

Entre os jovens o movimento estudantil era muito forte e apoiava as reformas.

Os estudantes organizados na UNE participavam da luta política em várias frentes incluindo a conscientização popular através da cultura. Criaram os Centros Populares de Cultura (CPC) que levavam aos espaços públicos peças, shows e debates. Em todos os lugares formavam grupos de alfabetização de adultos pelo método Paulo Freire, que alfabetiza concientizando. Para as atividades culturais havia, também as unidades volantes.

Em suas agremiações eram fortes a esquerda católica, especialmente os membros da AP, e os comunistas, com que eles compunham na lutas mais amplas. Vinicius Caldeira Brant presidente da UNE de 62 a 63 coloca bem a questão da frente de forças progressistas entre estudantes:

“ Há os que – ressaltou Brant – se assustam com o fato dos estudantes tomarem um posição revolucionária, encarada como sinônimo de comunista, e se escandalizam com a presença de católicos na UNE. Quantas vezes somos

³⁴Chcibub, Angelina. *Democracia ou Reformas? (de 1961-1964)*. R. de Janciro. Paz e Terra. 1993. p.92/93.

apresentados como 'inocentes úteis' ou mais mais agressivamente como comunistas que fazem da religião um biombo? De minha parte, julgo conhecer as implicações e conseqüências da opção que adotei. E a mesma convicção tem muitos outros colegas que escolheram o mesmo caminho." (BU 1, p. 17)

Uma luta específica dos estudantes era pela reforma universitária como conta Funari em seu depoimento:

" (...) a reforma universitária que a gente defendia era a democratização da universidade em três sentidos: primeiro de abertura da universidade para dar acesso a população mais carente. A gente ainda vivia na época do 1%. Tinha até o *Auto do um por cento*. Era no sentido de democratização da direção da escola. Então teve uma greve na ocasião que parou o Brasil por 1/3: queríamos um 1/3 da representação na escola. E o terceiro item da reforma universitária era voltar a universidade para a análise, soluções e propostas dos problemas brasileiros."

Os terrenos de disputa também eram múltiplos. A nível ideológico destacaram-se, como formadores de opinião, os partidos políticos e a imprensa pois, "...na tradição liberal, a opinião caracteriza essas duas instituições - partido e imprensa"³⁵.

Como linha mestra de sua própria existência todos os jornais expressam mensagens que se destinam a conquistar, para a sua causa, os leitores. A sedução se faz não só pelas idéias do texto mas de outras formas como: a

postura sensacionalista ou “séria”, ilustrações fotográficas, caricaturais, diagramação do jornal e outros elementos que resultam em uma fisionomia específica.

A inquietude dos jovens e seus anseios de mudança nacional é discutida por Celso Furtado, em sua obra *A “Pré-Revolução Brasileira”* tocando no ponto central dos grandes debates da época - a grande influência do marxismo entre eles. Identifica como razão primordial para isso o fato do marxismo atender a necessidade de adotr “uma filosofia que nos oriente para a ação”³⁶

Em outras passagens sua visão identifica contradições que dificultam entre nós a revolução marxista-leninista:

“Da experiência histórica deste século cabe inferir que, somente pelo exito de revoluções do tipo marxista-leninista, foram alcançadas as rápidas e profundas transformações sociais, causa eficiente de um desenvolvimento econômico capaz de estreitar a distância com respeito aos países que começaram a industrializar-se no século passado.

Mas a experiência histórica também indica que tais revoluções só tiveram êxito onde a estrutura social era rígida e anacrônica”.³⁷

A possibilidade de alianças em certos momentos entre comunistas e outros grupos, incluindo os militantes católicos ocorria pela definição de que naquela conjuntura o objetivo era viabilizar as reformas de base após as quais

³⁵ Capclato, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. S. Paulo, Contexto/Edusp, 1988.

³⁶ Furtado, Celso. *A Pré-Revolução Brasileira*. R. de Janciro, Fundo de Cultura, 1962. p. 16

seria possível avançar para uma luta pelo socialismo. A avaliação dos comunistas levava a uma aliança com a burguesia nacionalista contra os principais inimigos e responsáveis pela exploração dos trabalhadores: o imperialismo e o latifúndio. Essa diretriz estava clara na *Resolução política da Convenção dos comunistas (agosto de 1960)*:

“ (...) A burguesia ligada aos interesses nacionais possui um duplo caráter. Pertencendo a um país explorado pelo imperialismo, encerra um potencial revolucionário e é uma força capaz de opor-se à dominação imperialista. Em consequência, porém, de sua natureza exploradora, de sua debilidade econômica e política e de seus laços com o sistema imperialista, procura também defender seus interesses mediante acordos e concessões aos imperialistas. A fim de enfrentar o imperialismo, necessita apoiar-se nas massas e pode, em certa medida, estimular a ação das massas. Temerosa, porém, de que a luta independente do proletariado ameace os seus interesses de classe exploradora, procura restringir o movimento de massas e mantê-lo nos limites convenientes de seus objetivos. Empenhando-se em recolher para si todos os frutos do desenvolvimento econômico, a burguesia intensifica a exploração das massas trabalhadoras e lança sobre elas o peso das dificuldades que resultam da exploração imperialista e do atraso do País (...) A burguesia é, assim, na sua grande maioria, uma força antiimperialista

³⁷ Idem op cit. p. 17

inconsequente, que é capaz de enfrentar o imperialismo e, simultaneamente, vacila e tende aos compromissos com o inimigo da Nação”.

Nas zonas rurais se espalhavam ligas camponesas e sindicatos e vários outros movimentos para garantir os direitos dos trabalhadores rurais e lutar pela reforma agrária. As greves também são um instrumentos de luta. Em 1963, em Pernambuco do governador comunista Miguel Arraes, algo surpreendente e inusitado ocorre a polícia é enviada para proteger a greve dos trabalhadores contra os usineiros e pela primeira vez esses trabalhadores recebem salário mínimo. No interior de São Paulo a mobilização ocorre com Frente Agrária, ligada aos católicos.

O artigo do jornal *Brasil, Urgente*, sob o título: *Frente agrária: reforma contra miséria*. (BU 8, p. 12 e 13), e reivindicam não só terra como condições de crédito, assistência técnica e outros meios para que obtenham um resultado efetivo do seu trabalho.

A grande imprensa”, encabeçada, pelo *Estado de S. Paulo*, o *Globo* e o *Jornal do Brasil*, expressava suas posturas elitistas e conservadoras pela “manutenção da ordem”, cerrando combate às tentativas reformistas expressas pelo Presidente da República.³⁸

Na batalha para informar, sob os prismas de seus projetos políticos, e para ganhar a opinião pública para os

³⁸ Capelato, M. Helena. Op cit Oliveira, Francisco de. *A economia da dependência imperfeita*. R. de Janeiro, Graal, 1977.

mesmos temos a “Última Hora”, “varguista”, que portanto apoiava Goulart. Para fazer um cerrada oposição ao governo Goulart e suas reformas havia a “Tribuna da Imprensa” de Carlos Lacerda, que atuava como notório golpista desde os anos 50, e a liderança mais destacada da UDN.

Além destes diários feitos em moldes comerciais havia os pequenos jornais, os panfletos e boletins que alimentavam a efervescência política. A importância desses tablóides na divulgação de novas ideologias políticas e empenhados nas mudanças é historicamente significativa. Um destes pequenos periódicos foi o semanário *Brasil, Urgente* expressão da chamada *esquerda católica*.

No centro dos debates do governo Goulart estavam os diferentes “projetos de Brasil” ou de forma mais concreta os *projetos de desenvolvimento* para o Brasil.

A postura do jornal *O Estado de S. Paulo*, desestabilizando o governo Goulart é analisada nas primeiras páginas da tese de doutorado de Maria Aparecida de Aquino Oliveira, Francisco de. *A economia da dependência imperfeita*. R. de Janeiro, Graal, 1977.

Interesses há muito estabelecidos, como as oligarquias agrárias e seus recentes aliados, à burguesia em expansão, bem como outras expressões dos recentes avanços econômicos, como era o caso das empresas estrangeiras, se opunham às reformas de base, nas quais enxergavam o perigo internacional das “revoluções” comunistas. Esse quadro político compõe uma conjuntura

que dificultava encaminhar com agilidade as mudanças que o país necessitava mas a importância dessas reformas econômicas se evidencia pela mobilização social e política que ativou.

Desde os primeiros números o jornal *Brasil, Urgente* alerta para a mobilização dos golpistas: Adhemar de Barros, governador de S. Paulo, Carlos Lacerda, governador do Rio, parlamentares que não votavam as reformas, conservadores católicos como Gustavo Corção, os grande jornais e outros. O artigo *Contra o golpe* defende e pede maior rigor a Goular no combate a subversão de direita:

“A nação não desistiu. Continua infrene à preparação de um golpe contra as instiuições democráticas, tentativa desesperada de impedir, pela brutalidade o desenvolvimento independente do Brasil e a promoção social das classes vítimas de seus engodos e dos seus privilégios inaceitáveis.

(...) Chegou a hora de o governo federal ser inflexível e se ele quer cortar o mal pela raiz faça imediatamente as reformas de base (...)” (BU 29, p. 2)

O último número do jornal, que saiu as ruas em 28 de março, anunciava em sua capa o golpe contra Jango: *Fascistas preparam golpe contra Jango!* Na reportagem: *Adhemar intranquiliza São Paulo e Ameaça Instituições apresenta fotos da Marcha com Deus pela liberdade.* No texto elogia o Comício da Central do Brasil

“ (...) o presidente João Goulart compareceu à praça pública, na Guanabara, para atender aos reclamos

populares, iniciando o cumprimento do programa nacionalista das forças de vanguarda, com que inaugurou uma nova vida brasileira (...) BU 55, P. 10)

No mesmo exemplar, Adhemar é chamado de fascista (p.3) e Arapuã desvenda a natureza de Lacerda:

“ Falam muito na pregação do Lacerda, com toda a razão, só que a pregação dele vem de prego.” (BU 55, p.20)

Diante das denúncias da IBAD, IPES, por crimes eleitorais e outras atividades corruptoras o deputado Paulo de Tarso pede uma CPI. As investigações mostraram o uso de dinheiro de empresários nacionais e recursos do exterior para financiar propaganda contra o governo e os setores progressistas e principalmente para comprar deputados, cujas campanhas eram pagas pelo IBAD a quem os eleitos continuavam servindo. Os IPES eram financiados por empresários paulistas. João Goulart proibiu o seu funcionamento mas seus escritórios apenas mudaram de nome como mostra o artigo

Os grupos políticos que o apoiavam (PSD, Partido Social Democrático e a UDN, União Democrática Nacional) conduzem a essa opção visto que sua ideologia liberal atende a conjuntura de manter os privilégios da elite, cujo enriquecimento permite o acesso a bens de consumo duráveis. É para atender essa demanda produção industrial se voltará. Nesse mesmo sentido atuam as pressões do capitalismo internacional, que após a recuperação européia, se interessa em atuar nos países

subdesenvolvidos, especialmente através de suas multinacionais.

A reflexão sobre as lutas sociais no governo de Goulart vistas como a disputa dos benefícios do crescimento econômico ou seja a tentativa de apropriar-se de parte da renda por uma minoria pode ser fundamentada a partir da análise de Francisco de Oliveira que expõe sobre os projetos de capitalização da burguesia nacional. Inicialmente com Vargas o Estado assume a produção de alguns bens de produção para que o setor privado se capitalize. Entretanto esse mesmo Estado por sua estruturação de poderes acabou contribuindo para a concentração de renda desses setores. Sem se obter deles, através de impostos uma parte dos lucros, suficiente por si só para realimentar a indústria de bens de produção. A expectativa de consumo de bens duráveis por parte das elites, que controlam o poder político, e a pressão pela maior abertura ao capital estrangeiro, iria se expressar por um novo modelo de industrialização – o nacional desenvolvimentismo de Juscelino.

O setor de que dinamiza a economia é a produção de bens de consumo duráveis nas mãos das multinacionais, em volta da qual gravitam outras indústrias. Essa produção atende um mercado restrito, provoca um crescimento restrito e não contribuiu para uma capitalização que auto-impulsione nosso capitalismo. Pelo contrário a remessa de lucros e por outros meios fazem

com que a renda gerada no país impulsione a produção dos países desenvolvidos para acaba se dirigindo.

O governo continua sustentando com favores e subsídios, e por outros meios a burguesia nacional e o capital estrangeiro. Forças nacionalistas procuram atuar no sentido de interromper esse modelo e voltar à premissa inicial de capitalizar o país, evitando a sangria que a entrada de capitais estrangeiros e a conseqüente remessa de lucros provoca. Essa tentativa implicava na redistribuição de renda e no acesso ao mercado das amplas maiorias, da população, com a redução da taxa da sua exploração. O golpe de 64 colocou nos eixos o projeto de desenvolvimento, fazendo com que, as estruturas de poder e de usufruto que continuassem, as mesmas.³⁹

QUARTO CAPÍTULO - O *Brasil Urgente* e seu projeto de Brasil

Para se extrair do semanário *Brasil, Urgente* a sua visão de desenvolvimento, tendo como meta chegar ao “projeto” de desenvolvimento para o Brasil da esquerda católica foi feito o levantamento dos seus dizeres relativos aos conceitos *desenvolvimento/subdesenvolvimento* e outros a eles relacionados como: *reformas de base, capital nacional/estrangeiro e capitalismo-comunismo*. Estes assuntos eram direta ou indiretamente associados a questão do desenvolvimento e portanto ao Brasil que se pretendia ter. Outros assuntos que fazem parte dessa compreensão de desenvolvimento, como a *postura da Igreja católica*, já foram analisados e exemplificados através de citações do jornal, nos capítulos anteriores, por isso neste entram apenas de forma complementar.

Já no primeiro número o editorial, apresentado na contracapa do jornal, se propõe lutar para ajudar a construir o desenvolvimento do Brasil: ,

“Batalhar pelo racional aceleração de nosso desenvolvimento. Denunciar suas distorções, jamais silenciar as desigualdades existentes na repartição de suas vantagens e seus encargos entre as diversas classes, as regiões e os setores produtivos do País. Incentivar o estudo honesto e concencioso dos problemas técnicos e humanos, quer da indústria, quer da agricultura, dispensando

particular atenção às aspirações dos trabalhadores das cidades e dos campos” (BU n.1, p.2).

Na Cartilha do Desenvolvimento, em linguagem fácil, se respondem questões no sentido de esclarecer o tema ‘desenvolvimento’, associá-lo às reformas que estavam sendo discutidas no Congresso para corrigir os desequilíbrios que geravam o subdesenvolvimento:

“É somente devido à dominação estrangeira que os povos pobres não se desenvolvem?”

Nada disso – há outras causas. Uma das mais importantes é a Estrutura Capitalista que é totalmente inadequada para assegurar a promoção do Desenvolvimento dos países subdesenvolvidos.”

Em outro trecho:

“ E quanto ao fato dos proprietários poderem dispor à vontade dos resultados da produção? ”

Também provoca conseqüências negativas. Com uma tal faculdade, é claro que os proprietários guardam os lucros para si. Assim, o desenvolvimento por vezes acentua os desequilíbrios pois, enquanto os proprietários ficam mais ricos, os trabalhadores podem ficar na mesma situação.

E as conseqüências econômicas? Dispondo livremente dos meios de produção e de suas rendas, os proprietários fazem com que a Economia Nacional se oriente em função de seu lucro e não dos interesses da comunidade.”

n.15, p. 14)

Apesar de os trabalhadores terem obtido o Estatuto da Terra, que determina salário mínimo, férias,

indenização por despedida, etc. vários fatores de desequilíbrios são apontados como construtores do subdesenvolvimento:

“... Não são desenvolvidos prioritariamente, através de uma disciplina rígida de investimentos, os setores mais importantes para o Desenvolvimento. Ainda mais: não há prioridade no atendimento das necessidades da população, daí os desequilíbrios entre as classes e as regiões.” (BU n.15,p. 6)

“(..) Vejá só a distribuição de renda nacional: 83% da população usufrui 40%, 16% fica com 30% e 1% (latifundiários e grandes capitalistas) ganham 30%. (BU n.15, p. 15)

“Quais são as causas desses desequilíbrios?”

Estes desequilíbrios, que prejudicam a maioria da população brasileira, constituem uma gravíssima injustiça social. Sua principal causa é o Subdesenvolvimento, ou seja o estágio econômico e social globalmente deficiente por que passa o Brasil. Para eliminar os desequilíbrios é preciso superar o subdesenvolvimento. Mas, antes de mais nada, é preciso conhecê-lo bem. É o que esta Cartilha pretende possibilitar.” (BU 15,p. 15)

O ministro da Educação Paulo de Tarso, fala a II Reunião Interamericana de Ministros da Educação em Bogotá, que o presidente JG está empenhado em fazer as reformas estruturais e para isso conta com o apoio dos trabalhadores organizados em sindicatos bem como dos estudantes. Assim somam forças para realizar a justiça

social formando na expressão de Jacques Maritain 'a comunidade dos não privilegiados'. " ...O processo educacional deve acompanhar a dinâmica do desenvolvimento de maneira realista e integrada, ligando-se a todo o trabalho de reformulação da estrutura social... (BU N.24, P.10)

"... Educar é despertar em cada um a consciência de sua possibilidade de modelar o mundo. Ora isso somente será possível se as estruturas sociais não constituírem obstáculo a essa expressão cultural..." (BU n.24 p. 11)

" O desenvolvimento supõe capacidades humanas precisas..." (BU n.24 p. 11)

" O desenvolvimento da industrialização cria necessidades urgentes de mão de obra especializada"

No governo João Goulart a temática do desenvolvimento era apresentada numa estreita vinculação com as reformas de base, que seriam mudanças significativas nos principais componentes do regime político-econômico-social do país. Essas alterações deveriam eliminar desequilíbrios e anacronismos que eram responsabilizados pelas deficiências de nosso capitalismo externamente dependente dos países desenvolvidos e internamente gerador de questões sociais.

Em todos os números do jornal o assunto - reforma agrária - aparece ficando clara a posição de apoio a sua efetivação. Os artigos, que dela tratam, apresentam situações variadas porém o direcionamento é de luta a favor da reforma agrária pois se trata acima de tudo de

uma questão de justiça social. Podemos começar com as palavras do gal. Osvino Ferreira Alves, comandante do I Exército (R. J.), na longa entrevista que deu no primeiro número do *Brasil, Urgente*:

“A reforma agrária é uma exigência do país. A estrutura agrária que aí temos é caduca, tem mais de 200 anos. Enquanto a indústria conheceu o desenvolvimento a agricultura estacionou” (p.11, n.1).

A reforma agrária devia ser feita nos termos da legalidade, sem ferir o direito da propriedade privada, como afirma o governador de Goiás, no artigo “Mauro Borges: ‘A reforma agrária é incoercível’”:

“A reforma agrária não deve servir de disfarce para uma mudança de sistema, ou seja, para anulação do direito de propriedade mediante indenizações fictícias ou duvidosas...”(p. 12, n. 26).

No artigo “Problema Agrário”, Dorian Jorge Freire, oscila entre radicalizar sobre o “determinismo histórico” da reforma agrária e a preocupação em apresentar a propriedade privada, de forma nada radical, ou seja dentro da visão das encíclicas sociais. Assim provando que ela não se choca com o direito da propriedade privada, mas amplia este direito legítimo estendendo-o e , portanto, atendendo à sua dimensão social (p.6, n.43) .

Outro aspecto se evidencia na reportagem de A. Tomé: “MG: Latifundiários armam bandidos para massacrar camponeses”. Frente à violência dos latifundiários os trabalhadores rurais criam núcleos de organização e

resistência, ocupam as terras devolutas do pântano Vale da Redenção, próximas ao rio Piumbi (MG). Os trabalhadores, a princípio receosos, depois se uniram com apoio do padre e pastor locais e pressionaram a SUPRA. Uma de suas grandes vitórias foi o Decreto-Lei, do governo federal, de 28.1.64 declarando aquelas terras como de utilidade pública. O perigo da violência dos latifundiários, dos políticos da UDN e PSD, porém, ainda não estava completamente afastado. (p. 10 / 11, n. 48).

As ligas camponesas também são assunto do *Brasil, Urgente*, na temática da reforma agrária. No artigo “Liga de Alagoa Grande Lidera a Reforma no Brejo Paraibano” procura desmistificar a visão negativa construída e divulgada pela imprensa de que eram:

“Entidade de trabalhadores rurais, especialmente do Nordeste, que teriam como líderes perigoso próceres comunistas e como objetivo a revolução sangrenta, apropriação violenta das terras e extinção do princípio da propriedade privada”(p.15, n. 26).

Para confirmar o esclarecimento apresenta o líder Manuel Santino que, ajudado pela advogada Ophélia Maria Amorim, liderou os trabalhadores de Alagoa Grande na criação de uma liga camponesa. Esse foi o meio encontrado por aqueles que eram, até então, explorados como semi-escravos nos engenhos de açúcar.

Ao longo dessas falas se mantém constante um modelo de reforma agrária: estender a propriedade da terra aos trabalhadores na forma de pequenas

propriedades, o que encontra amparo nos documentos papais. Além disso em nada subverte o sistema capitalista. A forma de fazê-la também está clara – dentro da legalidade, quando necessária desapropriação por *motivos sociais*, cabe a indenização. A escassez de recursos fazia apoiar e fazer campanha no sentido de pressionar o parlamento para alterar o parágrafo 16 do artigo 141 da Constituição, que garantia prévia e justa indenização em dinheiro a quem tivesse sua propriedade desapropriada.

Além da reforma agrária as demais reformas são contempladas com artigos. Sendo apresentadas como fundamentais para construir as bases do desenvolvimento do país. As mais discutidas, depois da reforma agrária, eram a reforma universitária, a reforma urbana e a reforma eleitoral.

A reforma urbana é sempre associada as precárias condições de moradia da população mais pobre das cidades. Sob o título *Reforma urbana para acabar com o latifúndio no asfalto* se apresentam o problema dos altos aluguéis e da escassez de moradias, entre outras soluções se propõe a “municipalização do solo”. Isso efetivaria o combate aos especuladores:

“ A municipalização do solo denominação reservada à situação em que a posse do solo urbano pertenceria ao Poder Público, seria uma forma de refrear a especulação, melhor distribuir os espaços urbanos, eliminar os latifúndios do asfalto. Através dela seria eliminada a supervalorização dos terrenos situados nas proximidades

de centros comerciais e industriais. Não haveria incentivo para se construir edifícios e blocos de apartamentos em desacordo com as normas de higiene e salubridade. Essa medida daria enfim ao Estado a possibilidade de planejar a ocupação dos espaços de uma forma racional, livre da pressão e da influência de proprietários gananciosos.” (p. 10/11, n. 54).

A extensão do direito de voto aos soldados, sargentos e cabos bem como aos analfabetos que deveriam compor a reforma eleitoral. No artigo “*Reforma eleitoral já*” chama a atenção para um outro sério problema que cabe eliminar pelas reformas: a força corruptora do poder econômico:

“É preciso criar estruturas que venham sustentar as liberdades democráticas e passar de uma democracia nominal à uma democracia verdadeiramente popular social. Para isso é imprescindível uma legislação eleitoral que não apenas aperfeiçoe o sistema hoje em vigor, mas, sobretudo, que exclua por completo o predomínio do poder econômico sobre as diversas fases do nosso processo eleitoral.” (BU n. 27, p. 2)

As letras garrafais da manchete do primeiro número do *Brasil, Urgente*, denunciavam: “Remédios matam o Brasil”. O assunto é tratado nas páginas internas, do jornal, destacando a crescente desnacionalização da indústria farmacêutica nacional, vítima da compra, da concorrência com as gigantes internacionais ou esgotada pelo pagamento de royalties e know how.

O escritor Mário Donato, também jornalista e radialista, ligado ao PTB, se expressa no mesmo sentido ao ser enfocado no depoimento da semana: “Donato: escritor brasileiro tem consciência proletária”:

“Nossa indústria, respeitável embora, só na fachada é nacional. Além de onerada por outros fatores é encarecida pelos pagamentos de “royalties” ao exterior, e os seus preços finais quase sempre lhes impossibilitam a competição com mercadorias de outros países , já instalados nos mercados tradicionais e amparados por um sistema creditício de braços longos , através de ‘trustes’, ‘holdings’ e ‘dumpings’ de caráter internacional. Em conseqüência, a nossa economia torna instável a situação política interna.” (p.5, n.26).

Outras manchetes escandalosas revelam os escândalos do domínio imperialista que, sugando nossos recursos humanos, materiais e de capitais é parte importante da manutenção de nosso subdesenvolvimento.

“DIVISAS VÃO EMBORA NO PAGAMENTO DE ‘ROYALTIES’”

(BU n.1, P. 5)

“AJUDA EXTERNA AMERICANA BENEFICIA APENAS OS EUA”

Segue-se o texto, na forma de diálogo, que é a matéria deste último título. Nele demonstra numa linguagem fácil de *cartilha política* algumas formas que o Imperialismo usa para sugar nossos recursos ao mesmo tempo difunde a falsa imagem de que está nos ajudando:

“(...) esses empréstimos são, em sua maioria, de dois tipos – para pagamento de dívidas antigas e para financiamentos de importações. Nos empréstimos que fazem para nós pagarmos dívidas vencidas ou a vencer eles recebem juros normais – realizam, em suma, uma operação comercial de rotina.

E quanto aos financiamentos?

Destinam-se, em geral, à imposição de produtos americanos por firmas do Brasil. Os americanos nos emprestam para que compremos de suas indústrias. É o mesmo caso, por exemplo, de uma imobiliária que vende um terreno a prazo. Ela está financiando o comprador. Você diria que este está recebendo uma ‘ajuda’?

Sim mas muitas vezes as firmas brasileiras usam os financiamentos recebidos para comprar em outros países.

Muito poucas vezes, na verdade dos 90 bilhões de dolares que os Estados Unidos emprestaram aos países subdesenvolvidos, entre 1946 e 1961, 70 bilhões destinaram-se a compras de produtos norte-americanos.

E o restante?

Boa parte foi aplicada para financiar compras realizadas por empresas americanas localizadas em países subdesenvolvidos. Há ainda outro aspecto a considerar nessa questão de ‘ajuda externa’. Realizando compras vultuosas nos Estados Unidos os subdesenvolvidos propiciaram importante aumento da produção americana.”
(BU n.27, p. 6)

As contradições da abordagem deste tema são inerentes a inserção do *Brasil, Urgente* no pensamento católico. Apesar de o jornal, em freqüentes ocasiões criticar o comunismo ele assume uma postura avançada frente ao ferrenho anti-comunismo presente nos meios de comunicação que omitia e deformava informações. Em seu depoimento Ruy do Espírito Santo coloca o furor ocasionado pela publicação de uma série de artigos sobre o socialismo cubano. Eram artigos que ressaltavam o sucesso deste pequeno país vencendo a degradação da pobreza e desafiando a grande potência vizinha, os EUA. Além disso responsabilizavam os cristãos que por sua omissão por não terem lutarem pela resolução das questões sociais tinham contribuído para que Cuba buscasse uma solução no comunismo. Era um alerta para a miséria brasileira e, talvez, nesses artigos os radicais, que se diziam socialistas mas não comunistas, apontassem um caminho.

A expansão do socialismo, o sucesso do marxismo-leninismo, especialmente entre os jovens compõe os debates políticos e nos termos do engajamento para resolver as injustiças sociais, por vezes se expõe afinidades entre católicos e comunistas.

O capitalismo é criticado nos termos em que se apresenta – criador de uma vida desumana. E a partir da encíclica “Pacem et Terris” a atuação conjunta de católicos e não católicos é liberada. Em artigos como o de Dorian

Jorge Freire, “O cristão e o comunista...”, se trata do capitalismo e do comunismo:

“Uma mentalidade capitalista atéia, porque individualista e egoísta, que cuida de acumular os bens terrenos em número maior para si e seus herdeiros, e uma mentalidade comunista que sendo também materialista, pelo menos se organiza tendo em vista o ‘bem comum’”(p.15, n43).

As declarações do Cônego René Laurentim, em visita, ao *Brasil, Urgente* são esclarecedoras:

“...Quanto a este anticomunismo que nada tem a ver com a verdadeira lucidez diante do ateísmo marxista, que nada tem a ver com a distinção entre doutrinas e movimentos propostos por João XXIII, na “Pacem in Terris”, tal anticomunismo tem o grave defeito de lutar com o comunismo no mesmo nível deste e com métodos análogos...” (BU, n.24, p. 5)

Assim, a oposição ao capitalismo e a defesa do comunismo tem limites que se explicitam na posição da Igreja de crítica ao socialismo, sob qualquer forma que se apresente.

Este levantamento de dados encaminha para um visão de desenvolvimento dentro do capitalismo mas uma capitalismo humanizado próximo de um socialismo cristão, construído pela conscientização e por mudanças concretas desencadeadas em benefício da justiça social pelas reformas de base.

O jornal se autodenominava: *Um jornal do povo a serviço da justiça social*", o que foi demonstrado procurando realizar nos limites de seus recursos e de sua visão católica. Com manchetes chocantes e enfocando temas polêmicos o jornal firmou uma personalidade radical. Ela era sustentada no ataque que faziam em vários campos e pelas críticas que recebiam dos seus antagonistas. Os seus conteúdos voltados para o avanço das mentalidades quanto: aos direitos dos trabalhadores; discussões políticas e econômicas; a participação da mulher na vida pública; valorização da cultura brasileira; e outros assuntos socialmente significativos que contemplavam a ampliação da democracia.

No centro do ideário de conscientização que perseguiram estava o estímulo ou melhor a convocação que faziam aos leitores para que fizessem reuniões de discussão e que tomassem posição a favor das reformas de base e outros temas que contribuiriam para a sua conscientização. Chamava esses leitores a pressionar os parlamentares a votarem as reformas, e nesse sentido a dar força à Frente Nacionalista Parlamentar. Denunciava a corrupção política, e a violência dos golpistas.

O apoio a Jango não era irrestrito atacando por vezes a vacilação e morosidade das reformas devido ao espaço que dava aos conservadores em seu governo. No último número, após o comício da Central do Brasil, o jornal apoia as decisões presidenciais iniciando as reformas e a sua incorporação à Frente de Mobilização Popular.

“O presidente João Goulart demonstrou grande espírito público e sensibilidade às causas da Nação, quando resolveu integrar-se em ato público como outro jamais conheceu o Brasil – o comício de 13 de março, na Guanabara na Frente Popular, já constituída pelas mais poderosas e expressivas representações de operários, camponeses, estudantes, intelectuais, sargentos e oficiais democratas, classe média e clero autenticamente cristão.

Voltando-se para a Frente Popular, reconheceu o chefe do governo que nenhuma outra entidade melhor interpreta o sentir geral do País e que somente ela possui condições de garantir a execução rigorosa de uma verdadeira política nacionalista de emancipação político-econômico-social do Brasil.” (BU n.55, p.2)

O texto acima que revelava o esforço da Frente de Mobilização Popular foi publicado no mesmo exemplar, de 28 de março de 1964, que de forma mais realista anunciava em sua manchete:

“FASCISTAS PREPARAM GOLPE CONTRA JANGO”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O significado do jornal *Brasil, Urgente* tem que ser buscado na conjuntura de disputa ideológica que era extremamente intensa no início dos anos 60 e da qual ele participava.

A sua proposta de ser *popular* se concretiza na forma e nos conteúdos. A começar pelo seu texto de fácil compreensão que permitia atingir um público muito amplo, incluindo os jovens e trabalhadores rurais e urbanos. A alta tiragem mostra que tinha um público significativo e mais que isso a pesquisa revelou que se tratava de um público politicamente ativo, portanto, multiplicador de conteúdos e ações políticas. Para se espalhar pelo território nacional o jornal se valia das igrejas nas quais havia grupos que, especialmente nos primeiros tempos após a criação do jornal, assumiram a com entusiasmo as tarefas de divulgação e a distribuição do jornal.

A proposta mobilizadora do grupo *Brasil, Urgente* democratizar a informação, frente a ditadura da grande imprensa, e estimular a *fome e sede de justiça* se expressa pela abertura à temas polêmicos ou pouco abordados. Um ponto alto dessas reportagens foi o de mostrar o socialismo cubano. As *cartilhas do desenvolvimento* e das *reformas* também atuaram nesse sentido de favorecer a compreensão das grandes questões daquela sociedade,

contribuindo para a reflexão política dos leitores. Entretanto os artigos, em geral, não permitiam uma discussão mais aprofundada e muitas idéias se repetiam ao longo dos exemplares.

O incentivo aos leitores para organizarem reuniões, ampliarem a participação política também é freqüente.

A força do jornal também pode ser atribuída ao fato de que se colocava como um meio de expressão de todos que se engajassem pelas reformas e pela justiça social, especialmente os grupos de católicos. O jornal se colocava como independente e que acolhia temas, artigos e a participação de outros movimentos. No entanto as referências mais concretas que aparecem são notícias dos sindicatos rurais, greves, mobilizações de trabalhadores e de estudantes, bem como artigos sobre elementos do governo (Jango, Brizola, deputados, governadores e outros).

A falta de identificação clara não permite saber quais eram realmente os grupos que se valiam se valiam desse espaço de comunicação e se essa presença era significativa para a redação do semanário.

Quanto a discussão teórica esta permaneceu na linha social cristã emanada das encíclicas sociais e dos teóricos católicos preocupados com o papel da Igreja e de seus fiéis no mundo contemporâneo. O desafio principal era então a expansão de regimes socialistas que se inspiravam no materialismo histórico marxista.

O jornal *Brasil, Urgente* nascido do estímulo das encíclicas sociais, especialmente a *Mater et Magistra*, também foi marcado pela abertura que a *Pacem in Terris* dava aos católicos de atuação prática com os não católicos.

Frente a uma realidade de conflitos sociais provocada pelas grandes desigualdades na apropriação do crescimento econômico que marca o país, no início dos anos 60, foi impossível aos católicos ficarem imunes ao socialismo. Na disputa pelo poder e nas alianças táticas os católicos conviveram com comunistas e outros não católicos. Resulta daí que, as pessoas envolvidas ou próximas dessas atividades, numa conjuntura de ativa politização, acabavam tendo contatos com as teorias socialistas e até com o marxismo o que também ocorreu com parte desses ativistas católicos. Resulta disso que o grupo mais politizado e radical como a AP se afirma socialista, mas anti-comunista.

Os membros dessa fase da AP além de se definirem como anti-comunistas se consideram mais radicais que os comunistas. Uma hipótese para essa autoavaliação pode ser pensada a partir do intenso envolvimento que tinham participando de vários movimentos, certos de que estavam mudando profundamente o Brasil. Esse dado aparece nos depoimentos de ex membros da AP católica. E, diferentemente dos ativistas filiados aos partidos, estes militantes católicos, viam a hierarquia católica como que

mais distante, não estavam sob seu controle direto, o que lhe dava uma ilusão de liberdade.

Essa ilusão foi abalada pela negação de que o jornal era uma expressão católica e das inúmeras pressões feitas pelos conservadores católicos quando o movimento de direita crescia não só na Igreja como em outras instituições da sociedade culminando no golpe de 1964.

A amarração ideológica do jornal se fazia nos limites da doutrina social cristã. Essa visão central do semanário emanava do *solidarismo* e teorias afins que ganharam um espaço maior de divulgação com o livro *Evangelho e Revolução* frei Josaphat e de seus sermões na Igreja dos dominicanos e outros locais onde fazia suas palestras.

Dentro desses princípios cabia ao católico, movido pelo amor ao próximo, e na busca de unidade com Deus, se preocupar com a reforma das injustas estruturas temporais. A sede de justiça seria a expressão da caridade fundamental para se chegar a uma sociedade guiada pelo Bem Comum, ou seja para se atingir uma civilização solidária.

As propostas políticas do *Brasil, Urgente* atendiam a essa visão de mundo ao lutar pela reforma agrária, pelo cumprimento da legislação trabalhista e outras mudanças que representassem a justiça social, ou seja caminhar para o bem comum eliminando a degradação causada pela violenta exploração das elites sobre a maioria, ou seja sobre o povo. Outras reformas que encaminhassem para a democracia também eram necessárias.

A reforma agrária se faria expandindo a propriedade privada como era determinado nas encíclicas pois se tratava de um bem natural e provedora da liberdade das pessoas.

O jornal expressava uma postura desenvolvimentista reformista que fazia parte dos debates da época e tinha afinidade com a proposta dos economistas que assessoravam Goulart, especialmente Celso Furtado. Para sustentar esse desenvolvimentismo nacionalista que incorporava a necessidade de reformas de base, o *Brasil, Urgente* se une a outras forças que eram chamadas radicais em uma conjuntura de embate com as forças de direita ou conservadoras de antigos privilégios que marcavam as estruturas do país.

As reformas para alguns desses grupos, como os comunistas eram uma etapa rumo ao socialismo; para os teóricos do desenvolvimentismo, estruturalistas influenciados pela CEPAL era um projeto de construir um capitalismo autopropulsor, ou seja desenvolvido. Para o grupo do jornal *Brasil, Urgente*, predomina luta para amenizar a exploração capitalista ou seja diminuir o abismo entre as classes sociais pela participação popular e pelo intervenção do Estado, quando oportuna. A presença de alguns artigos favoráveis ao socialismo democrático ou cristão, que não aceitava o materialismo marxista, mostra que havia um setores mais a esquerda. Entretanto, mesmo as constantes críticas ao individualismo liberal, pernicioso por que impede o Bem Comum, não permite concluir que

caminhar para o socialismo era o projeto predominante no jornal.

Nos limites da realidade objetiva, das teorias filosóficas racionais ou dialéticas fundamentadas no processo histórico, a civilização solidária, que é fundamentada nos princípios religiosos, revela-se inviável. Nestes termos, não há como impor as classes exploradoras um comportamento baseado nas verdades reveladas pela Providência no sentido do Bem Comum. Mais ainda dentro da própria Instituição católica há que respeitar a autoridade que interpreta os mistérios revelados e atemporais sobre o homem e seu papel no mundo. Para impedir a fragmentação e garantir a continuidade a Instituição age no sentido de *conservar ou renovar* muito lentamente seus pilares mestres adaptando-os a mudança histórica, daí a força dos conservadores.

Assim o grupo do *Brasil, Urgente*, estava preso em uma contradição: ser católico abria espaços para o jornal, mas também limitava ideologicamente a seus projetos a começar pelos econômicos.

O jornal *Brasil, Urgente* e a esquerda católica participaram efetivamente das mobilizações dos anos 1963 e 1964, ainda que nos limites da reforma. E seu papel de na mobilização de grupos que até então estavam a margem da luta política foi expressivo a tal ponto que a repressão da ditadura militar atacou ao jornal e muitos militantes da esquerda católica.

BIBLIOGRAFIA

- **Alves**, Márcio Moreira. "A Igreja e a Política no Brasil. S. Paulo, Brasiliense, 1979.

- **Aquino**, Maria Aparecida de. "Caminhos Cruzados ...". Tese de doutorado em História Social, na USP.

- **Araujo**, Maria Celina D' (org.). "Visões do Golpe de 1964". R. de Janeiro, Relume/Dumará, 1994.

-**Ayerbe**, Luis Fernando. "A Hegemonia dos Estados Unidos e a Trajetória do Desenvolvimento Latino-Americano: Aspectos Políticos e Econômicos"145-1990. S. Paulo, 1992. Tese de Doutorado em História, Departamento de História da USP.

-**Bandeira**, Moniz. " Brizola e Trabalhismo". R. de Janeiro, 1979.

- **Baran**, Paul. "A economia política do desenvolvimento" . Rio de Janeiro. Zahar. 1972.

- **Barbosa**, Wilson do Nascimento. "Teoria e Empiria". S.Paulo, Dep. de História da USP, palestra a 17 de setembro de 1992.

- **Beozzo**, pe. José Oscar. "A Igreja do Brasil". Petrópolis, Vozes, 1996.

----- "Cristãos na Universidade e na Política".
Petrópolis, Vozes, 1984.

- **Botas**, Paulo Cezar Loureiro. "A benção de Abril".
Petrópolis, Vozes, 1983.

-**Carone**, Edgard. "O PCB". S. Paulo, Difel, 1982, v.1.

- **Capelato**, Maria Helena R. "Imprensa e História do
Brasil". S.Paulo, Contexto/EDUSP, 1988, Co. "Repensando
a História".

- **Cheibub**, Argelina. "Democracia ou Reformas?"(1961-1964). R. de Janeiro, Paz e Terra, 1993.

- **Colistete**, Renato Perin. "O Desenvolvimentismo e
seus críticos: as idéias da CEPAL e de Caio Prado Jr. sobre
a internacionalização econômica nos anos 50".

- **Dale**, frei Romeu (org). " A Ação Católica Brasileira".
S. Paulo, Loyola/CEPEHIB, 1985, Coleção Cadernos de
História da Igreja no Brasil.

- **Doellinger**, Carlos von. "A Controvérsia do
Planejamento na Economia Brasileira". S.Paulo, IPEA,
Pesamento Econômico, n. 3.

- **Floridi**, Ulisse Alessio. "O radicalismo católico
braileiro". S. Paulo, Hora Presente, 1973.

- **Dreifuss**, R.A. "1964: A Conquista do Estado".
Petrópolis, Vozes, 1981.

- **Fonseca**, Pedro Cezar Dutra. "Vargas: O Capitalismo
em Construção". S. Paulo, Brasiliense, 1989.

- **Frank**, Andrew Gunder Frank. "Desenvolvimento do
Sudsenvolvimento". Coleção Universitária.

- **Furtado**, Celso. "A hegemonia dos Estados Unidos e o subdesenvolvimento da América Latina". R. de Janeiro, Civ. Brasileira, 1973.
- "Desenvolvimento e Subdesenvolvimento". R. de Janeiro, Fundo de Cultura, 1963.
- "Dialética do Desenvolvimento". R. de Janeiro, Fundo de Cultura, 1964.
- "A Pré-Revolução Brasileira". R. de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.
- "Um projeto para o Brasil". Rio de Janeiro, Saga, 2a.ed. 1968.
- **Ianni**, Octavio."Estado e Planejamento Econômico no Brasil". R. de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971.
- **João XXIII**, "A Paz na Terra". S. Paulo, FTD, 1963.
- ----- "Encíclica Mater et Magistra", S. Paulo, Sociedade Pia de São Paulo, 1962.
- **Josaphat**, Carlos P. de O."Evangelho e Revolução". S.Paulo, Duas Cidades, 1963.
- **Khoury**, Yara Aun. "Central de Documentação e Informação Científica 'Prof. Casemiro dos Reis Filho'(guia)"
- **Lebret**, L. Joseph. "Suicídio ou sobrevivência do Ocidente?" S. Paulo, Duas cidades, 1960.
- **Loureiro**, Maria Rita. "50 Anos de Ciência Econômica no Brasil". Petrópolis, Vozes, 1997.
- **Iannarone**, R. "Encíclicas Sociais". S. Paulo, Edições Paulinas, 1962.

- **Maranhão**, Ricardo. "O governo Juscelino Kubitschek. S. Paulo, Brasiliense, 1981. Coleção "Tudo é História"n.14.
- **Mesquita**, Luís José de. "As encíclicas sociais de João XXIII" (texto e comentários). R. de Janeiro, José Olympio, 1963.
- **Messner**, Johannes. "La question social. Madrid, Ediciones Realdp, 1960.
- ----- . "Ética social: o direito natural do mundo moderno". S. Paulo, Quadrante, s/d.
- **Miranda**, José Carlos Rocha. "O Plano Trienal – O cento do cisne do nacional-desenvolvimentismo. Dissertação de Mestrado, I.P.C.H. da UNICAMP, 1979.
- **Moraes**, Dênis. "A Esquerda e o Golpe de 64".R. de Janeiro, Espaço e Tempo, 1989.
- **Moraes**, Reginaldo. "Celso Furtado - O Subdesenvolvimento e as idéias da CEPAL". S. Paulo, Ática, 1995.
- **Nascimento**, Benedicto Heloiz. "Desenvolvimento Periférico". S. Paulo, Rev. do Departamento de Geografia, FFLCHUSP, n. 10, 1996.
- ----- "O desenvolvimento e seu modelo". S. Paulo, IEB-USP, 1986.

- **Prado Jr**, Caio. "História e Desenvolvimento". S. Paulo, Brasiliense, 1972.
- Presidência da República. "Plano Trienal de desenvolvimento Econômico e Social 1963-1965". Brasília, dezembro de 1962.
- **Sader**, Eder. "Rumor de Botas". S. Paulo, Polis, 1982, Coleção Teoria e História.
- **Silva**, Hélio. "História da República Brasileira", As Crises e as Reformas - 1962- 1964, v. 18. Rio de Janeiro, 1975.
- **Skidmore**, Thomas E. "Brasil: de Getúlio a Castelo Branco". R. de Janeiro, Saga, 1969.
- **Victor**, Mário. "Cinco Anos que abalaram o Brasil" (de Janio Quadros ao Marechal Castelo Branco). R. de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.
- **Ulmann**, Reinhold Aloysio. S. Leopoldo, Unisinos, 1993.
- **Wirth**, John D. "A política do desenvolvimento na era de Vargas". R. Janeiro, FGV, 1973.
- **Oliveira**, Francisco de . *A economia da dependência imperfeita*. R. de Janeiro, Graal, 1977.
- **Mainwaring, Scott**. Igreja Católica e Política no Brasil. S. Paulo, Brasiliense. 1989.

5 - ANEXOS**FICHA DE LEVANTAMENTO DE DADOS****Assunto em pauta:****Título de sua localização:****Página:****Número do jornal: data:****Conteúdo e citações:**

FONTES HISTÓRICAS

- Coletânea dos originais do **Jornal Brasil Urgente**, de 1963 a 1964. S. Paulo, Veritas, de 17 a 24 de março de 1963 (n. 1) a 28 de março a 3 de abril de 1964 (n.55).

Estes jornais podem ser encontrados para consulta no Arquivo de História Social Edgard Lowenroth da UNICAMP, na Central de Documentação e Informação Científica - CEDIC, da PUC- São Paulo e na Biblioteca do Convento dos Dominicanos, no bairro de Perdizes, São Paulo.

- Entrevistas com ex-diretores do Brasil Urgente, que atualmente se expressam como autores de artigos e livros: Roberto Freire, Frei Carlos Josaphat, Ruy do Espírito Santo, Antonio Funari e Regina Funari.

- Filmes, livros, outros jornais, entrevistas com ex-membros da AP e outros grupos ligados ao jornal, documentos de toda a natureza que se tornem necessários na tentativa de atender o objetivo de construir a totalidade histórica.

- Acervo de documentos do CEDIC da PUC SP úteis para esta pesquisa:

- Fundo Juventude Agrária do Brasil (JACB, JAC);

- Fundo Juventude Estudantil Católica do Brasil (JECB, JEC) ;

- Fundo Juventude Operária Católica (JOC) ;

- Fundo Juventude Universitária Católica do Brasil (JUCB, JUC);

- Fundo do Movimento de Educação de Base (MEB);
- Fundo da Ação Católica Brasileira (ACB);
- Coleção Ação Popular (AP);
- Coleção Fotografias da Juventude Operária Católica (FOT JOC);
- Coleção Fotografias da Juventude Universitária Católica (FOT JUC);
- Coleção Golpe de 64 (GOL 64);
- Coleção Igreja na América Latina (IGR AME LAT);
- Coleção Igreja no Brasil (IGR BR); e outras.

Além do CEDIC outros arquivos e centros de documentação histórica serão pesquisados com o objetivo de levantar novas informações que ajudem a conhecer o tema proposto.

"EvangELHO e RevoluçãO Social"

ouco a pouco o sôpro do Espírito está indo também na Igreja do Brasil uma intranquilidade. Embora com atraso entrando em estado de Concílio. Haja o Movimento por um Mundo Melhor, os movimentos da juventude da A. C. em plena vigília, o Plano de Emergência da CNBB, outros outros sintomas. Pedimos agora a Deus para um lançamento muito oportuno para Duas Cidades: Evangelho e Revolução Social, da autoria do operoso Frei Carlos de Pinto de Oliveira O. P., com o imatur pessoal e significativo do Cardeal de São Paulo. É como um trovão que vem percutir o sono das nossas boas consciências, conchando-nos clamorosamente para aquela santranquilidade de que precisamos. Já a palavra do título são "chocantes". "Cremos na unidade social do Evangelho, no seu dinamismo criador e restaurador, na sua capacidade engendrar mundos novos, mesmo e sobretudo quando agonizam velhas estruturas (p. 6). Cremos neste corolário social da Encarnação Redentora (p. 6). Para nós, hoje, crer em Jesus Cristo não é um repouso. É apostar na felicidade dos homens (p. 7)", escreve Frei Carlos no seu prefácio. É a idéia central que inspira os poucos, mas densos capi-

No primeiro capítulo (Dimensão social do Evangelho) o autor aborda o problema fundamental da relação entre fé e mundo. Fé e mundo também o título de um grande livro concebido pelo pensador cristão contemporâneo, A. Dondeyne, da Universidade de Lovain, publicado em Wereld, Biltoven (1962). Lembra-nos da Frei Carlos-Josaphat, muitas lembranças das páginas luminosas do professor lovanense, pela paridade dos problemas abordados das análises feitas, das posições tomadas. — Com efeito, a ruptura entre o espiritual e o temporal é talvez o aspecto mais grave da crise do cristianismo de hoje. Como João XXIII, na sua última e grandiosa encíclica "Pacem in terris", denuncia a ruptura entre "crença e atividade temporal" responsável pela falta de inspiração cristã nas instituições de ordem temporal nos países de tradição cristã, apesar da presença de Deus que têm o nome de cristãos e que, mesmo em parte, ajustam sua vida às normas evangélicas". Cardeal Suhard, na sua obra "L'Église", já dizia: "la plus grande faute des chrétiens du vingtième siècle serait de laisser le monde se faire et s'unifier sans eux" (L'Église, 3 ed. Biltoven 1959 p. 192). A desordem da liturgia não chegou quase a ser uma liturgia, dadas as dificuldades dos pioneiros ultrapassar a fase do missal e da liturgia dialogada. Não é um pouco disto que aconteceu e que está acontecendo com a nossa liturgia? Não houve uma certa fuga na liturgia, os pioneiros, povoando nossos mosteiros de monges e advogados? E não há pelo menos um pouco de fuga da liturgia da JUC e JEC de fascinação pela espiritualidade do engajamento? O verdadeiro misterio da Igreja está na síntese (oh dialética!). "E", portanto, "novo", conclui o Papa na passagem citada, e se restaure neles a unidade interior, e

que em sua atividade humana domine a luz orientadora da fé e a força vivificante do amor".

É esta encarnação de vida teológica no temporal, esta sacramentalidade da própria vida cristã, enquanto presença visível, atuante e eficiente, da graça e do amor, que, por sua vez, deve dar vitalidade e autenticidade à liturgia, numa síntese feliz entre fé e mundo.

A atuação da fé no temporal supõe necessariamente uma visão cristã da história. É o assunto do segundo capítulo. Temos um grande atraso a tirar. Alguns entre nós perseveraram até hoje num saudosismo evasivo e esteril da Idade Média e da Contra-Reforma. Dondeyne analisa as causas desta nossa lentidão (p. 85-88).

O estimulante da filosofia marxista ajudou os pensadores cristãos a enfrentarem corajosamente o delicado problema. Frei Carlos toca de leve no representante extremo do chamado escatologismo (Boyer). Desejávamos saber algo de outros representantes como Guardini e Daniélou, como também da chamada corrente encarnacionista com De Lubac, Thils, Mouroux, Mounier, Teilhard de Chardin, mas nosso autor está com pressa. Quem quer se informar melhor consulte Cristianismo e Consciência histórica, do Pe. Henrique C. de Lima Vaz, S.J. (São Paulo, 1963, p. 52-54). Os textos bíblicos sobre o Reino de Deus e a justiça na terra, os ensinamentos da Mater et Magistra devem ser suficientes para tirar o cristão do seu conformismo com o "status quo" a fim de assumir ativamente a história do universo.

Seguem algumas páginas sobre a teologia do trabalho e da ascensão social (cfr. Dondeyne cap. 9). O mais original talvez seja o capítulo intitulado "por uma espiritualidade da reivindicação". Particularmente esclarecedor é o ensinamento de S. Tomaz a respeito da verdadeira paz, baseada na ordem da justiça, e da paz aparente, que tende a perpetuar uma desordem injusta institucional. Com esta o cristão não se pode conformar. Tem que reagir.

Agora o terreno está devidamente preparado para "a grande pergunta da nossa época", reservada para o último capítulo: "no terreno social seria o cristianismo conservador ou revolucionário. seria o discípulo do Evangelho pela manutenção da ordem vigente, estaria ele pela evolução ou pela revolução social" (p. 81). Muito feliz, a nosso ver, foi o autor na sua resposta: "o cristianismo por sua natureza não é conservador ou revolucionário, ele é proclamação e sede de justiça. Exige dos seus fiéis que se empenhem por uma ordem justa, conservando aquela por ventura existente, e buscando introduzir uma nova estrutura, quando a antiga é iníqua ou caduca no seu conjunto. A Revolução Social pode portanto constituir um imperativo para a consciência cristã em determinada conjuntura histórica" (p. 83).

O conceito revolução requer algum esclarecimento. Já não tem mais um conteúdo predominantemente político e militar, mas antes econômico-social, indicando então "reviravoltas bruscas e profundas, em vez de uma evolução lenta e orgânica". A Igreja, sentindo uma aversão de tudo quanto é violência e terror, tem uma grande preferência pela evolução. (Cfr. Pio XII, citado na p. 87, e João XXIII na Pacem in Terris). Mas, a desordem pode ser tão calamitosa, que só mesmo uma mudança profunda, radical das próprias estruturas pode ga-

rantir a sobrevivência dos valores cristãos essenciais. A revolução social então se impõe. A Confederação Latino-Americana de Sindicatos Cristãos (CLASC) optou conscientemente pela revolução, achando que a evolução, apreendida pela Organização Regional Inter-Americana do Trabalho (ORIT) não passa de paliativos de inspiração capitalista (capitalismo "popular"). Cfr. Noticiário Obrero Latino-Americano n. 18 marzo 1963.

Frei Carlos descreve então as várias etapas desta revolução: persuasão, pressão moral, cessação coletiva do trabalho, força física. Será que poderemos aceitar mesmo esta última etapa? Em si a possibilidade existe, mas as restrições da moral são graves. O autor as conhece. Em vista da séria advertência da "Pacem in Terris", da corrente sempre crescente da não-violência (bem outra coisa do que conformismo!), chefiada pelo Pe. Regamey O.P., desejávamos ainda maior reserva, não só pragmática mas também doutrinária.

Aproveitando do ensejo queríamos ainda chamar a atenção para um sintoma que nos parece muito alarmante. Frei Carlos cita, logo de início, a pergunta de S. Paulo: "estaria o Cristo dividido?". Com efeito, embora nesse episcopado, através da CNBB, tenha crescido muito na unidade e tomado atitudes firmes e unânimes nas horas críticas da Patria, transparecem ainda opções e intervenções isoladas que manifestam divergências notáveis em pontos essenciais, onde, a nosso ver, não deveria haver divergência por se tratar de princípios doutrinários. Estas divergências deixam perplexos e confusos governadores e governantes, políticos e militantes no campo social, e enfraquecem demais a atuação dos cristãos no temporal. Queremos apenas citar a celeuma em torno da Reforma Agrária. Que existem divergências a respeito da modalidade, nada mais natural do que isso. Mas como se pode insistir na inviolabilidade da Constituição no tocante ao direito de propriedade, alegando que é a expressão adequada e intangível do direito natural e da doutrina social da Igreja? Cremos que não seria difícil provar o contrario. De qualquer maneira, aqui estamos perante um princípio doutrinário de extrema importância, perante uma "quaestio iuris", a respeito da qual pode e deve haver acordo. Não seria sumamente desejável organizar um grupo de teólogos que, depois de um estudo aprofundado, possa emitir um parecer sobre tais questões, parecer este que a CNBB poderia assumir se assim julgar oportuno?

Perguntamos ainda se, mesmo em "questões facti", não poderia haver maior acordo. É ou não é verdadeiro-gravíssimo depoimento do Pe. Lebrat O.P. a respeito da exploração a grande escala do capitalismo internacional? É ou não é verdade que o Brasil é dominado pelo capitalismo ou neocapitalismo anticristão? É ou não é verdade que este capitalismo fabrica a opinião pública através de noticiários tendenciosos e falsos? Não podemos ficar na dúvida em face de denúncias tão graves. Não podemos fugir delas por serem feitas pelos comunistas.

Queira Deus que a brochura do Frei Carlos Josaphat contribua para maior fidelidade ao Evangelho e para maior unidade na Igreja do Brasil.

Pe. Jaime Snoek C. ss. R.

Professor de Teologia Moral dos Padres Redentoristas

Reforma:



mais, os produtores de menos, e o povo
da de pe
portanto, o primeiro lugar, de fazer
hor nas zonas onde já há estradas, ar-
gente. Em segundo lugar, organizar os
produtores (que,ativamente, na sua grande
maioria, não são proprietários, mas os ar-
rendatários e os parceiros); para que eles possam
(o que é o primeiro) trabalhar em me-
lhores e escalar a ação dos intermediários,
produtores. Tudo isto nas áreas já ocupadas,
e não em terras devolutas.
Revolução, não é caro, hoje em dia, está
a terra. Produzir não é só
plantar, é trabalhar, distribuir. Para isso é
necessária a estrada, a assistência téc-
nica, a organização da assistência
da assistência à saúde, da educação.
E esse apoio custa muito dinheiro. E o
que entra, o que entra o que traz
que as terras que já têm tudo isso não
seu papel de terras produtoras.
Por que a mudança resolve tudo?
mudanças. A Constituição não resolve
a Reforma Agrária, programa amplo, comple-
to. Mas a mudança da Constituição é
os meios pelos quais se possa se iniciar.
propriedades antieconômicas e anti-
sociais, não podem ser transformadas em unidades pro-
dutoras e o início do fim de todo o processo.
nos dessas terras que pressionam para
o progresso não é a mudança na Constitui-
ção, mas pelos quais os donos de propriedades,
que se passa e pensam que
a Reforma Agrária atingirá indiscriminada de
A Reforma Agrária atingirá primeiro
o Brasil e que mais urgentemente se
ver os problemas já mencionados. E
a desapropriação atingirá aquelas ter-
ras atuais que são econômicas, anti-sociais. An-
tônio (Veja a emenda substitutiva apre-
sentada pelo Plínio Salgado na Comissão Especial:
que é clara. A desapropriação atingirá
as propriedades e desperdiçará recursos de
que não produzindo quanto e como podem

e devem, e não dando trabalho a tanto quantos po-
dem dar. Que em geral são as grandes.

Prove-me.

Não eu. Provam-no por exemplo dados do Cen-
so, apresentados no Plano Trienal. Existem no
Brasil (censo de 50; nada houve desde então que
modificasse substancialmente essa situação)
2.064.278 propriedades agrícolas. Destas, 32.628
deitam 50,8% da área de todas, e têm mais de 1.000
hectares cada uma. As de menos de 100 hectares,
em numero de 1.763.491 ficam com somente 16,6%
da área de todas.

Ora, essas propriedades de mais de 1.000 hecta-
res (50,8% da área total) dedicam à lavoura de 0,7%
a 2,8% de sua área apenas. Deixam o resto (tudo)
de sua extensão para pastagens, matas, terras in-
cultas.

As propriedades de menos de 100 hec., por sua
vez dedicam de 17,3 até 56,3% de suas áreas à
lavoura.

É evidente que um pequeno acréscimo percentu-
al na área cultivada das grandes propriedades, têm
uma repercussão grande, dado o fato dessas pro-
priedades representarem 50,8% da área total. É
nelas portanto que se deve inicialmente mexer.

Quanto ao pessoal empregado, vê-se que essas
propriedades de mais de 1.000 hec. (50,8% da área
total) empregam apenas 6,7% do pessoal ocupado
na agricultura. As propriedades de menos de 100
hec. é que empregam a maior parte, quase 70% des-
se pessoal.

O investimento é um dado interessante. Quem
investe na sua terra quer que ela produza mais e
melhor. Faz com que ela produza mais e melhor.
Investimento em construções, veículos e animais de
trabalho, máquinas e instrumentos agrícolas.

Pois bem: as propriedades de mais de 1.000 hec.
no Brasil (50,8% da área total) respondem por uma
média de apenas 18 a 20% do investimento total
aplicado na agricultura. A maior parcela desse in-
vestimento (em torno de 50%) é feita pelas proprie-
dades de menos de 100 ha.

Ora, um agrônomo da Secretaria da Agricul-
tura de São Paulo, sr. Salomão Schettan, fez o se-
guinte raciocínio, num estudo que publicou: se de-
sapropriarmos metade das 646 propriedades de mais
de 3.000 ha. do Estado de São Paulo (e somente
essas), e as subdividirmos em propriedades com área
equivalente de 30 a 100 ha. (tamanho econômica-
mente desejável para a maior parte das culturas) e
supondo que essas novas propriedades de 30 a 100
ha. serão exploradas simplesmente como as atuais
de 30 a 100 ha., teremos os seguintes resultados:

- 700.000 novos hectares de terras cultivadas;
- aumento permanente de 25% na produção
de todos os artigos da lavoura;
- possibilidade de trabalho para mais 440.000
habitantes;
- emprego de cerca de 4.000 tratores de 25 HP;
- uso de 150.000 novos animais de trabalho.

Ou seja: sem todo o custo de equipamentos e
serviços a que seríamos obrigados na ocupação de
terras novas (por exemplo as tais terras devolutas).
E somente com a compra e subdivisão de 300 das
243.334 propriedades existentes no Estado. Ataca-
ndo portanto uma área de somente 2,3 milhões
de ha. (9,7% do total).

Reforma Agrária reduzida à sua expressão mais
simples: desapropriar e subdividir (mais nada, de
todo o resto necessário). Desapropriar metade das
quelas propriedades (latifúndios) que atualmente
têm apenas 0,05% de suas áreas cultivadas.

E por que então não se faz isso?

Exatamente por causa da Constituição. Que
não deixa fazer Reforma Agrária nem na sua ex-
pressão mais simples, quanto mais na forma com-
plexa que é necessária.

Por que a Constituição obriga a pagar a desa-
propriação em dinheiro vivo. E para o exemplo de
nosso amigo Schattan, seria necessário, para desa-
propriadar os 2,3 milhões de ha. (pequena Reforma
Agrária, somente no Estado de São Paulo) 230 bi-
lhões de cruzeiros (a uma média — atual — de
240 contos o alqueire).

Sómente para um início de Reforma Agrária,
em São Paulo. Parar tudo. Todas as obras, todos
os serviços do governo. Reservar todo o dinheiro
somente para desapropriações. E ainda emitir o do-
bro do que se emitiu em 61, ano em que o sr. Jânio
saiu. No ano negro da quase-revolução.

Será então possível Reforma Agrária sem pensar
em títulos da dívida pública? Sómente com paga-
mento prévio, em dinheiro? Mas por que todos nós
podemos comprar a prazo, só o governo não pode?

Será possível pensar em Reforma Agrária (para
valer) sem Reforma da Constituição?

GENTE COMO (e contra) A GENTE

ROBERTO FREIRE

QUATRO E SETE



Como a gente, quatro deputados a serviço da
vontade de setenta milhões de brasileiros:

DOUDEL DE ANDRADE
PLÍNIO DE ARRUDA SAMPAIO
LEONEL BRIZOLA
BOCAIUVA CUNHA

Contra a gente, sete deputados a serviço de
quarenta bilhões de cruzeiros, no mínimo:

ULISSES GUIMARÃES
ARNALDO CERDEIRA
ALIOMAR BALEEIRO
ERNANI SATYRO
PEDRO ALEIXO
MARTINS RODRIGUES
GUSTAVO CAPANEMA

O povo de mãos unidas e aplicadas sobre o aço
de seus instrumentos de trabalho, quer saber por que
suas necessidades e seus interesses foram traídos.

O deputado Aliomar Baleeiro, representante dos
sete, responde: assim definindo o camponês brasileiro:
"RAÇA DEGENERADA DE JECAS ANÊMICOS E
IMBECILIZADOS. FROUXOS, INDECISOS E INCA-
PAZES"

As mãos unidas sobre o aço de seus instrumentos
de trabalho, podem se unir sobre o aço de seus
instrumentos de luta, e fazer de uma só vez, a
reforma agrária e a moral. Esta, começando por
aqueles que os traíram e os injuriaram. Não esqueça-
rão seus nomes.

E ECONOMICA

RA O

DO

ISMO

Texto de VITOR REGO

ub.ários dessa a verificará, sem te dogmáticos do mo não se mostram a der perante s pragmatismo, ndo a intervenção o rida econômi-onal e impedindo, q as teorias dos s, teoria quanti-mo etc... pos-ev s a sério. Os as brasileiros, re-c, forma geral, do dogmas, re-a na política da do atual go- tentativa despes- se: vetores mais o do da res- de um equilíbrio fo mente abala- silvação do sistema d ro dos cânio- ncia repre-

ou longo prazo, de um im- passe político perigoso (a alternativa: fascismo ou comunismo). Mas corres- ponde a uma necessidade histórica para o capitalismo sempre que as reservas so- ciais se apresentam muito diminuídas, a moeda se acha aviltada e o campo dos investimentos privados acentuadamente limitado. "Do mal, o menor" — dizem os capitalistas sempre que é essa a situação. E acres- centam, como que para aliviar a consciência, que...

Ao fim de dois ou três anos, liberalizemos o regime e tu- do voltará à normalidade". O fascismo apresenta-se, assim, como um estratage- ma destinado a policiar a coisa pública e como uma manobra destinada a prepa- rar uma "melhor" demo- cracia representativa. Des- culpa de mau pagador. O fascismo, quando chega ao poder, destrói (físicamente ou não) as instituições do proletariado mas procede de forma igual com as da democracia burguesa, mos- trando-se muito mais "es- clarecido" e voraz do que o evolucionismo pregado pe- los demo-liberais. "E' ape- nas uma questão de três ou quatro anos, até que a casa esteja em ordem — disse- ram os burgueses portu- gueses quando Salazar che- gou ao poder, em Lisboa. Já lá vão trinta e sete anos...

EXPERIENCIA SOCIA- LISTA

Dizer que o Brasil "não tem condições para uma ex- periência socialista" é um absurdo. O Brasil, como qualquer outra comunidade, tem tais condições. E' certo que o período de transição



San Thiago: o "Plano Trienal" viu apenas um lado do problema: fracassou

de sua atual economia para o socialismo seria difícil e traria consigo profundas perturbações políticas se processada sem a ajuda do mundo industrialmente avançado. Mas falar-se em "círculo vicioso" no caso brasileiro, ou seja, círculo em que o Brasil careceria de taxa de investimento elevada e por isso não poderia escapar à ajuda de, por exemplo, os EUA, é um erro que afeta toda a soberania nacional. O economista norte-americano Paul Baran desfez essa mentira ao abordar o problema do "excedente potencial" nos países subdesenvolvidos. Trata-se do famoso "sobrepro- duto social" cuja má apli- cação dá origem à miséria. Baran enumera as seguin- tes partes do sobreproduto

social dos países subdesen- volvidos praticamente per- didas para os fundos de in- vestimentos produtivos: 1) O sobreproduto agrícola esbanjado pelos latifundi- rios (viagens luxuosas, cas- sinos, etc...) ou transform- ado em ouro e congelado em bancos estrangeiros ou não; 2) A parte do sobre- produto agrícola de que se apropriam os comerciantes e os usurários nas regiões rurais; 3) A parte do sobre- produto social remetida pa- ra o exterior através das sociedades estrangeiras; 4) A parte do sobreproduto social transformada em consumo improdutivo pelo lumpemburguesia e pela burocracia do Estado, vale dizer pela corrupção e pelo gangsterismo.

Ao lado desse sobrepro- duto social esbanjado, exis- te um sobreproduto poten- cial mobilizável em quase todos os países subdesen- volvidos e, em particular, no Brasil: o potencial do trabalho desempregado co- mo consequência do desem- prego verificado nas zonas rurais. Os estudos do pro- fessor Ragnar Nurkse são interessantes nesse capítu- lo.

E' possível discutir as implicações internacionais da implantação de uma tal experiência no Brasil. Não é possível dizer que ela é impossível, ou, sequer, muito difícil neste país — a curto prazo.

E' uma questão de cora- gem política. A política é a continuação da economia por outros meios.

Cartilha

Do Desenvolvimento

que nós precisamos é de uma política de salvação.

Salvação é importante, mas não basta. O Brasil tem desequilíbrios sociais enormes. Enquanto uns poucos levam uma vida luxuosa, de gastos suntuários, a maioria do povo mal tem com o que viver. Morrer por si só não resolve esse problema.

Por que são tão grandes os desequilíbrios no Brasil?

Veja só a distribuição da renda: 83% do povo usufrui 40%, 16% com 30% e apenas 1% (os latifundiários grandes capitalistas) ganham 30%! Outras palavras: a renda de 700.000 é quase igual a de 36 milhões de po-

como se alimentam estes 36 milhões? Muito mal. Basta dizer o seguinte: é um ser humano sub-alimentado todo aquele cuja alimentação não lhe fornece mais de 2.500 calorias diárias. Pois bem, o operário brasileiro consome em média apenas 2.000 calorias e camponês 1.800. No Nordeste, predominantemente habitada por camponeses, 67% das famílias não sabem o que é leite, 58% não bebem leite e 80% não põem ovos.

Quais são as consequências da má alimentação?

Horribéis. Para cada 100 crianças da zona camponesa morrem 24 antes de completar 1 ano. Também devido à subalimentação a esquistossomose atinge 6 milhões de pessoas, a doença de Chagas — 3 a 4 milhões, a tuberculose — 1 milhão e 200 mil e a malária 8 milhões (a maioria é de camponeses). Enfraquecido pela má alimentação, o brasileiro médio vive 42 anos, enquanto habitantes de outros países vivem em média mais de 60.

Mas esse pessoal pode progredir.

Com salários baixíssimos, o camponês não pode alimentar-se bem. Com o organismo enfraquecido e corroído de doenças, o rendimento do seu trabalho é forçosamente baixo. Prêso dentro desse círculo vicioso, as possibilidades de progresso social são

mas a vida do campo é mais saudável.

Não no campo brasileiro... A comparação entre as condições da zona rural e da zona urbana, prova que na cidade se vive muito melhor. Assim, a renda da agricultura corresponde a 27% da renda nacional e sua distribuição a 55% da brasileira, donde uma

renda "per capita" 4 vezes menor que a urbana. A assistência sanitária inexistente no meio rural, grassando as doenças decorrentes da má alimentação.

E a Educação?

Que Educação? Na zona rural, 67% das pessoas são analfabetas (na zona urbana, apenas 22%).

Mas, agora, os trabalhadores rurais têm leis sociais.

De fato, agora existe o Estatuto do Trabalhador Rural que determina salário mínimo, férias, indenização por despedida, etc. Mas quem é que cumpre? E como, se não há assistência jurídica de espécie alguma ao trabalhador rural. Ele vive completamente a mercê do latifundiário num regime semi-feudal de servidão. Outra vantagem para os trabalhadores urbanos: eles têm os sindicatos e advogados para defender seus direitos.

Isso acontece em todos os Estados?

Em todos. É claro que em alguns a situação é pior. Porque também há desequilíbrios entre os Estados. Veja só a distribuição da renda nacional por regiões: Norte — 42 bilhões de cruzeiros, Centro-Oeste — 48 bilhões, Nordeste — 204 bilhões. Leste — 652 bilhões e Sul — 952 bilhões.

Quer dizer que o Sul é mais rico?

Mais rico, tem mais dinheiro para gastar em alimentação. Daí o fato do povo no Sul ser mais saudável e viver mais. Sua vida média é de 49 anos. Nas outras regiões é mais curta: Nordeste 42 anos — Leste 40 — Centro-Oeste 39 e Norte 38. Quanto a mortalidade infantil: para cada 1.000 crianças nascidas vivas, morrem no 1.º ano 94 em São Paulo (Sul), 97 no Rio (Leste), 111 em Belém (Norte) e 243 no Recife (Nordeste).

E quanto à Educação?

O analfabetismo é o grande índice da situação educacional. Sul 43% de analfabetos, Leste 52%, Norte 60%, Centro-Oeste 67% e Nordeste 75%.

E quanto às condições de vida?

Também há desequilíbrios regionais. Norte: dos 122 municípios existentes, 25 são abastecidos de água, 5 têm rede de esgoto e 97 contam com iluminação elétrica. Nordeste: nos 509 municípios, 106 com água, 8 com esgoto, 438 com iluminação elétrica. Leste: nos 817 municípios, 552 com água, 260 com esgoto e 734 com luz elétrica. Sul: 766 municípios, 363 com água, 195 com esgoto e 661 com luz elétrica. Centro-Oeste: 185 municípios, 33 com água, 120 com luz elétrica e 2 com esgoto...

Tá certo. No Brasil há grandes desequilíbrios. Regiões ricas e regiões pobres. Elite rica e povo pobre.

No mundo também há desequilíbrios iguais. Alguns países ricos e alguns países muito mais pobres. Os países ricos são os Desenvolvidos e os países pobres — do tipo do Brasil, que representam 2/3 da população do mundo, são os Subdesenvolvidos.

Os povos dos países Desenvolvidos também têm mais saúde que o dos Subdesenvolvidos?

Muito mais. Para cada 100 crianças nascidas vivas morrem 3 nos Estados Unidos, 4 na Inglaterra (países desenvolvidos) 15 na Bolívia e 20 a 30 na África Negra (Subdesenvolvidos); Num ano, de cada 1.000 habitantes, morriam 9 nos Estados Unidos, 11 na Inglaterra, contra 25 na Guatemala e Salvador. Também nos países desenvolvidos se vive mais tempo: nos Estados Unidos a vida média é 70 anos, enquanto que na Índia, Filipinas e Paquistão é cerca de 35 anos.

Qual é a razão disso?

É porque os habitantes dos países subdesenvolvidos ganham menos e portanto se alimentam muito menos.

Assim, em 1950, a renda média por habitante era nos Estados Unidos de 1515 dólares, na Inglaterra 760, enquanto que no Brasil era de 170, na Índia 75 e na Birmaníia 36. Com esta baixa renda, a alimentação é forçosamente má. Vamos ver, por exemplo, o consumo comparativo de proteínas (alimentos protetores da saúde): O índice bom é de 80 gramas por dia. Nos Estados Unidos consome-se em média 90 gramas de proteínas contra 60 gramas no Brasil.

Na Educação o quadro deve ser o mesmo. De fato: nos Estados Unidos há 3,2% de analfabetos, contra 50,6% no Brasil e 47,8% na Venezuela. A relação entre o número de matrículas no primário e no secundário nos Estados Unidos é de 2 para 1, no Brasil de 3 para 1. Entre secundário e superior: Estados Unidos 3 para 1 — Brasil 12 para 1.

Quais são as causas desses Desequilíbrios?

Estes desequilíbrios, que prejudicam a maioria da população brasileira, constituem uma gravíssima injustiça social. Sua principal causa é o Subdesenvolvimento, ou seja o estágio econômico e social globalmente deficiente por que passa o Brasil. Para eliminar os desequilíbrios é preciso superar o Subdesenvolvimento. Mas, antes de mais nada, é preciso conhecê-lo bem. É o que esta Cartilha pretende possibilitar.

CAPITALISMO É INCAPAZ DE PROMOVER PROGRESSO

É somente devido à dominação estrangeira que os povos pobres não se desenvolvem?

Nada disso — há outras causas. Uma das mais importantes é a Estrutura Capitalista que é totalmente inadequada para assegurar a promoção do Desenvolvimento dos países subdesenvolvidos.

Por que?

Porque apresenta algumas falhas graves decorrentes do fato dos proprietários serem senhores absolutos do processo e dos resultados da produção. Em outras palavras: todos os meios de produção estão nas mãos de proprietários particulares que podem explorá-los e aplicar as rendas dessa exploração do jeito que quiserem.

Quais são as consequências negativas disso?

São, fundamentalmente, consequências sociais e econômicas. Consequências sociais: os proprietários determinam as condições gerais do trabalho sem ingerência dos trabalhadores o que muitas vezes resulta em dano para estes.

Como assim?

Por exemplo: em grande número de fazendas, os proprietários só dão trabalho aos assalariados na época da colheita. No resto do ano estes são obrigados a viver de expedientes. Nas zonas de latifúndio, como a terra só é explorada parcialmente pelos latifundiários, apenas uma parte da população tem emprego.

E quanto ao fato dos proprietários poderem dispor à vontade dos resultados da produção?

Também provoca consequências sociais negativas. Com uma tal facilidade, é claro que os proprietários guardam os lucros para si. Assim, o desenvolvimento por vezes é centenas de vezes mais lento, enquanto os proprietários ficam mais ricos, os trabalhadores podem ficar na mesma situação.

E as consequências econômicas?

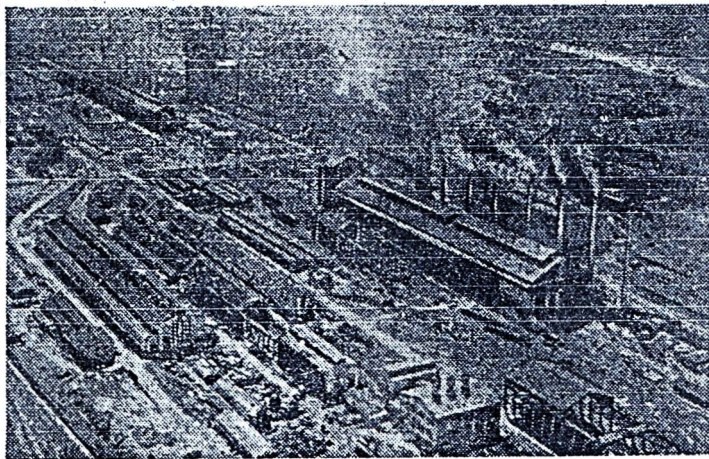
Dispondo livremente dos meios de produção e de suas rendas, os proprietários fazem com que a Economia Nacional se oriente em função de seu lucro e não dos interesses da comunidade.

Quer dizer que o lucro do proprietário nunca se identifica com o interesse social?

De modo absoluto isso não é verdade. Mas num país subdesenvolvido muitas vezes os investimentos que interessam não são os mais lucrativos. Assim uma indústria de aço, que é essencial à industrialização, não dá lucros imediatos tão compensadores quanto uma fábrica de engarrafamento de Coca-Cola...

Quais são os tipos de inversões sem interesse social?

No Brasil, os proprietários aplicam grande parte de suas rendas em especulações imobiliárias que é um setor altamente lucrativo, mas nada produtivo. Invertem, também, muito dinheiro em setores que não interessam ao Desenvolvimento e nem às necessidades do povo, em geral.



SIDERURGICA é símbolo de um progresso que o capitalismo não traz para os países subdesenvolvidos

Quais são esses setores?

Setores que não interessam ao desenvolvimento são aqueles que em nada contribuem para a superação do subdesenvolvimento — fábrica de perfumes, refrigerantes, etc. Nunca atendem às necessidades reais do povo. Existem certos tipos de indústria que, a rigor, não são essenciais ao Desenvolvimento (como a de alguns produtos alimentícios) mas que são importantes porque úteis ao povo.

Como conseguem vender bens que não atendem às necessidades do povo?

Através da propaganda. Usando as técnicas de persuasão em massa com habilidade criam falsas necessidades. Fazem com que uma operária sinta uma necessidade premente de possuir torradeiras, churrasqueiras, perfumes variados e outros bens suntuários, ainda que com sacrifício de utilidades essenciais.

Mas esses setores dão emprego a muita gente!

Está certo. Mas veja: os proprietários instalam as fábricas onde dá mais lucro e não onde elas são mais necessárias. Assim, a maioria das fábricas localizam-se em São Paulo ou que provoca uma exagerada aglomeração populacional na cidade e nos seus subúrbios. Daí uma série de problemas novos e agravamento de outros já existentes; de saúde, habitação, escola, transporte, abastecimento etc.

Onde as fábricas seriam mais necessárias?

Evidentemente no Nordeste onde dariam emprego a uma imensa população desocupada. Além disso, as compras que essas fábricas realizariam para atender às suas necessidades estimulariam grande número de atividades econômicas. Os resultados seriam a elevação do nível de vida da população (com a consequente diminuição do desequilíbrio em relação ao Sul) e o desenvolvimento da região.

De qualquer modo, o Capitalismo está desenvolvendo o Brasil!

De fato. Mas não com a rapidez

necessária para nos libertar do Subdesenvolvimento. Ainda: é verdade que até 1961 apresentamos um dos mais altos índices de desenvolvimento do Ocidente. Em 1962, porém, esse índice caiu brutalmente. E este ano ainda será pior.

Por que?

Porque, pelas razões já expostas, há desperdícios enormes da força do trabalho, desperdícios de capitais, taxas de investimentos baixa em relação ao possível e gastos suntuários excessivos. Nossa classe burguesa é, proporcionalmente, uma das que mais gasta dinheiro em artigos de luxo.

Só por isso?

Há outros fatores negativos. Não são desenvolvidos prioritariamente, através de uma disciplina rígida de investimentos, os setores mais importantes para o Desenvolvimento. Ainda mais: não há prioridade no atendimento das necessidades da população, daí os desequilíbrios entre as classes sociais e as regiões.

Esperem aí — no Brasil há planos atendendo a essas prioridades.

É verdade, mas são ineficientes. Não se procura enfrentar os problemas fundamentais para corrigir os desequilíbrios. Porque isso implicaria em suprimir os privilégios dos grupos econômicos. Pela mesma razão não há uma disciplina severa das atividades econômicas. O planejamento é influenciado pelos capitalistas, nunca pelos trabalhadores. Por fim...

Puxa, ainda tem mais?

...o planejamento é obstado pela propriedade privada irrestrita: não se pode realizar as grandes desapropriações necessárias, nem orientar de modo efetivo a Economia.

Dê alguns exemplos concretos.

O Governo pôs em prática um plano para implantação da Indústria Automobilística (que é básica para o Desenvolvimento). Mas, concedeu favores exagerados, não conseguiu que as fábricas se localizassem nas regiões onde eram

mais necessárias, consentiu que diversas normas fossem alteradas etc. Há meses atrás tentou impedir a majoração dos preços. Porém, as fábricas pressionaram e o Governo acabou cedendo...

E que mais?

Todos concordam que a Reforma Agrária é essencial para tirar o camponês da situação miserável em que se encontra. Igualmente elevaria a nossa produção e daria um mercado maior para nossa indústria (com mais dinheiro o camponês compraria mais). Ainda: eliminaria o desequilíbrio existente entre as condições de vida do campo e da cidade.

E então?

Para realizar a Reforma Agrária é necessário alterar o preceito constitucional que exige indenização à vista e em dinheiro para as terras desapropriadas. O Governo apresentou projeto nesse sentido e fez tudo para que fosse aprovado. Os trabalhadores do campo e da cidade (que são a maioria da população) também se manifestaram a favor.

O que aconteceu?

Pois bem, apesar de governo e maioria do povo serem a favor e de consultar também aos interesses do Desenvolvimento, o projeto não foi aprovado. Os proprietários são mais fortes no Parlamento do que povo, Governo e interesse nacional...

E quanto ao Plano Trienal. Era um planejamento sério, não?

Era sim. Previa a manutenção da taxa de Desenvolvimento e a eliminação gradual da inflação. Para isso era preciso o sacrifício de todos. Os trabalhadores aceitaram esse sacrifício — este ano houve pouquíssimas reivindicações de aumentos. Mas os proprietários não. Exigiram aumentos de Preços. Aumentos de financiamentos. Os cafeicultores que o Governo pagasse preços mais altos por sua produção. Idem os donos do açúcar e do algodão. E assim por diante.

Qual foi o resultado?

O resultado é que o Plano Trienal frustrou-se. Previa para 63 uma inflação de 30% e somente em 6 meses já tivemos 41%...

Mas, e o Governo Federal?

O Governo pode fazer muito pouco. Ele tem de enfrentar a pressão dos grandes proprietários e dos seus representantes que constituem a maioria na Câmara e no Senado. Tem de enfrentar a pressão dos interesses estrangeiros, apoiados pelo FMI e pelo próprio Governo americano.

E o povo, não conta?

A comunicação entre o Governo e o Povo é realizada através da Imprensa — quase toda controlada pelos proprietários... Só lhe resta falar diretamente ao povo, contando a verdade sobre tudo o que se passa no país.

Brasil, Urgente

Um Jornal do Povo a Serviço da Justiça Social

LEMBRETE

ÉIS o nosso jornal. Lector antigo. O seu jornal. O jornal do povo. a serviço da Justiça social.

Este primeiro número não reflecte ainda tudo aquilo que BRASIL, URGENTE espera proporcionar a seus leitores. Mas já se constitui numa amostra.

Nossa capa v. está vendida. É uma denúncia. Denúncia que muita gente gostaria de fazer, mas não encontra onde: os laboratórios farmacêuticos gastam mais de oito bilhões de cruzeiros em publicidade, anualmente. E graças a isso e a outros truques, empalmaram toda a Indústria nacional do ramo, acrescentando um simpático "do Brasil" a nomes complicados.

O General Osvaldo Ferreira Alves, comandante do I Exército, explica neste número de BRASIL, URGENTE porque é e sempre foi nacionalista. E diz, claramente, que essa história de alarmismos, inquietações, am e a ç a s, tudo quanto se fala por aí, tem uma causa só, resume-se num só problema: independência económica. Conquistada esta e complementada por uma justiça social autêntica, tudo será mais fácil e o Brasil seguirá tranquilo.

Frei Carlos Josaphat fala de um "diálogo por cima dos muros"; e há ainda outras coisas no seu jornal desta semana: Dorian Jorge Freire retorna ao convívio dos seus leitores; ARAÚCA recontra-se em novo estilo; o presidente da UNE explica porque é chamado de comunista, além de seções diversas, histórias em quadrinho e as charges que retratam este Brasil, Urgente, 68.

Por fim, chamam a atenção do leitor para um pronunciamento da maior importância: o cardeal de São Paulo, com a coragem e a lucidez que o caracterizam, adverte os cristãos sobre o fanatismo daqueles que, para defender privilégios, chamam de comunistas os que verberam a injustiça desses mesmos privilégios. "Também Cristo foi chamado de endemoninhado", diz Sua Eminência, comprovado por Dom Heider Câmara que afirma haver passado a "era dos bonzinhos".

REMEDIOS MATAM O BRASIL



**General Osvaldo: Intranquilidade
Decorre de Injustiça e Miséria!**

ADHEMAR: VOVÔ EM RITMO DE CAN-CAN

Raramente o povo tem oportunidade de expressar, na sua própria linguagem, o que pensa e sente em relação aos seus próprios problemas. Em geral, aparecem os que se julgam "donos" da opinião pública, sem consultá-la, dizem-se seus porta-vozes.

Visando a dar a palavra ao povo, BRASIL, URGENTE criou esta seção. Baseada em pesquisas de opinião, feitas em moldes científicos, "O Povo Diz o Que Pensa" é uma seção na qual o povo dirá o que pensa, como pensa, sobre o que pensa.

O POVO DIZ O QUE PENSA



O trabalho de campo desta pesquisa de hoje, baseada na pergunta: "Pelo que conhece do sr. Adhemar de Barros, o que na sua opinião pode vir a prejudicar o seu governo?" — ficou a cargo dos técnicos de "Entrevista — Grupo de Trabalho de Campo", que realizaram 401 entrevistas com gente de todas as classes sociais desta Capital. Já a interpretação dos resultados obtidos foi feita por especialistas.

COMO AB E' VISTO

62% da classe rica da população paulista vê com pessimismo o governo do sr. Adhemar de Barros. A classe média está dividida em pessimistas (40%) e otimistas (39%). A classe pobre tem mais otimistas (52%) do que pessimistas, acreditando num bom governo do líder peesepista. As atitudes negativas de muitos, em relação ao problema exposto argumentando com a idade do governador, são muito poucas.

Porém, nas classes ricas e médias duvida-se principalmente da capacidade do sr. Adhemar de Barros de escolher bons auxiliares, temendo-se que uma onda de imoralidade invada, num rolur inventido, toda a máquina administrativa, seduzindo desde o sêco e indisposto chefe de seção até o pobre servente.

No "retrato falado" do sr. Adhemar de Barros, ãe aparece mais com uma fisionomia de bondade do que com uma fisionomia inteligente: "O Adhemar é bom, o que estraga é a cupinchada ao lado dele." — ou então: "O Adhemar é um homem de bom coração, mas rodeado de elementos que se aproveitam da boa fé dele."

O VOVÔ E O CAN-CAN

Sendô assim, mesmo aqueles que mantêm uma atitude otimista em relação à sua administração, quando pensam no governo do sr. Adhemar de Barros, pensam numa alegre mistura de "casa de vovô aos domingos" e de cabaré numa hora de agitadíssimo can-can:

"Ninguém se entende no governo do Adhemar." E: "As coisas ficam tôdas de pernas para o ar." Ou então: "Falta ordem na administração, atrasos nos ordenados dos funcionários."

Para grande parte da população, o estilo de governo ademarista é incompatível com técnicos e especialistas em administração: "Está cercado de políticos e não de técnicos." E mais: "Podem faltar bons colaboradores, faltar assistência técnica."

Concluindo: agitação de can-can, otimismo e bondade de vovô, confusão e improvisação, parece ser a imagem mental que o povo forma do atual governo paulista.

COMO DIZ: 10 FRASES

- 1) — "Acho que ãe só pensa em ganhar dinheiro. Isso pode nos prejudicar."
- 2) — "O Adhemar é muito conservador e muito voltado para os capitalistas. Se ãe não se voltar para os problemas do povo, não fará bom governo."
- 3) — "Os maus amigos podem aproveitar-se da bondade dele."
- 4) — "Èle é conhecido como um indivíduo ladrão. Estou tão decepcionada dos políticos que mais uma decepção não seria nada."
- 5) — "O grupo político que o rodeia não quer ajudar e nem visa o interesse do povo, mas sim quer tirar proveito da situação."
- 6) — "Èle é boa pessoa."
- 7) — "Acredito que fará um bom governo, por ser idealista."
- 8) — "No anterior governo ãe gastou muito dinheiro e nada foi feito."
- 9) — "Èle tem capacidade suficiente e muita experiência pelos anos de vida e de governo."
- 10) — "Os amigos dele podem prejudicar pois fazem negociatas que ãe permite."

TABELA I		Classe rica	Classe média	Classe pobre	Total
		%	%	%	%
EXPECTATIVAS NEGATIVAS BASEADAS NA:					
1) falta de responsabilidade moral	13	4	2	4	
2) falta de competência	—	3	2	2	
3) falta de critério nas escolhas de auxiliares	36	25	4	15	
4) jogatina, prostituição livre, nomeações em massa, mentalidade conservadora ou reacionária, idade avançada, defesa da burguesia, etc.	13	8	6	8	
5) oposição política	—	3	2	2	
EXPECTATIVAS POSITIVAS BASEADAS NA:					
6) convicção de que fará um bom governo	18	39	52	44	
ATITUDES DE DESINTERESSE					
7) não responderam	18	9	18	14	
8) indiferentes à situação política	2	9	14	11	
RESUMO DA TABELA I					
		Classe rica	Classe média	Classe pobre	Total
		%	%	%	%
EXPECTATIVAS NEGATIVAS (soma dos itens 1, 2, 3 e 4)		62	40	14	29
EXPECTATIVAS POSITIVAS (item 6)		18	39	52	29
OUTRAS RESPOSTAS (soma dos itens 5, 7 e 8)		20	21	34	27

Bra
EDITO
ANO I
São I
Redaçã
Rua C
Te
CONSE
Fr. Car
Ruy do
Roberto
Alfredo
José Ra
Gilberto
Dorlan
Joalmar
Fausto
Marla C
Diretor
Roberto
Diretor
Ruy Cezi
Presad
Salu
jornal, e
discutido
ca que
tempo.
Sômen
pode ser
críticas
nosso ca
Allás,
sempre é
nosso pr
Para i
você, A
Precisam
pagar au
nos com
dorção e
Que os d
terlor no
dificulda
bradores,
minhem
de qualq
sam aux
setor: in
rações, r
publicida
conquiste
ovo acion
Enfim,
pendemos
sequeça
jornal o
Por ãs
número,
idéia do
lo que se
do da n
cerá do a
siqui tem
forço an
V. já t
eu como
sas para
reunido e
bossa idéi
bal. Foi g
suas açõe
não gamo
nos que é
nos a pri
ão se il
ssimas
zonte e,
guardam
tato em
semais oi
os dêsse
Não sej
olga prese
Até sem
VERTITA
VEN
São Paulo
Outros E

Brasil Urgente

EDITORA VERITAS LTDA.
Alameda I, No 1
Paulo, 17 de março
de 1963

Redação, Administração e
Publicidade:
Rua Cincinnati Braga, 172
Telefones: 36.5022
31.7193

CHEFE DE DIREÇÃO

Dr. Carlos Josphat
Rua do Espírito Santo
Rio de Janeiro
Alfredo C. B. Gandolfo
João Paul B. Carneiro
Cláudio Moreira
Dorival Jorge Freire
João Moreira
Eduardo Figueira de Mello
Márcia Olimpia França

Diretor Responsável:
Ruy Cesar do Espírito Santo
Dir. Administrativo:
Ruy Cesar do Espírito Santo

Falamos acionista:

Está aqui o nosso
combate, difundido,
discutido. Tudo isso signifi-
ca que ele vive há muito
tempo.

É um corpo vivo
que se preocupa com todas as
críticas e elogios como é o
caso.

Aqui pretendemos que seja
bem vivo, como o
nosso primeiro número.

Para isso precisamos de
você. Mais do que nunca.
Precisamos que termine de
pagar suas prestações. Que
nos munição o novo em-
penho em caso de mudança,
da periferia e do inter-
ior, nos procurem dada a
distância do envio de co-
rreio. Que todos enca-
minhem para cá aqueles que
querem forma nos pos-
síveis, em qualquer
informações, colabora-
ções, reportagens e ainda
publicidade. Que cada um
seja pelo menos um
acionista.

Queremos e des-
de agora de você. Não se
esqueça de que é o nosso
origem o "jornal do povo".

Este nosso primeiro
número já pode ter uma
idéia do que pretendemos e
como somos. A consolida-
ção da nossa vitória depen-
de do seu esforço como até
que dependo do es-
forço anônimo de tantos.

Você deixou uma vez
o seu nodismo ao sair de
casa para assistir alguma
coisa em que difundiamos
nosso espírito de fazer um jo-
rnal, mais generoso ao adquirir
suas ações e agora é preciso
não esquecer. Não esqueça
que é uma luta. Ganha
no primeiro batalha mas
há muitas batalhas se-
guindo e se deparam no ho-
rizonte e, para vencê-las,
guilamos sua voz, seu
estímulo em uníssono com os
seus oito mil companhei-
ros em empreendimento.

Seja V. o ausente.
Seja presente.

A empresa
VERITAS LTDA.

VENDA AVULSA
Cada número... Cr\$ 30,00
Outros Estados... Cr\$ 40,00

EDITORIAL

Este Jornal não nasceu de interesses econômicos. Não surge bafejado por grupos políticos ou financeiros. Nem brota do beneplácito de trustes, nacionais ou internacionais. Começa a existir, porque oito mil acionistas, brasileiros de todas as camadas sociais, particularmente trabalhadores e homens da classe média, estão convencidos de que se faz necessário um "Jornal livre, a serviço exclusivamente da verdade e da justiça social".

Liberdade e Verdade. Justiça. Sim e não para todos. Em todos os setores da vida deste País. Custe o que custar. Doa a quem doer.

Palavras vagas?

Não. Ideal concreto, posição realista, assumida por um Movimento que sabe o que quer.

Um jornal livre. Não desconhecemos o preço da liberdade, num mundo aparentemente liberal. Nem alimentamos ingênuas ilusões face às engrenagens, pesadas ou sutis, que estrangulam ou amordaçam os meios publicitários, escravizando-os, de maneira por vezes disfarçada mas sempre terrível, às ditaduras das forças econômicas.

Para um jornal, afirmar-se plenamente livre é necessário antes de tudo, ser economicamente independente.

Nesta convicção, estamos partindo com um capital realmente fornecido pelo povo, pois é fruto de uma subscrição popular de veras impar, não só pela sua extensão, mas ainda pela forma democrática em que se assegura aos contribuintes a participação na vida e responsabilidade da empresa. Menos difícil teria sido apelar para fontes mais abundantes e menos numerosas. Mas seria expor-nos às suas injunções, vincular-nos a compromissos, finalmente renunciarmos à liberdade. Na melhor das hipóteses, seríamos então a expressão de uma porção limitada, talvez mais generosa ou aberta, dentre os grupos econômicos.

Com a responsabilidade deste capital, limpo e honesto e mais ainda símbolo das suas aspirações mais autênticas, como o suor de nosso povo, esperamos enfrentar lealmente a concorrência, sem cedermos jamais às pressões ou às solicitações de qualquer dependência ou coloração.

Pois o nosso primeiro empenho será utilizar a liberdade para dizer a verdade. A verdade sobre os homens. Sobre as instituições. Sobre a conjuntura nacional e internacional.

Democracia é solene palavra morta, se a opinião pública não é bem informada. Pior ainda, se é deformada.

Distinguindo nitidamente a sua dupla função, informativa e opinativa, BRASIL URGENTE não será omissa nem neutro diante das causas nacionais, continentais, internacionais ou humanas. Mas saberá manter-se objetivo na apresentação dos fatos, por mais relevantes ou apaixonantes que sejam. Por que nos irmanar aos que imaginam ou apregoam quer infernos quer paraísos no lado Oriente ou do Ocidente? Renunciando à mania dos mitos da direita e da esquerda, procuraremos levar ao conhecimento dos leitores os dados, os números e os fatos que eles têm de veras: vontade e necessidade de saber. Quais as reais condições de trabalho e qual o nível de vida do Nordeste Brasileiro, o que vem a ser a Reforma Agrária de Fidel Castro, que tem realizado a Aliança pelo Progresso, qual a originalidade do socialismo iugoslavo, ou qual o significado do cooperativismo nos países escandinavos. Honestas reportagens deste tipo não hão de faltar em nenhum de nossos números. Se isso é ser esquerda, somos esquerda.

Mais ainda nos empenharemos em descrever — com rigor, quem nos dera que matemático — a atividade ou inatividade de nossas câmaras municipais, das assembleias, das casas e comissões do Congresso, dos poderes executivos e judiciários. Indicando falhas. Apontando inércias ou improvisações. Aplaudindo iniciativas — ou medidas acertadas. Sem parcialidades, sem personalismos, sem discriminação de correntes partidárias.

Com a mesma isenção e a mesma objetividade, estaremos presentes ao mundo trabalhista e acompanharemos as atividades sindicais. Confiamos poder proclamar: Trabalhador, aqui está o seu Jornal! Tudo fará em vista de valorizar os líderes autênticos. E dar franco e total apoio às campanhas e reivindicações justas. Como a dos Trabalhadores da "Perua", por exemplo.

No plano social, a Justiça é irmã inseparável da Verdade e da Liberdade.

Lutar com lucidez e coragem pela Justiça Social ha de ser o terceiro aspecto complementar de nosso programa. Divulgaremos sempre as grandes linhas da doutrina social cristã, tal qual vem compendada em Documentos como a Encíclica Mater et Magistra do Papa João XXIII. Mas a doutrina deve ser confrontada com os fatos e a eles aplicada. Daí a necessidade da análise destemida e profunda do atual processo de desenvolvimento brasileiro, em seu conjunto e em suas peculiaridades, em suas características regionais, bem como em suas implicações continentais e internacionais.

Batalhar pelo racional aceleramento de nossos desenvolvimentos. Denunciar suas distorções. Jamais silenciar as desigualdades existentes na repartição de suas vantagens e de seus encargos entre as diversas classes, as regiões e os setores produtivos do País. Incentivar o estudo honesto e consciencioso dos problemas técnicos e humanos quer da indústria quer da agricultura, dispensando particular atenção às aspirações dos trabalhadores das cidades e dos campos. Ser igualmente o pronto veículo para difusão das pesquisas e estudos já realizados. Em uma palavra: estimular em todas as camadas a fonte de justiça, e voltar-lhes constantemente os olhos para a realidade e as possibilidades de desenvolvimento brasileiro — tal o empenho de BRASIL URGENTE.

Milhares de brasileiros uniram seus esforços para que semelhante Jornal fosse possível.

Muitos milhares de outros, do Norte e do Nordeste, do Centro, do Oeste e do Sul, a nós se juntarão para que ele cresça e exerça sua missão construtiva e, por isso, revolucionária, porque será um Jornal livre, um Jornal do Povo, a serviço da Verdade e da Justiça Social.

Enfrentando (e vencendo) a barreira de silêncio que se levanta em torno do problema, Roberto Freire, que além de jornalista é médico, conseguiu penetrar nos bastidores das atividades das indústrias farmacêuticas do Brasil. O que ele trouxe de lá, são dados verdadeiramente estupefacentes. Até hoje, nenhum jornal brasileiro levou ao conhecimento do pú-

blico o processo pelo qual mais de 85 por cento daquelas indústrias se tornaram estrangeiras, a quanto se elevam os seus fabulosos lucros e jamais divulgou quantos bilhões são enviados para fora do País através delas. BRASIL, URGENTE o faz, demonstrando como

Remédios Matam o Brasil

Em janeiro deste ano, foi criada pelo Governo Federal, uma Comissão de técnicos para o estudo da situação em que se encontra a indústria farmacêutica no Brasil. Na semana passada, o relatório dessa Comissão foi apresentado à apreciação do presidente da República. Não foram divulgados os nomes desses técnicos, nem a que resultado chegarem seus estudos, pois, segundo consta é intenção do Governo Federal, face a esses dados, tomar medidas urgentes que visem não só a controlar e disciplinar, de modo mais eficaz a política de preços dos laboratórios farmacêuticos, mas, sobretudo criar meios para uma reforma profunda na estrutura dessas empresas.

O povo acompanha com especial interesse a divulgação dos dados desse relatório, e com grande esperança, as medidas governamentais, que os mesmos poderão sugerir.

BRASIL, URGENTE, reuniu e nesta reportagem, alguns dados de diversos estudos já realizados no País, mas quase todos desconhecidos do Público.

A DESNACIONALIZAÇÃO

Os primeiros laboratórios farmacêuticos do Brasil datam de pouco mais de 60 anos. Citaremos alguns de seus nomes, sobretudo para serem comparados com os que hoje existem: Fontoura, Silva

Araújo, Orlando Rangel, Xavier, Moura Brasil... Foi da França, logo depois da primeira Grande Guerra, que iniciamos as importações das primeiras especialidades farmacêuticas.

A incipiente indústria brasileira de medicamentos procurou, através das autoridades, a proteção contra essas importações, por meio das barreiras alfandegárias e cambial. Como a venda das especialidades farmacêuticas está ligada a questão de marca, a indústria estrangeira não podia perder o grande mercado em que então já se constituía a importação brasileira de remédios. Para contornar essa dificuldade e ganhar tempo, os estrangeiros importavam seus produtos semi-acabados ou a granel, para depois aqui finalizá-los. Burlavam, assim, nossas leis da época, transformados que estavam em revendedores atacadistas, dentro do País, os grandes importadores das famosas drogarias.

Com o correr do tempo, conseguiram o que realmente almejavam, graças à complacência da legislação especializada em Saúde Pública: os fabricantes estrangeiros aqui se estabeleceram através de subsidiárias locais. Suas "fábricas" até hoje, apenas embalam e acondicionam aqui, a maioria dos produtos. Dessa forma, começou a luta desigual e fatal para a indústria farmacêutica brasileira.

"Como concorrer com a indústria

estrangeira, técnica, científica, econômica e financeiramente em condições operacionais infinitamente melhores? Como concorrer se, além dos mercados internos próprios mais importantes, nos seus países de origem, todos eles tinham, em maior ou menor escala, bons mercados de exportação, que lhes permitiam diluir maiores despesas e amortizar, mais rapidamente, os investimentos necessários?" — pergunta Jean Furke em seu relatório de 1961 sobre a situação da Indústria Farmacêutica no Brasil.

Diante dessa luta desigual, dessa concorrência desleal, foram os industriais brasileiros obrigados a aceitar o processo progressivo de absorção pelo capital estrangeiro, até a atual quase completa desnacionalização. Esse processo foi inicialmente lento e eufêmico, mas progressivo, através de associações, consórcios e fusões, entre as grandes firmas estrangeiras e as relativamente fracas e incipientes firmas brasileiras. O resultado da partilha aí está: em 1960, cerca de oitenta e cinco por cento das indústrias farmacêuticas no Brasil pertenciam ao capital estrangeiro. Com todas as facilidades, sobretudo as que lhe confere a Instrução 113 da SUMOC, a indústria de medicamentos no País ocupava, em 1959, o 7.º lugar em faturamento, entre todas as congêneres no mundo capitalista, passando, já em 1960, para o 6.º lugar. Neste ano, os 417 laboratórios existentes, venderam cerca de 40 bilhões de cruzados em medicamentos.

Quanto à percentagem de participação do capital estrangeiro na indústria brasileira, graças a todas essas manobras e facilidades, a indústria farmacêutica só perde para a de montagem de máquinas e sistema, e a de distribuição de petróleo.

Esse processo progressivo de absorção dos laboratórios brasileiros e a ascensão fabulosa do lucro dos estrangeiros é evidente quando se observa as vendas em cruzados e o número de laboratórios existentes, de 1953 a 1960. A queda do número de laboratórios se explica pela absorção dos nacionais pelos estrangeiros que aqui já estavam, ou que vieram a se instalar. Deve-se observar ainda que, datando de 1955 a Instrução 113 da SUMOC, (que deu todas as facilidades ao capital estrangeiro, para absolver o nacional), a partir de 1956, e sobretudo em 1957, que tiveram início as instalações mais importantes dos laboratórios estrangeiros no País.

Para se ter uma idéia da distribuição de seus lucros, apresentamos a relação, dos laboratórios que em 1960, venderam mais de 100 milhões de cruzados em medicamentos. Deve-se notar, que segundo os perfis, um laboratório que não faturar mais de 100 milhões por ano, não poderá subsistir. Em 1960, dos 417 laboratórios,

apenas 68 conseguiram atingir essa cifra. Dessa forma, nestes primeiros anos, apenas os grandes monopólios internacionais estarão instalados no Brasil, ou seja, apenas o capital estrangeiro explorará a fabricação e venda de medicamentos. É fácil imaginar o que isso significa em evasão de divisas e impossibilidade de controle e fiscalização, dos mesmos pelas autoridades brasileiras.

A FARSA

Para melhor se entender o que quer dizer o adjetivo "do Brasil" nos nomes dos laboratórios estrangeiros, daremos dois exemplos da forma pela qual está unido com elas o capital nacional. Segundo declarações do Sr. Benjamin Cabello, em 1959, o Brasil em 1957 tinha 530 laboratórios, mas em 1959, esse número baixou para 429, desaparecendo, portanto, em dois anos, 101 empresas farmacêuticas nacionais, a maioria por falta de crédito bancário, outras por fusão com empresas estrangeiras, a fim de obter os favores de importação de máquinas, favores esses só concedidos a capitalistas estrangeiros pela Instrução 113 da SUMOC. O Laboratório Fontoura, de São Paulo, associou-se ao americano Wyeth, atualmente as Indústrias Farmacêuticas Fontoura-Wyeth S/A, são uma empresa mista norte-americano-brasileira, cujo capital de 220 milhões de cruzados está assim dividido: 60% norte-americanos; 40% brasileiros. Outro exemplo importante é o da farsa da pseudo-desnacionalização realizada pelo laboratório norte-americano Warner. Seu capital era de 425 mil dólares. Número de ações: 17.000. Desse 145 mil dólares de capital a "Warner Lambert Pharmaceutical Corporation" (dos EUA) tem 424.650 dólares. Os outros acionistas reunidos, subscreveram 350 dólares. Das 17.000 ações em que se divide a sociedade, a parte norte-americana tem 16.986, e os outros tem apenas 14 ações...

Ainda sobre a distribuição dos capitais nacional e o estrangeiro na indústria farmacêutica "do Brasil", convém ressaltar que, em 1957, só possuíamos, do total, apenas 18,5%. Quanto será que nos resta em 1963?

REMESSA DE LUCROS

O capital estrangeiro aplicado na Indústria Farmacêutica obtém e amplia seus lucros, pelo aumento progressivo de vendas. Esse capital aqui investido, ainda cresce quando cobra "know-how", isto é, técnica, e quando se lhes paga "royalties", pelo uso de fórmulas e patentes. Os Laboratórios que se afirmam ainda brasileiros, como o Pinheiros, por exemplo, tem seus lucros progressivamente absorvidos por pagamentos do "royalties" e "know-how", pois para concorrer com os estrangeiros, é obrigado a adquirir fórmulas e patentes no Exterior, bem como as técnicas de acabamento. Uma das comissões de sindicância encarregadas de estudar a situação da indústria farmacêutica no

(Segue)



6

DIVISAS VÃO EMBORA NO PAGAMENTO DE "ROYALTIES"

Brasil apurou que, sob a forma de "royalties", modalidade de dedução, não recolher Imposto de Renda sobre os pagamentos às matrizes estrangeiras, no ano de 1960, quase 19 bilhões de cruzeiros, ou seja, quase o dobro da receita do Ministério da Saúde em 1959.

Se, em média, o lucro líquido desses laboratórios estrangeiros? Sem uma investigação oficial de sua origem e independente, é muito difícil responder a essa pergunta, pois, em grande parte, se ignora o valor registrado como capital ingressado no País, e mesmo muitas vezes as estrangeiras não têm sequer o seu capital registrado.

O capital dessas empresas entra no Brasil sob a forma de dinheiro, máquinas, técnicas, patentes; não se pagam impostos sobre lucros superiores a 100% do capital empregado. Um pediatra brasileiro, o dr. Agostinho Marques, denunciou que, em 1956 a Pontoura-Wyeth lucrou 15% e a Merck 280%. A quanto montarão esses lucros hoje? E qual seu destino? Na sua maioria drenados para o país de origem, descapitalizando-se o Brasil; muitas vezes, os lucros ficam provisoriamente aqui, considerados como capital, rendendo juros estratosféricos.

TRUSTE: IMPOSIÇÃO

O dr. Mário Victor de Assis Pacheco, de cujo trabalho são extraídos muitos dos dados desta reportagem, comentando até que ponto são honestos esses lucros, afirma: "É difícil saber em face das constantes manobras de superfaturamento na importação de matérias primas, no pagamento de técnicas, insumos e de "royalties" indevidos. Empresas há que obtiveram lucros sem nunca terem ingressado com qualquer capital; graças a instrução 113 da SUMOC, a empresa importava máquinas, sem cobertura cambial e associava-se ao empresário brasileiro. A máquina importada representava o capital fictício do estrangeiro, numa determinada quota de participação e, dentro dela, este recebia sua parte de lucro e o remetia para o Exterior. Absorvidos os nossos laboratórios a indústria farmacêutica estrangeira, monopolizando o mercado, está em condições de impor preços cada vez mais altos, em prejuízo do consumidor nacional, o qual não terá outra alternativa, senão pagar pelo preço que os trustes impuserem, e os médicos só resistir, o que eles (os trustes) quiserem."

Quanto aos preços dos medicamentos no Brasil, convém salientarmos que, em 1959, a COFAP baixara o preço congelando os preços dos medicamentos que, entretanto, foram aumentados em 500% e mais. Os lucros das indústrias farmacêuticas, neste ano, nos anos de 1958, 59 e 60 foram os mais compensadores, recentemente, abre-se nova frente de luta entre os laboratórios farmacêuticos e o povo, pretendendo aqueles lucros e vultuosos aumentos. A COFAP não permitiu por enquanto. Para justificar suas pretensões de aumento de preços, em 1960, a indústria farmacêutica encomendou um estudo sobre as suas "dificuldades" no País. Nesse trabalho, quando é analisado o custo médio de produção dessas empresas, apresenta-se o lucro líquido final de 4%

"ROYALTIES" INDEVIDOS

Sobre o processo de utilização de "royalties" e "know-how", por parte da indústria farmacêutica no Brasil, transcreveremos o que inseriu o dr. Mário Victor de Assis Pacheco, em seu trabalho "Desnacionalização da Indústria Farmacêutica Brasileira".

"O "royalty" que pagamos pelo uso de sais, fórmulas, ou máquinas patenteadas é legal; o empresário nacional desconta de seus lucros, que ficam no Brasil, o "royalty" que remete para o descobridor do sal ou da fórmula. Este pagamento do "royalty" não é eterno, pois o aditivo prevê prazos para um país pagar "royalties" a outro; o Brasil é signatário de uma convenção realizada em Genebra, sobre pagamento de "royalties" pelo uso de patentes.

E o que será o "royalty" indevido, que pagamos em larga escala? As empresas farmacêuticas vendem, no Brasil, remédios cujas fórmulas pertencem a outros laboratórios de seu país ou a países diversos e descontam de seus lucros, no Brasil, o "royalty" pago ao outro laboratório de seus países, ou do país diferente. Vou exemplificar: 1) SQUIBB fabrica alguns produtos no Brasil e remete "royalties" para SANDOZ na Suíça e para UPJOHN COMPANY, de Michigan, nos EUA; 2) JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL fabrica aqui remédios de cujos lucros remete "royalties" para CILLAG, na Suíça; 3) PROQUIFAR, dos lucros de remédios aqui vendidos como fabricados no Brasil, remete "royalties" para FARMITALIA, do grupo Montecatini, de Milão, Itália, o mesmo fazendo CARLO ERBA do Brasil, que remete "royalties" para CARLO ERBA, de Milão; 4) EVANS DO BRASIL, subsidiária de empresa norte-americana, remete "royalties" para EVANS MEDICAL, de Londres; 5) O Laboratório inglês GLAXO fabrica produtos em Niterói. De seus lucros, envia "royalties" para ALLEN HANBURY'S, de Londres; 6) ORGANON DO BRASIL remete "royalties" para N. V. ORGANON OSS, da Holanda; 7) Laboratórios BYK descontam, de seus lucros "royalties" que remetem para CHEMISCHE WERCK ALBERT, de Wiesbaden, na Alemanha; 8) A OHIMICA MERCK DO BRASIL remete "royalties" para KNOLL LUDWIGSHAFEN, na Alemanha; 9) HAE-MODERIVADOS S/A remete "royalties" para OSTERREICHISCHE INSTITUT FUER HAEMODERIVATE, de Viena, Áustria; 10) MEYER CHEMICAL COMPANY DO BRASIL remete "royalties" para MEYER CHEMICAL COMPANY, de Detroit, EUA. 11) WEMACO remete "royalties" para KETO LABORATORIES CHEMICAL, de Nova York; 12) ELLI LILLY remete "royalties" para UPJOHN COMPANY de Michigan nos EUA.; 13) SILVA ARAUJO ROUSSEL S/A remete "royalties" para SCHENLEY DE INDIANA, EUA.; 14) WARNER remete "royalties" para WARNER LEMBERT PHARMACEUTICAL CORPORATION nos Estados Unidos.

Vimos, com exemplos que poderiam ser multiplicados, como empresas estrangeiras situadas na Alemanha, Áustria, Suíça, Itália, Holanda, França, Inglaterra e EUA, recebem de outras empresas estrangeiras, algumas suas subsidiárias, os nossos cruzeiros transformados em dólares; e vimos, ainda, como as empresas estrangeiras diminuem e sonham o pagamento de impostos, descontando de seus lucros, os "royalties" que remetem, tudo se processando de acordo com o programa que preside o funcionamento dos grandes trusts e cartéis.

Além dessa evasão de dólares em "royalties" indevidos, remetidos para o Exterior, os laboratórios ainda sonham impostos, deduzindo de seus lucros vultuosos, técnicas ("know-how") que jamais foram ministradas. Sabemos que a imensa maioria dos laboratórios com "fábricas" no Brasil, aqui nada fabricam; repetimos que as despesas com pesquisa e técnica eles fazem em suas pátrias de origem. Nós reclamamos realmente de técnica e estamos dispostos a pagar, mas, só nos interessa técnica real e não fictícia."

SUPERFATURAMENTO

Conforme nos oferece a própria indústria farmacêutica, o custo com a matéria prima, relacionado com os demais custos de produção era de 18% em 1959. É, justamente, no custo de importação da matéria prima onde, graças à já provada manobra do superfaturamento, que ocultam grande parte de seu lucro, aumentando artificialmente seu custo de produção. Por superfaturamento entende-se o seguinte: da matriz no Exterior ou de seus associados, o laboratório estrangeiro que opera aqui, obtém faturas de compra com um preço superior ao daquele que realmente pagou; contabilizado esse custo artificial demonstra lucro pequeno, o que lhe justificaria, entre outras coisas, elevar progressivamente o custo dos medicamentos.

No Brasil, embora conhecendo essa manobra, não se dispôs o Governo a denunciá-la, como fez, por exemplo, nos EUA, o senador democrata Kefauver, do Tennessee; em 1959, que moveu intensa campanha contra os trustes norte-americanos e estrangeiros de medicamentos. A repetição aqui, de alguns dados de seu estudo e denúncia, serviria, inclusive, de estímulo e exemplo para os nossos senadores democratas.

Kefauver proycou que a SCHEERING CORPORATION obteve um lucro de 1.118% na venda de um dos seus produtos — a Prednisona, droga antiartrítica. Verificara o senador norte-americano que um frasco de 100 tablets era vendido a US\$ 17,90, enquanto o custo da compra da matéria prima do outro fabricante e sua manipulação, custavam US\$ 1,57. A revista "Business Week" de 21 de março de 1960, informa que existiam diferenças de pre-

ços de até 7.000% entre o custo da matéria prima de alguns produtos farmacêuticos e o preço pago pelo consumidor americano nas farmácias.

Em concorrências públicas realizadas pelo Governo norte-americano, para a compra de medicamentos, houve firmas que cobraram do Governo 26 dólares e 63 centavos por 1000 comprimidos de um produto que era vendido ao consumidor por 175 dólares. Outra, por 25 dólares e 80 centavos, 1.000 comprimidos de outro produto, que vendia ao povo norte-americano por 175 dólares.

O técnico Sidney Margolius revela no número 15 de "Labor Fact Book", que o consumidor norte-americano é obrigado a pagar 40 a 50 centavos de dólares por uma cápsula de "TETRACICLINA", embora seu custo para a indústria fosse apenas de 2 e meio centavos de dólares.

Da mesma forma com que o governo americano, seus senadores e alguns técnicos, puderam apurar tais fatos, na sindicância realizada, o governo brasileiro, assessorado por seus parlamentares e técnicos, o poderão também. Tomemos o exemplo da "TETRACICLINA", que era vendida com um lucro de cerca de 2.000% nos EUA. No Brasil, obviamente esse lucro não poderia ser menor.

Entretanto, tente alguém, sem os recursos oficiais, verificar o real preço do custo dos medicamentos vendidos no Brasil. Encontrará uma terrível barreira de silêncio, tanto aqui na Indústria farmacêutica, como nos meios oficiais responsáveis pelo consumo das importações. Estamos informados que, no momento, em sigilo, um técnico brasileiro estuda o custo real de fabricação e distribuição dos analgésicos e antitérmicos à base do ácido acetil salicílico. Os dados pensosamente obtidos, já fazem supor um lucro igual ou superior a 1000%. O mesmo terá de ser feito com os antibióticos em geral, com as vitaminas e os hormônios, que constituem, em conjunto, mais da metade do total de produtos farmacêuticos vendidos no Brasil.

PROPAGANDA

A comparação dos dados expostos com os que daremos a seguir, uma conclusão, se nos impõe: é o povo, com toda a sua pobreza, que financia os custos de publicidade na concorrência entre os laboratórios estrangeiros no Brasil. Adiantemos alguns dos dados como introdução ao problema: Em 1958, do total das vendas de remédios no Brasil, o custo da propaganda atingiu a 30%. No mesmo ano, as demais empresas industriais, do seu total de vendas, gastaram em propaganda apenas 1,84%. Vê-se assim, que a indústria far-

(Segue)

DITO BILHÕES DE PUBLICIDADE PARA IMPINGIR DROGAS AO POVO

prática no Brasil, em 1958, deu em publicidade 15 vezes mais que o conjunto das demais indústrias. É claro, com o monopólio obtido, tenta ressarcir-se dessas despesas, e o aumento do preço de seus produtos.

No ano de 1959, os laboratórios estrangeiros gastaram 8 bilhões de dólares em propaganda médica, ou seja, cerca de 34% sobre o movimento de vendas.

TÉCNICA — KNOW HOW
dados fornecidos pelo Professor Roberto Palm — Conferência no ISEB em 1961.

Título	Firmas
— Importação e Exportação	542
— Escrit. de Administração e Comércio Imobiliário	71
— Sociedade de Financiamentos	25
— Bancos	18
— Companhias de Seguros	54
— Transporte Turismo	53
— Contabilidade e Estudos	6
— Decorações — Hotéis	9
— Aluguel de Toalhas	44
— Indústria	
— Tecidos W	
— Perfumes	
— Cosméticos	
— Sorvetes e Refrig.	
— Beneficiamentos de Alimentos	
— Graça para Calçados	
— Calçados	209
— Cremes de Barbear	
— Pastas de Dentes	
— Imóveis	

No que, realmente, se aplicou todo esse dinheiro? Propaganda médica inclui: salários de propagandistas viajantes, sua preparação técnica, prêmios, comissões, despesas de viagem, controle de sua produção, material de trabalho (impressos e amostras grátis), publicações científicas, dotações para congressos, convenções e doações interessadas a obras de caridade em que estão envolvidos médicos. A distribuição desse custo em 1959, foi em média a seguinte:

	milhões
Propagandistas e viajantes (salários, despesas e material)	Cr\$ 6.680
Impressos	Cr\$ 400
Revistas médicas	Cr\$ 108
Contribuições — Homensagens	Cr\$ 20
Preparação, controle de Propagandistas, Convenções, etc	Cr\$ 1.080
	Cr\$ 8.388

Todo esse trabalho visa a fazer com que os médicos prefiram, entre vinte produtos semelhantes, o que melhor e mais eficazmente lhe for promovido pela técnica de persuasão do propagandista, pela impressão que lhe causar o "lay-out" dos panfletos, pelo número de amostras grátis, pelo laboratório que lhe der bolsas de estudo, que patrocinem congressos, que lhe enviar grátis revis-

tas científicas, que mandar imprimir para ele, grátis, receitas, folhetos, etc. Isto é, o médico, segundo a intenção profunda e verdadeira do laboratório, vai escolher o medicamento cujo nome e apresentação penetrar seu subconsciente — cuja promoção substituir suas falhas em conhecimento de farmacologia e terapêutica. Em alguns casos, quando o laboratório comprar sua consciência profissional com presentes, facilidades e chantagens.

Enfim, a realidade é esta: o povo é que pagou, em 1959, esses 8.300 milhões de cruzeiros, ao adquirir compulsoriamente os medicamentos de que teve necessidade. E para que? Para que as 417 firmas estrangeiras no Brasil, disputassem entre si, diante dos médicos, a sua preferência, por produtos semelhantes. Não é justo, e, até certo ponto, faz a paupérrima economia do povo brasileiro, tal fato se constitui um crime. O povo é quem paga o preço da livre iniciativa do capital estrangeiro no Brasil, espoliando, inclusive, pela remessa abusiva de lucros, a economia nacional.

PARTICIPAÇÃO DO CAPITAL ESTRANGEIRO NA INDÚSTRIA BRASILEIRA

INDÚSTRIAS	PERCENTAGEM
1 — Ferro e Laminados	50%
2 — Indústria de Carnes	50%
3 — Produção e Comércio do Trigo	50 a 70%
4 — Indústria Têxtil e de Algodão	56%
5 — Cimentos	60%
6 — Energia Elétrica	72%
7 — Produção de Aço	80%
8 — Cigarros	80%
9 — Borracha	80%
10 — Ind. Farmacêutica	88 a 90%
11 — Montagem de Máquinas e Veículos	98%
12 — Distrib. de Petróleo	100%

DESTINO DOS LUCROS DAS VENDAS DE 1957

Nacionalidade das Firmas	Porcentagem
Firmas Brasileiras	18,4%
Firmas Norte-Americanas	46%
Firmas Francesas	11,9%
Firmas Italianas	8,2%
Firmas Suíças	7,1%
Firmas Alemãs	6%
Firmas Inglesas	1,2%
Outras Firmas	1,2%

— X —

Capitais Norte-Americanos	46%
Outros Grupos Estrangeiros	35,5%
Capitais Brasileiros	18,5%
	100
Materia prima	18,0
Materia de acondicionamento	8,0
Manufatura	16,0
Distribuição	9,5
Promoção de vendas	10,0
Propaganda	8,5
Administração	12,0
Impostos e taxas (Fed., Est., Mun. e Cons.)	7,5
Lucro bruto	10,5
	100,0

Nota: Ao deduzir do lucro bruto — 10,5% — o imposto de renda, ou seja em média 3,1%, resulta um lucro líquido final de 7,4%.

EMPRESARIOS CRISTAOS:

APÓIO TOTAL AO SALARIO-FAMILIA

O Congresso Nacional inicia sua V Legislatura sob intensa expectativa da nação, e entre os numerosos e importantes projetos instituintes as chamadas reformas de base, os parlamentares examinarão o de nº 3.628-61, de autoria do deputado Franco Montoro, que estabelece o salário-família para todos os trabalhadores. A esse respeito, a reportagem de BRASIL, URGENTE ouviu o sr. Ernesto George Diederichsen, presidente da Associação de Dirigentes Cristãos de Empresas.

Trata-se de um projeto de magna importância pelas enormes repercussões de ordem social e econômica, disse-nos o sr. Diederichsen, e sua aprovação impõe-se porque contribuirá para a melhora das condições de vida dos que produzem para o engrandecimento de nossa terra. Não se trata de medida original brasileira, acrescentou, sem o apoio da experiência e de estudos justificativos, mas, ao contrário, o salário-família é uma instituição consagrada em 32 países, tanto desenvolvidos quanto subdesenvolvidos, e está fadado a se constituir em tendência universal nas iniciativas de apoio ao trabalhador.

RECEIOS INJUSTIFICAVEIS

Por outro lado, proseguiu o sr. Diederichsen, não procede a preocupação dos que admitem que o salário-família seja um fator de acréscimo da natalidade em uma população em sensível "explosão demográfica", pois as altas taxas de natalidade se encontram precisamente nas famílias e novos de maior índice de pobreza. E, à medida que se elevam os padrões econômicos, também se elevam os padrões culturais, assim como, por um processo lógico, se encaminha a regularização do crescimento populacional.

Outro receio, às vezes apontado por pessoas que temem a aprovação do projeto — acrescentou — é de que ele provoque a demissão dos empregados com maior número de filhos. Isso, entretanto, é totalmente infundado.

VANTAGENS

Explicou ainda o presidente da ADCE que o projeto prevê, ademais, que o benefício será pago a cada trabalhador proporcionalmente ao número de seus filhos e diretamente do empregador ao empregado, eliminando-se com isso qualquer demora no pagamento. O projeto apresenta ainda outras vantagens, pois permite uma melhor redistribuição da renda nacional nas diferentes camadas sociais, o que se torna especialmente benéfico num período inflacionário, como o que vivemos.

LABORATORIOS QUE VENDERAM MAIS DE 100 MILHÕES DE CRUZEIROS EM 1960

Firmas	Milhões de Cr\$	Firmas	Milhões de Cr\$
— Pfizer	1.500	35 — Cilmax	300
— Laboratório Bristol	1.360	36 — Upjohn	300
— Seara	1.350	37 — De Angeli	295
— Oliba	1.080	38 — Eno Scott & Bowne	280
— Fontoura-Wyeth	1.050	39 — Warner	280
— Laboratório Imidas	980	40 — Sandoz	270
— Rhodia	980	41 — Mead Johnson-Endochimico	260
— Squibb	945	42 — Organon	250
— Sydney Ross-Wintrop	830	43 — Lutécia	250
— Parke Davis	815	44 — LPB	245
— Pinheiros	810	45 — Millet Roux	240
— Schering	780	46 — Sintético	235
— Lepetit	765	47 — Carlo Erba	230
— Roche	750	48 — Laboran-Franco Velez	220
— Bayer	600	49 — Leo	215
— Andromaco	585	50 — Wander	210
— Lafal	560	51 — Schilling Hillier	200
— Torres	500	52 — Lorenzini	195
— Hoechst	405	53 — Haemo Derivados	190
— Medicamenta	490	54 — Gross	180
— Merck-Sharp & Dohme	490	55 — Phymatosan	175
— Abbot	485	56 — Berlimed	175
— Johnson & Johnson	440	57 — Wadel	160
— Cyanamid-Lederle	440	58 — Vick	160
— Frayz-Recordati	420	59 — Espasil	145
— Merck do Brasil	395	60 — Krinos	140
— Proclenx	380	61 — Glaxo (Evans)	135
— Vicente Amato-Usufarma	365	62 — Wemaco	130
— Moura Brasil — Orlando Rangel	330	63 — Isa	125
— Lilly	330	64 — Panulmica	120
— Maurício Villela	320	65 — Baldacci	120
— Proquifar	320	66 — Byk	120
— Enlla	310	67 — Biosintética	120
— Geigy	300	68 — Merrell National Moura Brasil	100

page milh
tos a
giênt
três
graço
freq
rário

tes s
reivi,
postc

Os
"Jap
"Car
Celu
na d
mava
que,
sos, e
garr
O
men
1,0
casa
inici
ativ
asiu
que
fiaz
N
res,
cord
aum
êla l
ses
pria
18 r
part
flagr
fator
casa
tean
das
part
voit
so e
priz

L
dor
naç
gad
sus

PERUS! GREVE E GUERRA!



Realizando o movimento reivindicatório mais longo da história do País, os operários da Cia. Brasileira de Cimento Portland Perus, de São Paulo, Gato Preto e Cajamar continuam em greve após completarem dez meses consecutivos de paralisação. Esse movimento foi classificado, pelo próprio líder operário da categoria, João Breno Pinto, presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Cimento, Cal e Gesso, como uma "greve que se transformou numa guerra".

BRASIL, URGENTE, nesta reportagem, focaliza o movimento, demonstrando, através de um histórico da greve e da palavra dos seus líderes, as razões que levaram os operários a organizar uma "paredão" de tal duração e que teve o seu momento culminante e mais dramático quando trabalhadores e suas mulheres iniciaram, em plena praça pública, no Natal do ano passado, uma greve de fome que durou vários dias.

O grupo industrial de J. J. Abdalla tornou-se famoso por ser mau pagador e mau cumpridor de seus deveres, burlando as leis em geral. Deve milhões ao IAPI e cerca de meio milhão ao Governo do Estado, só em impostos atrasados da Perus. Não respeita os mais elementares princípios de higiene e segurança do trabalho em suas fábricas e costuma atrasar, um, dois, três ou mais meses no pagamento de salários. Sómente no caso da Perus, graças à união dos trabalhadores, é que os salários eram pagos em dia, frequentemente, após o fim da jornada de trabalho, sendo que muitos operários tinham de esperar desde as 16 horas até meia-noite.

Objetivando obrigar o empregador comum a cumprir a lei, os dirigentes sindicais se uniram, enviaram ofício a J. J. Abdalla pedindo que suas reivindicações fossem atendidas dentro de certo prazo e, não obtendo resposta, deflagraram a greve de 3.500 homens, no dia 14 de maio de 1962.

REIVINDICAÇÕES

Os trabalhadores da Fábrica de Tecidos "Japy", de Jundiaí, da Fábrica de Papel "Cartoca", de São Paulo, da Cia. Paulista de Celulose, ("Copase"), de Gato Preto, da Usina de Açúcar "Miranda", de Pirajuí, reclamavam todos contra o atraso no pagamento que, na última empresa, era de quatro meses, exigindo não só o pagamento em dia, mas garantia de futura pontualidade.

O pessoal da Perus reivindicava o pagamento dos 5% do seu salário retidos desde 1º de outubro de 1960 para a construção da casa própria, cujo loteamento sequer fora iniciado; pagamento do prêmio produção coletivo, pagamento dos 10% referentes à inatividade e o registro de 70 empregados que há anos trabalhavam sem carteira profissional.

No caso da casa própria, os trabalhadores, mediante contrato coletivo, haviam concordado em deixar com o empregador 5% do aumento de salário, com a condição de que ele lotearia e entregaria, no prazo de 8 meses, uma área para construção da casa própria para os operários. Passaram-se mais de 18 meses e o empregador não cumpriu sua parte do contrato. Poucos dias antes da declaração da greve, ele chamou os chefes, isto é, os poucos trabalhadores que tinham casa própria para dizer que não faria o loteamento, mas devolveria os 5%, às escondidas do sindicato. Porém, só uma pequena parte os recebeu. Assim, houve justa revolta e a devolução da referida verba, que se elevava a 16 milhões de cruzelros, foi a primeira reivindicação dos grevistas.

JULGAMENTO

Uma vez desflagrada a greve, o empregador iniciou na Justiça uma ação de consignação de pagamento, para, segundo o advogado dos grevistas, Mário Carvalho de Jesus, salvar as aparências, dizendo depois,

através da imprensa, que a greve era "ilegal" porque os pagamentos estavam "religiosamente" em dia.

A greve prosseguiu, mesmo após o julgamento dos dissídios coletivos, e, às vésperas dos demais julgamentos, à exceção do relativo à Perus, o empregador procurou os dirigentes sindicais das outras fábricas, com os quais entrou em acordo no 32.º dia de greve, atendendo todas as suas reivindicações. Declarou-lhes ainda que não faria nenhum acordo com o pessoal da Perus, demonstrando sua intenção de esmagá-lo. "Eu sou a lâmpada e eles as mariposas. Um a um tocarão na lâmpada e morrerão todos" — disse Abdalla.

A greve da Perus, a mais importante, foi julgada em último lugar e, por 4 votos contra 3, o Tribunal do Trabalho se recusou a examinar as reivindicações, alegando que elas deviam ter sido apresentadas primeiro à Junta de Conciliação e Julgamento. Os trabalhadores se reuniram em assembléia e decidiram continuar em greve.

LEGAL A GREVE

O prof. Cesarino Júnior, uma das maiores autoridades em Direito do Trabalho, em parecer publicado na íntegra pelo "O Estado de S. Paulo", esclareceu que a greve não era ilegal. "O acórdão do Tribunal Regional do Trabalho não determinou a cessação da greve, antes, ao contrário, reconheceu implicitamente aos grevistas o direito de nela prosseguirem, por ter sido veiculado o único Julgamento que determinava a volta dos empregados ao serviço, no prazo de 48 horas — declarou o prof. Cesarino. Assim sendo, podem os trabalhadores livremente continuar em greve, após a votação secreta, aguardando o julgamento do Tribunal Superior do Trabalho".

(Segue)



Durante a prolongada greve de dez meses, até agora, os operários da Perus realizaram numerosos comícios em diversos locais, a fim de expor e debater as suas reivindicações e as manobras dos patrões e dos políticos inescrupulosos que procuram deturpar o sentido do movimento.

Polícia Protege Espoliação Garantindo os Fura-Greves



A greve dos operários da Perus, o mais longo movimento paredista que já se realizou no Brasil, e que ainda prossegue sem que se vislumbre uma possibilidade de solução, apresentou até agora aspectos dramáticos e trágicos, como a greve do fôrmo no Natal passado e as terríveis dificuldades por que passam os grevistas e suas famílias, os quais, apesar de tudo, continuam firmes e dispostos a ir até o fim para conseguir que suas mais do que justas reivindicações sejam atendidas. Na foto, uma das muitas passeatas que os "queixadas" realizaram em apoio ao seu movimento reivindicatório.

GUERRA

"Depois que ganhamos a guerra de 48 dias em 1953, o patrão prometeu vingar-se e agora o está fazendo" — disse Sebastião Fernandes Cruz, vice-presidente do sindicato dos grevistas. Em 1959, ele tentou acabar com o sindicato, despedindo 80 empregados para impedir que atingissem estabilidade. Cercou na estrada o nosso advogado, prof. Monteiro de Carvalho, e ameaçou-o de morte. Mas nada disso adiantou, porque nossa união era total. Agora ele conseguiu nos dividir e por isso a greve está durando tanto".

Vendo que não conseguia nos vencer — acrescentou o dirigente operário — contratou a deputada Conceição da Costa Neves, ligada aos capitalistas e que costuma chamar todo mundo de comunista. A frente dos chefes, ela convenceu uma centena de companheiros fracos, inventou histórias e mentiras, falou na televisão e na Assembleia Legislativa, exibindo documentos tendenciosos. Foi à Assembleia duas vezes, para ouvir a resposta do deputado Cardoso Alves, mas Conceição, com seu prestígio, conseguiu fazer com que não houvesse número para a sessão. Fugiu ao repto do honra que lhe fora então formulado e continuou difamando os "queixadas" (queixada é o símbolo que os operários da Perus usam desde 1953). E a colaboração de ingênuos companheiros transformou a greve numa guerra, por meio de um diabólico processo".

Depois da difamação — prosseguiu — Conceição, o patrão e alguns traidores pediram intervenção do Ministério do Trabalho no sindicato. A polícia estadual invadiu o sindicato e ocupou a sede do clube dos operários em Cajamar etc".

GREVE FURADA

A deputada Conceição da Costa Neves, numa manobra escusa, conseguiu que elementos do DOPS a acompanhassem, em carro da Assembleia, às casas dos trabalhadores mais fracos, convencendo cerca de cem deles a voltar ao trabalho, sob pressão. Assim a greve foi furada, em fins de agosto e princípios de setembro, por cerca de 15% dos operários.

Esses homens reiniciaram suas tarefas, sob a proteção da polícia, que continua presente na fábrica até hoje.

ENCAMPAÇÃO

Quando que estavam sendo vítimas de um plano que visava o seu massacre, os trabalhadores tentaram uma saída: a desapropriação da empresa e o consequente arrendamento da fábrica aos operários, que formariam uma cooperativa de produção para a fabricação de cimento, livrando o Estado dos encargos trabalhistas.

Nesse sentido, obtiveram pareceres de vários juristas, o apoio de sindicatos e



J. J. ABDALLA

Banqueiro, industrial, fazendeiro e deputado federal, J. J. Abdalla começou a obter sucesso ao ingressar na política, tendo sido secretário do Trabalho, em 1938, no governo de Ademar de Barros. Possui cerca de trinta organizações — fábricas, bancos, companhia de seguro, imobiliárias, fazendas e minerações — e é considerado uma das maiores fortunas do Brasil, equiparável à de Francisco Matarazzo. O capital da Perus é de 250 milhões de cruzeiros, mas o seu valor atual é vinte vezes maior. Abdalla é dono do Banco Interestadual do Brasil.

centros acadêmicos e o próprio presidente João Goulart acolheu a idéia, através de um despacho dele obtido por D. Jorge Marcos de Oliveira, bispo de Santo André. Nesse despacho ao presidente do BNDE, o presidente da República dizia: "Companhia de Cimento Portland de Perus: a) Todo o material com V. Exa. b) Encampação e entrega a uma cooperativa de empregados, chefiada pelo prof. Cesarino Junior (urgente). Leccão Examinar com a maior urgência a possibilidade de encampação da Cimento Portland Perus para a Coapa, que tem interesse nesta operação. Os operários encontram-se em greve justa há mais de 150 dias. Desejo resolver o caso com a maior brevidade. (a) João Goulart".

O desembargador Syllós Cintra, então no exercício de governador de São Paulo, foi favorável mas, com a volta do prof. Carvalho Pinto, o plano passou a ser "desaconselhável", embora houvesse fortes razões de interesse nacional para a sua realização. E até hoje, os trabalhadores estão esperando o resultado dos estudos determinados pelo presidente Goulart.

A Frente Parlamentar Nacionalista nomeou uma comissão para estudar a greve da Perus e espera-se que, com a abertura do Congresso, a questão seja ali ventilada.

SITUAÇÃO

No dia 2 do corrente, realizou-se a primeira audiência do Inquérito judicial, em que a empresa pretende dispensar 501 empregados estáveis. O sindicato apresentou a defesa, demonstrando que o empregador de, sejava liquidar o órgão de classe e que os trabalhadores foram impedidos de voltar ao trabalho, somente o conseguindo os que foram "escolhidos a dedo" pelo empregador. A audiência foi adiada, a pedido do advogado do empregador, para 24 de abril.

APELO

Além dos 501 empregados estáveis, há cerca de mais 600 não estáveis, em greve, e a sua manutenção representa um sério problema. Para esperarem o fim do processo, que pode durar até vários anos, os trabalhadores da Perus (mecânicos, eletricitas, motoristas, tratoristas, escavadoristas, maquinistas torneros, carpinteiros etc.) estão tentando organizar pequenas comunidades de trabalho. Por intermédio de BRASIM, URGENTE, solicitam ajuda, tanto em emprégo e empréstimos, como em doações, inclusive de remédios, roupas e sapatos usados.

As adesões podem ser comunicadas por carta à nossa redação ou diretamente à sede da Frente Nacional do Trabalho, à rua Rego Freitas, 554, São Paulo. Três missões. Nos do Instituto Missionário Cristo Operário, são os responsáveis pela contabilidade da greve, o melhor, da guerra da Perus.

Dialogo Por Cima dos Muros

A filha e o genro de Kruchev conversaram deztoito minutos com o Papa João XXIII. E isso depois de um longo e discreto contato da diplomacia vaticana e do Secretariado para a União dos Cristãos com os representantes do Kremlin, de onde resultara a libertação de um venerável prisioneiro, o arcebispo ucraniano, D. Josef Slipyj, que completara deztoito anos de reclusão nos cárceres comunistas.

Para a opinião pública internacional torna-se possível e provável como por milagre o encontro entre o Soberano Pontífice de Roma e o primeiro-ministro de Moscou.

Todo um conjunto de fatos, grandes e pequenos, vem dando confiança ao mundo de que estamos entrando definitivamente na era do dialogo. E vamos deixando para trás a fase carregada do conflito e da tensão, da polemica ou da guerra fria. Ainda persistem os muros, nem se correeram de todos os continentes. Mas os grupos se observam com simpatia. E se dispõem a conversar.

Num plano menos sensacional mas de maior profundidade o Segundo Concilio do Vaticano vem desenvolvendo num clima de dialogo intenso entre lideres religiosos de todos os continentes, de todas as culturas e mentalidades. Sob a bondosa orientação deste Papa, tão providencialmente universal, a Igreja não se resigna a ser ocidental. Ou oriental. Ou latina. Ou ortodoxa. A primeira proclamação conciliar ao mundo não foi contra adversario algum. Não foi anticomunista. Não foi antiprotestante. Foi isto sim, um apelo á Paz entre todos os homens e uma denuncia das "miserias e injusticias sociais", fontes das discórdias e das guerras.

Já seria possível ao observador, apontando o acontecimento mais importante deste Segundo Concilio do Vaticano, tão mais sereno, mais positivo e mais universalista do que pode ser o Primeiro, há pouco menos de uma década. Vamos arriscar nos a destacar uma data.

20 de novembro de 1962. Os "Padres Conciliares", com a aprovação e sob a liderança do Secretariado pela União dos Cristãos, adotam o "Esquema" proposto pela "Comissão Teológica" porque este projeto carece do "espírito ecumenico", fecharia a porta "ao dialogo com os não-católicos", exprimindo-se numa linguagem "alheia á mentalidade de nosso tempo".

Num mundo que anela por derrubar as barreiras e reunir a humanidade que tem sede de fraternidade na justiça e na compreensão, a Igreja se faz portadora do convite ao dialogo, afirma a tendência á abertura e lança o apelo a que dilatemos as nossas perspectivas.

Não exageremos nosso otimismo. O dialogo não é ainda o ponto de chegada. Mas é incontestavelmente o bom caminho para a civilização solidária, a que aspiram todos os homens e que certamente decorre das exigências do Evangelho.

Por outro lado, persistem ainda os que acreditam nos meios de repressão ou de compressão. Pululam entidades e organizações, pomposamente batizadas de "democráticas", mas que apelam para os meios policiais para o expurgo de quantos apregoam reforma ou revolução. A democracia delas é tímida, insegura. Não creem nela como instrumento normal e adequado para a promoção das massas trabalhadoras. Padecem de mil e um complexos de inferioridade; simplesmente porque o bom sistema para eles será a garantia tranqüilla dos privilégios de barões ou tribarões assinalados.

Não desesperemos de que também os seus amedrontados democratas se curem do "pânico mesquinho" ("La petite peur") lucidamente denunciado por Emmanuel Mounier.

A democracia não deixará de ser vigilante, eternamente vigilante, pois não, face ás eventuais trações, ás ameaças de subversão ou demais crimes politico-sociais. Acima de tudo, no entanto, ela será animada do empenho construtivo, da calma emulação e tenacidade constante aprimoramento. A força que luta contra dissidências e subversão não é a violência. É a capacidade de renovação, é a luta pacifica mas inextinguível contra todas as formas de miséria e de injustiça. O inconformismo de todo um povo em relação ás espereções diretas ou disfarçadas de uma cama da sociedade por outra, ou de uma região por outra região.

Com essa disposição de leal concorrência e com a humilde coragem de inovar ou de aperfeiçoar, aprendendo se preciso, até do adversario, a democracia não temerá o dialogo, como hoje não o teme a cristandade. "Vender sinal pelo Bem" é o programa luminoso do patrono desta Cidade e deste Estado de São Paulo, o grande apóstolo do cristianismo e o paciente semeador do mundo, nobre por que impregnado de justiça e fraternidade.

Com o progresso das ciencias e da técnica, particularmente no plano politico, econômico e social, veio tornar possível essa atitude audaciosa e aberta. Ela é exigida pela consciência, cada vez mais lúcida do conjunto de homens. Mas ainda ela é um postulado da consciência cristã. Dialoguemos por cima dos muros, até que eles se esborcem. Ou permaneçam, quem sabe, como preciosos tesouros de uma época caduca e superada, de angústia e de procura.

João Carlos J. Graplat
op

Dorian Jorge Freire

LAGOSTA E OUTROS BICHOS

Nada de advertência a De Gaulle, daquelas que o "Estadão" formula, levando o pesadêlo a Paris. Os barcos franceses, se bem andaram, estão próximos de seus mares propriamente ditos e o incidente, misto de gravidade e gaiatice, não estremeceu o amor que os brasileiros sempre tivemos pela França. Da França dos homens de espírito, de Joaão D'Arc, da Resistência e dessa coisa universal que se chama Jeanne Mareau. Tenho que na nossa história, o episódio ficará como ponto de partida. O governo obrigadíssimo a não permitir que a pirataria internacional — francesa, inglesa, americana ou xiriri-quense — aporte em mares nossos, dantes sempre navegados, para a prática de qualquer tipo de roubo. Nem lagostas, nem areia monazítica, nem as inocentes pesquisas de petróleo que a simpática e desenvolvida gente americana costuma fazer. Ainda agora, em telegrama mandado ao ministro da Marinha — tão diferente do Heck, Deus meu! — o prefeito de Natal, Djalma Maranhão, informa que a espoliação do Nordeste continua. Francêses — diz o telegrama — levam a lagosta, japoneses levam os peixes e os americanos o resto. Agora chega.

LEVY NA PAUTA

Herbert Levy, com aquele garbo que lhe dão os bons negócios do Banco da América, em fim de mandato na presidência udenista, teima em permanecer na pauta. Qualquer que seja ela e qualquer que seja a razão da permanência. Nos "States", com desenvoltura digna da cúpula de sua grei, em promoção da inocente revista lan-guagem "Seleções", desancou o Babil. Arrou todo um dispositivo para impedir o sucesso das negociações que em Washington foi fazer o ministro da Fazenda, o nosso nôvo Chico Ciência. Para Levy, o País está em fase insurrecional. Povo empunhando o pau furado para matar gente, não esquecendo de es-tripar, meticulosamente, burgueses em geral e, no particular, inspira-dores banqueiros nacionais. Já no estrangeiro (Brasil, claro!), o deputado avançou outra vez, com dis-parate digno de sua vida pública: Lacerda 65.

CL-65

Chutando Lacerda para candi-dato à sucessão do Jango, não sei o que terá pretendido Levy. Quei-mar o líder da lanterna? Premiar uma operação de limpeza, na Gua-nabara realizada, nada compatível com a caridade cristã? Ou o depu-tado trouxe dos "States", o entu-siasmo pelo ídolo das mal-amadas cariocas? São verossímeis as três hipóteses. Queimar Lacerda desde já, é evitar o ridículo de uma aven-tura grotesca. Premiar Lacerda pela "solução final" está dentro dos aristocráticos cálculos de uma UDN intensa ao "vulgo vil". Quanto à última hipótese, ninguém ignora que Lacerda tem livre trânsito em Wall Street, Departa-mento de Estado, Pentágono e ad-jacências. Fica o lançamento como sugestão a anotar: precisando lim-par o País de mendigos (e o seu número cresce) é recorrer à Lan-terna e ir buscar na Guanabara o Eichmann de Vassouras.

DE NÓVO

Jânio na terra. Mais gordo, mais velho, mais amadurecido. Malgra-do imprensa rádio e televisão con-tinuem o boicote ao ex-presidente, não publicando declarações suas ou estrópiando as poucas que divul-gam, alguma coisa chega ao conhe-cimento público, do que diz o ho-mem. Este jornalista não tem pre-

conceitos de qualquer natureza, ra-cial, político, regional, religioso ou anti-Jânio, leu as declarações do ex e comenta: Jânio está pensando sério sobre a problemática nacio-nal, o infortúnio, não lhe fez mal. Mas continua com um fcaçoete a jogadinha marota do meio-térmo, num mundo que se radicaliza. Uma no prego, outra na ferradura. Idéias socializantes mas posição centro-esquerda. Atividade política mas fora dos partidos. União com os melhores mas abraços car-rinhosos em João Batista Leopoldo Figueiredo (pelo nome não se per-ca), tão malogrado como financista como desastrado como líder do "Tpes", entidade bem do gorilismo nativo. Se um país chamado In-glaterra não ensinou ao Jânio algo sobre o dever de opção, ende-reço o ex-presidente à Bíblia. Le-rá em João, o Vicente, que os mornos serão vomitados.

JORNAIS

Vão bem, prósperos e... sadios. Bem comportados, um mimo. No Rio valendo destacar o "Jornal do Brasil", no esforço heróico de con-tinuar sério. Aqui, o "Estadão" não mudou nada, que o doutor Júlio é como o doutor Adhemar: não evolui. As "Fôlhas", fazendo que duvidemos das teses sobre recupe-ração de transviados. Mas com muitas ambições, haja vista as ten-tativas de deturpar as reformas de base e desmoralizar a liderança sindical, de forma a que de tudo quanto existe, reste o Magaldi. Só e apenas UH, numa impressionan-te incompreensão da realidade, tenta segurar seu público com cir-co, quando o povo tem fome de pão e sede de justiça. O "Diário", um amor: Chatô todos os dias, e Plínio Salgado sempre aos domín-gos.

ADHEMAR

Pior? Melhor? Igual. O mesmo de sempre. Com aquelas virtudes que o faz querido de tantos ami-gos. Com os vícios que o tornou líder de ruidosa cupinchada. Arru-mou um secretário do medíocre (como diria o Chico Anísio) e com êle vem ensalando uma adminis-tração débil. Pontos negativos, vá-rios. Alguns ridículos como a his-tória do quadro que a pudicícia go-vernamental repeliu. Positivo ape-nas a constatação que leva ao povo, de que o governo CP não foi, co-mo diriam os irmãos mossoroenses, êsse mel todo. Ao contrário, com Plano de Ação (PAG) e tudo,

OSVINO!

INTRANQUILIDADE É FRUTO DE INJUSTIÇA E MISÉRIA

"O problema número um do Brasil é alcançar, o quanto antes, a sua independência econômica. E ela só será obtida através da rigorosa execução de uma política nacionalista, em todos os setores da Nação", foram declarações feitas a este repórter pelo General Osmino Alves Ferreira, comandante do I Exército, em entrevista exclusiva concedida a BRASIL URGENTE.

Recebendo a reportagem ao termo de um dia de grandes ati-vidades, momentos após haver oferecido 25 mil homens do Exército para garantir a tranquilidade da família guanabarina, agora à mer-cê da sanha dos marginais, o Ge-neral Osmino Ferreira Alves, em sua residência, durante uma pa-lestra informal de uma hora e meia, examinou para BRASIL URGENTE, alguns dos mais gra-ves problemas da nacionalidade.

Cercado por colegas de armas e altos auxiliares, num tom de conversa franca, o General não deixou sem resposta uma só das perguntas formuladas pelo jorna-lista, fazendo questão de definir o seu ponto de vista sobre os vários temas que dominaram o encontro.

Dos maiores chefes militares deste País, com tradição de in-transigente e corajosa defesa da democracia, engajado plenamente na luta nacionalista pela libertação econômico-política do Brasil, o Ge-neral Osmino Ferreira Alves in-terpretará, sem dúvida, a autêntica posição das classes armadas bra-sileiras, no decisivo instante polí-tico que estamos a atravessar.

O CAMINHO CERTO

Interessado na solução dos pro-blemas brasileiros, confessou o Ge-neral Osmino Ferreira Alves que naquele dia mesmo, magroço toda a complexidade do programa que tivera de cumprir, encontrara tempo para assistir a um debate em torno da política econômico-fi-nanceira do Brasil. Já tendo lido e relido o Plano Trienal e participado de estudos de debates sobre a transcendental matéria, o comandante do I Exército não en-controu dificuldade para uma opi-nião:

"Se executado fielmente, o Pla-no Trienal dará resultados posi-tivos, benéficos. Trata-se, eviden-temente, de um plano, que poderá ser desenvolvido, aumentado, dimi-nuído, de acordo com as próprias exigências do País ou de suges-tões tendentes a melhorá-lo e aperfeiçoá-lo. Estou certo, no en-tanto, de que o Plano Trienal não colide com a orientação nacionalis-ta. Tem êle a vantagem, ainda, de

oferecer resultados em longo e curto prazo. Os últimos verifica-remos dentro de seis meses, os pri-meiros já estão começando a sur-gir, de forma auspiciosa, de forma a influenciar todas nós as melho-res esperanças".

"SOU NACIONALISTA"

Tem havido tentativas, da parte de políticos e imprensa, de ar-guer suspeições ao comandante do I Exército, tendo em vista as cor-diais relações de amizade que man-tém com os principais dirigentes do movimento nacionalista, muitos dos quais são recebidos na sua re-sidência e privam de sua intimi-dade. O General, contudo, sem oferecer respostas àquelas restri-ções, comenta com simplicidade:

"Sou nacionalista desde há muitos anos. Entretanto, não mi-lito em grupos políticos, facções, frentes, etc. A minha condição de militar exige que me limite ao meu setor de atividades. Mas onde es-tou é em todas as oportunidades, não me furto nem me furtarei à pregação nacionalista, à exposição de teses que, estou convicto ofer-ecem ao País condições reais de re-solver os seus graves problemas".

INTRANQUILIDADE & EMANCIPAÇÃO

O Brasil estaria à beira do caos e às portas de uma subversão. Pa-ra determinados políticos, muito bem colocados nas suas cómodas posições conservadoras, sobre o as-sunto há a verificar, tão somente, se a tal subversão será de tipo so-vietico, chinês ou castrista. Por-que da subversão propriamente dita e de sua iminência, não têm dú-vidas. Pelo menos não apresen-taram dúvidas, nos pronunciamen-tos que fizeram à imprensa es-trangeira, notadamente norte-ame-ricana. O nosso entrevistado está em condições de comentar o as-sunto:

"Toda a intranquilidade decor-re da miséria e da injustiça social. Desapareçam tais razões e a in-tranquilidade desaparecerá tam-bém. Do que necessitamos é de

segue

«Só Existe um Caminho: Emancipação Econômica»

maior solidariedade entre os homens, na base de um cristianismo verdadeiro. Alcancemos a independência econômica e desapareçam o analfabetismo, os graves problemas de saúde pública, de defesa nacional e outros. Na minha opinião, estamos no caminho dessa independência e, conseqüentemente, da solução de todos esses problemas».

OS EXTREMISMOS

A conversa continua. O General Osívino Ferreira Alves é um homem de palavra fácil, entendedor da realidade brasileira e excelente formulador de suas opiniões. Fala-se nos perigos decorrentes da ação dos extremistas da esquerda e da direita. O chefe militar declara:

“Considero que há perigo comunista no Brasil. Como perigo comunista há em todo o mundo, mesmo naqueles países mais ricos e desenvolvidos. O problema existe mas não com características que justifiquem o alarmar ou atitudes alarmistas, muito notadas em determinados setores. As classes armadas estão imunes à infiltração comunista e em condições de, a qualquer instante, destruir no nascedouro qualquer atitude violenta que os comunistas resolvam adotar. O mesmo perigo há com referência à extrema direita e posso dizer que em face a esse outro perigo, não será diferente a posição das classes armadas. Defendemos a democracia e a Constituição. A democracia dentro de sua autenticidade e a Constituição dentro de sua dinamicidade, de acordo com as expressas aspirações do povo. A Constituição é o instrumento excelente de que dispõe a Nação para resguardar-se de qualquer extremismo, de qualquer despotismo, de qualquer imperialismo”.

VOTOS: TODOS SÃO IGUAIS

Se o assunto é Constituição, é claro procuramos a opinião do Ge-

neral Osívino sobre certos direitos e deveres que aquele documento garante: voto do analfabeto, direito de o soldado votar e ser votado.

“Sou favorável ao voto do analfabeto. Se a Constituição reza que todos são iguais perante a lei, não compreendo porque alguns sejam eximidos do dever de votar. Sou partidário da extensão do direito e do dever de votos a todos os brasileiros maiores de 18 anos e entendo que todo aquele que é eleitor tem o direito de ser votado e, votado, de cumprir mandatos que o povo lhe tenha outorgado”.

REFORMA AGRÁRIA

“A reforma agrária é uma exigência do país. A estrutura agrária que aí temos é caduca, tem mais de duzentos anos. Enquanto a indústria conheceu o desenvolvimento, a agricultura estacionou. Os empregados na indústria conhecem certas expressões de justiça social, o que já não acontece com os trabalhadores do campo. A reforma agrária não é apenas necessária mas inadiável e, ao meu ver, ela não representará nada de definitivo se não oferecer condições reais de acesso e posse da terra pelo camponês que a trabalha”.

IMPrensa INDEPENDENTE

Ao despedir-se do jornalista, o General Osívino Ferreira Alves fez questão de tornar público a sua opinião sobre BRASIL, URGENTE:

“O aparecimento de BRASIL, URGENTE tem grande significação nacional, pois a causa pública precisa de boa imprensa, de imprensa independente para defendê-la e, neste momento, infelizmente, não possuímos jornais em número e qualidade suficientes para o desempenho de tão grave missão”.

Notas e Informações

* O deputado federal Rubens Paiva (PTB-SP), que acompanhou o ministro Almino Afonso em sua recente viagem ao Nordeste, foi solicitado pela unanimidade da imprensa pernambucana a se pronunciar sobre a “Aliança Brasileira para o Progresso”, idealizada pelo sr. Ademar de Barros. O deputado declarou, invariavelmente que considerava a “Aliança” um comitê eleitoral do Governador paulista, acrescentando que esta não é a maneira de São Paulo colaborar com o Nordeste.

* Sabe-se, afinal, quem são os autores dos pichamentos nas ruas de São Paulo com os “slogans” de “Avante Heck” e outros que procuram entronizar o referido cabo de esquadra como chefe de uma revolução fascista no Brasil. Na madrugada paulistana foram localizados os referidos pichadores todos conduzidos em viaturas de conhecido matutino do Estado de São Paulo.

* A luxuosa mansão do sr. José Cunha Junior, do Banco Brasileiro de Descontos, foi adquirida recentemente pelo padre Baleeiro, Secretário de Educação do sr. Ademar de Barros, por Cr\$ 72.000.000,00. Aparentemente o palacete se destina a transformar-se em casa provincial dos padres Oblatos.

* O ex-deputado José Costa, usineiro pernambucano que recentemente assassinou cinco camponeses, que integrando uma comissão foram à sua usina exigir o pagamento do 13.º mês, foi denunciado pelo promotor da Comarca onde ocorreu o crime por “delito de rixa” — e nada mais.

* O “Brasília Palace Hotel”, até há pouco tempo um dos lugares mais agradáveis de se residir na capital federal, está ficando positivamente insuportável: todas as noites verdadeiras esquadilhas de perniliongos se abatem sobre hóspedes indefesos, sem que nenhuma providência seja adotada pela gerência. Entre uma reclamação e a chegada de um “boy” para espargir “Flit” nos quartos medeia o espaço de pelo menos uma hora — tempo suficiente para que os perniliongos façam um trabalho em regra.

* Teve a maior repercussão em todos os círculos a reportagem, recentemente publicada na revista “O Cruzeiro” pelo jornalista Audálio Dantas, expondo a crueldade das provas de resistência carnavalesca promovidas pelo sr. Paulo Machado de Carvalho, todos os anos, com a finalidade filantrópica de ajudar pessoas desesperadas, fazendo-as rebolar sua miséria diante das câmaras de TV, até o último limite da resistência física.

* Um ex-seminarista, a serviço de um matutino do Estado de São Paulo, recebeu de um grupo de senhoras da alta sociedade a incumbência de criticar em público o livro “Evangelho e Revolução Social”, de Frei Carlos Josaphat, que não conseguiram ler, mas que julgavam muito pernicioso. Foi articulada a palestra, que acabou não se realizando. Conclusão: ou o ex-seminarista também não o conseguiu ler (pelas mesmas razões que as citadas senhoras) ou, quem sabe, após a leitura, converteu-se ao Cristianismo.

* Comenta-se em muitas rodas, a provável saída do PDC do deputado Paulo de Tarso, encabeçando um grande grupo de membros do partido, caso a convenção nacional do dia 27 não homologue a candidatura Ney Braga à Presidência da República. O governador do Paraná seria o único pedecista apto a atender os anseios de renovação desse grupo idealista.

* A “Canção do Subdesenvolvido”, de Carlos Lyra e Francisco de Assis, não pôde ser gravada, pois a censura considerou-a subversiva e antiamericana. Entretanto, em sua recente viagem aos Estados Unidos, Carlos Lyra andou cantando a “canção proibida” para os norte-americanos, em inglês. Resultado: recebeu proposta para gravá-la. Para a nossa censura, portanto, os norte-americanos devem ser subversivos e antiamericanos.

* O ministro Almino Afonso assim respondeu a um jornalista, em Recife, que lhe perguntara sobre seu possível apoio à candidatura Miguel Arraes à Presidência da República: “Torci, e muito, para a vitória do Governador Arraes aqui em Recife”. E o jornalista insistiu: “Mas, o sr. não respondeu à minha pergunta”. E o ministro: “O sr. é que não está querendo usar a sua inteligência...”.

* Voltando de Roma, um velho bispo lamentava-se aos seus padres: “Rezem, meus irmãos. O diabo está no Concílio. Só se fala em renovação, em modernização, em adaptação...” Momentos depois, chega seu jovem bispo coadjutor. “Meus irmãos — diz ele — que beleza. O Espírito Santo está presente no Concílio. Só se fala em renovação...”.

* Vêm sendo acompanhadas com interesse as experiências urbano-agro-pecuárias promovidas pelo Governo de Goiás. Com esse nome complicado, designa-se a versão cabocla e nacionalista dos “kibutz” de Israel.

* Influenciado por esta onda de anticomunismo, um elegante senhor dirigiu-se a uma igreja para surpreender marxismo na pregação. E, depois, comentava: “Sim senhor, marxismo e luta de classes até na hora da Comunhão”. O homem ouvira cantar: “Depois os poderosos do seu trono... Exaltou os humildes”. Era o “magnificat”. Até Nosso Senhor já era comunista.

* Interrogado pelo Presidente João Goulart sobre a situação financeira do Serviço de Proteção aos Índios o sertanista Orlando Vilasboas respondeu: “É precária, sr. Presidente. Seu eu fôsse inadvertidamente à Guanabara seria jogado no rio da Guarda”.

ADESÃO

“Declaro que estou disposto a subscrever ações de Cr\$ 1.000,00 para aumento de capital da sociedade que organizou o jornal “BRASIL URGENTE”

Forma de pagamento
• à vista
• 5 prestações

Nome

Endereço Fone

Cidade Estado

Nacionalidade Profissão

Endereço para cobrança

REMETER PARA A RUA CINCINATO BRAGA, 172 —
SÃO PAULO — CAPITAL



Cardeal Mota: "Não devemos ter receio de ser qualificados de comunistas"

"CRISTO TAMBÉM FOI CHAMADO DE ENDEMONINHADO"

"Não devem ter receio de ser qualificados de comunistas" — declarou o Cardeal de São Paulo à reportagem de BRASIL, URGENTE.

O Cardeal Mota, Arcebispo de São Paulo, tem-se destacado pela lucidez e coragem de seus pronunciamentos em matéria social. Na comemoração do primeiro aniversário da encíclica "Mater et Magistra" compõe o conhecido "Compromisso Social Cristão", lendo-o, acompanhado de grande multidão, num comício da Praça da Sé. Esse documento, bem como suas oportunas intervenções e propósito da reforma agrária, encontraram ampla repercussão nacional e mesmo internacional. O Cardeal de São Paulo não se limita a coordenar as ideologias extremistas: traça rumos no sentido da verdadeira renovação social.

A reportagem de BRASIL, URGENTE teve a oportunidade de apreciar o bom humor com que o nosso Cardeal enfrenta as críticas e as incompreensões dos espíritos menos abertos. Quando um dos diretores deste jornal aludia a uma carta de um eclesiástico que qualificava de "comunista" alguns elementos cristãos empenhados em levar à prática, a doutrina social do Evangelho, S. Excia. replicou com vivacidade: "Não devemos ter receio de ser qualificados de comunistas. Afinal, Jesus Cristo não foi chamado de endemonhado? O discípulo não pode pretender ser maior do que o Mestre."

A seguir, ao comentar a recente visita do genro de Krushev ao Papa, o Cardeal ressaltou a atitude de S.S., que apontou como ideal: firmeza na afirmação da verdade e caridade suave, compreensão magnânima em relação às pessoas, mesmo quando colocadas em campo oposto ao mesmo.

DEPÓSITO DE CRIANÇAS NA PENSÃO DO

Reportagem de OLIVEIRA

Em local sem as mínimas condições de higiene ou habitabilidade, de homens e mulheres e até uma criança, habitando uma casa, à qual são enviadas pelo Palácio Campos Elísios. Na "pensão" não há refeitório. Os recolhidos são péssimos. Guarda-roupas ou criado-mudos são objetos de luxo. Os trapos que trazem misturam-se ali as roupas dos doentes.

ro do Hospital das Clínicas. Atacado de moléstia nervosa, inicialmente foi lá tratado. Posteriormente, verificado que seu caso era crônico, foi removido para o "depósito" onde se encontra há quatro anos.

A maioria dos outros doentes é oriunda de cidades do interior. São recolhidos das ruas ou encaminhados pelo Serviço Social do Palácio do Governo. Alguns são ali trazidos por deputados. Vários procedem do Hospital das Clínicas. Entre estes, encontra-se um menor de 16 anos, vindo da Seção de Ortopedia, onde esteve internado durante 9 anos.

REVOLTA

Num quarto de 2 por 3 metros, encontramos 5 mulheres dormindo. Numa cama de solteiro, uma delas, dividia com o marido o espaço exíguo. Revoltado, o Sr. José Ortiz explicou-nos que viera de Tupã, com carta de recomendação dirigida ao Serviço Social do Palácio do Governo. De lá o encaminharam, com a esposa cardíaca, para a "pensão" da Vila São Domingos.

O DIRETOR FALA

Procurado pela reportagem o Sr. José Mello Rodrigues, Diretor do Serviço Social do Estado, assim se manifestou, sobre o assunto:

"Já recomendei várias vezes que não enviem mais doentes para este local. Sabemos que não possui as condições mínimas ne-



Um saquinho vazio de açúcar, substitui o armário... Assim é a

cessárias. Mas que fazer? Não temos para onde enviar doentes crônicos, pois nenhum hospital os recebe. Ali, ao menos têm um leito para morrer".



E CONDENADOS DO DESESPERO

m de OLIVEIRA LAET

abitabili dalle, dezenas de doentes esperam pela hora da morte. São velhos, moços, il são en viados pelo Hospital das Clínicas, Serviço Social do Estado e Serviço Social recolhido s são péssimamente alimentados em suas camas, cercados por enxames de trapos q ue trazem quando chegam, ficam dependurados em pregos, pelas paredes.



de açúcar, substitui o criado-mudo ou o io... Assim é a "pensão".

er? Não doentes spital os em um

DEVASSA

A reportagem de BRASIL UR- GENTE devassou o local. Quando chegamos, crianças, filhos do proprietário, brincavam nas camas

dos doentes, apesar do adiantado da hora: 21,30 horas. Sessenta e dois doentes, de ambos os sexos, a maioria irrecuperável, jaziam sobre leitos sujos.

O ajudante de cozinha e a cozinheira são os únicos atendentes. O primeiro faz as vezes de enfermeiro. Não há assistência médica local. E nessas condições que funciona esse depósito de doentes. Ou de condenados.

COMERCIO

A "pensão" é de propriedade do Sr. Pedro da Silva Cavaleiro, que cobra 15 mil cruzeiros mensais por doente e 500 cruzeiros diários, pelos avulsos, cobrados aos Serviços Sociais do Estado. Com 62 "internos", arrecada 930 mil cruzeiros mensais.

O Hospital das Clínicas, envia, todos os dias uma ambulância para transportar alguns doentes da "pensão" àquele nosocômio. Depois de atendidos, retornam eles no mesmo veículo. São os chamados doentes crônicos ou irrecuperáveis que o Hospital das Clínicas envia ao depósito situado à rua UM, Casa 20, Vila São Domingos.

Setores oficiais contribuem, assim, para que prospere o comércio do Sr. Cavaleiro, e prolifere essa forma inadequada, insuficiente e falsa de assistência médico-social.

OS INTERNADOS

Um dos "internados", Sr. José Virgílio Ferreira, de quarenta anos, durante quinze anos foi cozinhei-



Dom Helder em São Paulo:

"JÁ PASSOU A ERA DOS "BONZINHOS"

D. Helder Camara pronunciou segunda-feira ultima, dia 12, conferencia no auditorio da Faculdade Sedes Sapientiae sobre o p de emergencia da Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil. Fal perante um publico que lotou o auditorio, constituido por 90% religiosos, d. Helder reportou-se inicialmente ao pedido do Papa XXIII: "Quero — disse ele — que os bispos da America Latina parem um plano de emergencia e outro a longo prazo".

O plano de emergencia se divide em duas partes: 1) Pas que mais afeta a Igreja; e 2) Problemas socio-economicos. primeira, os bispos desaccaram os temas: a) renovação paroq b) renovação do ministerio sacerdotal, pregações; c) renovação educandarios, sobre o que disse d. Helder: "E' necessario nos col mos diante de Deus e mandarmos às favas o amor proprio; d) pa de conjunto, a respeito da qual afirmou o orador: "Hoje não e nenhum problema humano que não tenha de ser encarado em e mundial".

A segunda subdivide-se em: a) formação de lideres nos col pois, como disse d. Helder, "a era dos bonzinhos já passou e de desenvolver os que discordam e discutem"; b) sindicalização já que, no opinião do conferencista, "as pessoas que vivem em dições infra-humanas no País precisam ser promovidas" e "é ind savel a sindicalização autentica e não a formação de pelegos de bi Acrescentou que se trata de um campo de leigos, especificame denunciou que no Nordeste há patrões que despedem os empre simplesmente porque ingressam nos sindicatos. "Os maiores i gandistas do comunismo são os reacionarios que apontam como nismo toda sede de justiça", disse d. Helder. O ultimo item dos f mas socio-economicos, movimento de educação de base, visa somente dar a tecnica da leitura e da escrita, mas dar uma para os homens se realizarem do ponto de vista humano e er concluiu o Cardeal.

Conceição Caiu da Mesa

Luis Lopes Coelho

O PATÍBULO

Encena-se o ato na Penitenciária do Rio de Janeiro, numa das madrugadas do ano de mil novecentos e sessenta e dois. Recôndito, o Sol torna as nuvens sanguíneas. Não tem forças, ainda, para desvanecer o enredo da neblina, nem enxugar o frescor da brisa.

Como sempre, os jornalistas são os primeiros a chegar. Exibem suas credenciais ao porteiro e dirigem-se ao pátio, que marca a semi-obscuridade com a dureza das linhas e dos ângulos retos de sua arquitetura. Na entrada um oficial pede licença para examiná-los, em busca de máximas fotográficas disfarçadas. Sentam-se, em silêncio, a medida que chegam, na última fila das cadeiras, arrumadas sob a marquise.

A porta, à esquerda, surge o Juiz da Vara das Execuções Criminais, acompanhado do escrivão, do Promotor Público, do Diretor e do médico do Presídio, das três testemunhas convidadas pelo Estado.

Os jornalistas levantam-se e o grupo acomoda-se nas cadeiras do pequeno e improvisado anfiteatro.

Apenas alguns sussurros entram em conciliábulo com a madrugada e a intransigência do ambiente.

O homem aparece vestido de negro: calça e blusa de mangas curtas. Subiu os poucos degraus, fazendo ranger o madeirame, e postou-se como estátua no patamar.

Ressoam passos acelerados. Voltam-se as cabeças dos já presentes. Os dois advogados, a quem o Presidente João Goulart negara, à meia-noite, o pedido de comutação da pena, procuram sentar-se, sem mais alarde.

Chegam as cinco horas, trazidas em compasso por sino distante.

Abre-se a porta da esquerda: o homem de calça de zuarite e camisa branca, ladeado por dois guardas, é conduzido ao patamar. Emborçara na indiferença e no estérnio, com o olhar petulante e o andar gingado.

O carrasco amarra a corda ao pescoço do condenado, sentindo-lhe o hálito de cachaça. (Deveria apurar como a bebida chegara a cela). Firmou a corda, premiu a alavanca, abateu-se o assoalho, lançou-se o corpo.

Recomposto o patíbulo, o homem de joelhos, com a cabeça pendida. Os dois guardas chegaram com a maca. Destacou-se o médico do grupo, conferiu o cadáver. Por mais uma vez reproduziu-se o ritual macabro. O segundo condenado vitimara-se pelo pavor. Seus gritos lanhavam a amenidade da manhã. Levaram arrepios aos assistentes.

Acabavam de ser enforcados os dois facinoras que, no dia nove de março, à noite, fustigaram um jovem de vinte anos quando voltava do cinema, em Santa Theresa, com sua namorada. Resistira com honra e coragem à prática do plano ignominioso que envolvia a moça.

Discute-se só a pena de morte com fundamentos de alto gabarito jurídico, moral, político, social, psicológico. Mas julgo não haver quem não deseje a realização da cena aqui descrita, ao abrir o jornal de manhã, e chocar-se com a notícia do crime hediondo.

ASSASSINIO DO ESTUDANTE

No crime que lhe roubou a vida o jovem Odylo Costa Neto, salienta-se a frieza com que os dois bandidos, dando a impressão que o assassinio pode ser considerado uma natural consequência do assalto que visa, a dinheiro e valores, mata o malandro da colcheta porque o estudante nada tinha de extraordinário em seu poder, e ante a sua reação quando o interesse dos assassinos voltou-se para a sua companheira, não houve sequer o empenho em subjuga-lo, apenas, ou mesmo em abandonar o local e retomar a vida criminosa. Se o resultado não tiver dinheiro e nem permitir obter rendas com a namorada, deve morrer. Lei terrível essa, ameaçar os que a juventude e o amor tornam incautos absortos, felizes.

Há uma nota inusitada na prática de crime de Santa Theresa. Consoante declarações de Paulo Cesar da Silva, conhecido por "Fuinha" (14 anos), o motorista Raimundo Nonato — especializado em corridas para assaltar — "Manguito" e ôle. "Fuinha", formavam um trio competente na matéria. No momento de partirem para a caçada noturna, admitiram um desconhecido como sócio da infornada empresa. Na realidade, é muito rara a formação de uma sociedade entre celerados com tamanha rapidez. Normalmente todos se conhecem na "gang", circunstância essa que empresta maior segurança e mais eficiência à execução criminal. Tal critério associativo, inteiramente casual, constitui óbice à ação policial.

Mais uma vez toma corpo a falibilidade do testemunho pessoal. A namorada reafirma a culpabilidade de Reginaldo Tavares e Lourivaldo José da Silva, desde logo afastados como autores do delito.

Triste balanço do crime estúpido: a noite do rapaz, o choque emocional da moça, e por milagre pois a bala que lhe era dirigida se alojou na carteira, as notas de sua bolsa, a presença de um garoto de 14 anos, experimentado em assaltos, e a de mais dois facinoras, que não titubeiam em matar ante o malogro do assalto, como se o gesto bruto compensasse a desilusão.

ROCAMBOLE EM PARIS 63

Nada de processos químicos para superar dificuldades materiais, nem de métodos exóticos dinâmicos do tipo "Rififi", muito menos o emprego de gases ou munição do serviço de radiocomunicação. Apenas vestiram-se com uniformes de agentes da Polícia parisiense e penetraram na sede da "Société Commerciale de l'Est". Na portaria, informaram que perseguiam um ladrão que havia se escondido no telhado, solicitando ao porteiro que amarrasse os cachorros e que se refugiasse com a família no porão do prédio. Em seguida, dirigiram-se ao andar superior, ameaçaram de morte o diretor presidente da sociedade, que lhes abriu o cofre onde sacaram quatrocentos mil francos. Tranca-ram o diretor e sua esposa no porão e deram o fora. O único gesto moderno foi cortar os fios do telefone.

A O.A.S. recobrou Rocambole no centro de Paris.



Terminou sem muita grandeza a quarta legislatura de São Paulo. Os seus membros empenhados, até o grotesco, numa campanha por aumento de seus próprios subsídios quando, ainda recentemente, tais subsídios haviam sido por eles próprios reajustados. O repúdio que a medida recebeu da opinião pública e de uma minoria ativa e corajosa de deputados, felizmente, impediu a concretização do escândalo e a consumação do que seria, indiscutivelmente, um dos maiores assaltos ao erário público. A quinta legislatura, contudo, surge com grandes novidades, algumas sérias inovações, certas curiosidades já destacadas pela imprensa diária e com determinadas posições capazes de fazê-la merecedora de um largo crédito de confiança de parte do povo.

REVOLUÇÃO POPULAR

Tudo começou quando 115 deputados recentemente eleitos ocuparam os seus lugares, dando por encerrada a quarta legislatura integrada por bem menor número de representantes. Empossados os deputados, começou o lance último e definitivo da eleição da nova mesa. E com os votos surgiu o Palácio Nove de Julho com novo aspecto.

A UDN que há vários anos ocupava a presidência da Casa, através do sr. Abreu Sodré (não reeleito), teve de ceder o lugar para o PSP, passando a presidência a ser ocupada pelo sr. Ciro Albuquerque, candidato de maior confiança do governador do Estado. Mas a "revolução populista" não ficou aí. A primeira vice-presidência da mesa também há alguns anos ocupada pela deputada Conceição da Costa Neves, ou seja, pela representante do pessedismo mais conservador e infenso às transformações político-sociais do Brasil, deixou de ser cadeira cativa daquele partido e grande instrumento daquela parlamentar que há anos, exercia verdadeira tirania na Assembleia Legislativa. Foi eleito para substituí-la o deputado Arruda Castanho, janista histórico, grande adversário daquela parlamentar nos debates políticos da Casa e até então apontado como o "enfant terrible" do Legislativo paulista.

A deputada Conceição da Costa Neves viu frustradas todas as suas tentativas de continuismo, mesmo aquela mais sensacional: a da liderança dos deputados que queriam, a todo o custo, um subsídio de um pouco mais de seiscentos mil cruzeiros por mês. No fim do episódio, nem mesmo encontrou condições para concorrer à eleição, obtendo apenas um único sufrágio.

Assimale-se, ainda que os dois partidos conservadores — UDN e PSD — não conseguiram postos na mesa e que o próprio sr. Adhemar de Barros, para garantir a presidência para o seu correligionário Ciro Albuquerque, teve de "engolir sapos". Ou seja transigir e levar também à Mesa, parlamentares tipicamente janistas como os srs. Arruda Castanho e Mendonça Falcão.

AFILHADISMO

Nota melancólica, de fim de mandato, foi dada pelo sr. Abreu Sodré. O líder udenista que prometeu sempre exercer uma presidência incorrupta, sem escândalos, sem nomeações, sem apadrinhamentos, ao apagar das luzes da quarta legislatura, fez o seu testamento. E nomeou altos funcionários da Assembleia Legislativa, quantos deputados não obtiveram reeleição. Foi o último escândalo da Casa.

SUBDESENVOLVIMENTO EXPLODE EM GUERRILHAS!

"Os historiadores do futuro definirão nossa época como a época revolucionária mais intensa e mais extensa que o homem já conheceu". Essas palavras do senador chileno Radomiro Tomich refletem com precisão a gravidade da situação na América Latina. Época revolucionária, sim: ao contrário do que ocorria até há pouco, não são mais as quarteladas que ameaçavam a estabilidade dos governos — quarteladas que traduziam a luta travada entre facções em geral representativas de interesses conflitantes. Agora são as próprias estruturas que são postas em xeque por revoltas e agitações generalizadas. Já não se condena os governantes, mas as instituições. Já não são apenas isolados proestos de letrados que apontam as falhas e injustiças do sistema vigente. É o próprio povo que mediante uma participação ativa nos movimentos políticos, reclama a instauração de melhores condições de vida, sinal certo de que o ciclo colonial na América Latina se aproxima do seu fim. Estamos diante de revoluções nacionais. Este é o dado novo do problema.

GUERRILHAS

Na Venezuela, o terrorismo, a sabotagem, os motins, os núcleos de guerrilhas revelam a crise em que se debate o país. Em 1960, verificaram-se dezenas de motins populares com a participação de estudantes e operários; em 1961, os levantes de La Guaira e da guarnição de Barcelona; em 1962, as rebeliões dos fuzileiros navais de Carapuzo e da Base Naval de Porto Cabello e as guerrilhas na Sierra del Toro, que ainda continuam até hoje.

Quanto às guerrilhas, é de se notar que elas não são possíveis sem apoio popular. O guerrilheiro para sobreviver necessita de alimentos, munições, remédios, dinheiro, informantes, esconderijos — recursos que só pode obter se contar com o franco apoio dos residentes em sua zona de operações. A persistência das guerrilhas venezuelanas demonstra que o povo as protege, abrigando-as e defendendo-as das investidas governamentais. Que melhor prova da insuficiência do sistema político-social venezuelano?

A Colômbia enfrenta idêntico problema, a tal ponto que seu governo mantém convênios com a Venezuela para receber auxílio no exterminio dos combatentes. Semelhante situação é encontrada na grande maioria dos países da América Latina. A diferença é tão-somente gradual. No Brasil, as Ligas Camponesas já têm sido responsáveis por numerosos choques armados, mais vezes do que a imprensa diária deixa perceber.

Na Argentina e no Peru, o "gorilismo" é confissão da incapacidade da vivência democrática desses países. Nem ao menos podem facultar ao povo o exercício dos formais direitos democráticos, sob pena de dissolução da estrutura social, o que sugere um "statu" ainda mais grave do que o dos outros países acima citados. A selvagem ditadura de Stroessner, no Paraguai, só pôde sobreviver até agora, graças ao decidido apoio dos Estados Unidos e da vizinha Argentina. O Panamá é um dos mais agudos focos de revolta, não obstante a presença maciça dos Estados Unidos, cujo Departamento

de Estado promove oficialmente o treinamento antiguerrilhas das forças armadas panamenhas.

CAUSAS

Donde proviria tamanha furor revolucionário que não encontra, praticamente, exceções na América Latina? Infiltração comunista? Agitação promovida por Moscou ou Cuba, como insiste o presidente Kennedy? Mas, será crível, então, que a economia cubana passa por tão extraordinária prosperidade capaz de financiar econômica, ideológica e militarmente uma onda de inquietação que arrasta os 210 milhões de habitantes da América Latina? É possível que uma propaganda, combatida por todos os meios, inclusive com um manancial de recursos provenientes das classes dominantes de todos esses países e mais dos EUA, seja tão convincente e poderosa que possa, na clandestinidade em que vive, arrastar consigo grande parte da população trabalhadora do continente?

Uma deficiência de habitações, de 45% nas zonas urbanas e 90% nas zonas rurais, explicaria melhor esses movimentos. O fato de 1,5% da população deter mais de 50% das terras justifica melhor a revolta generalizada. De 1937 a 1938, as exportações desta área representavam 10% das exportações mundiais; hoje são apenas 6,5%. Enquanto de 1953 a 1960 as exportações mundiais cresceram em 56%, as da América Latina não excederam 13%. O Brasil, o país mais rico da América Latina, recebia, em 1950, 1.345.467.000 dólares por uma exportação de 3.819.083 toneladas. Em 1958, produzindo 217% mais, recebeu apenas 1.242.987.000 de dólares.

Esses dados, em palavras, se traduzem por miséria, atraso, empobrecimento, estagnação, níveis de vida descendentes, ou seja, subdesenvolvimento.

ECONOMIA RETARDADA

Sendo o subdesenvolvimento a causa profunda do mal-estar social, cumpre examinar o fenômeno com esmero, a fim de, escapando à superficialidade das ex-

plicações fáceis e inconsistentes, compreender-se os rumos necessários à solução das atuais dificuldades. Com base nos diversos planos de desenvolvimento, duas concepções fundamentais sugerem medidas diferentes em função da maneira pela qual encaram o subdesenvolvimento.

A primeira configura a economia subdesenvolvida como uma economia retardada, carente de meios e recursos. Em face dessa conceitualização, propõe como solução a mobilização, no país ou no exterior, dos recursos faltantes. Apreendendo o subdesenvolvimento através de critérios descritivos suscetíveis de mensuração estatística, enfoca apenas um aspecto da questão, isto é, os reflexos numéricos do subdesenvolvimento na economia subdesenvolvida. Configurando-a exclusivamente através de dados relativos à população, à renda per capita nacional ou aos recursos disponíveis, aponta apenas a expressão externa do fenômeno, sem dúvida consegue um retrato fiel da economia subdesenvolvida, mas não atinge a essência do subdesenvolvimento.

O FRACASSO

A aplicação de planos nacionais de desenvolvimento de acordo com as soluções preconizadas pela Teoria da Economia Retardada tem resultado, na prática, em insucessos responsáveis pelo agravamento das tensões sociais, sendo a eclosão revolucionária consequência natural disso. As medidas econômicas geralmente propostas pelo Fundo Monetário Internacional são fundadas em conceitos semelhantes e servem de exemplo dos infelizes resultados colhidos.

No Chile a ocupação média operária baixou do índice 111, em 1955, para 88, em 1958, representando um desemprego da mão de obra adulta da ordem de 6 a 8%. A produção industrial no período 1956-60 cresceu em apenas 1,6, não alcançando sequer a taxa de crescimento demográfico de 2,5% ao ano. Na Argentina, de 1961, a produção baixou do índice 100 ao índice 66,25, estando hoje a sua in-

Uma economia subdesenvolvida é uma economia internacionalmente bloqueada. Ela não existe para si, mas para os países desenvolvidos. A tabela abaixo, fornecida pelo Serviço de Estatística Econômico-Financeira do Ministério da Fazenda, demonstra como o Brasil, a despeito de haver quase triplicado o volume de suas exportações, em menos de 10 anos, recebe muito menos dólares, mesmo em números absolutos.

COMÉRCIO EXTERIOR-BRASIL

Anos	Toneladas	Mil Dólares
1950	3.819.083	1.355.467
1951	4.851.889	1.769.002
1952	4.100.109	1.418.117
1953	4.377.808	1.539.120
1954	4.289.556	1.561.836
1955	6.186.066	1.423.246
1956	5.751.364	1.481.978
1957	7.712.703	1.391.607
1958	8.297.439	1.242.987

dústria trabalhando com apenas 75% de sua capacidade, elevando assustadoramente os índices de desemprego e o custo de vida.

Na Ásia, o exemplo do Iraque é particularmente ilustrativo. Desde 1951, o País vinha reservando a maior parte de suas rendas petrolíferas a um plano de desenvolvimento. Foi estabelecida prioridade para investimentos na recuperação de terras não cultiváveis, melhoria da rede de transportes e construção de edifícios públicos.

A renda nacional ascendeu de 168 bilhões de francos, em 1950, a 291 bilhões, em 1956. Não obstante agravaram-se as tensões sociais, com a sensível decadência das condições de vida da população mais pobre. As medidas econômicas tomadas aumentaram o desequilíbrio e a inquietação social, culminando com a revolução de 1958, que derubou a Monarquia, instituindo a República.

A ausência de compreensão global do problema e a simples intervenção na esfera econômica aguçaram as contradições. Com efeito, outras medidas destinadas a alterar as instituições, como a reforma agrária, por exemplo, foram negligenciadas, dando origem à radicalização da problemática nacional. Assim, as áreas recuperadas exigiam para sua utilização vultosos capitais de que só os ricos proprietários podiam dispor. Os centros de trabalho incrementados não possuem a conveniente ligação com outros centros urbanos, determinando o nascimento de núcleos inflacionários, alimentados pelo influxo da população de outras regiões. Desorganizou-se a estrutura econômica tradicional dos pequenos centros, os quais sucumbem se convêm em local de elevada concentração populacional, sem que uma estrutura nova, aparelhada para atender às necessidades decorrentes, sucedesse à anterior. Obviamente, a instauração de um estatuto que oferecesse condições de fixação dos "fellahs" à terra deveria ter sido medida prévia capaz de impedir a eclosão dos novos problemas surgidos.

Fracassos deste tipo negam a validade das soluções que pretendem vencer o subdesenvolvimento pela simples mobilização de recursos externos ou internos. Existe, porém, outra teoria que encarando o mesmo problema em todos os seus aspectos — político, social, econômico e psicológico — ataca o subdesenvolvimento pela ação conjugada de todos esses fatores, abordando o problema em seu aspecto global. Por isso mesmo está habilitada a impedir a criação de pontos de estrangulamento e promover a superação dos bloqueios internos que caracterizam economia subdesenvolvida.

Brasília, Urgente

ASSIM como Jânio, Jango também não quis se definir sobre a reivindicação da Ford do Brasil, que vem se movimentando para conseguir importar três milhões e meio de dólares em moldes e ferramentas para fabricar em nosso País o famoso carro "Fairlane". Jânio, quando presidente, se limitou a mandar publicar parecer do GEIA, parecer esse que deixava a decisão a critério do presidente da República. Henry Ford II veio ao Brasil, avistou-se com o presidente Goulart e disso resultou o recente despacho presidencial, dando o prazo de uma semana ao ministro da Indústria e Comércio para apresentar anteprojeto de decreto que venha a disciplinar a matéria, de modo geral. Os interesses em jogo são muitos, e poderosos. Daí a procrastinação.

A DESIGNAÇÃO, pelo Presidente da República, do economista Diogo Nunes Gaspar (Plano de Ação Carvalho Pinto), para instalar-se no Planalto e coordenar os grupos de trabalho que estudam as reformas de base, vai acarretar a competição na equipe de assessores técnicos da Presidência da República.

PARLAMENTARES do PSP revoltaram a BRASIL URGENTE que o encontro Mário Lopes (Dono de numerosos cargos) fez das tripas coração para se manter também no governo Adhemar de Barros. Conseguiu somente a direção da CHERP.

TORNARAM-SE rotina os encontros do presidente Goulart com o embaixador soviético Andrei Fomin. Avistam-se até duas vezes por semana. E a constante é o presidente brasileiro não se deixar fotografar ao lado do representante do Kremlin.

CESAR SFARA é o novo secretário de Imprensa da Casa Civil do Palácio do Planalto. Mas o sr. Raul Riff continua secretário da Imprensa da Presidência da República. Aquêle não foi designado para a função por qualquer ato oficial, e este também.

NÃO CONVENCEU os círculos da Presidência da República, a explicação da direção geral da Volkswagen de Brasil para justificar os sucessivos aumentos de preços de seus veículos. Mas agradeceu a decisão do Sindicato da Indústria Automobilística, congelando os preços em geral, por noventa dias. Podemos garantir que, ao contrário do que consta por aí, a Fábrica Nacional de Motores (fabricante dos carros "JK") acompanhará essa decisão.

O EX-GOVERNADOR Cid Sampaio vai disputar a Prefeitura de Recife, contra o candidato do sr. Miguel Arrais, que ainda não se definiu. O fato vai estimular o sr. Jânio Quadros a disputar a Prefeitura de São Paulo.

O NOVO QUADRO do pessoal da COFAP ainda não foi sancionado pelo presidente João Goulart. Milhares de funcionários passam dificuldades e são prejudicados em seus salários. A assinatura do ato vem sendo sucessivamente adiada, porque são muitos os pedidos políticos para a inclusão de novos funcionários, com a criação de novos cargos. O ato será assinado e publicado inesperadamente.

ESTA INDICADO para delegado do Brasil junto à missão permanente do nosso País na ONU, o embaixador Carlos Alfredo Bernardes, atual secretário-geral do Itamaraty. Podemos assegurar que a respectiva mensagem presidencial ao Senado, efetivando tal indicação, será enviada nos próximos dias.

É MUITO provável que, já na próxima semana, seja baixado pelo chefe do Governo um decreto disciplinando a questão: técnicos do Palácio do Planalto chegar em conclusão de que as cartas escritas devem ser congeladas, pois são, igualmente capazes de provocar a alta no custo de vida.

O MINISTRO Theotônio Monteiro de Barros Filho de Educação e Cultura, tem de cumprir um programa que ele não traçou ou melhor, que foi traçado pelo seu antecessor, sob inspiração do presidente Goulart. Então o ministro não está entendendo nada de nada. Para assegurar a execução daquele programa, dona Paulina Kerr foi designada representante pessoal do presidente da República para não dizer do ex-ministro Darci Ribeiro...

MERECE ser transcrita essa nota do "Jornal do Brasil", edição de dez do corrente principalmente pela parte final: "Ontem, um jornalista da Associated Press enviou para os Estados Unidos telegrama informando a viagem do Ministro San Tiago Dantas àquele país e acrescenta, no segundo parágrafo que "seu êxito dará vida ao programa de reformas esquerdistas com que o Governo pretende estimular a decadente economia brasileira. Seu fracasso poderá afastar o Brasil ainda mais política e economicamente dos Estados Unidos".

A MISSÃO San Tiago Dantas nos Estados Unidos serviu até para sua reaproximação com o sr. Almino Afonso. Em matéria de política internacional ambos estão de acordo, mas de política (financeira) interna, não. Na última reunião ministerial, a discussão entre ambos somente arrefeceu quando o presidente Goulart interveio para anunciar que o plano de contenção de despesas (do sr. San Tiago Dantas) não poderá afetar a luta do País contra o subdesenvolvimento.

O MINISTRO Reinaldo de Carvalho quer reorganizar seu Gabinete em Brasília, ou melhor, deixar apenas um ou dois elementos para manter as aparências. Entende o ministro da Aeronáutica que a manutenção do gabinete de Brasília é dispendiosa e sem resultados, pois tudo se decide no gabinete do Rio de Janeiro.

O GOVERNO brasileiro está fazendo sondagens discretas sobre as conveniências ou não da indicação do embaixador Câmara Cantão para a Embaixada do Brasil em Havana, pois está decidido que o sr. Bastião Pinto não retorna. A propósito, o sr. Câmara Cantão já está cuidando dos assuntos que levará para sua missão em Havana.

MUITA pressão sobre o Governo, a propósito da disciplinação das vendas a crédito. O argumento principal dos interessados é que haverá, em consequência de uma disciplinação rígida, queda nas vendas e na produção, o que determinará a dispêndio de milhares de operários, principalmente das fábricas de utilidades domésticas.

O jornalista da AP ignora, por certo, que as reformas que ele batizou de esquerdistas, estão substanciadas na Carta de Punta del Este, aprovada pelos EUA. Foram jornalistas assim que jogaram Fidel Castro nos braços de Krushchev".

O EX-DEPUTADO Cláudio de Freitas já está dando entrevista como novo prefeito do Distrito Federal: (vide "Diário do Oeste" de Goiânia, edição de 12 do corrente). Chega a assegurar estreita colaboração entre a PD-Fe e o Governo do Estado de Goiás. Efectivamente a Frente Parlamentar Nacionalista e, principalmente o ministro Almino Afonso, estão procurando convencer o presidente Goulart mas nada de concreto existe até o momento.

O PLANO TRIENAL (Celso Furtado) foi incorporado à mensagem anual que o presidente Goulart enviou sexta-feira ao Congresso Nacional, apesar de algumas incongruências, no confronto entre os pontos de vista dos dois documentos.

A INTRANSIGÊNCIA e firmeza do presidente Goulart ao resistir às pretensões do general De Gaulle, no caso das lagostas, contribuiu para tornar menos difícil a missão do ministro San Tiago Dantas junto ao presidente Kennedy. Jango soube aproveitar bem o incidente.

ALGUNS brasileiros mais entusiasmados procuraram fazer comparações entre o carnaval "atômico internacional" do Rio de Janeiro com o carnaval (arremedo) de Brasília.

NA ENTREVISTA coletiva aos jornalistas do Planalto, o ministro da Saúde (Pinheiro Chagas PSD) falou muito de política e nada de saúde pública. Inclusive, vacinou que o próximo presidente da República sairá de Minas Gerais, sem especificar nomes.

AS COMPANHIAS de aviação do Brasil receberam do Governo, através de um recentemente sancionada pelo Presidente Goulart, a elevada soma de 24 bilhões de cruzeiros, uma metade referente aos subsídios de 1962 e outra já para 1963. Essas mesmas emendas já estão cuidando de outro aumento de tarifas pela segunda vez este ano. P. exteto: último aumento na gasolina.

O DNRE distribuiu uma nota dizendo que é normal o tráfego rodoviário em todas as estradas do Brasil. Se que caiu uma ponte no Rio-Macé entre os Rio-Brasília e outra no município de Goiânia, e ninguém viu providências para a reconstrução.

TRES vezes consecutivas foi adiada a representação de "Erixiçuxique no Pixoxá" para o público de Brasília. Dizem que é descon-sideração a Cia Walter Pinto. Na última vez, o teatro estava cheio e os artistas, ou melhor, a vedete Iris Bruzi não saiu do Rio de Janeiro.

FRANCESES residentes em Brasília não escondiam a sua apreensão ante a situação internacional criada pela França com relação à pesca da lagosta.

UNE: Aliança Povo-Estudantes Assusta Classes Dominantes

"Como estudantes de um país subdesenvolvido, temos uma missão especial a desempenhar. Não somente somos uma parcela organizada do povo brasileiro, mas também uma parcela privilegiada, dispondo de instrumentos de retribuição dos privilégios recebidos" — declarou Vinicius Caldeira Brant à reportagem de BRASIL URGENTE.

Eleito presidente do mo candidato indicado UNE, no ano passado, unanimemente por 16 bancadas, Vinicius Caldeira Brant, de 22 anos de idade e aluno da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Minas Gerais, constituiu-se hoje num dos mais expressivos líderes da juventude brasileira. Aprisionada por uma cortina de silêncio e difamações, a UNE não tem podido, através da imprensa, difundir seu pensamento, seus propósitos e atuais iniciativas. BRASIL URGENTE abre suas páginas à classe estudantil brasileira, neste número de lançamento, documentando palavra de seu líder, iniciando assim o esforço para dar a seus leitores uma visão não deturpada de seu pensamento.

Referindo-se ao habitual escândalo que, em certos meios, produzem as suas declarações, o presidente da UNE frisou: "Muitos se assustam ao ouvir claramente expostas as posições da UNE, não porque acreditassem ser elas diferentes, mas porque esperam de nós uma índole misteriosa, disposta a ocultar uma posição revolucionária, aqui tomada como sinônimo de posição conspirativa".

OS 25 ANOS DA UNE

"O movimento estudantil entra atualmente numa fase de maturidade — prosseguiu Brant. Os 25 anos de existência da UNE constituíram um período de contínua evolu-

ção. Primeiro foram as lutas políticas comandadas sobretudo pelas faculdades de Direito, nas quais os estudantes se manifestaram sobre os grandes temas políticos: a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, o combate à ditadura etc., marcaram época como manifestações de independência e rebeldia dos estudantes. A seguir, foi a grande tomada de consciência nacionalista, expressando-se através de campanhas e movimentos pela criação da Petrobrás, em defesa dos minérios, contra a asfixia de certas indústrias nacionais pelo capital estrangeiro etc."

"Mas, gradualmente, ia crescendo a convicção da necessidade de uma participação mais orgânica dos estudantes na luta popular — continuou o líder da UNE. Essa convicção se firmaria, de um lado, na descoberta de que não há luta de libertação econômica, no verdadeiro sentido, que não seja conduzida pelas classes populares e sustentada por sua consciência e organização; e, de outro lado, pelo aparecimento da luta pela Reforma Universitária que definiu a participação na luta popular através de especificidade de nossa missão enquanto estudantes."

"Daí — afirmou Brant — a presença, tão efetiva quanto assustadora para as classes dominantes, dos estudantes nas próprias organizações operárias e camponesas de vários pontos do País, através do trabalho de organização e dos movimentos destinados a despertar a consciência política do povo (campanhas de alfabetização, Centros Populares de Cultura e outros)."

"CORTINA DE SILENCIO"

Vinicius Brant esclareceu, a seguir, suas razões e objetivos, tendo em vista uma evidente mudança de tática na política estudantil, nos últimos anos. "Muitas pessoas — disse ele — perguntam se o movimento estudantil está ausente das velhas lutas, da agitação que sempre o caracterizou. Respondemos que não. E, muitas vezes, o fato de parecer que desligamos os amplificadores se deve mais à insidiosa "cortina de silêncio" já usada por certa imprensa com o objetivo de sufocar a voz da juventude. Poderíamos citar as inúmeras vezes em que a UNE "foi notícia", sem que certos órgãos de divulgação se dispusessem a informar seus leitores. Mas não há dúvida de que o trabalho atual é muito menos retumbante do que o que era feito há pouco e, por isso mesmo, muito mais profundo".

"Se analisarmos a realidade brasileira atual — prosseguiu Brant — com o desenvolvimento econômico capitalista, feito à custa dos desequilíbrios que o caracterizam, e a progressiva integração da burguesia na área imperialista, veremos que os problemas do povo só se resolverão através de transformações mais profundas. As classes dominantes procuram encontrar esquemas para corrigir o desequilíbrio, esperando com isso amainar as tensões e manter a estrutura. Ora é o moralismo, propondo-se fortalecer a autoridade do Estado; ora são as "reformas de base", que não de passar sem tocar a estrutura; ora são os planos de estabilização mo-

netária. Mas o desequilíbrio e as tensões são próprias do desenvolvimento capitalista e pouco valerão as medidas superficiais que se pretendam adotar".

"Daí — afirmou o líder estudantil — ser muito mais importante, neste momento, realizar um trabalho de profundidade, despertar a consciência popular, do que estar constantemente na "fila de embarque" de uma das opções que se defrontam todos os dias nas pequenas lutas entre facções dominantes. Isso não quer dizer, porém, que renunciemos à presença constante nas lutas populares. Mesmo porque é nessas lutas que nosso movimento adquire condições de organização e maturidade política".

"Há os que — ressaltou Brant — se assustam com o fato dos estudantes tomarem uma posição revolucionária, encarada como sinônimo de comunista, e se escandalizam com a presença de católicos na UNE. Quantas vezes somos apresentados como "inocentes úteis" ou mais agressivamente, como comunistas que fazem da religião um bloco? De minha parte, julgo conhecer as implicações e consequências da opção que adotei. E a mesma convicção têm muitos outros colegas que escolheram o mesmo caminho".

PARTICIPAÇÃO CRISTA

Vinicius Caldeira Brant analisou então a participação do estudante na vida brasileira, reportando-se a declarações já prestadas anteriormente. "Considero — disse ele — que a perspectiva fundamental da vida de um cristão leigo, no século XX, é a do engajamento histórico. Nossa participação no campo temporal, que especificamente nos cabe, é um instrumento de aproximação de todos os homens com Cristo e sua mensagem. Não é uma atividade propriamente apostólica no campo confessional, mas que se desenvolve através da "cristofinalização" de que nos fala Congar".

"A participação na vida política nacional — prosseguiu — torna-se, assim, um dever, que decorre precisamente do engajamento cristão. Negá-la, reduzindo a vida universitária aos estritos deveres escolares, é um fechamento egoístico, incompatível com a condição de cristão. Nossa participação na UNE não é, pois, algo que se possa separar da vida cristã. E, para nós, uma decorrência da missão de católicos".

ENTENDIMENTO

"Frequentemente — prosseguiu — nosso entrevistado — a UNE é acusada de ser um foco de comunismo ou de ser um órgão sujeito à orientação do Partido Comunista. E, muitas vezes, a presença de comunistas no movimento universitário é apresentada como motivo suficiente de condenação das entidades estudantis. Não pretendemos negar a presença de comunistas na UNE e nem cremos que seja lícito excluir qualquer estudante do trabalho comum, por motivo de suas posições ideológicas ou confessionais".

"A consecução do bem comum — afirmou Brant — não é uma tarefa apenas dos cristãos, mas de todos os homens, sejam católicos, protes-

tantes, comunistas ou sejam norteados por outros princípios, que aceitem trabalhar em comum contra as injustiças e a favor da libertação do homem brasileiro. Querem concluir daí que a esta ou àquela corrente deve caber o controle das demais é negar o princípio do trabalho comum".

"Na verdade — prosseguiu — existe um perfeito entendimento entre estudantes de diferentes orientações ideológicas, que concordam em pontos muito concretos de atuação. Evidentemente, essa concordância se reduz a um programa de atividade e, portanto, não exclui o debate ideológico. Mas a UNE é uma entidade que representa todos os estudantes e não uma fração ideológica ou confessional".

CAMPANHA CONTRA

Vinicius Brant comentou, a seguir, a campanha que se faz contra a UNE. "Há tempos — disse — perguntaram-me quem combate a UNE e por que a combatem. Se verificarem o apoio que nosso trabalho encontra nas decisões democráticas dos órgãos do movimento universitário, será fácil achar a resposta: são todos os que desejam manter o atual estado de coisas, todos os que vêem na movimentação do povo, e particularmente dos estudantes, uma ameaça a seus privilégios".

"E não é por acaso — acrescentou — que poderosos instrumentos — e uma enorme soma de recursos estão à disposição dos que combatem a UNE. E' que, por meio das decisões democráticas internas do movimento estudantil, esses elementos têm sido derrotados repetidamente. Dessa forma, não desejam mais debater. Preferem combater o movimento universitário e combater sem escolher as armas, sem dar atenção aos mais elementares princípios de decência".

REGIME CUBANO

Finalizando sua entrevista, o presidente da UNE referiu-se à questão cubana. "Antes mesmo de eu ser eleito — declarou — alguns jornais já me atribuíam declarações. Inventaram, por exemplo, que eu pretendia que se transplantasse para o Brasil o regime de Cuba e da Iugoslávia. Dias depois, essa afirmação era modificada. Diziam ter sido uma proclamação feita em meu discurso de posse. Pouco depois, já era um boletim "confidencial", divulgado a meio mundo, que apresentava a tese, não como declaração minha, mas como um plano secreto que eu teria traçado em companhia de Fidel Castro e Julião. Certamente, daqui a alguns dias, afirmarão que tal plano foi elaborado com Krushev e Mao Tsé Tung. E talvez haja ingênuos que acreditem".

"Não há dia em que certos jornais deixem de caluniar a UNE. Não há dia em que falte uma mentira ou distorção desses jornais em relação à UNE. Por isso mesmo, a cada dia, aumenta o descrédito desses órgãos de opinião. O futuro dirá quem tem razão. Quanto ao que nos cabe, estou certo de que a missão do cristão inclui, necessariamente, o "ser odiado pelo mundo". Esse mundo da opressão, da miséria e do anti-evangelho" — concluiu Vinicius Caldeira Brant.

ARTES PLÁSTICAS

UM JOVEM

AMOROSO

DO PASSADO

A recente exposição de Otto Stupakoff na Petite Galerie de S. Paulo vem confirmar a sensibilidade aguçada deste jovem artista fotógrafo, seu domínio da técnica fotográfica, seu amor a cada trabalho em que se empenha. Todavia, a patética rejeição do jovem artista pela atualidade, e por tudo o que diz respeito ao dia que corre, é tão incisiva e repelida que se torna chocante. Pois prova o desejo talvez inconsciente de não participar do momento e suas implicações, e que colocam Stupakoff, como artista, numa posição marginal aos movimentos mais vibrantes de nosso mundo: de costas para o presente, os olhos voltados para o passado.

A parte de sua obra de melhor qualidade, a nosso ver, situa-se no gênero "portrait" e reportagens, incomparavelmente superiores às suas colagens e fotos que se conhece em de publicidade (na foto comercial, Stupakoff, tentando levar para a publicidade seus impulsos saudosistas e de objetos, como no caso do anjo das Tintas Ideal, cai numa morbidez totalmente negativa para o anúncio). Seus retratos provam uma concentração aguda e sensível na observação da pessoa a ser retratada. Assim, com fidelidade, Stupakoff compõe a foto com elementos (luz, atitude, composição, enfim) que expressam ao máximo a personalidade do retratado (exemplos são os retratos de Odriozola, com seu mundo mágico, Sheila Branningan, loda ansia, Petit, o "postur", e Wesley Lee, do retrato de início do século, além de grandes afinidades com Stupakoff, entre outros). As fotos de reportagens são magníficas, como a foto da rua, com o cartaz do filme de Norma Benquel, sensíveis e de grãncie finura na apreensão do instante fixado.

Mas já as colagens — retratos do próprio Stupakoff — nos colocam diante de um amor desmesurado pela coisa velha, passada, uma predileção que é expressão mesmo, não de um gosto mas de uma quase "mania" (como na apresentação dos retratos em épia, num enquadre, do tipo de fotografia do começo do século). Realmente, nas colagens e "assemblages" de Stupakoff — e neste ponto precisamos nos referir à velha máquina apresentada na mostra com um brinquedo "chines" de papel plissado colorido colocado "sobre", porque nem sequer cega a se integrar no todo da peça para ser apresentada como uma transformação criativa do artista — sente-se Stupakoff totalmente debruçado em encantamento sobre esses objetos "guardados" enquadados como se fossem telas dadaístas. Todavia, como ée es á longe do grito dos dadaístas que buscavam romper as convenções na realização de uma obra de arte e provar a dinamização e um aproveitamento novo da superfície da tela. Stupakoff não faz suas colagens com esse intento. O que delas se depreende é um saudosismo das coisas passadas (que ele não conheceu mas presenciou na infância com certeza), e não um desejo de eternização das coisas, como disse Pedro Manuel, mas antes, parecemos, a permanência do passado. Neste ponto nos insurgimos contra seu trabalho-fuga. Stupakoff se inebria nos ambientes de seus avós, sente prazer com as formas e odores da "Belle Époque", mesmo quando seu instrumento de trabalho é a máquina fotográfica, o próprio símbolo da arte de nosso século — o cinema. Além do mais, a intimidade amorosa de Stupakoff com tudo que é envelhecido ainda mais nos choca, quando lembramos que está diretamente ligado à publicidade, profissionalmente. E a publicidade — atividade avassaladora, que muda e deforma os homens ditatoriamente — e a própria expressão de nossos dias. Pode-se servir a dois senhores? Graças a seu talento e aguda sensibilidade, Stupakoff apresenta essa dualidade contrastante de posições — uma no trabalho profissional, outra nos retratos e fotos artísticas. Só com o tempo poderemos assistir à solução que ele dará a essa duplicidade de sua obra, que é construído com amor se rebelando e realizando a despeito de si próprio. Mas é jovem e tem talento. Talvez, então, ainda supere essa repulsa pelo atual. Ou quebre sua máquina em ato de fidelidade absoluta.

Aracy Amaral

XADREZ: MATERIA ESCOLAR

Oficializado como Matéria Escolar já há vários anos através de lei, o Xadrez não tivera o devido incremento nos meios escolares segundo as antigas e obsoletas diretrizes que regiam nosso ensino. Mesmo assim tivemos em São Paulo o "Curso Municipal de Xadrez" que funcionou na capital e se alastrou por várias cidades do interior. Em Santos, por exemplo, o Xadrez é matéria de colégios estaduais.

Agora, com as novas leis do ensino "Diretrizes e Bases" o Xadrez terá seu lugar de destaque como matéria escolar e já surgiu a Portaria Ministerial no 32 de janeiro último, instituindo o Xadrez em todos os colégios do Brasil, muito embora em caráter menos direto do que matéria escolar mas prevendo torneios estaduais e até nacionais, prestigiados pelas autoridades da educação, segundo rege a Portaria. Essa medida contorna de certo modo a dificuldade em tornar o Xadrez matéria obrigatória nas salas de aula... Ele funcionará como esporte e recreação até que todos vejam o valor da matéria, como acontece em vários países da Europa, onde é praticamente obrigatório nas casas de ensino. O aluno terá uma preparação para receber a nova matéria que, primeiramente, virá como simples recreação. Tal medida só poderia sair de pessoas competentes que conheçam o Xadrez com perfeição e sentem o valor de sua aplicação nos colégios. O general Edmundo Gastão da Cunha, presidente da Confederação Brasileira de Xadrez, elaborou e viu aprovada a Portaria 32. Pessoa ligada ao Xadrez há meio século, o general Gastão da Cunha acumula muitos títulos dentro e fora do tabuleiro. E' além de presi-

dente da Confederação Brasileira, vice-presidente da FIDE (Federation Internationale des Échecs) na América do Sul e o único árbitro internacional brasileiro de Xadrez. E ainda é um respeitável campeão, tendo vencido por várias vezes o Campeonato Carioca e o Campeonato Brasileiro das Forças Armadas.

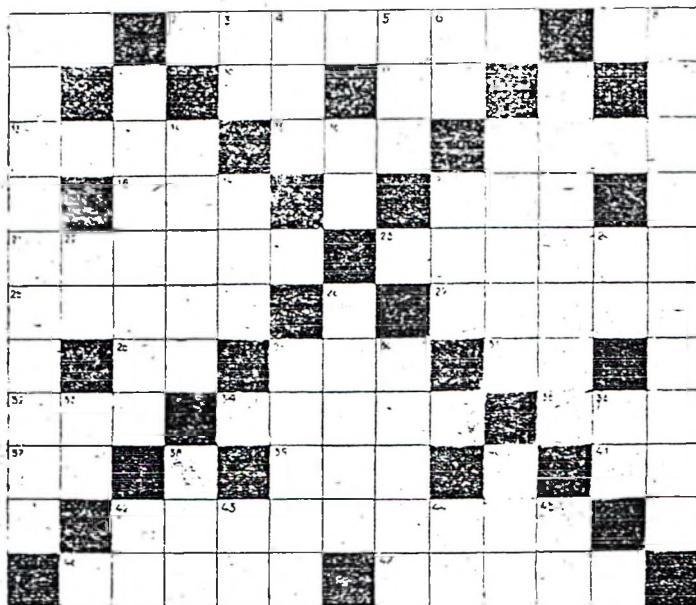
CAMPEONATO MUNDIAL

Será disputado, no próximo dia 23, mais um "Match-Desafio" pelo Campeonato Mundial de Xadrez. O Campeão é Mikail Botvinnik titular desde 1948, quando venceu os mais conhecidos mestres da época: Smyslov, Keres, Rashevski e Euwe. Seu primeiro "match" pondo em jogo o título se deu em 1951 contra David Bronstet que empatou em 12 a 12 a série estipulada de 24 partidas. O Regulamento previa que o Campeão bastaria empatar para garantir o título.

O próximo pretendente ao título é Tigran Petrossian, representante de escola oposta a de Thal, com estilo verdadeiramente sólido e praticamente invencível. Vencido o último Torneio dos Candidatos — Concurso 1962 — e sua carreira é uma seqüência paulatina de grandes sucessos internacionais. Botvinnik terá um rival duríssimo e sua idade poderá impedir-lo de sair-se vitorioso ante o formidável e completo Petrossian.

Tigran Petrossian declarou que não acredita vencer Botvinnik no "Match" e prosseguiu dizendo que disputará com ele cinco partidas com o resultado nulo de cinco empates. Descubri-se, porém que o armênio escondeu uma vitória que obteve contra Botvinnik num torneio treinamento, em Moscou, em 1952.

PALAVRAS CRUZADAS



VERTICAIS:

- 1 — Retrocedimento
- 3 — O substrato instintivo do psique
- 4 — Pronome pessoal
- 5 — 12 meses
- 6 — laço apertado
- 8 — governo de uma classe
- 9 — atrair a si
- 12 — Representam por meio de modelo
- 14 — Fazer silêncio obstinado
- 16 — Em o
- 17 — Sob a xicara
- 19 — 34 da alma
- 20 — O mesmo que "cadgr" (inglês)
- 22 — Símbolo do selênio
- 24 — Elemento 22 da classificação periódica
- 26 — Tritar de frio
- 29 — Mãe do marido ou da esposa
- 30 — São usadas para viagens
- 33 — Interjeição que sirva para chamar
- 36 — Perito
- 38 — Proposição indicativa de limite de tempo
- 40 — Lista
- 42 — O mais
- 43 — De verbo ser
- 44 — Oferece
- 45 — Elemento 88 da classificação periódica

HORIZONTAIS:

- 1 — Famosa marca de automóvel
- 2 — Membrana do ouvido
- 7 — Peleira
- 10 — Entregue
- 11 — Em o
- 13 — Quadro
- 15 — Único
- 17 — Imperativo do verbo pôr
- 18 — Jaculatória da liturgia da macumba
- 20 — Nome de homem
- 21 — Beijo
- 23 — Pequena vara
- 25 — Do verbo cear
- 27 — Desfazer
- 28 — Atmosfera
- 29 — Advérbio designa afirmação
- 31 — Sociedade anônima
- 32 — Estar
- 34 — Instrumental detector de som
- 35 — Rulm
- 37 — Nota musical
- 39 — Nome masculino
- 41 — Elemento 14 da classificação periódica
- 42 — Pavoroso
- 46 — Integra
- 47 — Cômodes

"EVANGELHO E REVOLUÇÃO SOCIAL"

Não foi por simples coincidência que o aparecimento de BRASIL, URGENTE foi precedido pelo lançamento do livro EVANGELHO E REVOLUÇÃO SOCIAL de Frei Carlos Josaphat. Para os organizadores deste Jornal e particularmente para a equipe que o dirige, o livro do teólogo dominicano é absolutamente fundamental. Para nós que acompanhamos o processo político-social brasileiro e sentimos a força renovadora do cristianismo autêntico, a síntese doutrinal oferecida por Fr. C. nos soa assim como um manifesto daquilo que é indispensável para a nossa militância na batalha contra a miséria e a injustiça.

"Como nossa pregação, este livro brota de nossa Fé". "Cremos na força renovadora do Evangelho". Palavras como essas, do Prefácio, relembram-nos um amplo trabalho de doutrinação social cristã de que nos temos beneficiado, muito particularmente em São Paulo, mas que tem alcançado larga repercussão em outras regiões do País. No segundo semestre de 1961, logo após a publicação da Enciclica Mater et Magistra, do Papa João XXIII, tivemos a oportunidade de acompanhar o curso ministrado por Fr. C. para cerca de dois mil "alunos". Nesta série de conferências do Alto das Perdizes, tão debatidas e tão marcantes, reconhecemos, se não o início, pelo menos a intensificação de um movimento que está nas origens de "BRASIL, URGENTE". As dez conferências foram reunidas em um opúsculo modesto, sob o título "A Justiça Social na Bíblia e no Ensino da Igreja", cuja 3ª edição já se faz desejada, sobretudo se vier ampliada como o próprio texto do curso, como nos promete o Autor no seu prólogo.

Aliás, também "Evangelho e Revolução Social" se ressentido do caráter sintético que lhe imprimiu Fr. Carlos. Uma ou outra expressão técnica embarça o leitor comum. E algumas formulações mereceriam explicações menos sucintas. No conjunto no entanto o livro é de transparente limpidez. A plena posse da doutrina por parte do Autor e seu constante diálogo com os elementos mais dinâmicos de todas as camadas sociais lhe tornaram possível uma linguagem densa, franca e clara.

Sem pretendermos resumir um livro, cujo estudo nos parece imprescindível a todo homem de ação, limitamo-nos a destacar as grandes proposições que constituem as linhas mestras do pensamento do Autor.

"A dimensão social é essencial ao Evangelho." "As obras assistenciais podem ser necessárias, mas não bastam. O imperativo da consciência cristã é construir uma ordem social justa". Essa afirmação, que é explicitamente utilizada no capítulo 1.º, sustenta todo o desenvolvimento do Livro. O individualismo de muitos cristãos talvez lhes dificulte o alcance de semelhante tese. Uma sociedade estruturada em vista do enriquecimento ou dos privilégios de alguns é simplesmente uma sociedade pagã, mesmo que os seus componentes tenham sido lavados pelo batismo cristão.

A muitos que se apresentam como cristãos e como democratas, falta igualmente um "sentido da história". No capítulo 2.º de Ev. e R. S., encontramos uma firme exposição da "visão cristã da história humana"; Não hesita Fr. C. em reconhecer o sentido progressivo da história, vendo um desígnio da Providência na ascensão constante das classes trabalhadoras e na tendência igualizadora dos direitos humanos, com a correlativa supressão dos privilégios.

Dentro deste conceito dinâmico e orientado da história e à luz da noção adequada da justiça, pode o Autor enfrentar corajosamente o problema da reivindicação social, que é postulada como uma exigência da vida cristã, sempre que são postergados os direitos das pessoas, classes ou das regiões, como é o caso incontestável e incontestado da realidade brasileira. Tal é o conteúdo do capt. 3.º que prepara a parte final do livro, para nós a mais prática e atual, pois focaliza o tema da revolução social, de maneira condensada, mas luminosa.

Relembrando uma doutrina que hoje vai se tornando clássica, estabelece o Autor cuidadosamente a definição de "revolução social", em oposição aos "golpes", guerras civis ou formas inferiores de subversão. A revolução social vem a ser a "mudança radical e brusca das estruturas", ornada necessária sempre que haja uma falta de adequação da situação vigente em relação aos "direitos fundamentais e às legítimas aspirações do conjunto do povo, ou mesmo de uma parte dele". Com segurança e realismo aponta o livro os diversos caminhos da revolução, hierarquizando-os e apreciando-os segundo o critério da justiça e caridade evangélicas. As páginas 86-91 são de grande densidade: afirmando a primazia dos meios pacíficos de persuasão, lembra Fr. C. ao cristão a necessidade de não se acobardar diante da "injustiça ou violência estabelecida". Convidamos o leitor ao aprofundamento deste ensino, audacioso mas objetivo, que nos parece prolongar o magistral "Revolução Personalista e Comunitária" de Emmanuel Mounier.

Para nós essas páginas finais, lidas à luz dos primeiros capítulos e dentro do amplo contexto do comunitarismo personalista cristão, constituem um programa de vida e de luta. Repetimos como nossas as palavras com que Fr. C. se despede de seus leitores, que têm sido muitos, pois estamos informados de que a primeira edição está praticamente esgotada em três meses:

"Crer em Deus e na Eternidade não significa uma evasão, mas sob pena de deformação, encerra o desejo efetivo (que vá até à luta) de valorizar os homens, feitos à imagem de Deus e chamados à posse de Deus."

"A exploração da crença cristã para impedir a renovação social e abafar as justas reivindicações dos menos favorecidos, é a gravíssima deformação do cristianismo, tão "intrinsecamente má" como o ateísmo militante."

Para o momento político e social brasileiro, não acreditamos que se tenha escrito recentemente obra tão oportuna e necessária como "Evangelho e Revolução Social".

Rul do Espírito Santo

COMEÇO DE CONVERSA

Gostaria de saber direito o que vou fazer neste canto de página dedicado ao cinema. Mas não sei. Não darei conselhos e é claro, não farei moral. Também não farei política que não dou para a cousa. Já tentei, há muito tempo e fracassei. Política é ter certezas, ou fazer que as tem, e procurar imping-las aos outros. Minhas eventuais certezas são por demais genéricas ou particulares e não valem para a ação. Posso também assegurar que aqui neste canto não se refugiará um chamado especialista em cinema. Não pretendo influenciar ninguém mas confesso que tenho horror pelos especialistas em cinema e que só os leio por obrigação, e olhe lá. Não perdão ao crítico cinematográfico o fato de seus artigos serem sistematicamente mais cacetes do que as fitas que comenta. Também não levo a sério a história do crítico intermediário útil entre as fitas e os espectadores. Na realidade os críticos passam a vida se entreolhando e entreolhando. No fundo só eles se entendem e o público tem pouco ou nada a ver com o que dizem nas linhas e sobretudo sugerem nas entrelinhas, já que lhes apraz muito a alusão e o subentendido. Sou amigo de muitos, do Rio e de São Paulo, do Norte e do Sul, e gosto de conversar com eles, inclusive sobre cinema. Uma das coisas boas das fitas são as conversas que motivam ou sugerem. O que há de ótimo em cinema é que toda gente está à par, como a política, o futebol ou os crimes importantes. De maneira que a minha função aqui pelo jeito será promover conversas em torno ou a propósito de filmes ou de qualquer um dos numerosos aspectos da vida cinematográfica. Gosto de falar mas também sou bom ouvinte. Fico torcendo para receber muita carta a propósito do que for dito aqui, desde que toque de perto ou longe, não importa, o cinema. Se não, me sentirei falando sozinho o que não só é fim de conversa mas começo de desconversa e divagação. Sei que tenho tendência para a divagação. Divagar acompanhado não é grave. Só, é ridículo e, o que é pior, inútil. Não deixem. Meu assunto predileto será o cinema nacional que está cada vez melhor mas cujo estranhamento será fatal se não forem feitas muitas coisas. Aviso final: sou um homem completamente sem princípios pelo menos em matéria estética. Em outras matérias deixemos o futuro falar.

E para começar já a conversa, soube de uma coisa escandalosa. Quero contá-la e ver o que os outros pensam. Um comerciante de passagem por São Paulo assistiu filmes brasileiros e achou que alguns poderiam fazer boa carreira no Japão. Resolveu experimentar com uma fita de Walter Hugo Khoury. "Na GAR, GANTA DO DIABO" Os negócios entabulados corriam bem e estavam prestes a concluir-se quando as autoridades competentes informaram que o Brasil não possuía quota para colocar filmes no mercado exibidor japonês. Enquanto isso são tranquilamente e anualmente exibidos no Brasil cerca de duzentos filmes japoneses. Esses fatos causam uma indignação salutar mas é preciso que esta tenha endereço certo. Os japoneses não tem culpa no caso. Não compete a eles saírem oferecendo quotas. As autoridades brasileiras é que devem solicitar, e eventualmente exigir, autorização para a venda de nossos filmes no Japão. Se ainda não tomaram esta e outras medidas igualmente simples em favor de nosso cinema, é apenas por descaso.

Paulo Emilio

BRASIL - 63

Bibi Ferreira voltou ao Canal 9 trazendo de volta o famoso Brasil 60. O programa vinha sendo anunciado dentro da fase de renovação por que passa aquele canal, como um novo show, em novo estilo. Realmente. O novo estilo estava presente na noite do dia 11. Bibi Ferreira, versátil, aplaudidíssima em tudo o que fez. Cantou, dançou com a boa vontade e simpatia que todos conhecem. Depois fez desfilas as "cantoras do Brasil". Nesse ponto o programa atingiu o climax. Marisa, Claudette Soares, Alaíde Costa, Doris Monteiro, Silvinha Telles e Elza Soares, desfilaram, uma após a outra, ininterruptamente, cantando cada uma seu samba em bossa nova. A apresentação foi dinâmica e inteligente.

"My Fair Lady" esteve presente interpretada por Bibi, Edson França e Sérgio de Oliveira. A representação da cena esteve muito boa, mas foi mal apresentada no vídeo. Os três atores ficaram perdidos no grande palco vazio, e a câmera foi pouco feliz na captação da pequena coreografia. Os atores apareciam quase sempre superpostos, tirando a visão de conjunto necessária.

Bené Nunes veio depois, apresentando dois grandes números

Carlos Galhardo, Orlando Silva, Dorival Caymmi e Silvio Caldas formaram um quarteto delicioso, daqueles que a gente sempre pensa em ouvir.

O programa porém, foi mal encerrado. A ideia da banda foi ótima, mas o som esteve péssimo, e o grand-finale falhou. Não se viu a entrada das cantoras, e, quando as vimos, a câmera não as mostrou como devia. Houve uma grande indecisão na direção de TV.

A presença do comercial foi sutilíssima com a participação de Cyll Farney.

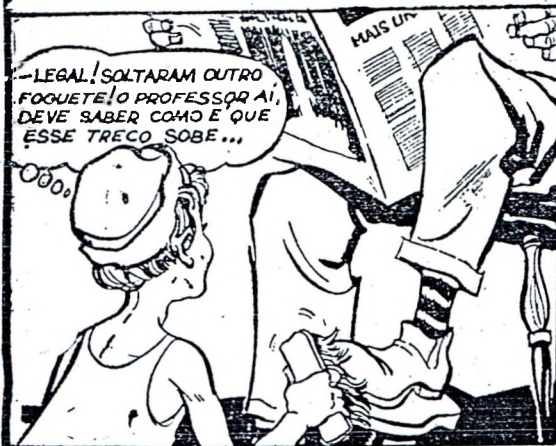
Garrincha também esteve em Brasil 63, todavia não teve função alguma. Nem foi bem entrevistado. Não se sabe o porquê de sua presença no programa, Cenografia de Federico Pádua, que não apresentou nada de novo, apenas funcionando bem as longas tábuas do chão.

Apresentação muito arrastada, porém original, com uma série de desenhos feita na hora.

Direção de TV de Italo Morelli, com os defeitos já apontados.

O programa, pelo que vimos, promete realmente, a

Carlos Fernandes



--LEGAL! SOLTARAM OUTRO FOGUETE! O PROFESSOR AI, DEVE SABER COMO É QUE ESSE TRECO SOBE...



-É UM COMBUSTÍVEL SECRETO, ZE! TEM MIL VÉZES MAIS FORÇA QUE A GASOLINA.

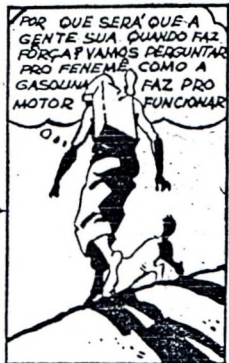
-PUXA, DEVE SER BARBARO SABER O QUE TEM ATRAS DO CÉU!



-SE EU INVENTASSE UMA GASOLINA ASSIM... NÃO PRA FOGUETE QUE CUSTA CARO A BESSA, MAS UM FORTIFICANTE COLÓSSO, PRA GENTE TOMAR E SUBIR DIRETO...



-OLHA O BÓCA... SUA PRA' CACHORRO, LAVANDO OS CARROS



PAR QUE SERA' QUE A GENTE SUA QUANDO FAZ FORÇA? VAMOS PERGUNTAR PRO FENEMÉ, COMO A GASOLINA FAZ PRO MOTOR FUNCIONAR



-É ASSIM QUE FUNCIONA ZE!... MOROU? QUE NEM O CORPO DA GENTE... QUE TEM TAMBÉM SEU MOTOR. O MEU, AQUI DENTRO, JÁ TA' BATENDO UNS PINÓS...

-MOREI, FENEMÉ... E MATEI A CHARADA!

NO DIA SEGUINTE, COM SUA CURRIOLA, ZE! ANUNCIA A DESCOBERTA, SEM REVELAR O SEGREDO E' CLARO...

FAITAVA O «MATERIA-PRIMA COM TODO O PLANO BULALO ZE! FOI PROCURAR O BÓCA

ZE! ESPEROU A SAÍDA DO FREGUÊS E CANTOU O BÓCA DURANTE O PUMCO



-O PAPI AQUI VAI VOAR COMO OS PARAGAIOS... ESEM FIO, TA' BEM?

-EI CARIOCA DANOU-SE O BICHINHO -VAI VOAR SIM JIRIMUM... MAS COMO ANJINHO, SE TOMAR O VE... NENO QUE BOLDU!



-VAI TER FORÇA NO INFERNO! E OLHA COMO SI SUOR, QUANDO O DANADO FAZ FORÇA...



-TU NÃO PRECISA PASSAR NADA. SÓ TEM DE ME DIZER QUE É QUE TU FAZER COM ELE...

-BRIGADO, BÓCA. SE DER CERTO DEPOIS TE CONTO O SEGREDO.



ZE! NÃO PERDEU TEMPO, CATOU NA LATA DE LIXO DA FARMACIA UMAS GARRAFINHAS E...

-OS FREGUEIS VÃO ME GOZAR, ZE! JÁ PENSOU O NEGRÃO AQUI, DE COLAR FEITO DE GARRAFINHA?

-TE MANÇA BÓCA... DIZ QUE É "SIMPATIA..."



DISSOLVIDO NA ÁGUA DO SUOR, DEVE EXISTIR A "COISA" QUE DAVA A FORÇA NO BÓCA LIXO, ERA SÓ FERVER O SUOR DÊLE.



DESCOBI, FAQUIR! BOBROU ESSE POZINHO... É A SUORLINA CONCENTRADA!

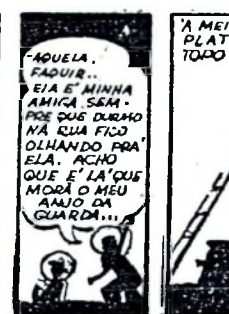


PARA ENGOLIR A SUORLINA, ZE! PÓS O PO' DENTRO DE UM CHICLET. ERA SÓ MASTIGÁ-LO E IR ENGOLINDO O GUSPINHO...



DIVIDIU O CHICLET EM DUAS METADES. FAQUIR VOARIA COM ELE. NUM DEPOSITO DE FERRO-VELHO, ENCONTRARAM TODO O EQUIPAMENTO INTERPLANETARIO

-VOCÊ SERA' MAIS FAMOSO QUE A LAIKA... É EU, MAIS QUE GAGARIN! JÁ PENSOU, FAQUIR?



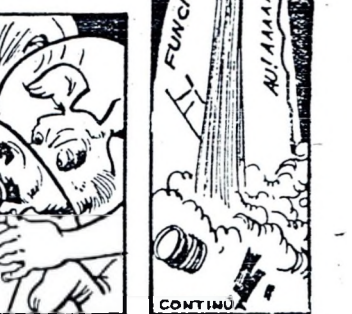
-AQUELA, FAQUIR... É IA É MINHA AMIGA SEM POE QUE DURMO NA RUA FICOU OLHANDO PRA ELA. ACHO QUE É LA' QUE MORO O MEU ANJO DA GUARDA...



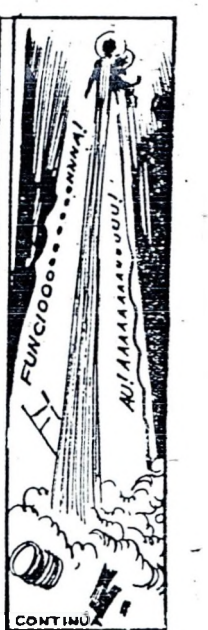
A MEIA NOITE SUBIRAM NA PLATAFORMA ARMADA NO TODO DA COLINA.

-VOCÊ CONTAR, QUANDO CHEGAR A ZERO COMEÇA A MASTIGAR! DEZ... NOVE... OITO...

-EU HEIN?



ZERO! MASTIGA...



FUNCIONOU... AAAAAAAAAAAAAUUUUU!

CONTINUA

É Duro Ser Doméstica

"Muitas empregadas domésticas, quando vão ao baile, ou se encontram com um brêto, se apresentam como gente de escritório. Outras, fazem o possível para deixar a profissão, o quanto antes, e passar para o comércio, para a indústria, enfim, para qualquer outro setor de atividade. Isto ocorre porque a profissional se sente desvalorizada" — declarou a BRASILEIRA, URGENTE Floriscena da Silva, vice-presidente da Associação das Empregadas Domésticas, tentando explicar os problemas da classe que lidera.

NOS GRANDES CENTROS

A doméstica é, na realidade das cidades grandes, um dos elementos que mais problemas carrega: vive quase todo o tempo em ambiente e padrão de vida que não é o seu, decorrendo daí deformações psicológicas e morais.

SOLIDAO

Sózinha — porque come, dorme e pensa só — a doméstica é vítima de total insegurança. Essa insegurança advém da ausência de leis jurídicas que lhe deem estabilidade de emprego, leis humanas que lhe garantam estabilidade numa família, participando, assim, de um convívio de amor.

A classe se ressentida da falta de Previdência Social, pois a doméstica trabalha anos e anos a fio, e esse esforço não lhe traz qualquer vantagem para as horas mais difíceis da vida, como veicula, doença, maternidade ou invalidez.

INSEGURANÇA

"Será que as domésticas não gostam de sua profissão? Falta-lhes inclinação para a arte culinária, arrumação da casa ou trato do bebê? Não, o problema é outro. A doméstica hoje não gosta da situação em que se encontra sua profissão, sente-se desvalorizada. Em resumo: não aceita, as atuais condições de trabalho, o salário, e a insegurança de sua profissão. O "duro" está mesmo na atual vida da doméstica" — explicou-nos Floriscena da Silva.

SEM GARANTIA

"Em geral a doméstica trabalha 16 horas por dia de serviço, sem tempo livre, sem férias e com salário curto. Trabalhamos cerca de 460 horas por mês no fogão ou na limpeza — ou no cuidado das crianças — e no fim do mês recebemos somente cerca de 10 mil cruzeiros. Quando as operárias recebem 20 mil em 176 horas de trabalho mensais. Por isso, afirmo que só continua sendo doméstica quem não pode passar para a fábrica".

DAS 6 AS 22

Uma colega, por exemplo — cita Floriscena — trabalha das 6 às 22 horas. Sua folga é de 15 em 15 dias. Nesse domingo de folga, ela sai para o passeio às 17 horas. No fim do mês, recebe apenas 10 mil cruzeiros. Uma vez conversou com a patroa sobre

sua situação, mas a resposta foi lacônica: "Em casa o trabalho é assim mesmo". Essa moça, que saiu de sua casa, em Minas, aos 14 anos — quando veio para S. Paulo — está há 3 anos com essa família e nunca mais pôde ver os seus. Há noites de sono — e não são poucas — e a empregada passa a noite servindo os convidados: bebidas, salgados, cafézinhos... As vezes, nessas ocasiões, deita-se às 3 da manhã, e logo cedo está a postos, para pôr em ordem a casa. E nem se fala em horas extras!"

DRAMA

Outro exemplo é citado por Floriscena:

"Há bastante tempo com uma família, uma doméstica conseguiu reunir dinheiro para dar-se ao luxo de ter sua máquina de costura, seu rádio, enfim, algo de seu. Como toda moça, sonhava com marido, filhos, uma situação que lhe possibilitasse ter a sua "sua" casa, a sua família. Casouse, assim, na primeira oportunidade, sem conhecer o rapaz. Resultado: o casamento durou um mês. O homem bebia, batia-lhe e ela resolveu deixá-lo. Hoje, grávida, está trabalhando de novo, medrosa do futuro, sem saber se poderá educar o filho. Sem nem mesmo saber se poderá tê-lo ao seu lado ou terá que enviá-lo para o interior ou então entregá-lo a alguém que o crie. Enfim, como se vê, nem sempre o casamento é uma solução".

VALORIZAÇÃO OU FIM

Finalizando, Floriscena é enfática:

"É claro que duas ou três dessas histórias não dão a exata dimensão do problema. O nosso drama se conta pelo nosso próprio número. Cada uma de nós é um drama, um problema. E se não conseguirmos valorizar a profissão — unindo-nos, reivindicando, enfim, agindo como classe — veremos o fim da profissão".

Enfermagem do Lar

FARMACIA CASEIRA

É imprescindível em cada lar, uma farmácia caseira. Qualquer dona de casa saberá e poderá prepará-la sem muito trabalho e sem muito gasto. A utilidade de uma farmácia assim é enorme na solução de doenças simples e pequenos acidentes domésticos, doenças que ocorrem todos os dias, principalmente em casa, onde existem crianças. E é tendo em vista essa utilidade que aqui damos, para orientação da dona de casa, uma relação dos medicamentos estritamente necessários à farmácia caseira:

1.o) — Anti-séptico local (mercúrio cromo metiolato, tintura de iodo etc.), para ser usado em pequenos ferimentos.

2.o) — Água oxigenada — indispensável à limpeza de ferimentos infeccionados. Não usá-la em feridas não infectadas.



Floriscena da Silva

FEMINILIDADE EM ESTUDO

Em recente simpósio no Centro Médico da Universidade da Califórnia, em São Francisco, 1200 estudantes além de milhares de telespectadores, acompanharam os debates sobre o problema da feminilidade no mundo de hoje.

As mulheres foram examinadas com cuidado desde o ponto de vista ginecológico, sexual e fissional, até os problemas que implicam numa modificação do antigo conceito do belo feminino.

AMERICANAS: COMPLE

A escritora Marfa Mannes firmou no simpósio que o problema de ser esta ou aquela at de mais ou menos feminina criando verdadeira subnute intelectual na maior parte mulheres dos grandes centros de culpa nas poucas que usam cérebro. "Graças, principalmente americanos e um sentido "hante" divulgação pública vigente, as mulheres acham-se hoje obcecadas por um ideal de feminilidade como "gare de felicidade. Assim, frases mo: seja magra, seja atraia seja "sexy", fale com suavidade compre lingerie nova, apre receitas novas, tenha filhos ligentes, auxilie a carreira seu marido, ajude a comunidade a saber dirigir um carro, sorr dominam a mentalidade das lheres. "Mas" diz ela, "quem aconselhou Mme. Curie pintar o cabelo".

3.o) — Alcool — de vasto emprego — utilíssimo para casos de picadas de insetos, desinfecção das mãos e de objetos, aplicação de injeções, compressas e mais uma infinidade de outras coisas.

4.o) — Eter ou acetona para compressas de efeito analgésico, para facilitar a remoção de esparadrapo de ferimentos Pensados etc.

6.o) — Analgésicos.

7.o) — Antiespasmódicos para cólicas intestinais, uterinas, vômitos, náuseas etc.

Com uma farmacinha assim, as doenças simples, pequenos acidentes, poderão ser medicados devidamente, evitando-se, com isso, o seu agravamento e possíveis consequências perigosas. Mas lembre-se sempre de que nenhum medicamento mais sério deve ser empregado sem recomendação médica.

OSINETE MARINHO

Vai Ser Dada a Saída

1 — Eis, finalmente, o “jornal dos padres”. Claro — jornal dos padres. Ou vocês acham que brasileiro ia deixar passar mais esta oportunidade de batizar, a seu modo, as coisas e instituições? Jornal dos padres. E, como desde os tempos de Pero Vaz Caminha primeiro (o sujeito que escreveu neste País, exigindo “rigoroso inquérito” para saber se havia e onde estava o ouro), se diz que “jornalismo é sacerdócio”, nada melhor para um jornalista que o jornal dos padres.

2 — Aqui, porém se fará uma outra espécie de sacerdócio. Não o sacerdócio dos jornalistas que incensam Deus com um ôlho no ouro do crucifixo. E que acham que “Deo laetificat”. correndo a vista gulosa pelos graúdos, pensando na próxima facada. Ou que se vestem de coroinha, apenas pensando na coroa. Ou que correm o prato das esmolas e o entregam vazio. E que falam em civilização cristã, com uma prece nos beiços, enquanto vão jogando mendigos para um banho de saúde no Rio da Guarda. “Banho de saúde no Rio da Guarda” — isso dá turismo.

3 — É um outro canto de coluna. Canto onde poderei dizer o que quiser. Achar, por exemplo, que não é vantagem o Jânio dizer que vem jogar na “meia esquerda”. se ele passa o tempo todo deslocado para a posição da meia-direita, com brilhantes incursões pela ponta. E que essa posição de meia esquerda tem um objetivo prático muito claro: na meia esquerda, a gente pode marcar pilhas de gols, aproveitando as jogadas da extrema direita e da extrema esquerda.

4 — Ou comentar, por exemplo, a guerra das lagostas, que conseguiu tamanha unanimidade na imprensa do Brasil inteiro, tamanha frente única de todos os jornais da sadia que chegou a deixar a gente desconfiada. E na semana passada, avisaram que o maior empresário de lagosta é um americano, Morgan. O que esclarece totalmente a vigília cívica de todos os jornais na conjuntura dramática que pairou sobre os nossos foros de País civilizado e senhor de sua soberania, salve, salve.

5 — Abordar assuntos como o Plano Trienal, que arranca os subsídios do trigo, arranca os subsídios da gasolina e arranca a pele do pobre. Ou o sr. San Thiago Dantas, que pega avião aqui, voa, desce em Washington, baixa pela escadinha, estende a mão ao funcionário americano, este já vem com a pergunta e um pigarro:

— How much?

6 — Ou o Lacerda, que depois de lançar mendigo, vai lançar sua candidatura à Presidência da República, dizendo que aspira o cargo máximo de sua Pátria. O que equivale dizer que o Kennedy terá que o enfrentar nas próximas eleições americanas.

7 — Como o general Aldevio, que vai acabar com todas as greves usando a força, a cadeia, o cassetete. Seguindo, provavelmente, uma velha aspiração do sr. Luís Carlos Prestes.

8 — Ou o Santos F. C. que tira Pelé e coloca um reserva em seu lugar, a platéia esfrega as mãos:

— Bom! Agora ficou onze contra onze!

9 — Poderei pegar assuntos como a “subversão castrista no Continente”. E com êle me ilustrar, me instruir, ficar sabendo que fome não é fome: é “subversão castrista”.

10 — Terei oportunidade de lutar pelo prestígio das Assembléias Legislativas, mostrando que enquanto um deputado quer receber uns míseros 600 mil cruzeiros, tem operário aí ganhando quase 25 mil mensais. E só com 5 filhos menores.

11 — Como se vê, assunto não falta. É só pegar os diários. E, no dia em que estiver fraco o movimento, sem nenhum desfalque, nenhum desfile de fantasias de 15 milhões de cruzeiros, nenhuma manifestação da UDN, ainda assim poderei me socorrer do “Diário Oficial” — êsse manancial.

12 — E vamos, nós. Agora que ficou provado que não há vida em Venus, que Marte tem atmosfera respirável mas não tem água êsse foguete esteve em Marte ou na Guanabara?), agora que parece provado que os planetas mais próximos de nós não possuem seres humanos, a missão ficou mais fácil: o único que precisa de concerto é mesmo a Terra. Aos outros, o homem ainda não chegou, graças a Deus. E a Terra é um grãozinho de areia perto da Via-Lactea. Vamos lutar para que êsse mundo tão pequeno, ganhe dimensões infinitas. Para isso, basta que consigamos um regime dentro do qual o homem trate o outro homem reconhecendo nele “a imagem e semelhança de Deus”. Difícil? Ora, depois que ganhámos na Suécia, no Chile, nada é difícil para nós. Basta ter na área sem medo de botinadas. Nesta corrente boa na vanguarda. Gente que entre luna, prometo fazer tudo para garantir minha posição e nunca passar ao hanco dos reservas. Souo o apito. Vai ser dada a saída.

13 anos à espera de um ídolo TUPANZINHO: "SORTE GRANDE" PALMEIRENSE

1 — Os supersticiosos ficarão desmoralizados este ano. Justamente em 1963, data em que o Palmeiras comemora 13 anos de "inhaca" — depois dos extraordinários triunfos das Cinco Coroas — aparece, com a camiseta verde, alguém capaz de reverter a idolatria dos Villa, Jair, Aquiles, Fiume, Oberdan. Seu apelido: Tupanzinho.

2 — Os palmeirenses estão em festa. Viam santistas com Pelé na lapela, corinthianos acabando discussões na base de Ney, tricolores arreatarem grandeza com Benê. E eles sem ninguém. Agora, em quatro partidas, em apenas quatro jogos, já andam aí pelas ruas, pelos bares, pelos estádios, um ar de superioridade.

— Tupanzinho é ruim! Eu é que sou bom!

3 — Até o jogo com o Santos, Tupanzinho marcou todos os gols do Palmeiras no Rio - São Paulo (com uma honrosa exceção para Servílio, diante do Flamengo). Bem, marcar gols não é, definitivamente, sinal de que o jogador é craque. Cuxambu foi artilheiro, Servílio entupiu de gols os adversários (Servílio do Corinthians), Baltazar foi a "grossura"... e marcava gols. E' Tupanzinho um craque?

4 — Respondamos aos palmeirenses de outros Estados, os que ainda não o viram jogar, com uma resposta sincera: "pinta", ele a tem. São apenas meia dúzia de jogos. Mas, nesse punhado de partidas, o meia provou que não é apenas um bom jogador. Há lampejos de gênio em certas jogadas.

"REI" (SOSINHO) LIDERA O RIO-SÃO PAULO PELÉ (EM 4 JOGOS FEZ MAIS GOLS QUE VINTE ATACANTES

Os ataques do Vasco, Corinthians, São Paulo e Portuguesa, foram menos positivos que o jogo com a camisa n.º 10 do Santos F.C. Enquanto os vinte atacantes das quatro equipes citadas marcaram sete gols no Santos, o meio Edson Arantes do Nascimento — que vocês conhecem mais como Pelé — fez nove tentos nas respectivas defesas paulistas e cariocas. A rigor, bastariam somente os tentos do "Rei" para que o Santos venesse o Corinthians, o São Paulo, empatasse com o Vasco e perdesse por um gol para a Portuguesa.

Senão, vejamos: Na estreia do Santos, os "peixeiras" perdiam do Vasco da Gama, no Maracanã por dois a zero aos 13 minutos do segundo tempo. Pelé fez dois gols, obrigou o arqueiro carioca a um milagre e botou uma "bomba" no travessão, em dois minutos. Final: Pelé 2 x Vasco 2. Veio a seguir a Portuguesa. Primeiro gol, Pelé. Segundo, presente dele ao Mengalvito, terceiro Pelé, mesmo. Final 6 x 2. Contra o Corinthians repetiria a lenda do Maracanã. Apenas um pouco mais cedo, pois o primeiro gol surgiu aos 35 minutos da fase final e o segundo aos 44. Final: Pelé 2 x Corinthians 0.

Seu tiro de esquerda é um crime, uma tentativa de assassinato sobre o goleiro. Contra o Flamengo, deu um pirobaço na trave que ela deve estar sacudindo até agora. Tem boa corrida, finta fácil. Parece estar acomodado dentro de uma jogada, lento, sem ideia, sem vontade de continuar a jogada — e, subitamente, finta um, encobre outro, sai pela esquerda, ameaça e dispara um canhão: gol.

5 — A crônica anda a compará-lo a Chinesinho. Nada mais errado. Tupanzinho é de outra estirpe. Chinesinho era um lago bonito. Tupã é uma corredeira. Chinesinho era o burilar, o homem que perde dias, meses, mexendo o barro para fazer um retirante. Tupanzinho é o corisco — em segundos ele faz sua obra. Tem o instinto do gol — aquilo que faz com que Pelé esteja sempre no lugar onde "pinga" a bola que escapa ao goleiro.

6 — E deficiências? Claro que existem. Deixa-se marcar facilmente em grande parte do jogo, teimando em receber a bola com o zagueiro colado a ele. E' descontínuo, irregular dentro de uma partida: passa quinze minutos errando, para no 16.º minuto, fazer diabruras. Pé direito fraco. Uma vontade de fazer as coisas sozinho, desprezando o passe a companheiros melhor colocados. Certa ingenuidade em lances simples. E uma última, séria, culpa do técnico: está jogando errado no Palmeiras, junto à risca da grande área. Tupã é jogador para iniciar o lance na linha média do adversário e, dali, descer. Nunca ficar

parado junto ao zagueiro à espera da jogada.

7 — Esse é Tupanzinho, Tupã, para os íntimos Inteligente, rápido nos reflexos dentro da área, fulminante no tiro, coleante como uma cobra nos "rushs", vivo, arisco. Um último aviso aos palmeirenses mais afoitos: Tupã começou marcando gol, continua fazendo os tentos de vitória. Nenhum estreante teve essa sorte. Precisamos vê-lo também comendo o pó da derrota, apagado durante dois ou três jogos. Se resistir, então se poderá dizer: eis um craque.



AS JOGADAS DA SEMANA

* MELHOR indício de um campeonato bom: todos os clubes estão acusando juizes. Certame que não resulta em garrafada no juiz, em protestos do Wadih Helu, protestos do S. Paulo, queixas do Palmeiras contra os arbitros é certame morto. O melhor indício de que o Rio-S. Paulo pegou fogo está nisso: estão querendo passar fogo nos juizes.

se. Sai o Zezé, entra o Aimoré, fica tudo em família, como convem à tradição aristocrática do Flu. Com muitas vantagens: Aimoré não é partidário daquela "droga" de sistema inventado por Zezé — que foi um crime pelo qual pagou todo futebol do Brasil. Ferrolho é pra porta de empório — nunca para futebol.

* Coisas do Eder. Encontro na rua, conversa, pergunta-se se ele não estaria nervoso por lutar no Japão, contra o Aoki. Eder, olhando a ponta do sapato:

— Quem deve estar nervoso é ele...

* O Santos está caladinho, diante das últimas manifestações contra juizes, por parte das torcidas. E que o Santos sabe que o clube não é responsável pela atitude dos associados. Pode piorar, nunca deter. E quantas vezes juiz também passou mal em Vila Belmiro?

* OUTRO que pinta com categoria de craque: Eduardo. Seu físico deixa a gente desconfiado. Depois, Eduardo entra na jogada e a desconfiança se esvai. Fica uma serena tranquilidade e uma ponta de orgulho. E o Mauro de 1949: abrindo o caminho com lances de categoria.

* Modesto Roma após o jogo contra o Corinthians:

— A torcida corinthiana é uma beleza! Isto sim, é torcida! E entrou para o túnel, rumo à tesouraria, onde o esperavam 6 milhões de cruzeiros (quota da renda).

* Eder vai ser pai em setembro. Diz que ficará contente com menina ou menino.

Mas, percebe-se, na suas mãos, quanto ele gostaria de, daqui a alguns anos, brincar de luvas com um herdeiro...

* MENGALVIO parece estar a caminho do banco das reservas, no Santos. E' incrível que o meio de campo tenha maior firmeza com Lima, ao passo que o ataque ganha um homem que chuta com violência e sabe penetrar na área, fazendo "vavem" com Zito. E, se não acontecer, Mengalvito deve tentar de ir para o Rio. Lá, vai ser "cobra", logo em um mês. Além, de é todo caridoso, mesmo seu pingar lento e cheio de estilo. Seu lugar é o Maracanã — e a torcida brasileira com os melhores do negro bom de bola.



* VICENTE, craque do sistema defensivo do Palmeiras é a melhor expressão, entre os estreantes deste setor. Simples, consciente, duro — é um jogador de rendimento excepcional. Guardem esse nome: Vicente. Terá uma carreira tão digna como Fiume.

* Aimoré tem destino certo após o Sul-Americano: Fluminense.

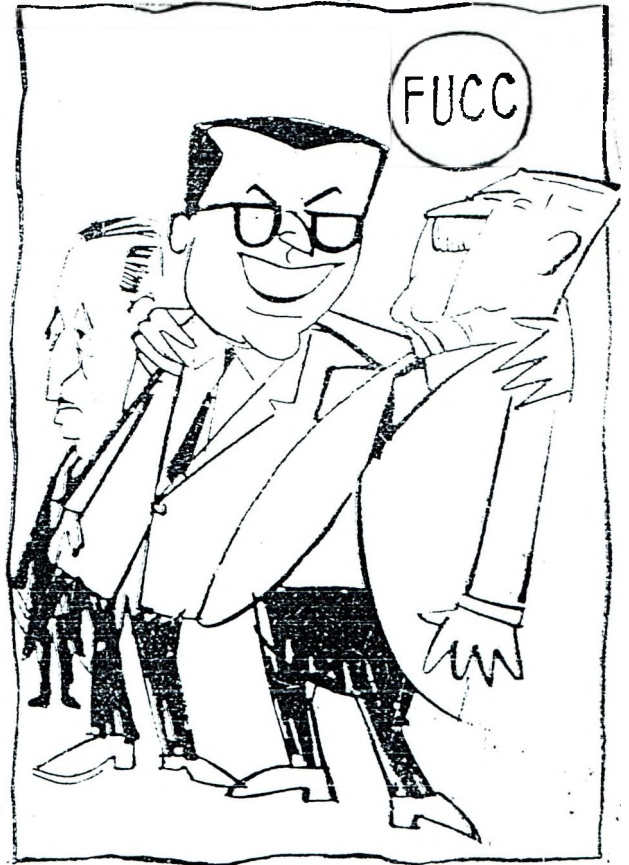
Finalmente o São Paulo. Perdeu de 6 a 2 para os "demonios da Vila". Mas somente os três que Pelé marcou já bastariam para derrotar o time do Morumbi. Balanço repetido: Pelé: 9 tentos x ataques do Vasco, São Paulo, Portuguesa e Corinthians: 7 gols. Saldo favorável ao "Rei": 2 tentos.

"EXPRESSINHO" BRASILEIRO A 2.750 METROS

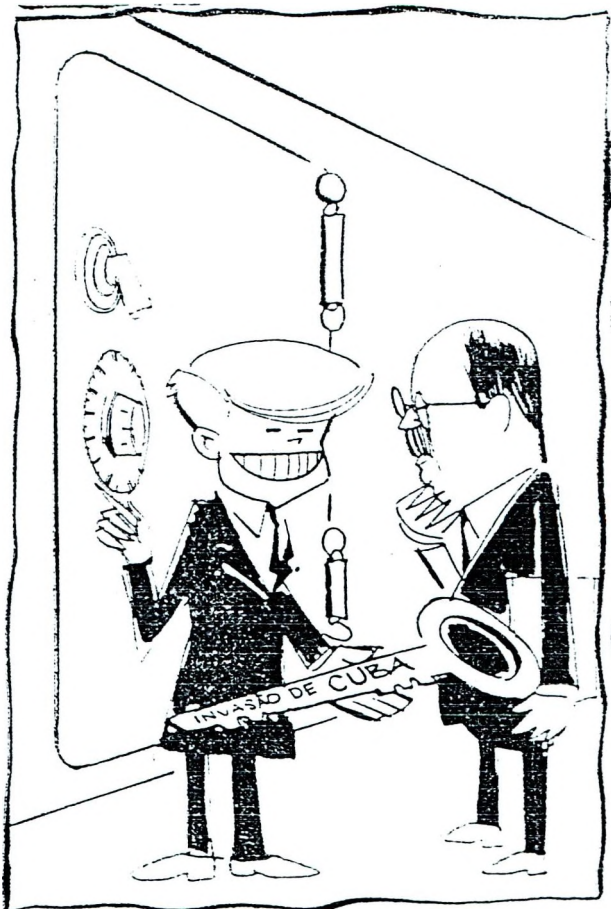
Na Bolívia, o Brasil também não faz feio. Estreou contra o Peru, adversário que já nos fizera suar em muitas oportunidades (o Brasil das grandes "cobras") — e saiu de campo com uma vitória por 1 a 0 e muitos elogios. A 2750 metros de altitude (altura que fez o Uruguai desistir, porque seus médicos garantiram que seria "suicídio" dos jogadores), os meninos correram, suaram a camisa, esbanjaram vitalidade e entusiasmo. Não se pode elogiar totalmente o critério adotado. Seleção de novos deve ser sempre entendida como seleção de novos com capacidade para a seleção A do Brasil. E' evidente que dos 22 que estão na Bolívia, talvez nenhum venha um dia a atuar numa formação brasileira para a Copa do Mundo. Mas, de qualquer forma, a valorização dos mineiros bons de bola e de outros jogadores razoáveis não está decepcionando.

SEGREDO

O segredo da primeira vitória do Brasil foi o mesmo segredo de seleção mineira — base, alibi, do selecionador. Jogo de conjunto, não, mas combinando com o mais proximo, lubrificando em todas as linhas. E' isso a Argentina ganhando a duras penas da Colômbia — por que não ganhar com mais um paulista?



CL e 48: Frente Única Contra Corrupção



— "E digam: "French go home".

FASCISTAS

PREPARARAM



GOLPE

CONTRA

JANGO!

*S. PAULO SEM TRANQUILIDADE:
ADHEMAR CONTRA A LEGALIDADE!*

FRENTE POPULAR

O presidente João Goulart demonstrou grande espírito público e sensibilidade às causas da Nação, quando resolveu integrar-se, em ato público como outro jamais conheceu o Brasil, — o comício de 13 de março, na Guanabara na Frente Popular, já constituída pelas mais poderosas e expressivas representações de operários, camponeses, estudantes, intelectuais, sargentos e oficiais democratas, classe média e clero autenticamente cristão.

Voltando-se para a Frente Popular, reconheceu o chefe do governo que nenhuma outra entidade melhor interpreta o sentir geral do País e que somente ela possui condições de garantir a execução rigorosa de uma verdadeira política nacionalista de emancipação político-econômico-social do Brasil.

Os decretos assinados pelo presidente na inesquecível concentração popular de 13 de março — desapropriação de latifúndios à margem de rodovias, ferrovias e açúes federais, encampação das refinarias particulares de petróleo e regulamentação dos alugueres de imóveis residenciais — embora exigidos pelo povo, reclamados pela Frente Popular, não esgotam as profundas necessidades nacionais. Nem chegam a constituir, nos seus diversos setores, as medidas mais justas. Significam — isto sim — o primeiro passo para uma caminhada que deverá levar às reformas agrária e urbana e ao monopólio total, por parte da Petrobrás, de toda a política petrolífera brasileira. Daí porque aqueles decretos — ainda tímidos e superficiais — não deixaram nem deixam de merecer o apoio absoluto do povo.

A Nação espera, agora, do patriotismo de seu presidente, novos atos de atendimento ao povo: o cumprimento de todo o programa nacionalista defendido pela Frente Popular. Espera do presidente João Goulart, para aplaudir e fortalecer ainda mais o seu governo, novos atos concretos, outras medidas de libertação nacional.

Antes de tudo, que o presidente compreenda, em tempo, que o interesse nacional só estará atendido e resguardado, quando a política econômico-financeira do país, deixar de ser um negócio para grupos econômico-financeiros notoriamente vinculados a trustes in-

ternacionais e passar a ser orientada e executada por brasileiros e a serviço exclusivo da pátria.

Resta ainda ao presidente João Goulart, na defesa da ordem democrática e da segurança de todos os brasileiros, consolidar o seu dispositivo militar, o dispositivo militar a serviço do Brasil, expurgando-o daquelas notas dissonantes que, embora inexpressivas, quebram a pureza integral da orquestração.

Uniu-se a direita para defender os seus privilégios, impedir a democratização do Brasil e a promoção social de seu povo. No mais famigerado estilo nazista, já vem demonstrando a sua altíssima periculosidade. É indispensável, portanto, que a totalidade das Forças Armadas e não somente a sua imensa maioria, esteja fiel ao povo, comprometida plenamente com a grande causa da libertação do país.

Na sua mensagem ao Congresso Nacional, o presidente da República enfatizou as necessidades mais prementes do país, para elas pedindo as atenções especiais dos congressistas. Talvez ainda seja possível tocar a sensibilidade da maioria eventual que controla o Parlamento e fazê-la cumprir o seu dever para com a Nação.

Caso contrário, que o presidente, através de um plebiscito, consulte o Brasil e que toda a nossa população maior de 18 anos de idade, analfabeta ou alfabetizada, possa eleger a sua Assembleia Constituinte, que oferecerá ao país rumos novos para os seus destinos.

A jornada está apenas iniciada. Outros grandes triunfos colheirá o presidente da República, na medida em que ouvir e atender aos clamores do povo e cumprir o patriótico programa da Frente Popular. Somente um governo do povo, pelo povo e para o povo, devolverá ao Brasil a verdadeira paz e somente realizando o governo nacionalista, democrático e popular que a maioria está exigindo, terá o presidente João Goulart possibilidades efetivas não apenas de vencer a reação fascista e a trama internacional urdida contra o seu governo, mas de cumprir, um a um, os seus altos deveres para com o Brasil e o seu povo.

CARDEAL MOTTA

Na sua edição de domingo último, no artigo "O Manifesto da Ação Católica" e na nota "clero Mal Dirigido" o jornal "O Estado de São Paulo", continuou a sua campanha contra a Igreja católica, injuriando o Cardeal-Arcebispo de São Paulo e presidente da Conferência Nacional dos Bispos da Brasil.

A folha que chamou JOÃO XXIII de ingenuo envolvido pelo comunismo internacional e que, morto o Santo Papa, temeu a eleição do CARDEAL MONTINI — hoje PAULO VI — por entendê-lo pró-comunismo, após atacar a Ação Católica de Minas Gerais e de São Paulo, a última acusando de ser "um prolongamento do Partido Comunista" passou a referir-se ao CARDEAL MOTTA, alvo de sua ira irracional, em termos vis.

Já acusara o CARDEAL MOTTA inimigo da Democracia e totalitário, de inocente útil a serviço do comunismo. Agora, falando do eminente purpurado afirma que "os católicos de São Paulo já não estão à espera de sua orien-

tação" e que "nem mesmo dela têm necessidade".

Defensor de uma ordem condenada pela Igreja — o liberalismo-orientado por materialistas, inimigos do catolicismo e impedidos ante clerical, aquele jornal esque-

ce "que só se está integrado na Igreja na medida exata em que se estiver aderido ao Bispo, reconhecendo na sua pessoa o Pastor escolhido por DEUS para conduzir o rebanho" e que os católicos, enquanto católicos, devam ao seu Bispo, no caso o CAR-

DEAL MOTTA, respeito e obediência.

Não é a primeira vez que se investe indignamente contra o grande Cardeal. Nem é o jornal dos fascistas de São Paulo o único a fazê-lo. Outra folha — "Tribuna da Imprensa" do Governador CARLOS LACERDA — acaba de afirmar: DOM CARLOS foi elevado ao cardinalato por imposição de GETULIO VARGAS e MUSSOLINI, atendida dócilmente por PIO XII...

BRASIL, URGENTE, protestando contra métodos políticos tão imorais, junta a sua repulsa à repulsa geral, solidário com a Igreja calunada, com a comunidade católica insultada e com o grande CARDEAL MOTTA, que começa a pagar o "crime" de não transigir com as coisas de DEUS, não trair a causa do Senhor, não se acumpliciar com a iniquidade, não se vergar diante dos fariseus, não se amendrontar em face das chantagens e ameaças e não silenciar diante das imposturas daqueles que usam a religião para acobertar seus interesses e suas abominações.

BRASIL, URGENTE

Editora Veritas Ltda.

Fundador: FREI CARLOS JOSAPHAT, OP.

De 28 de Março a 3 de abril de 1964

Ano II — N.º 55

Redação, administração e publicidade: Rua Cincinnati Praça 172 — Telefones: 36-5022 e 31-7193 — São Paulo

Preço: Cr\$ 50,00

ASSINATURAS:

ANUAL: 5.000,00 Semestral: 2.500,00 Anual Aérea: 7.000,00 Semestral Aérea: 3.500,00 Exterior Aérea: 15.000,00

Diretores:

Dorian Jorge Freire

Fajato Pigueira de Mello

José Reinaldo Barbosa

Ruy do Espírito Santo

SUCURSAIS:

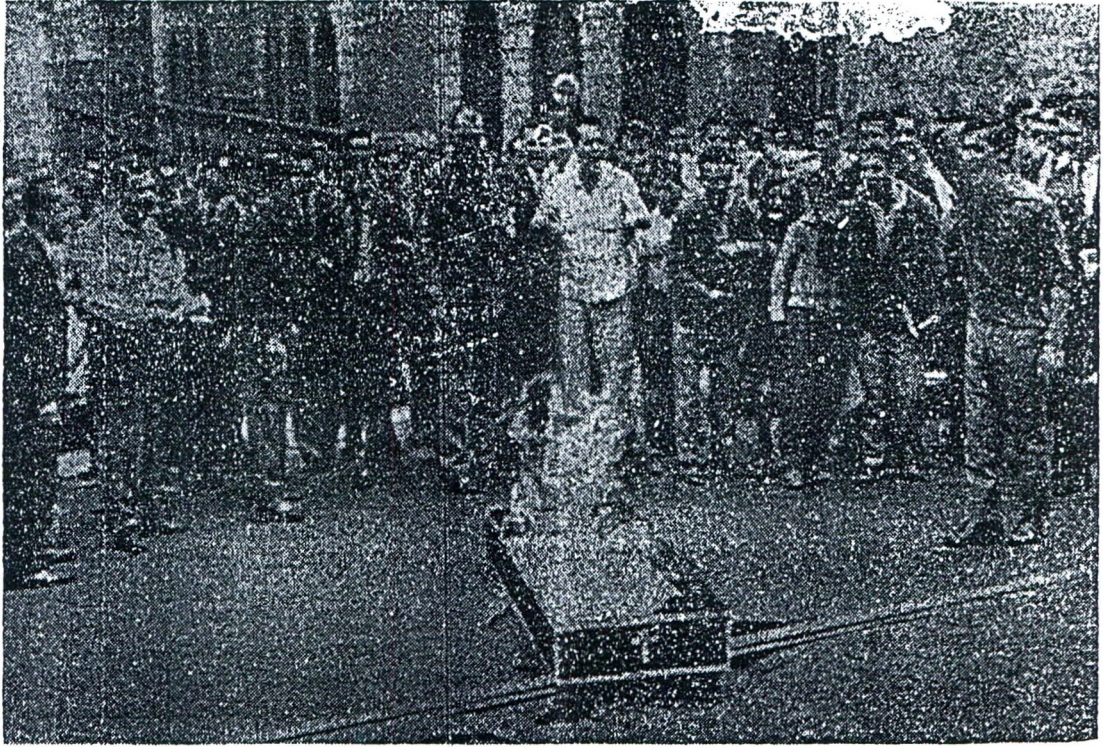
Belo Horizonte: Rua Espírito Santo, 1059 — Telefone 2-2321

Diretor: Alfredo Horta

Salvador: Rua Carlos Gomes, 40-S/901

Diretor: Wilson Ribeiro

MILITARE PARACU... INOCENTE E SOBREVIVER



Os fascistas transformaram São Paulo no seu quartel-general. Aqui a conspiração contra a democracia é intensificada, contando com o governador Adhemar de Barros que, através de ameaças, procura criar o "fato novo" ou o "fato consumado". Desgovernado, São Paulo vive os instantes mais intranquilos de sua história e o seu povo conhece momentos de grande intranquilidade. Fechou-se o cerco da direita contra o País e contra o povo e os gotitas, infrenes, querem impedir, de qualquer forma, qualquer reforma popular.

Enquanto os seus inimigos acertam planos e urdem golpes o povo resiste. Estudantes após um enterro simbólico, incineraram o governador golpista (foto) e os trabalhadores se preparam para defender os seus direitos e as reformas que reclamam.

A pregação do golpe é feita ostensivamente e o próprio governador paulista — candidato à uma simples vice na chapa Carlos Lacerda — anuncia que, ainda em 1964, poderá ser presidente... Totalitários fazem marchas hitleristas pela cidade, procurando envolver, na sua impostura, a comunidade cristã. Frustrados (o Cardeal Motta e o Arcebispo de Recife, Dom Helder Câmara reafirmaram a posição católica favorável às reformas) investem contra a Igreja Católica, em grosseiros insultos.

Em meio a tão graves eventos, ai está o seu jornal. Publicando uma entrevista exclusiva dada à sua reportagem pelo maior teólogo do mundo, o Padre Chenu. Ai estão Frel Carlos, Dorian, Roberto, Ruy. A palavra sensata do Mestre Trislão de Athayde. Arapuã, Claudius. Reportagens políticas. Camponeses da Bahia. Lição da guerra espanhola: Vitor Régio. A página dos trabalhadores. Tudo sobre o labelamento de alugueis. O vitorioso movimento SABU. Padre-Ladrão. Porque a reação resolveu partir para o golpe.

Que a Semana Santa tenha o poder de trazer à sensação, aos que estão se lançando no abismo da subversão e do crime.

O SECRETARIO DE REDAÇÃO.



NOTAS & informações

ATENÇÃO, GENERAL!

O jornal BRASIL, URGENTE está recebendo seguidas ameaças por parte dos badrneiros alugados pelo IBAD-IPES. As ameaças indicam que logo após a Semana Santa, este jornal será empastelado e metralhado. Não duvidamos: São Paulo está entregue à desordem e à subversão. Registrando o fato, queremos de público responsabilizar pessoalmente o general Aldévio Lemos, secretário da Segurança do Estado, por tudo que venha a acontecer à nossa sede ou ao nosso pessoal.

SUBVERSAO

Em programa na televisão do sr. Assis Chateaubriand (entregue ao incitamento da desordem) o governador Adhemar de Barros declarou que não sabe se o presidente João Goulart ainda terá tempo de vir participar, nesta capital, da concentração de 1.º de Maio; que tem aviões prontos para transportar tropas e que possivelmente ainda este ano será presidente da República.

OPINIAO

Do senador Artur Virgílio sobre o deputado Herbert Levi: "O ex-presidente da UDN não passa de um negociante. Tanto no café como no cambalão onde vem praticando os mais escusos negócios deste país. Levi só advoga e só legisla em causa própria. Na qualidade de banqueiro, não fossem suas imunidades parlamentares, já estaria preso como qualquer Al Capone, pois em nosso país tem burlesco a lei usando toda espécie de expediente. Em São Paulo empresta dinheiro a 5% ao mês".

QUEM SABE, SABE

Sobre o jornal carioca "O Globo", escreveu a "Worldmark Encyclopaedia of The Nations", editada em Nova York: "órgão conservador, subsidiado pelos Estados Unidos".

DIA LOGO

Dom Helder Câmara, novo Arcebispo de Recife e Olinda, à imprensa: "Quero realizar a expressão do Pontífice, quero ser capaz de dialogar com todos os homens. Para isto, não há barreiras que me prendam, nem credos religiosos, nem raças, nem crenças ideológicas. Onde houver boa vontade — e acho que por trás de toda a porta há boa vontade — eu irei conversar, ouvir e falar, quando preciso. A linha que costuma seguir é a do Papa João XXIII".

TELEGRAMA

O governador Adhemar de Barros dirigiu a todos os prefeitos de São Paulo, o seguinte telegrama: "A preservação das instituições democráticas e o intransigente combate às infiltrações comunistas, no país, estão a exigir, sobretudo neste Estado, um grande movimento no sentido da unidade da fé cristã, cujos milagrosos rosários hão de se levantar em preces pela tranquilidade da família brasileira. Sendo propósito do meu governo a ampla pacificação dos espíritos, peço que, meu nome, visite o reverendíssimo pároco local com o maior número de nossos amigos, para testemunhar-lhe quão valioso será seu concurso através da sua superior inspiração e das piedosas orações dos seus fiéis".

FARDA

O ponto alto da "marcha dos grã-finos" não foi bem o discurso do "duce" Plínio Salgado, mas a presença do golpista Reinaldo Saldanha da Gama, comandante da Guarda Civil. O homem que tem a mania da farda e em tudo procura imitar os militares nazistas, compareceu fardado, embora não pertença (felizmente) àquela corporação.

AMNESIA

Na mesma trincheira em defesa "da família", estão o senador Calazans e a deputada Conceição da Costa Neves. Terão esquecido as amabilidades trocadas, em passado recente, no plenário da Assembléia paulista? O padre da UDN mudou de opinião sobre a deputada do PSD? A parlamentar pedesista reformou o seu conceito sobre o padre udenista?

COLÉGIOS

Reuniões para a realização da passeata da UDN, foram realizadas no Colégio Rio Branco. No Colégio Bandeirantes, as aulas foram interrompidas para que um professor fizesse um ultimato aos alunos: ou participam da "luta anti-comunista ou peçam transferência". A diretoria do Colégio Madre Cabrine exigiu que as suas alunas comparecessem à "marcha".

BIDAULT

O deputado João Dória requereu ao Ministério da Justiça, a expulsão do francês George Bidault do território nacional. Acusou o antigo líder dos terroristas da OES de vir participando, clandestinamente, da política brasileira.

CL A

O sr. Favorino Prado pediu demissão da presidência da Caixa Econômica de São Paulo, antecedendo-se à sua demissão. Trata-se de um cunhado do senador Auro Soares de Andrade. Pergunta-se se os demais parentes do presidente do Senado, adotarão a mesma atitude. Pergunte-se, ainda, se o governo federal vai fazer um levantamento de empréstimos concedidos a parentes e aderentes do senador pedesista pelas agências da CEF em São Paulo, Santos, Dois Córregos, Aguas de São Pedro e Brotas.

PLINIO

Falando na Praça da Sé e entre uma e outra carreta, o "duce" Plínio Salgado conclamou as Forças Armadas à revolta e pediu voltassemos aos dias de 1932. Não estará o chefe fascista pensando em voltar aos dias de 1938, quando realizou a sua famosa e frustrada "revolução dos covardes"?

COMOVENTE

Noticiando a reconciliação entre os srs. Júlio Mesquita Filho e Assis Chateaubriand, o jornal "O Estado de S. Paulo", em nota de uma sutil ironia, afirma que aquele foi "um comovente encontro".

MUMIAS

Professores da Faculdade de Direito de São Paulo, amedrontados com a reforma universitária que deverá acabar com a cátedra vitalícia, assumiram posição contra os estudantes, no instante em que estes eram espancados pela polícia do sr. Adhemar de Barros e as Arcadas eram metralhadas. O "documento das múmias" trouxe a assinatura de, entre outros, nazista Vicente Ráo, udenista Waldemar Ferreira, nazi-adhemarista Miguel Reale, adhemarista Teotônio Monteiro de Barros, facista Godofredo da Silva Telles Júnior e do genero do "duce" Plínio Salgado, sr. Loureiro Júnior.

LOMANTO

Enquanto sua esposa participava, em São Paulo, de reuniões golpistas, o governador Lomanto Júnior, falando na presença do presidente da República, dizia: "Entendemos necessárias as reformas para que a democracia seja exercida completamente. Essa democracia não pode continuar a serviço de uma redoma intocável e impenetrável para guardar privilégios hediondos, com os quais, a título de defender a democracia, meia dúzia de brasileiros querem nos levar até posições extremadas. O Congresso não pode ser surdo, não pode ser cego, para não ouvir e não enxergar essa realidade gritante que aí está a mostrar um novo caminho para a pátria".

ADHEMAR

Do governador Carlos Lacerda sobre o governador Adhemar de Barros: "é um vil nababo e um pródigo corruptor". "...ladroes como Adhemar", "Adhemar de Barros não possui nenhuma qualidade de administrador".

DUTRA

Sobre o ex-presidente Dutra que a reação acaba de desencavar, escrevia o governador Carlos Lacerda: "Temos vergonha de ser presididos pelo general Eurico Gaspar Dutra. Ele nos envergonha como brasileiros, ele nos insulta como cidadãos, ele nos cobre de opróbrios, ele nos enxovalha porque não tem tido a compostura necessária, nem mostrou ainda a decisão de ser digno, que é o menos a exigir de um chefe de Estado. Quando mais fala em Constituição, mais pensa em 37. A lei das selvas é a única que o "constitucionalista" Dutra conhece". "Dutra é homem perplexo, caubestro e ignorante".

CONSTITUIÇÃO

Em 26 de julho de 1935, o governador Carlos Lacerda pedia "um governo com poderes" para fazer "a reforma da Constituição" e em 3 de agosto de 1955, escrevia: "A crise brasileira só será resolvida com um regime de exceção".

PTB

O governador do Piauí, sr. Petrônio Portela, vai deixar a UDN e ingressar, no PTB. Não concordará, em qualquer hipótese, com a candidatura Lacerda nem está disposto a repetir o recuo do governador Magalhães Pinto.

PEDRAS

O governo da Guanabara fala muito em sua popularidade junto aos favelados. A última demonstração foi expressiva. A secretaria dos Serviços Sociais, Sandra Cavalcanti foi apedrejada no Mórto dos Pintos e para não ser surrada teve de fugir às carreiras.

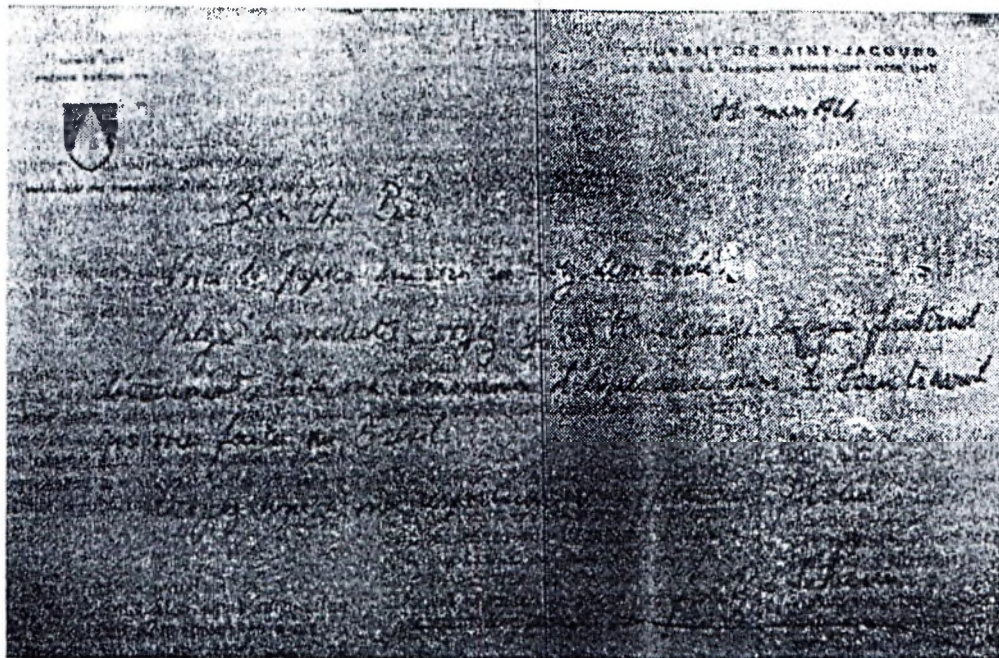
ARMAMENTO

O governador Adhemar de Barros gastou 75 milhões de cruzeiros na compra de granadas, estando envolvida na transação a firma "Valparaiso" do Rio. Por intermédio do americano Costello e do americano Hill, do Ponto IV, está treinando 300 indivíduos para compor a sua proteção pessoal. O Ponto IV entregou à Força Pública máquinas operatrizes especiais para recarregamento de cartuchos. O governador ainda adquiriu 13 canhões e 30 carros de combate com metralhadoras anti-aéreas.

AVULSO DINHOITE, URGENTE IL A SUBRE VIVER

depoimento da semana

EXCLUSIVO



Chenu a BU: Mistério do Cristo, Ascensão Humana

O depoimento desta semana é dado por um grande teólogo, talvez o maior teólogo de nossa época, o dominicano Padre M. Chenu. O grande mestre francês condensa com *exclusividade* para os leitores de BRASIL, URGENTE, o sentido social do mistério de Jesus Cristo, que celebramos nas festas de Páscoa com toda a cristandade. Atendendo ao nosso convite, Padre Chenu enviou uma mensagem autografada ao nosso fundador Fre. Carlos Josaphat, dizendo: "Muito querido Padre. Aí vai o "papel" (entenda-se: colaboração gratuita, na gíria jornalística francesa) que me pediu. Apesar de sua modéstia, veja um testemunho de minha atenção fraterna, e de minha comunhão de esperança no belo trabalho que está realizando no Brasil"

MISTÉRIO DO CRISTO

Escreveu, para este jornal, o Padre Chenu:

"Onde estão as promessas de Cristo, neste mundo admirável e assombroso, em que estamos mergulhados?"

Promessas do Cristo, que assume e ratifica o anúncio, feito pelos Profetas de um Reino Messiânico, no qual os pobres seriam chamados a participar de uma comunhão fraterna, sentados em torno da mesa. Estas promessas, não haveis de buscá-las ou de decifrá-las em um firmamento supraterrrestre, em uma ideologia abstrata qualquer.

Elas estão inscritas nas esperanças mesmas do mundo, na história conduzida pela providência criadora de Deus:

- Esperança de uma vida humana, mais plena e mais rica, para todos os homens.
- Esperança de novas formas de comunidade.
- Esperança de uma justiça social que venha tornar possível esta fraternidade universal.
- Esperança na crescente consciência da

profundidade da liberdade e da dignidade humanas.

O testemunho da Igreja em favor dessa promessa implica a sua participação nas tarefas da construção de novas estruturas para a vida pública, econômica e social, capazes de assegurar uma vida humana verdadeiramente responsável.

O mistério do Cristo, que morre e ressuscita, encontrará aí o campo de sua plena e total eficácia, porque a salvação não se realiza apenas na interioridade abstrata dos indivíduos, mas nas estruturas das comunidades humanas.

A mutação sensacional das estruturas do mundo, neste século, permite-nos medir as condições, as exigências, a verdade, do nosso testemunho. Somente assim scemos a presença do mistério do Cristo, aqui e agora.

Jamais os cristãos tiveram uma sorte destas, tamanha oportunidade. Não a desperdiçemos!"

Uma pergunta está sendo feita, em todo o país, pelo povo: ouzará a direita neo-fascista, na defesa de seus privilégios iníquos, levar o Brasil à guerra civil? Já ninguém duvida de que para defender os seus negócios, a direita está pronta a tudo. Inclusive a jogar a juventude numa inglória e cruenta aventura. O governador de São Paulo, após transformar o nosso Estado, numa casa de Mãe-Joa-

na, lançando a intranquilidade e o terror, não esconde os seus preparativos bélicos. Está certo de que a Força Pública descarregará as suas armas contra o povo. No interior, a famigerada FAC prepara seus nucleos. Em todo o Brasil, a confusão é total. A palavra de ordem, repetida agora por Lacerda, Nei, Magalhães, Menegheti, Adhemar, é recessão, é subversão, é guerra.

ESTADO DE S. PAULO

Dentro da área golpista, o Estadão recebeu a incumbência de ressuscitar o "espírito de 32". E o bravo jornal vem batalhando que é uma beleza. Só que não consegue explicar que trama contra as instituições democráticas: o governo que quer aprofundá-las ou a oposição-gorilista que quer exterminá-las? Enquanto não encontra uma saída para a sua dificuldade, dois fatos assinalam a semana do milionário jornal da direita: o encontro de seu diretor com Chateaubriand e os ataques violentíssimos à Igreja Católica. No primeiro caso, sopitando sua repugnância, o doutor Julio foi à residência de Chafé e assistiu (imaginamos com quanta

comiseração) a entrega pelo corsário do chapéu de jagunço a Lacerda. Pertencem a ordem do jagunço, todos os que se destacam como reacionários: grandes industriais, grandes latifundiários, grandes negociastas. Quanto à campanha anticatólica, ela vai de vento em pópa. O objetivo é notório: o Estadão não perdoa o fato de o Cardeal Motta não se desviar da linha cristã, continuar defendendo as reformas e desmascarando os que querem utilizar, para fins sórdidos, a Igreja. E o jornal sai com catilinárias contra o grande purpurado, contra todos os Bispos, contra a Ação Católica, como antes já saíra, violento, contra o Papa João XXIII.

JORNAL DO BRASIL

O nervosismo continua impedindo a condessa Carneiro de cumprir seu vasto programa social. A condessa está falando em "pressão contra a imprensa". Balela. No mundo, não haverá imprensa menos pressionada e com maior possibilidade de dizer o que entende. O que há — no duro — é uma revolta nacional contra o fato de a grande imprensa receber benefícios, empobrecer ainda mais o Brasil importando papel aos montes, para entregar-se, tão somente, a impostura, à defesa de privilégios, à batalha contra o povo e contra o país. O que as forças populares pedem

ao governo é que pelo menos não permita que o povo, o pobre e sacrificado povo brasileiro, continue pagando para que o Estadão circule com 300 páginas, para que o JB lance edições de 200 pag., para que eles e outros jornais não conti-

nem a enriquecer-se, desvairada e incontrolavelmente, pagando o povo o pato. E' preciso que todos saibam que a grande imprensa está indócil porque está temendo a disciplinaçao no mercado do papel de imprensa e a nacionalização das companhias estrangeiras de publicidade. E' ou não é condessa?

FOLHA DE S. PAULO

Fôlha continua tentando. E' uma graça ver o jornal tentar, de todas as maneiras, repetir o Estadão. Inutil. Porque o Estadão possui muita coisa que falta à Fôlha. Inclusive, gente mais lúcida. A Fôlha não consegue senão ser primária a ser tonta. Salva-se — volta a repetir — o Pedro

Leite. O resto, Deus meu, é uma tristeza. Não quero dizer, evidentemente, não haja nas Fôlhas, como nos Diários e no Estadão, pessoas de bem, ótimos profissionais, mestres em jornalismo. Há, sim senhor. Refiro-me ao pessoal da direção, ao pessoal que "craquia" a linha política do jornal. Capito?

UNIÃO DOS IGUAIS

A reação está unida. A reação constituiu um bloco monolítico. Uma indiscutível unidade. A reação sabe o que quer. Sente onde lhe apertam os sapatos. A reação sabe que atitudes deverá adotar, que política deverá escolher, que caminhos terá de seguir.

A reação não é apaixonada. O seu passionalismo é artificial. A reação é, por natureza, fria. E' calculista. A reação é materialista, não acalenta ilusões. Nada enternece a reação. A reação é gladiadora e incapaz de emoções. A reação é, no Brasil como em qualquer parte deste planeta, diabólicamente lúcida. Acima de tudo coloca o seu dinheiro e abaixo de tudo, tudo o que não seja dinheiro. Para a reação, o homem vale o quanto pesa. E pesa e vale o que leva consigo em dinheiro.

Os que sabem o que é e o quanto vale a reação, os que sabem o que constitui a reação, os que sabem o que inspira e informa a reação, os que conhecem algo de sua filosofia, não ficaram surpreendidos com a sua recente arregimentação. Muito menos com o seu aparato fascista. Ou com as suas ameaças e chantagens.

Sabíamos que a reação perderia as suas estribeiras, saltaria a linha de seu fictício moralismo, romperia as barreiras de seu caricato formalismo, mostraria, sem pudores, o muro da vergonha que a protege, no instante em que o governo da República decidisse cumprir os seus compromissos com o povo, atendendo ao programa da Frente Popular, passando ao serviço da maioria.

Foi o que aconteceu. Ou é o que está acontecendo. A reação explodiu na hora certa. Estourou com os seus próprios alicerces, quando foi tocado, mesmo de levezinho, epidérmica e superficialmente embora, o sacratíssimo instituto da propriedade privada.

Sabe a reação — e sabe melhor do que ninguém — que não se pretende negar ou abolir a propriedade privada, de irrefutável direito natural. Sabe a reação — e sabe melhor do que ninguém — que se exige, de direito pleno, seja concedida à propriedade privada, a sua indissolúvel dimensão social. A reação não ignora que a propriedade privada só é um direito, só é respeitável, só é legítima, só constitui um direito natural secundário, quando possui uma destinação social.

Mas a reação também sabe — e como e em que medida! — que a sua hora souou. Que é por ela, parte no seu funeral, que os sinos estão dobrando. Que esta é a hora do homem do povo, da referência profética de Laski. Sabe que a democratização da propriedade levará à democratização da empresa e que ao advento de uma lei eleitoral justa, sucederá um Parlamento autêntico, representativo da maioria e não expressão de uma minoria sentada sobre as suas fortunas.

Nem por ser lúcida, nem por entender a inexorabilidade de seu desaparecimento como classe privilegiada, nem por compreender o complexo mecanismo das determinações históricas, abrirá a mão de suas regalías. E' preciso ser santo ou louco para abrir mão de vantagens e a reação nem é santa e não tem o privilégio (um dos raros que lhe falta) da loucura. A reação não soltará, facilmente, a rapadura que vem chupando. Lutará até o fim pela sua posse, inclusive pela certeza que possui de que quando não houver luta, também não haverá reação, nem privilégios, nem iniquidades.

Era delicioso quando as reformas existiam apenas nos discursos e programas. Quantas vezes ouvimos, vimos e lemos a reação a tratar de reformas! Agora, no entanto, a coisa passou para a fase de concretização e a reação pula, desvairada, o seu importado e grã-fino "twist".

Tivemos a chamada "Marcha da Família com Deus pela Liberdade", organizada e executada pela direita. Vimos, de braços dados, gente que até então se apresentava distanciada por linhas imaginárias. Herbert Levi de braços com Cunha Bueno. Conceição da Costa Neves no mesmo "front" do padre Calzans. Waldemar Ferreira e Plinio Salgado de cambulhada com Pedro Aleixo. Adhemar de Barros com Carlos Lacerda Júlio Mesquita Filho ao lado de Assis Chateaubriand. Reinaldo Saldanha da Gama e Nelson de Melo. E mais algumas múmias desencavadas: Dutra, Francisco Campos, Gustavo Corção, Vicente Rao. Grandes industriais, grandes comerciantes, grandes latifundiários, grandes banqueiros, grandes representantes do capitalismo internacional ou de grupos financeiros internos.

Em defesa de seus privilégios, da ordem decadente, das estruturas carcomidas, os iguais se uniram. Os mortos e semi-mortos reapareceram. E estão ainda, numa fúria inusitada mas compreensível, defendem a "dolce vita". A preservação da "dolce vita".

Dizia o ilustre Paulo Duarte a este jornal, em entrevista, que o tigre está ferido, condenado à morte, mas que ainda morde que a sua periculosidade cresce na proporção de sua agonia.

Cabe agora às forças populares e às autoridades (evidentemente as federais) passarem, também elas, a constituir uma unidade. Uma unidade a favor do povo e capaz de impedir os excessos e os crimes da fera mortalmente atingida.

A união dos iguais é o que há de mais lógico neste país. Ou alguém esperava que a reação comparecesse à mesa da comunhão e nela depositasse os privilégios iníquos aos quais teria renunciado? Placidamente, educadamente, disciplinadamente?

Brasil, Urgente: Ano-2

Meus queridos companheiros:

Faz precisamente um ano, vocês, embarcavam na plena aventura. Instalados nos domínios da imprudência, queimavam os navios e as esperanças de voltar. Contrariavam todas as normas do cálculo, infligiam todas as leis da probabilidade, zombavam das previsões e conselhos do bom senso. Fundavam um jornal absolutamente impossível.

Seu programa era um desafio, inacreditável para o burguês e jocoso para os tubarões: Ser do povo e lutar pela justiça.

Por ele vocês deram o seu tempo, sacrificaram o seu conforto, roubaram de suas esposas e de seus filhos momentos bons de convivência íntima. Ou até mesmo troxeram as suas famílias para a luta envolvente, maluca e total.

Desde cedo, o jornal desencantou os teóricos. Decepcionou aqueles que aceitavam falar de justiça, mas têm horror a qualquer mudança no sistema da iniquidade estabelecida. Então vocês foram rudes. Renunciaram ao moralismo vago. Chamaram o imperialismo de imperialismo. Não esconderam o endereço dos países e dos grupos que nos exploram. Deram o nome aos bois, e aos bodes.

E o jornal, pequeno, pobre e atrevido, conquistou o direito de existir. Tornou-se uma fôrça na hora exata da Revolução Brasileira. Na falta de capital, pagou a pena o investimento que vocês fizeram, de coragem, de lucidez e de generosidade.

Muita coisa teríamos que lembrar, dessas tantas noites passadas em vigília, dos longos dias de viagens, dos momentos bons de perfeita harmonia ou das horas de incertezas e incompreensões. Vou destacar um fato apenas, desconhecido de vocês, e para mim, o supremo testemunho em favor de nosso jornal.

Estava eu em Belo Horizonte, ai pelos meados de 63, em um instante duro, para BRASIL, URGENTE e para sua equipe de direção. Convidaram-me a visitar uma vila de trabalhadores, uma favela que nascera como um protesto contra a exploração imobiliária e crescia como um símbolo da capacidade realizadora de nosso povo. A favela trazia o nome do companheiro que vocês, numa atitude de cavalheirismo e desprendimento, batizaram de "fundador" deste jornal, que vocês lançaram e que pertence ao povo. No meio da favela, já se erguia uma cruz e estavam construindo uma escola. Não foi assim que o Brasil despontou?

Debaixo da cruz, novidade de nossos tempos: lá estava um palanque improvisado, onde se debatiam os problemas desta comunidade singela do novo Brasil. Quiseram que eu subisse. Que deslumbramento! As montanhas faziam recortes firmes e escuros no céu vermelhinho. Uma beleza de fogo no horizonte de Minas. Perto de mim, humildes mas destemidas, agrupavam-se mães de famílias com seus filhinhos nos braços. Os trabalhadores, que tinham vendido mais um dia de seu sangue e de seu suor por um quase nada de salário, vinham chegando para a pequena vila, por eles planejada e construída nas horas de "folga".

Não era uma marcha artificial. Não havia massa. Era o povo. O meu povo. O nosso povo. Sem slogans. Sem ódios. Sem ressentimentos. Mas firme no reconhecimento de seus direitos e tão cumpridor do seu dever. "Precisamos de casas para alojar nossas famílias. Queremos escola e pão para os nossos filhos. A terra não é de todos? Cinquenta mil lotes para um, e nem um fiapinho de terreno para os outros?"

Meus companheiros, se tudo o mais se perder na história de nosso jornal e do nosso movimento, deixem-lhes um apelo. Guardem esta palavra. É uma exclamação uma "blasfêmia" aliás, segundo os cânones dos gramáticos. Para nós é uma bênção e uma definitiva aprovação.

"Nós tem Deus no céu. Mas aqui na terra, tá faltando justiça, síô padre!" Isso me foi gritado por uma voz decidida, brotada do meio das dezenas de mulheres presentes. E uma outra respondeu, como se fôsse uma peça de teatro popular:

"Mas nos tem o BRASIL, URGENTE. . . ."

Aquele mãe de família, aquela escondida brasileira de Minas, repetia a linguagem dela aquilo que vocês tinham formulado com certa solenidade: "Um jornal do povo, a serviço da justiça social". Que felicidade. Por entre mil e uma dúvidas, quando os melhores discutiam e oscilavam, o povo diz assim do jeito errado a sua infalível certeza:

— "Nós tem o nosso jornal".

Neste clima de "alta tensão", escrevi então uma carta para vocês, endereçada se não me engano a Roberto Freire:

"Prefiro morrer a ver o nosso jornal desaparecer". Vocês compreenderam e desculpam o exagero de linguagem. Pois também eu sou brasileiro de Minas . . .

Por este ano de lutas e vitórias, aceitem um abraço. Não se iludam com as medidas do tempo e do espaço. Dez mil quilômetros não são capazes de nos separar neste 17 de Março.

FREI CARLOS JOSAPHAT, OP.



*Frei Carlos Josaphat
OP.*

O NOVO CARDEAL

Consta que chegou às mãos do doutor Julio de Mesquita Filho, a seguinte carta assinada por todos aqueles que — participaram da "Marcha da Família Com Deus pela Liberdade". "Doutor Julio.

Acabamos de ler, em côro, no salão de jogo do Clube Atlético Paulistano, onde permanecemos em vigília cívica (com — Deus) pela Liberdade, desde a nossa memorável marcha, o seu editorial do dia 22 deste, intitulado: "O Manifesto da Ação Católica".

Todos nós, com seu jornal em uma das mãos e um terço na outra, esquecemos por alguns momentos de nossos negócios particulares e de nossos jogos de cartas, para, com a mais profunda fé e o mais elevado civismo, lermos em voz alta suas santas e sábias palavras. Muitos choravam de emoção, outros desmaiavam de fervor. Ao fim da leitura, houve um momento de silêncio e, depois, todos se puseram de joelhos meditamos sobre a mensagem do grande líder!

Em seguida, enquanto a maioria voltava ao jogo de cartas, outros à piscina e os demais à boate, uma comissão redigiu a seguinte moção que foi aprovada por unanimidade e aclamada:

1) Fica, a partir desta data, extinta a Ação Católica de São Paulo, passando a responder por ela, neste Estado, perante a Santa Fé, o Clube Atlético Paulistano, a Sociedade Harmonia de Tenis, o Jockey Clube de São Paulo e o Automovel Clube de São Paulo (o Clube Pinheiros foi excluído porque está muito infiltrado de oriundos alemães e brasileiros não paulistas).

2) O senhor Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, perde o título de Cardeal Arcebispo de São Paulo, uma vez que o jornal "O Estado de São Paulo" provou a sua filiação ao Partido Comunista. Para ocupar esse posto, foi eleito por nós, por unanimidade absoluta, o Dr. Julio Mesquita Filho, sobretudo por seu passado glorioso de capitalista liberal, positivista católico autêntico e por suas vitoriosas e recentes lutas contra os desvios ideológicos e teológicos de João XXIII, em suas encíclicas marxista-leninistas que o recem demitido Arcebispo de São Paulo tão levemente tentou difundir e fazer aplicar em terras bandeirantes.

3) A nova arquidiocese terá sua sede transferida para a rua Major Quedinho n. 28 e responderá pelo seu expediente o senhor Leonildo Tabor da Pessoa, assessor teológico do doutor Julio Mesquita Filho. As práticas religiosas propriamente ditas que sofrerão modificações, tanto na forma como no conteúdo, de acordo com pastoral a ser brevemente feita pelo novo Arcebispo, ficará a cargo dos padres Rover, Godinho, Calzans e Barleiro.

4) Estas decisões são irrevogáveis. Para a sua execução, contamos com os Governadores A. de Barros e Carlos Lacerda-66 na área política; com o Almirante Heck e o general Aldevo, na militar; e o financiamento para a compra de armas será feita pelo HPEB.

Repetindo suas corajosas palavras: "O que não conseguimos entender porem, é que o extraordinário êxito da Marcha da Família com Deus para a Liberdade, não tenha feito compreender ao senhor Cardeal que os católicos de São Paulo já não estão a espera de sua orientação para defender as tradições cristãs do País, e nem mesmo dele têm necessidade", beijamos-lhe a mão piedosamente."

Roberto Freire

AQUI E AGORA
diário

Movimento Camponês Quer Participação na SUPRA !



DESAPROPRIAÇÕES

O presidente Amancio Lima Aguiar (foto) disse a BU que a desapropriação de terras abandonadas à margem de rodovias, ferrovias e açudes da União, é uma medida justa e necessária, mas não resolve o problema agrário, pois não extingue o latifúndio. Mesmo assim, deve ser rigorosamente fiscalizada pelos sindicatos de camponeses para que não se transforme apenas em promessas nem acoberte interesses inconfessáveis.

"Reivindicamos — disse — a participação dos camponeses no plano de execução das desapropriações e exigimos que as indenizações não sejam altas e não se transformem num negócio da China. Para a execução do plano, é preciso muita coisa além da distribuição de terras aos camponeses. É preciso um planejamento que atenda às nossas necessidades. A exploração da terra deve ser de forma a que não traga para os camponeses um espírito de ganância, comum no sistema capitalista. A nova propriedade deve ser de tipo social ou comunitário".

CONGRESSO

Acha a Federação que com a sua atual composição, do Congresso Nacional jamais sairá uma reforma agrária verdadeira, pois os parlamentares são, em grande número, donos de latifúndios ou representam latifundiários.

Em plena atividade e num admirável processo de crescimento, está a Federação de Trabalhadores Autônomos do Estado da Bahia, fundada em dezembro do ano passado e que já reúne onze sindicatos. O seu presidente é um trabalhador meião de Livramento do Brumado, que falando à nossa reportagem em Salvador, declarou que a entidade que dirige coordena, orienta e assiste os sindicatos a ela filiados e tem como objetivo a politização dos camponeses e pressão junto aos órgãos técnicos do governo para que eles funcionem em benefício dos trabalhadores e não dos latifundiários (exemplo: Instituto do Fomento Agrícola, cuja assistência técnico-financeira não chega ao pequeno lavrador) e representação da categoria junto às autoridades estaduais. A Federação, no momento, está lutando para cumprimento do Estatuto do Trabalhador Rural e para a sua regulamentação, para que ela abranja outras categorias e não só a de assalariados. Realiza, ainda, gestões junto à SUPRA para aquisição de terras para os camponeses baianos.

"O papel de todas as nossas organizações é o de esclarecer os camponeses sobre a situação e mobilizá-los para exigir do Congresso uma reforma agrária que modifique totalmente a situação do campo. Só adianta uma reforma agrária que mexia com todos os males que estamos vivendo e a raiz desses males está no latifúndio. Uma reforma agrária verdadeira deve

mudar a maneira de exploração da terra, para um tipo de propriedade que não permita a exploração de um homem pelo seu irmão e que acaba com a ganância. Reforma agrária que dê, além de terra, assistência, médicos, escolas. Só creio na reforma agrária, se ela vier ao lado de outras reformas: bancária, empresarial, urbana, eleitoral".



Guerra Civil Espanhola:

Lição a Aprender

Em 1936, na Espanha, Largo Caballero, que ao lado de Indalecio Prieto e Fernando de los Rios, era ministro socialista, tirava da experiência governamental uma conclusão negativa: "A democracia burguesa não passa de um amontoado de palavras. Quem vos diz isto é um homem que foi ministro do Trabalho durante dois anos; ele quis aplicar a legislação social; não o conseguiu porque a sua autoridade era letra morta para a Guarda Civil, para os magistrados e para os governadores, os quais faziam o que lhes ditava o patronato e não o que lhes pedia o ministro". Os espiritos mais lucidos concordavam com Largo Caballero e percebiam que para arrancar aos capitalistas seus instrumentos de domínio apenas ia restado a via revolucionária. O governo central — acusado de "comunista" por uns e de "kerenkista" por outros — aparecia como incapaz de levar a cabo sua missão. Uma espécie de vício congênito tornava-o impotente em face das provocações fascistas e dos grandes proprietários de terras. O seu nome achava-se ligado a uma obra legislativa da maior relevância mas parecia incapaz de assegurar o cumprimento de um dos seus deveres básicos: impor à direita o respeito da legalidade republicana. Como esse governo representava, numa medida importante, a vontade popular e chamara a si a responsabilidade de defender o povo contra as provocações, as medidas de auto-defesa que teriam tido lugar em outras circunstâncias foram tornadas inúteis e neutralizadas pela ineficácia governamental frente à extrema-direita.

TAREFAS EM 36

Em 1936 o trabalho que se impunha aos republicanos em Espanha era tremendo e exigia uma firme aliança dos operários, dos camponeses e dos intelectuais de raiz burguesa. Entre as reformas fundamentais, a Reforma Agrária votada nas Cortes constituintes em 1931 e causadora de violenta reação por parte dos grandes proprietários — fora sabotada e encontrava-se ainda em fase embrionária. A reforma do ensino não tinha sido aplicada por sabotagem dos governadores das diversas províncias.

Um por cento da população possuía cinquenta e um por cento da terra. Embrutecidos pela miséria e pelo fanatismo religioso, os camponeses e parte do operariado não viviam vegetavam. Províncias inteiras pertenciam a um só indivíduo que era o senhor da terra — inclusive dos cemitérios, de todas as casas, de toda a produção, de todos os homens (1).

O caráter feudal da economia agrícola determinava o estado atrasado do país e constituía um obstáculo ao desenvolvimento industrial e comercial. A indústria química encontrava-se nas mãos dos capitais franceses e alemães. Os caminhos de ferro era ingleses e franceses. Os belgas mandavam nos transportes urbanos públicos. Os hotéis e os telefones estavam com os americanos. O cobre de Rio Tinto e o mercúrio de Almadén estavam nas mãos dos estrangeiros, os quais predominavam nas metalur-

gicas asturianas e nas indústrias têxteis de Barcelona.

O país, na sua essência, atravessava uma crise terrível. Uma economia em empobrecimento arcaica com uma sociedade diferenciada em que muito poucos eram opulentos e muitos eram miseráveis e em que a consciência da dignidade humana dos explorados se afirmava sob uma forma ainda primitiva: um individualismo exasperado.

Será que isto não lembra nada ao leitor?

OS FASCISTAS

Os partidos de direita aplicavam em Espanha, de forma clássica e primorosa, a técnica do golpe de Estado, provocavam a desordem para terem ocasião e pretexto de estabelecer a ordem. Com habilidade tratavam de manter o povo num clima de exasperação e terror, prelúdio clássico dos "pronunciamentos".

Vejam os acontecimentos: "Paralelamente às agressões falangistas nas ruas, os proprietários feudais e o patronato desenvolviam o seu plano de provocação, sabotando a legislação que não fosse a de entregarem

os destinos do país nas mãos dos fascistas".

OS ESTUDANTES

Trotsky entre vários textos importantes sobre a revolução Espanhola tem uma carta à redação de *Contra La Corriente*, escrita a 13 de junho de 1936, cujos trechos mais significativos merecem ser transcritos no Brasil de hoje.

Escrevia Trotsky: "... A monarquia está sentada nas costas da burguesia republicana, a qual não se mostra muito interessada em erguer essas costas. A burguesia, flanando, com sua preciosa carga, pelo meio das massas populares que se agitam, grita, em resposta aos protestos e às reclamações: "Olhem bem para esta criatura sentada em minhas costas, ela é minha inimiga maldita. Eu vou vos contar seus crimes. Prestai bem atenção!..." etc... etc... e logo que a multidão, distraída pelas suas palavras, se descuida, a burguesia aproveita a ocasião para levar um pouco mais longe a sua carga. Se isto significa uma luta contra a monarquia, o que significará, então, uma luta a favor da monarquia?"

Texto de VITOR RÊGO

Especial para BU

social, recusando-se a discutir com os delegados dos sindicatos, empurrando os trabalhadores para as greves e a revolta. Enfim, muitos padres pregavam a cruzada contra os "vermelhos" enquanto os generais da República preparavam a contra-revolução".

A partir de 1933 os acontecimentos precipitavam-se. O governo de Azaña, então presidente do Conselho, esforçava-se, por, através de decretos, pôr fim aos maiores escândalos da República: acúmulo de soldos, de empregos, tráfico de víveres, exploração imobiliária. Mas as medidas saneadoras, embora timidas, contribuíram para lançar nos braços do fascismo razoável número de oficiais generais, entre os quais Sanjurjo e Mola, que tanto iriam decidir os destinos do "pronunciamento", e causar a cólera da maior parte da franco-maçonaria.

Foi então que começaram a aparecer nas ruas de Madrid os "esquadrões" falangistas munidos de armas automáticas (será que isto, leitor de São Paulo que conhece a organização por "quarteirões" da extrema-direita, não lhe lembra nada?) que atacavam os grevistas e os vendedores dos jornais de esquerda. "O objetivo era duplo — escrevem Broué e Témine em seu livro *La Revolution et La Guerra d'Espanne* — pois tratava-se, ao mesmo tempo, de eliminar o adversário de classe e criar uma tal atmosfera que os amigos da ordem fossem obrigados a não verem outra solu-

ção que substituindo o vocábulo monarquia por outro mais "brasileiro" o leitor não achará semelhanças com o cotidiano?"

E Trotsky continuava: "... As manifestações ativas dos estudantes são apenas uma tentativa da jovem geração burguesa, sobretudo da pequena-burguesia, de encontrar uma saída revolucionária ao equilíbrio instável em que o país se acha... Sempre que a burguesia renuncia consciente e obstinadamente a resolver os problemas decorrentes da crise da sociedade burguesa, sempre que o proletariado não se encontra, ainda, preparado para levar a cabo esse trabalho, são, com frequência, os estudantes que ocupam o primeiro plano. No desenvolvimento da primeira revolução russa, observamos esse fenômeno mais de uma vez; esse fenômeno sempre teve para nós um significado enorme e sintomático. Esta atividade revolucionária ou semi-revolucionária significa que a sociedade burguesa atravessa uma crise profunda. A juventude pequena-burguesa, sentindo que uma força explosiva se acumula nas massas, procura encontrar à sua maneira, uma saída para este impasse e a levar mais à frente o desenvolvimento político".

Quem não se sentirá tocado pela singular similitude das situações descritas por Trotsky, e que o levaram a extrair certas conclusões, com o que se verifica, hoje no Brasil?

A RADICALIZAÇÃO

Há — é evidente! — muitas coisas semelhantes entre a Espanha da década de 30 e o Brasil da década de 60. Como há muitas semelhanças entre o Brasil de hoje e a Alemanha pre-nazi (a menor das quais não será a de que o fascismo, aqui como na Alemanha, pretende fazer a revolução depois de chegar ao poder pela via legal...). Mas certas semelhanças com a Espanha são tão gritantes que só um cego as não verá.

No Brasil (como na Espanha) se a crise revolucionária se transformar em revolução, ela ultrapassará os limites burgueses e, em caso de vitória, deverá legar ao proletariado a tarefa do poder; mas, por seu lado, o proletariado não pode dirigir a revolução no momento presente senão desenvolver rapidamente todas as lutas democráticas, integralmente e até o fim. A radicalização, dentro da via revolucionária, é inevitável porque o desenvolvimento político arrastará para o lado da reação todas as facções conservadoras e liberais das classes dominantes. É por isso que se impõe a Unidade de todas as forças revolucionárias e anti-fascistas, unidade essa em que os católicos progressistas têm, no momento presente, uma tarefa histórica a desenvolver se não pretenderem incorrer no mesmo erro de seus colegas espanhóis, os quais após vinte e cinco anos de "vitória" acabam de chegar à conclusão — segundo recente pesquisa da Ação Católica em Madrid — que o regime franquista, ao invés de fortalecer o catolicismo junto das massas, levou, sob a forma do clericalismo, a desligar a Igreja do povo, ao ponto das juventudes burguesas da Universidade de Madrid terem respondido, o mês passado, esmagadoramente, que preferem um "Estado neutro" a um "Estado católico".

Mas, conforme, tivemos ocasião de dizer em artigo recente, essa Unidade só poderá ser dinâmica se formada na base de uma frente popular guiada pelos setores revolucionários do proletariado e da pequena-burguesia e não pelos seus setores mecanicistas, capitulacionistas e burocráticos.

A luta, no Brasil, parece vir a ser longa-muito longa.

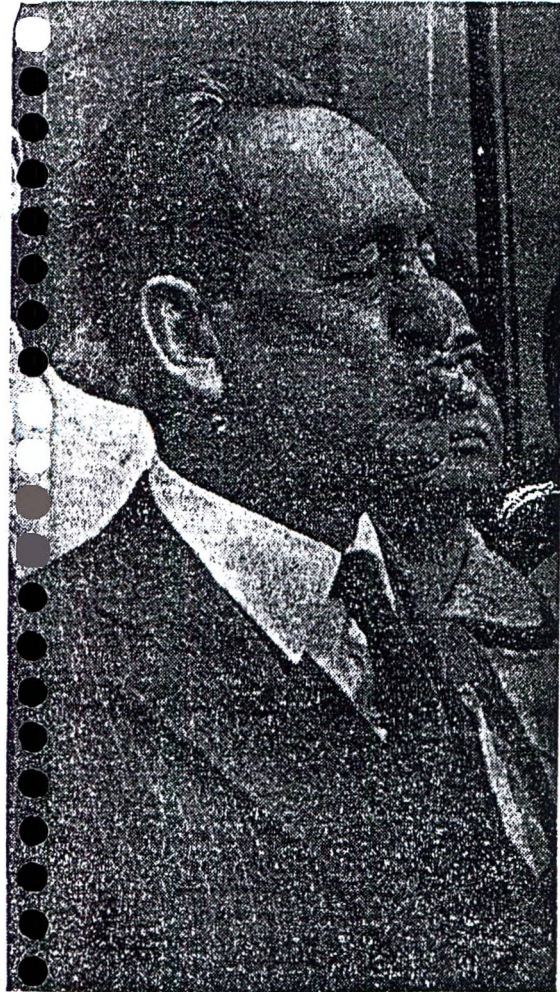
No momento presente, a Direita vai à frente da Esquerda no caminho da polarização de forças. Ela já tem uma Unidade de princípios. As lutas de "clãs" foram relegadas a segundo plano em face da urgência de ser defendida a propriedade privada.

A Esquerda revolucionária tem, uma estratégia correta. Mas até à data, não parece ter idéias sobre as táticas a adotar. De todo o grupo em presença, apenas o do sr. Leonel Brizola tem aplicado, com inteligência, algumas táticas em consonância com a realidade exterior.

Ora sucede que o tempo trabalha, a curto prazo, contra a Esquerda. Ou a Unidade das forças revolucionárias é alcançada muito rapidamente ou a primeira batalha da longa luta estará perdida.

1) — Vide "Guerra de Espanha" de Pietro Nenni.

Adhemar Intranquiliza São Ameaça Instituições



Plínio: Lembramos de 381

Presidente João Goulart compareceu à praça pública, na Guanabara, para atender aos reclamos populares, iniciando o cumprimento do programa nacionalista das forças de vanguarda, como que inaugurou uma fase nova na vida brasileira. O governo federal, depois de avanços e recuos, tentativas e tergiversações, retornava às suas verdadeiras raízes, e com o apoio decidido do povo, passava a executar a única política de real atendimento às necessidades do Brasil.

PAGOU PARA VER

A REAÇÃO, até o último minuto, não acreditou na coragem do presidente da República nem na força decisiva da frente popular. Habituada às contemporações presidenciais, acreditou que, mais uma vez, o sr. João Goulart requaria, adiando os prometidos decretos de desapropriações e

regulamentação de alugéis.

Nas vésperas de 13 de março, o deputado-latifundiário Ultimeo de Carvalho afirmava a sua disposição de comer todo o número do "Diário Oficial" que estampasse tais decretos. Exatamente a 13 de março, o jornal "Tribuna da Imprensa", do governador Carlos Lacerda, nos seus comentários, aludia à possibilidade de não haver, no comício de logo mais, qualquer ato importante.

Absolutamente fora da realidade brasileira e distanciado do povo, partidos e Congresso Nacional estavam prontos a pagar para ver. Tomés modernos (perdê-nos o santo apóstolo a má comparação), queriam ver para crer. Não acreditariam senão na evidência.

Na realidade, não era fácil acreditar. Jamais um presidente da República fora à praça pública para atender aos reclamos popu-

lar, quando tais reclamos atingiam, em cheio, as poderosas classes tradicionalmente dominantes.

ATOS CONCRETOS

TREZE DE MARÇO DE 1964 aconteceu de acordo com a decisão dos trabalhadores. O presidente da República assinou não apenas aqueles decretos prometidos, mas também assinou outro — de grande importância — encamando as refinarias participantes de petróleo. Aquelas refinarias, que, poucos meses atrás, controlara toda a opinião da imprensa falada, escrita e televisada para a defesa de seus negócios.

Por outro lado, as forças populares compareceram unidas à monumental concentração. Ao lado do presidente — e numa posição de absoluta independência — os líderes da Frente de Mobilização Popular, da Frente Parlamentar Nacionalista, do CGT, PUA, Fórum de Debates, UNE, Trabalhistas, "agressivos" do PSD, "bossa nova" da UDN, "brasileiros" do PSP, socialistas, os "autênticos" do PDC, cristãos progressistas, comunistas: a maior mobilização de forças populares jamais conseguida, em qualquer época, neste País.

E o comício realizado com pleno sucesso, reunindo cerca de um milhão de populares, no centro da Guanabara, sede das estrepitosas fascistas e dos desmandados administrativos do sr. Carlos Lacerda.

DIREITA REAGE

A DIREITA, contando com o seu enorme dispositivo publicitário (imprensa, rádio, televisão, cinema) convocou o povo para uma passeata. Sem capacidade de reunir senão os seus apaniguados, a direita apelou, mais uma vez, para a exploração da fé. Nos seus anúncios convocatórios, afirmava que a sua passeata não tinha caráter político: visava apenas a defesa da família, da liberdade e de... Deus.

Padres com a experiência das imposturas "religiosas" de Minas Gerais, foram chamados a prestar novos serviços à reação. Firms comerciais, indus-

triais e badar no fecharam e conclamados pregados "marcha". cos e pa deram fer próprias a vésperas, para que plicassem munista" giesem do parecimen verno do toda sua r da reunião liticos da

E tive "Marcha Deus Pela reunião to do IBAD FAC, MAC cadentes e grialistas. ciety" da ceu em m cidade s em passar sitado des

O povo à "marcha curou im multua-la. grado di que deve j mo os tot nais do sr. and disser ram da "r tou com a ce" Plínio

lhão de pe tado de S. co menos rou que mil pess- tão grande beria na F sivelmente a "marcha mo ou curi cem mil pe

Com a lizada nos des conce e Mussolin sença de t locais — a acuar o ge

TER MAS N. reação da do atos t dos, os se foram cha tuar uma presidente João Pinhe culdade de dos pelos quando já

TREZE DE MARÇO DE poderá ficar, na história política do Brasil, co-

mo uma data chave no processo de sua revolução democrática. Quando o pre-



Toda a alta sociedade compareceu

Para Impedir Reformas:

São Paulo e Forças Democráticas

is chamamos
reia po-
s tradicio-
ant

CR OS
ALGO DE
d acordo
us balha-
ente da Re-
nã penas
s prometi-
m sinou
nda impor-
no. s az
ictantes de
s variadas
seu atrás,
a minião
lar escri-
di para a
reg os.
s, as forças
p eram
nencia; con-
presia
posição
leptência
Fi e de
pular, da
ta lacio-
PUA, Fo-
U. Tra-
sivos do
no da
s" PSP,
aut" ficos"
s gres-
as: o maior
fô po-
conseguida,
oc neste

r lizado
so, unin-
mão de
cer da
das estre-
e des-
rativos do
-la.

EAC: E
ando
ne disposi-
(i) ensa-
cema)
p uma
ca idade
op seus
ire ape-
z, para a
f Nos
convocató-
ue sua
ha caráter
s a
i, o liber-
is.

e riên-
ras "reli-
Ge i, fo-
a prestar
a ação.
s, adus-

trials e bancárias, para aju-
dar no movimento golpista,
fecharam as suas portas
e conclamaram seus em-
pregados a comparecer à
"marcha". Colégios públi-
cos e particulares também
deram feridos e néles as
próprias aulas foram, nas
vésperas, interrompidas
para que "professores" ex-
plicassem o "perigo comu-
nista" e pedissem e exi-
gissem dos alunos, o com-
parecimento à festa. O go-
verno do Estado colocou
toda sua máquina a serviço
da reunião. Os partidos po-
líticos da direita, idem.

E tivemos a chamada
"Marcha da Família Com
Deus Pela Liberdade", que
reuniu todos os elementos
do IBAD, IPÊS, ADEP,
FAC, MAC, UDN, PSP, de-
cadentes do PSD, PL, inte-
gralistas. Todo o "café-so-
ciety" da capital compare-
ceu em massa. As ruas da
cidade se transformaram
em passarelas para o inu-
sitado desfile de elegância.

O povo não compareceu
à "marcha" mas não pro-
curou impedi-la nem tu-
multuá-la. Respeitou o sa-
grado direito de reunião,
que deve proteger até mes-
mo os totalitários. Os jor-
nais do sr. Assis Chateabri-
and disseram que participaram da "marcha" (que con-
to com a presença do "du-
ce" Plínio Salgado) um mi-
lhão de pessoas. O "O Est-
ado de S. Paulo", um pou-
co menos exagerado, decla-
rou que ali estiveram 500
mil pessoas. Na realidade,
tão grande número não ca-
beria na Praça da Sé. Pos-
sivelmente, acompanharam
a "marcha", por proselitismo
ou curiosidade, cerca de
cem mil pessoas.

Com a "marcha" — rea-
lizada nos moldes das gran-
des concentrações de Hitler
e Mussolini e com a pres-
ença de todos os fascistas
locais — a direita imaginou
acuar o governo e o povo.

TERRORISMO

MAS NÃO FICOU ni a
reação da direita. Repetin-
do atos terroristas passa-
dos, os seus baderneiros
foram chamados a tumultuar
uma conferência do
presidente da SUPRA, sr.
João Pinheiro Neto, na Fa-
culdade de Direito. Reneli-
dos pelos estudantes a
quando já se punham em

debandada, - os golpistas
foram protegidos pela po-
licia do governador Adhe-
mar de Barros que passou
a espantar estudantes e
trabalhadores e a metral-
har a tradicional Facul-
dade. Posteriormente, o go-
vernador de São Paulo afir-
mou que os tiros saíram das
metralhadoras do... CGTI

O sr. Adhemar de Barros,
enquanto isso, conseguiu
finalmente reunir um gru-
po de governadores, em
torno do golpismo e do an-
ti-reformismo. E passou a
fazer as mais grosseiras
provocações. Aterrorizando
a família paulista. Amea-
çando estudantes e traba-
lhadores. Afirmando que
ainda em 1964 poderá ser
presidente da Republica e
que tem aviões prontos pa-
ra transportar tropas.
Aconselhando os latifundi-
rios a não respeitar atos
legítimos do governo da
União.

Os jornais da direita rei-
niciaram a sua campanha
contra a Igreja Católica,
sendo que o "O Estado de
S. Paulo" conclamou os ca-
tólicos a não obedecerem
mais à orientação do seu
Cardenal-Arcebispo, o Car-
deal Motta. O mesmo jor-
nal, através de relatórios
da OEA sobre Cuba, levanta
um fichário dos "anticom-
unistas" com os quais po-
derá contar no interior. O
deputado Cunha Bueno sai
a pregar, pelo Estado e por
Estados vizinhos, a sub-
versão e o golpe. UDN e
PSP pedem a deposição do
presidente da Republica.

Através do chamado FAC
(Frente Anticomunista)
que veio suceder a ADEP,
a reação mobiliza — e arma — os seus asseclas para o "assalto ao poder".

O jornal BRASIL, UR-
GENTE — o unico em São
Paulo a continuar denun-
ciando a impostura da im-
pressão venal, os planos gol-
pistas da direita e a política
subversiva do sr. Adhe-
mar de Barros — é alvo de
ameaças contra a sua sé-
de e o seu pessoal.

São Paulo é, neste mo-
mento, um Estado sem
tranquilidade, sem paz, en-
tregue ao arbitrio. O go-
vernador Adhemar de Bar-
ros, dócil às ordens da di-
reita, transformou São Pau-
lo numa Dallas.



Calazans (de batina) e Saldanha da Gama (farfado); marcharam com garbo hitlerista.

GOVERNADÓRES

Dentro do seu plano de
mobilização, a direita reu-
niu — finalmente — os
seus governadores. E es-
tes, a pretexto de defende-
rem a intocabilidade da
Constituição Federal, mas
defendendo, de fato, os la-
tifundios, as empresas es-
trangeiras, os grupos eco-
nômicos, passaram a en-
grosar a onda subversiva
e a conspirar contra a le-
galidade.

Da trama já participa-
ram, além dos governado-
res de São Paulo e Guana-
rara, os governadores do
Rio Grande do Sul (lem-
brai-vos da palhaçada da
"conspiração" descoberta
pelo sr. Menegheti), de Mi-
nas Gerais (o responsável
pelo espancamento do po-
vo), Paraná (o sr. Nei Bra-
ga sonha com uma candida-
tura à vice-presidência, em
qualquer chapa). O gover-
nador da Bahia, ficou de
fora, jurando fidelidade ao
presidente da Republica.

Sua esposa, confuso, parti-
cipou de atos publicos, nes-
ta capital, executados pelos
ibadianos.

ADHEMAR

Uma coisa está mais do
que certa: o sr. Adhemar
de Barros entrou, de cheio
na faixa da ilegalidade. De-
cidido a não ser candidato
(os inqueritos eleitorais
revelam que não possui
chances de ser nem mesmo
o segundo colocado) e te-
mendo a politica reformis-
ta (tem latifundios à mar-
gem da BR-2), o governa-
dor passou a pregar, publi-
camente, o golpe. E a
ameaçar as instituições de-
mocráticas com o dispositi-
vo policial paulista, in-
tegrado pela Força Públi-
ca e pela Guarda Civil,
agora entregue a um tra-
dicional golpista, o fascista
Reinaldo da Gama.

Como viajante do golpe,
o sr. Adhemar de Barros
tem viajado para várias ci-
dades para a pregação da
queda do presidente.

FORÇAS POPULARES

Qualquer ato contra o
presidente e as instituições
democráticas, será respon-
dido fulminantemente pe-
lo povo, a partir de uma
greve geral de trabalhado-
res e estudantes. Isto no
plano nacional. No plano
paulista, as forças popula-
res, embora poderosas,
atravessam um momento di-
fícil. Líderes sindicais es-
tão fugindo da policia
(Delelis e Plácido). Facul-
dade de Direito foi ocupada
pela policia, sargentos que
não foram presos, foram
transferidos para longe, to-
da a imprensa — sem exce-
ção ou com a exceção uni-
ca de BU — prepara psico-
logicamente a população.

Ninguém tem qualquer
garantia. O caos reina em
São Paulo de uma tal for-
ma, que a reação já tornou
publica a sua decisão de
impedir, pela força, que o
presidente da Republica
aqui realize uma concen-
tração com operários, a 1.º
de maio.

Tabelamento de Aluguéis: Medida Popular Deve Ser Aprofundada!

Entre os recentes decretos assinados pelo presidente João Goulart, sendo alvo dos mais descontraídos comentários aquele referente ao tabelamento dos aluguéis. De um lado as populações urbanas, vítimas da exploração se mostram interessadas na discussão das consequências de tal medida. De outro, os "latifundiários do asfalto" e especuladores imobiliários acham-se em pânico pois se julgam atingidos pelo decreto. É bom mencionar que o pânico generalizado na conjuntura atual, é ficção. Apenas a parcela mínima da população brasileira — os privilegiados — manifesta apreensão por ver se aproximar o fim de sua era. O citado decreto tem seu sentido positivo, porém apresenta alguns aspectos desfavoráveis. Vamos procurar analisar os prós e os contras de tal decreto. Sugerimos, ao final, uma solução em torno da qual os patriotas devem cerrar fileiras, na luta por uma ordem mais justa.

VANTAGENS DO DECRETO

O decreto de tabelamento dos aluguéis, juntamente com o de encampação das refinarias particulares de petróleo e o da SUPRA, têm o sentido político de se constituir num embolçamento de diretrizes. Sem exceções, são adotadas medidas de interesse social, contra a vontade dos poderosos.

A regulamentação inaugura o princípio de relacionar o aluguel com a subsistência ao salário do morador. Assim disso significa uma conquista na busca de justiça social. Se o homem tem o preço de seu trabalho tabelado pelo salário mínimo, não é mais justo do que fixar o custo da moradia, colocando o trabalhador a salvo da exploração que campeia nesse setor.

Com o decreto ficam eliminadas as possibilidades de se estabelecer custos de locação com o seu preço fixado em outras moedas que não o cruzeiro. Com efeito, já estava se tornando praxe a estipulação dos aluguéis de determinados tipos de residência, em dólares. Tal prática, além de significar um total desrespeito às leis do país, se traduzia numa especulação imoral.

Outro ponto onde se mostra muito útil a regulamentação dos aluguéis é no tocante à utilização das moradias desocupadas. Assim mantidas pelos proprietários, numa maneira altista. Determina o decreto no seu artigo 3º e parágrafo único que será punido com pena de prisão simples de 3 dias a 6 meses e multa de 1 a 20 mil cruzeiros, aquele que mantiver imóvel desocupado por mais de 30 dias, havendo pretensão de queira alugá-lo, disposto a dar com garantia de locação imediata equivalente a 3 meses de aluguel. Tal dispositivo será de grande interesse popular. Estimase que só na Guanabara existem 50.000 unidades residenciais vazias, destinadas para especulação.

É afirmado que o tabela-



mento dos aluguéis agravará o problema habitacional, pois acarretará uma crise na indústria da construção civil. Isso não é verdade pois apenas 20% das moradias edificadas se destina à locação. O restante se destina à venda ou à moradia própria. Além disso a construção civil se alimenta de obras que nada têm a ver com a questão: estabelecimentos industriais, edifícios comerciais, obras públicas, etc.

ASPECTOS NEGATIVOS

O decreto no seu artigo 1º estabelece os valores locativos dos vários tipos de imóveis. Inicia com o aluguel de 1 quarto que é fixado em 20% do salário mínimo e vai até o aluguel de residência com sala, 3 dormitórios e demais dependências que é tabelado em 150% do salário mínimo. Dispõe o parágrafo 1º desse artigo que cada peça a mais no imóvel, autoriza um aumento de até 20% da mesma referência.

Ora, esses valores para o aluguel são excessivamente elevados. As normas determinam que para haver um equilíbrio do orçamento doméstico, os gastos com moradia não devem exceder a 10% do mesmo o decreto estabelece que o aluguel de 1 quarto apenas, seja fixado em 20% do salário mínimo! A locação de imóvel com sala, quarto e cozinha é tabelada em 80% do mesmo salário. Como poderá viver o trabalhador, nessas condições? E se ele tiver filhos e precisar de

mais um quarto, terá de optar entre comer ou morar, pois o aluguel de uma moradia capaz de abrigar sua família será de 1 salário mínimo!

A escala dos valores locativos fixada pelo decreto é ainda imprópria pois os imóveis populares têm seu aluguel, relativamente ao custo de sua construção, mais elevado do que aluguéis dos imóveis maiores. Isso incentivará a construção de casas sem conforto, sem condições de salubridade, em detrimento da edificação de residências de melhor qualidade.

Do ponto de vista social, o aspecto mais negativo da regulamentação, é a introdução da mobilidade dos aluguéis. De fato, estando ele vinculado ao salário mínimo, subindo este, ele também se elevará. Antes do decreto, se um trabalhador era obrigado a alugar uma moradia por determinado valor, essa quantia permanecia constante, essa situação ia sendo aliviada pois com o aumento de seus ganhos e a estabilidade do aluguel, ia o locatário conseguindo equilibrar seu orçamento. Com o novo decreto, se o operário com sua família aluga um imóvel de quarto, sala e cozinha por 80% do salário mínimo, no próximo ano, dobrando seu salário, dobrará também o aluguel, não restando mais a esperança de um alívio nas suas despesas.

Nesse sentido pode representar a medida o primeiro passo para a re-

vogação, em junho próximo, da Lei do Inquilinato, com as mais desastrosas consequências na vida do povo.

PERSPECTIVAS FUTURAS

Deverá ser o decreto regulamentado de forma a sanar suas deficiências. A estabilidade dos aluguéis é a mais importante medida a ser adotada. Ao argumento de que isso desestimulará as construções, agravando o problema habitacional, se contrapõe o de que a habitação, como função social, não deve ficar sujeita a ambições nem aos azares da lei da oferta e da procura.

Dessa forma, é imprescindível que a Lei do Inquilinato não seja revogada, devendo ser adaptada à nova situação. Caso contrário o decreto recém assinado pelo presidente da República virá beneficiar aos proprietários, que terão os aluguéis de seus imóveis não mais estabilizados, porém se elevando juntamente com os salários de maneira totalmente anti social.

É preciso que o governo encaminhe a solução da crise habitacional de outra forma. Deve concretizar o COPURB — Conselho de Política Urbana, assinando o decreto que o criou. Deve se empenhar junto ao Congresso para que seja aprovado o projeto criando a SUPURB-Superintendência de Política Urbana. Assim a solução do problema estará encaminhada.

AJUDE BRASIL, URGENTE A SOBREVIVER

PELEGO NÃO TEM MAIS VEZ NA JUSTIÇA DO TRABALHO

Cento e cinquenta entidades sindicais, interpretando a vontade e os apelos de seus representados, solicitaram ao Presidente do Tribunal Regional do Trabalho a destituição do pelêgo Francisco José de Oliveira do cargo de vogal dos empregados da 23a. Junta de Conciliação e Julgamento e sua substituição por um operário, que

esteja de fato ligado às lutas dos trabalhadores e prove estar vinculado ao sindicato de sua categoria.

"PERSONA NON GRATA"

O pelêgo Francisco José de Oliveira, considerado "persona non grata" aos meios operários e sin-

dicais paulistas, não está integrado em nenhuma categoria profissional e sua condenação pela 17a. Vara Criminal da Comarca de São Paulo é tida como certa. Ele vem sendo processado por delapidação e malversação do patrimônio da Federação dos Trabalhadores nas Industrias de Alimentação do Estado de São Paulo.

No último número publicamos ante-projeto de lei, com 9 artigos, e que tem por objetivo corrigir as fraudes à legislação trabalhista e aumentar a sindicalização. E comum o trabalhador se queixar do sindicato, e menos comum não é ouvirmos críticas de dirigentes sindicais a respeito da falta de sindicalização dos empregados. Ambos têm razão: o sindicato não pode funcionar, a contento de todos, os trabalhadores não se sindicalizam como seria desejável, porque a estrutura da empresa e a organização do sindicato não permitem.

COMPANHEIROS: USEM A CABEÇA

"O PROBLEMA DE TESTEMUNHAS"

— E agora, José, como é que nós vamos fazer? Perguntou o advogado ao operário.

— Não sei, doutor, os meus colegas não querem servir de testemunha e eu também acho que eles não devem ser prejudicados, pois o patrão manda embora quem é testemunha contra a firma! Prefiro perder meus direitos a prejudicar os meus companheiros!

Compreendo o que você quer dizer, meu amigo, e acho que a sua atitude é muito humana e não é egoísta. Entretanto, você não pode se esquecer que, às vezes, nem sempre quando se é "bonzinho", se está ajudando os outros. Pelo contrário, às mais das vezes, nós estamos fazendo o inverso, isto é, estamos prejudicando.

Essa eu não entendi!

Vamos ver se podemos ser mais claro: Você, José, trabalhou para esse patrão durante ano e meio, fazia horas extras, trabalhava nos domingos e de noite, e ele não pagava os seus direitos como a lei manda; por isso, você foi reclamar na Justiça; aí, ele mandou você embora, dizendo que não queria empregado que tinha conhecimento de lei e que procurava Justiça; queria empregado que era amigo do patrão.

Agora, você vê: todos os seus companheiros estão sendo esmagados por esse homem duro e sem compaixão, que julga que pode explorar os operários e não ter punição por isso. E todos sabem que se eles quiserem reclamar, o patrão manda embora e ajusta outros capazes de fazer o mesmo serviço, porque há muita gente sem emprego.

Mas, meu caro José, se você der o nome dos companheiros para virem servir de testemunhas, para dizerem a verdade, será feita Justiça; quem sabe se assim o patrão se resolve cumprir a lei, para evitar que outros empregados comecem a procurar os seus direitos, porque você ganhou o processo.

Todos nós temos a obrigação de exigir o cumprimento da lei; nós devemos cumpri-la e exigir que os outros a cumpram também. Só assim nós poderemos encontrar a Justiça e todos viveremos em Paz.

Para isso, é preciso ter coragem para enfrentar o erro, esteja ele onde estiver, mesmo que, aparentemente, precisemos "prejudicar" alguém.

É um prejuízo agora, mas com vantagens futuras para todos os outros companheiros.

Doutor, pode tomar nota: vou dar os nomes dos colegas que irão servir de testemunhas.

Aí, "bichão", assim é que se fala!

DESQUALIFICADO

O vogal dos empregados (?) da 23a. Junta não é empregado de nenhuma empresa de São Paulo desde 1943. Consta em sua carteira profissional que ele foi auxiliar de escritório da Federação dos Trabalhadores na Indústria de Alimentação, entidade da qual foi presidente por mais de 16 anos, e pela qual vem sendo, atualmente processado. Após sua queda como presidente da Federação da Alimentação não mais participou de nenhum sindicato por não ser profissionalmente qualificado, isto é, o colega dos pelêgos Luiz Menossi, Domingos Alvarez, Magaldi, simplesmente deixou de ser operário há muito tempo e somente foi nomeado para Vogal na Justiça do Trabalho graças a complacência do sr. Décio Toledo Leite, antigo presidente do TRT.

A repulsa dos operários paulistas à sua nomeação para Vogal no TRT, é considerada nos meios sindicais paulistas como o "fim da carreira de mais um pelêgo e o início da guerra contra outros pelêgos que ocupam cargos no Tribunal Regional do Trabalho." Os líderes sindicais paulistas concitam ainda seus companheiros de outros Estados a lhe seguirem o exemplo, decretando guerra aos pelêgos e lutando pela moralização da Justiça do Trabalho.

A empresa

Os trabalhadores se dividem, no local de trabalho, em tres grupos.

1º — Grupo dos protegidos: são aqueles ligados ao chefe ou encarregado. Conseguem melhores salários, pagamentos "por fora do envelope" tiram as férias extras e trabalho menos duro. Não são sócios do sindicato. "Não precisamos do Sindicato", declaram os afortunados, também conhecidos por "puxas".

2º — Grupo dos "revoltados": compõe-se de trabalhadores inconformados com as proteções e perseguições dos chefes, não só em relação a eles, como aos demais companheiros.

São sócios do sindicato. São os que lideram e sofrem as consequências dessa liderança nas fábricas, com punições e despedidas.

3º — Grupo dos "cautelosos": Esse é o grupo mais numeroso, representando cerca de 80 a 90% dos trabalhadores. Gostariam de pertencer ao grupo dos protegidos, mas não encontram vaga, admiram os homens do segundo grupo, quando clamam por justiça, mas não têm coragem de se aproximar deles. Vivem na expectativa.

Diante de uma luta reivindicatória bem sucedida, aplaudem os companheiros que lideraram o movimento. Mas se o resultado não for 100% positivo, eles exclamam: "Quem mandou ele se meter?" Raramente são sócios do sindicato; e quando o são, preferem pagar pessoalmente o recibo no sindicato, evitando o desconto da mensalidade na folha de pagamento, para que o empregador não saiba que são sindicalizados.

No próximo número analisaremos a estrutura do sindicato.

ASSINATURA - INDEPENDENCIA

Nome

Rua N.º

Cidade Estado

Desejo uma ASSINATURA-INDEPENDENCIA por
mês. Para tanto estou anexando um cheque visado, vale-postal ou ordem de pagamento (risque o de sua preferência).

Assinatura Anual Via Aérea Cr\$ 7.000,00

Assinatura Semestral - Aérea Cr\$ 3.500,00

Assinatura Anual Simples Cr\$ 5.000,00

Assinatura Semestral Simples Cr\$ 2.500,00

BU explica Por que a Reação Quer o Golpe

Por que a reação está irritada? Por que estão irritados os grupos econômicos brasileiros e estrangeiros? Porque estão irritados o UDN, PSD, PDC, PSP, PL e integralistas? Por que estão irritadas as chamadas "classes conservadoras"? E os latifundiários? Por que todos se uniram e prepararam até mesmo para lançar o Brasil à guerra civil? Por que todos estão pregando o golpe e fazendo subversão? Por que estão conspirando contra o povo? Por que decretaram a morte das instituições democráticas? Por que a radicalização se tornou tão violenta? Por que a reação decidiu "resolver o assunto" nos próximos dias?



REFORMAS

Porque o presidente João Goulart, atendendo à vontade do povo, resolveu realizar um governo popular. Porque o presidente está afirmando a sua disposição de cumprir o programa patriótico da Frente Popular.

Porque foi assinado o decreto de desapropriações de latifúndios e a argem de rodovias, ferrovias e açudes da União, primeiro passo para a reforma agrária verdadeira que o povo está exigindo.

Porque houve o decreto sobre o aluguel de imóveis residenciais, primeiro passo para a reforma urbana exigida pela Nação.

Porque foram encampadas as refinarias particulares de petróleo que boicotavam a Petrobrás e a emancipação econômica do Brasil — primeiro passo para o monopólio total da política petrolífera brasileira.

ALFABETISMO-ANALFABETOS

Porque a reação não é contrária às reformas, mas que o povo não confiará a realização das reformas ao atual governo. O atual governo, em resposta, con-

clamou o Congresso a aceitar a realização de um plebiscito: o povo seria consultado se deseja ou não as reformas de base e se confia a realização das mesmas ao atual governo. O Congresso ficou chateadíssimo.

Ainda em sua histórica mensagem ao Congresso Nacional, pedindo que ele olhe para o povo e torne realidade as reformas estruturais reclamadas pela Nação, o presidente levantou a bandeira do voto para analfabetos. Não se entende que continuem marginalizados do processo eleitoral 20 milhões de brasileiros: o Congresso não gostou e a reação vetou. Se todos os maiores de 18 anos de idade puderem votar, poderão IBAD e IPES controlar as eleições e comprar mandatos para seus representantes?

A reação acha o futuro terrível. Porque o governo e o povo estão decididos a realizar o rejuvenescimento do país, a democratização de toda a vida nacional, promovendo o bem estar para todos os brasileiros.

A reação tem pressa em derrubar o presidente João Goulart, para fechar os sindicatos, fechar

os (pouquíssimos) jornais independentes, quebrar o monopólio estatal do petróleo, derrubar o decreto das aluguéis, derrubar o decreto das desapropriações, instalar aquele governo de exceção, "provisório", que o sr. Carlos Lacerda vem defendendo há longos anos. Prender políticos do povo, líderes sindicais e estudantis, intelectuais, camponeses. Retornar à política de "a questão social é problema de polícia". Proibir o direito sagrado de greve.

OUTRAS REFORMAS

A reação enloqueceu, porque está temendo as próximas medidas populares do governo federal. Quais serão elas? Quais deverão ser elas?

Nacionalização das empresas estrangeiras de publicidade, que controlam todo o mundo publicitário, exercem uma ditadura sobre os jornais, participam da política brasileira, fazem pressões, coações e terrorismo econômico.

Regulamentação da importação de papel para a imprensa: não é mais possível que o povo continue

pagando a importação onerosíssima de papel, para que os grandes jornais apresentem edições de mais de 200 páginas e continuem entregues à luta antipovo e anti-Brasil.

Encampação das empresas de aviação comercial: elas são deficitárias, vivem de subsídios do governo, de aumentos constantes e extorsivos. Encampação — principalmente — das linhas internacionais. Criação da Aerobrás.

Encampação da Light: o polvo não pode continuar, indefinidamente, a roubar o Brasil.

Nacionalização da indústria farmacêutica (88% dela é estrangeira) e barateamento dos remédios.

Nacionalização da indústria automobilística: trema o deputado Cunha Bueno. Os negócios da "indústria automobilística brasileira" virão à luz do dia.

Monopólio total da política petrolífera pela União. Inclusive distribuição de gasolina, gás, derivados do petróleo.

Fim da cátedra vitalícia: democratização do ensino.

Proibição de circulação de jornais ou revistas sob a direção de estrangeiros ou brasileiros naturalizados: Quatro Rodas, Claudia e etc. Seleções, idem.

Reforma agrária verdadeira, com pagamento de desapropriações com títulos de dívida pública.

Reforma urbana verdadeira, nos mesmos moldes.

Reforma empresarial: participação dos empregados nos lucros e gestão das empresas.

Nacionalização dos bancos, dentro de uma reforma bancária que irá tirar o sono dos srs. Clemente Mariani, Herbert Levi, Laudo Natel.

Fim da Hanna. Entrega da política econômico-financeira do Brasil a um brasileiro, para que ela fique a serviço do Brasil.

Término da política de conciliação, com a denúncia do passadismo retrógrado e antipovo.

CONCLUSÃO

Em poucas palavras, aí estão as "razões" que levam a reação a, numa irritação absoluta, preparar-se para partir para um esquema de golpe. Ainda agora, repetindo o seu chefe, o deputado Cantídio Nogueira Sampaio dizia que "possivelmente este ano, o sr. Adhemar de Barros será eleito pelo Congresso Nacional, presidente. Dada a vacância da presidência, no caso de "impeachment" ou por outro "qualquer motivo".

Cabe às forças populares — operários, camponeses, estudantes, intelectuais, classe média, cristãos — intensificar a sua união e preparar-se, também, para a defesa das instituições democráticas. Denunciando os que, na defesa de interesses vis, estão querendo levar o país à guerra civil e repelindo todas e quaisquer ameaças, na exatíssima proporção delas.

Leia PN

PN — A REVISTA DO POVO condena, veementemente, esta semana, as badernas ibadianas e a chamada "imprensa sadia" (entre aspas) que exulta com tais badernas e as promove diariamente.

PN — A Revista do Povo. A sua revista. Nas bancas.

AJUDE BRASIL, URGENTE A SOBREVIVER

O LEITOR

Do professor Walter Braga Lima (Rua Caruso, 22, Guanabara) recebemos:

"Cada vez que acabo de ler um número de BU me dá vontade de conversar com vocês. Como vocês gostam de autenticidade e não se precisa pedir licença para dizer a verdade, transmito meus parabéns por muita coisa boa e peido de que melhorem um pouco algumas coisas ruins. Reporto-me ao número 52, 7 a 13 de março.

GOSTEI — sobretudo do CARDEAIS E IMPOSTURAS, O SANTO E A GREVE (no entanto, gostaria que Frei Carlos me explicasse como é que dominicanos, franciscanos, jesuítas, enfim todo o clero nos países da América portuguesa e espanhola tinham escravos negros. Se, como ele diz, "nem índio selvagem pode ser forçado a trabalhar de graça, como é que os irmãos dele no Peru e outros países e os jesuítas no Brasil tinham negros forçados a trabalhar de graça? Será que eles não foram capazes de uma "revoluçozinha" contra o "direito internacional" da época? AQUI E AGORA, a IGREJA CONDENOU A IMPOSTURA, ANTICOMUNISMO.

NAO GOSTEI — Do clichê expondo ao ridículo o gesto humilde da boa preta do rosário. Afinal de contas em outros tempos, São Bernardo doutor da Igreja, levantou a Europa ao grito de "Deus, o quer" e empunhando a cruz lançou príncipes contra os inimigos da religião no próximo oriente. Os tempos eram outros, mas essencialmente os mesmos e o santo era doutor. Assim como Frei Josaphat invoca São Thomás (também de outros tempos) o Pe. Botelho pode invocar São Bernardo. Isso de invocar doutores da Igreja não prova nada. Não gostei do que vocês disseram dos acontecimentos de Minas. Fizeram bem em publicar o documento da Ação Católica, afinal uma palavra tranquila em todo esse barulho. Vocês falaram do Pe. Botelho, um sacerdote maquiavélico, a serviço de entidades escusas. Ora, eu por acaso conheço muito de perto o Pe. Botelho. Homem impressionante pelo seu zelo e espírito sobrenatural. Sacerdote acatadíssimo nos meios mais variados do leicato católico de Belo Horizonte. Entre ele e o Pe. Alípio, Pe. Aloisio Guerra, Pe. Lage e outros que vocês infelizmente incensam demais, eu ainda fico com o Pe. Botelho. Não gostei de vocês chamarem Brizola de líder nacional. Aqui entre nós, vocês estão convencidos de que ele é mesmo líder? Ou vocês confundem líder com agitador? Não gostei de vocês afirmarem a três por dois que as direitas mineiras estão pagas pelo Ponto IV. Mas gento como é que se afirma isso sem uma provinha ao menos? Ou nosso jornal não é para ajudar pessoas como eu a formar opinião pública? Ou vocês querem que eu vá por esse Brasil afóra afirmando o que vocês afirmam e só porque BU, é o nosso jornal? Não nos passem atestado gratuito de incapacidade!

Acabei dizendo mais do que **NAO GOSTEI** do que **GOSTEI**. Desculpem mas é o desejo de ver melhorar. Afinal, nossa fraqueza humana é assim: o que está bem não incomoda ninguém.

BU tem tudo para ser um bom jornal em **TODOS** os sentidos. Por que estragar por causa da paixão e do extremismo? Aquela página de Claudius só pode ser humorismo entre os Chavantes. Tenham dó gente! Afinal gosto de BU mas sou carioeca! Tenho que fazer justiça ao "Bem-amado" que está fazendo de positivo em três anos o que não se fez nestes últimos anos de desgovernos das nossas prefeituras. Isso vai dito com dores no fígado meu e de vocês mas deve ser dito, porque verdade é verdade.

O JORNAL

"GUERRA SANTA"

Cuidado, professor Braga.

Como fizeram com Jesus Cristo no domingo de Ramos, os fariseus agora promovem "desagravos ao rosário" e batem nos peitos em praça pública, para iludido o povo de Deus, os verdadeiros fiéis, traírem e assassinar o Cristo, sem fazendo no Brasil, há tanto tempo, em cada criança que morre de fome, em cada campones que não pode manter seus oito filhos.

A oração se faz em silêncio em casa ou na Igreja e não sob o toque de cornetas e com "proteção" da polícia. A religião a serviço de interesses políticos tal como ocorreu recentemente no Vietnam só pode merecer a repulsa do verdadeiro cristão. Quem discutir sua tese política, quem ser contra as reformas de base, contra o presidente da República, contra o deputado Brizola o sejam. Mas com argumentos e sem apelar para o fanatismo religioso, o que fica tanto mais ridículo em políticos notoriamente agnósticos ou materialistas praticos.

A "guerra santa" hoje pregada no Brasil nada tem de comum com a incentivada por São Bernardo. Além do contexto inteiramente diverso em que viviu este doutor da Igreja, temos uma diferença basilar que é: contra quem a guerra santa? Quais são os inimigos da religião a que se atiram os nossos corifeus? O comunismo?

Onde estão e quem são os comunistas a quem deve ser movida a guerra Santa? O **Cardenal Mota?** Frei Carlos Josaphat? Os padres citados em sua carta? A ação católica de Belo Horizonte? Seu arcebispo? D. Helder? O falecido Papa João XXIII? A ordem dominicana? Os políticos que pregam a reforma agrária?

São Bernardo pregou uma guerra santa contra infelizes de OUTRA RELIGIÃO que haviam profanado Jerusalém. Não é aqui o lugar próprio para analisarmos se o famoso santo teve ou não razão em fazer a pregação guerreira, sendo de se destacar contudo que sua santidade independe dessa pregação.

O que nossos "santos guerreiros" pregam é uma guerra contra todos os que querem reformar nossas estruturas arcaicas, inclusive a Constituição (ou principalmente a Constituição), numa autentica batalha de sustentação de privilégios.

A verdade sempre dividiu os homens. Se dizer a verdade num determinado momento histórico é ser culpado, a culpa não é nossa, professor.

O "Bem Amado" citado em sua carta como líder político das hostes guerreiras, não pode merecer nossa simpatia nem nossa acolhida. Todo o mérito que possa ter sua obra desaparece face ao magno problema do homem. Quem é o homem brasileiro se nós somarmos todos e tirarmos uma média? Será sem dúvida um analfabeto desleixo, com muitos filhos doente e sem recursos para superar a miséria. Ora, qualquer líder político que se preocupe com reformas morais ou urbanísticas abandonando a dimensão maior de nosso problema, não pode nos merecer apreço pois erra por ignorância ou omissão.

Esperamos conta-lo entre os "guerreados"

Até sempre,

RUY DO ESPIRITO SANTO

BIBLIOTECA BU

EVANGELHO E A REVOLUÇÃO SOCIAL

Frei Carlos Josaphat, OP

OS CRISTÃOS E A REVOLUÇÃO SOCIAL

Paulo de Tarso

A IGREJA ESTÁ COM O POVO?

Padre Aloisio Guerra

CRISTIANISMO HOJE

Frei Cardonnel e outros

10 DIAS QUE ABALARAM O MUNDO

John Reed

CARREIRISTA DA TRAIÇÃO

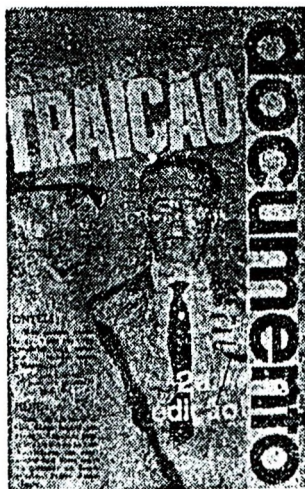
EPITACIO CAÓ

QUE SÃO AS LIGAS CAMPONÊSAS?

Francisco Julião

IBAD — Sigla da corrupção

Eloy Dutra



COLUNA POR UM

Maia Neto

PRATICA DA EMANCIPAÇÃO NACIONAL

Sérgio Magalhães

e 6 Coleções de

BRASIL, URGENTE, Luxuosamente encadernadas em dois volumes, com autógrafos de seus diretores: 20 mil cruzeiros.

Estes e outros livros — BIBLIOTECA BU — enviaremos pelo reembolso postal com acréscimo de 20% sobre o preço de capa, contribuição à luta pela sobrevivência do jornal independente

ADÔDE BRASIL, URGENTE A SOBREVIVER

destaque
da semana

O INDIFERENTISMO

Tristão de Athayde

A nota com que, semanas atrás, a Ação Católica de Belo Horizonte comentou os distúrbios ocorridos por ocasião de um comício político é da maior atualidade e da maior importância. Diz, em substância, essa nota — aliás aprovada pela autoridade diocesana, na pessoa do Exmo. Bispo-Auxiliar, Dom João de Resende Costa — que ninguém podia alegar "imperativos de consciência religiosa" para tomar esta ou aquela atitude em face do aludido comício. Perfeito. Que cada um, isoladamente e por si, alegasse imperativos de sua consciência individual para tomar uma parte ativa, a favor ou contra esse comício político, é perfeitamente normal. A paz da consciência é realmente a voz da vontade em nós, a voz de Deus. Mas essa voz da consciência individual não se confunde com "um imperativo da consciência religiosa", isto é, da consciência coletiva dos fiéis, que obrigasse a todos a seguirem uma só linha de ação.

Mais do que nunca é mister, na hora intensamente dinâmica por que está passando todo o mundo, distinguir a ação religiosa da ação política; o plano social do plano espiritual; a Igreja, que determina para seus fiéis "imperativos religiosos", da ação individual dos mesmos fiéis em terreno de sua plena liberdade de consciência a Igreja tem o dever de ter uma ação social intensa e de participar ativamente dos problemas político-sociais mais modernos que precisamos distinguir nitidamente o plano espiritual do plano social. Essa distinção foi feita magistralmente por Maritain quando mostrou a diferença existente entre uma ação "en chrétien" e uma ação "en tant que chrétien". A primeira é apenas do domínio da consciência individual, no vasto território livre, de nossa ação técnica, política, cultural etc. Nunca podemos agir, sendo cristãos, senão como cristãos, mas dentro da enorme liberdade que o plano temporal e do profano permite. Por exemplo, ser a favor ou contra os oradores do comício esquerdista de Belo Horizonte, que inclusive não comportava nenhuma hostilidade à Igreja ou à religião. Sempre temos de agir "en chrétien", desde que pretendamos aspirar à dignidade do nome.

Mas só atuamos "en tant que chrétien", isto é, na qualidade de cristãos, quando somos mandatários da Igreja ou cuidamos de temas estritamente religiosos e não puramente políticos ou mistos.

Os anticlericais, para evitar essas dificuldades, pretendem obrigar a Igreja, quando não a perseguem ostensivamente, a não se ocupar com o domínio do temporal, isto é, com tudo o que toca à vida em sociedade. Querem isolar a Igreja, confiná-la ao plano da pura oração — que é sempre o mais elevado sem dúvida, mas que transborda, por imperativo de sua natureza própria, no plano da ação. É uma solução arbitrária e imperialista, que os cristãos ou os crentes de qualquer religião nunca poderão aceitar. O "verbo de Deus não está ligado" e só à força poderão silenciá-lo, por algum tempo... A liberdade religiosa é a mais preciosa de todas as liberdades, pois atinge a dignidade humana naquilo que tem de mais puro e de mais íntimo. A religião não é um assunto de puro fóro íntimo. Deve ser sempre livre de atuar socialmente.

No momento atual, porém, tanto no mundo em geral, como particularmente entre nós, não é esse o maior perigo. Se vamos um vasto setor do mundo moderno, em que o silêncio ainda é a única voz da consciência religiosa, é inegável que nessa própria zona de anti-religião agressiva, há uma tendência crescente à liberdade. Basta ver o que se passa na Polônia, na Hungria, na Jugoslávia, na Tcheco-Eslôvaquia, onde já se vislumbra a aurora de uma liberdade religiosa mais ampla. E entre nós, graças a Deus, não é por esse lado que as nuvens se acumulam. Ao menos enquanto o fanatismo não desfigurar de todo o caráter tradicional de nossa gente. E é nesse quadrante, sem dúvida, que a tempestade se avoluma, de dia para dia.

("Jornal do Brasil" — Rio)

Escritores Paulistas e a Luta Antifascista Chegou a Hora da União dos Intelectuais BU Dirige apêlo à Inteligencia de São Paulo

PRAGA LITERARIA

ANTIFASCISMO: Escritores de São Paulo, a exemplo do que já fizeram os seus companheiros da Guanabara e de outros Estados, devem organizar, o mais rapidamente possível, um grande movimento antifascista. É gravíssima, nesta hora, a responsabilidade dos intelectuais autênticos. Daqueles que não colocaram nem colocam as suas inteligências a serviço do antipovo, do anti-Brasil. Daqueles que não alugaram nem alugarão suas penas às milionárias campanhas organizadas pelos fascistas, para ludibriar a opinião pública nacional e, anestesiando-a, conseguir mais facilmente os seus objetivos criminosos.

TRADIÇÃO — Os intelectuais de São Paulo têm uma grande tradição de luta democrática. Na sua imensa maioria, jamais se prostituíram. Jamais se colocaram a serviço da iniquidade.. Jamais silenciaram numa conivência imperdoável e criminosa, diante de tradições e embustes. Chegou a hora de todos os escritores, oferecer

ao Brasil mais um grande exemplo de dignidade e esclarecimento, unindo-se não em defesa de uma causa de poucos, de um interesse particular, mas em torno da própria pátria ameaçada pela furia do neofascismo

UBE — Ainda há dias, em eleição democrática, os escritores elegeram uma nova diretoria para a sua União Brasileira de Escritores. Duas chapas concorreram. Ambas, integradas por ilustres figuras da vida intelectual e brasileira, homens de bem, patriotas. Terminada a refrega, conhecidos os resultados do pleito, que todos se agrupem finalmente juntos, contando com o concurso valioso daqueles que, ainda recentemente, abandonaram a entidade, passem a realizar a luta eficaz contra o fascismo e pelo Brasil.

UNIAO — Entendese que, divergindo sobre pontos vários, muitos deles respeitáveis e graves, os escritores de São Paulo tenham, outra vez, cindido a sua entidade

máxima. Ninguém entenderá, contudo, nem agora nem no futuro, que diante de perigos que ameaçam a maioria, diante de traições que são feitas à Pátria, diante de tentativas que, vitoriosas, escravizaram a inteligência ao arbitrio, dissensões permaneçam.

BU — Conclamando os escritores à luta pelo Brasil, dentro ou fora do contexto da UBE ou de qualquer entidade de intelectuais, BRASIL, URGENTE está certo de cumprir mais um de seus deveres. Nunca tendo tido o menor motivo de agastamento com qualquer escritor ou qualquer dos respeitáveis grupos em que se reúnem os escritores de São Paulo, estamos em condições de formular este apêlo e colocar o nosso jornal e a nossa casa, à disposição dos intelectuais democráticos, na perspectiva de uma ação de todos a serviço do Brasil. Formulando tal convite, estamos desde já ao inteiro dispor dos escritores, inclusive para receber as suas sugestões. D.F.F.

Padre Cirilo Comanda Gorilas: Atentado em S. José Dos Campos

"Agüentem a mão, companheiros, que a coisa vai" — SABU na Bélgica! Endereço: 73, rue de Paris, Louvain! E' aí que se reúnem os "estudantes latino-americanos que se entusiasmam com BU". A auspiciosa notícia é mandada por *Frei Carlos Josaphat*, nosso fundador e presidente de Honra de SABU. Comunica-nos que a partir de abril, jornais franceses começarão campanha de divulgação e apoio a BRASIL, URGENTE. "Thermoignage Chrétien" dedicará uma página a BU para iniciar a campanha.

OUTROS NUCLEOS

Recebemos do sr. *Georgino Pereira*, residente em Vila Formosa, SP, uma carta comunicando a fundação de um Nucleo de SABU naquele bairro. Enviou-nos um cheque com contribuições dos componentes daquele nucleo. Oportunamente a diretoria da SABU paulista estará naquele bairro para o lançamento oficial do nucleo.

O Nucleo da Penha continua numa atividade eletrizante. Dia 4 de abril, às 9 horas, será instalado junto à Igreja de S. Antonio da Penha, uma sucursal da SABU daquele bairro.

APOIO DECIDIDO

A SABU se solidariza com a Ação Católica de São Paulo, pelo seu oportuno manifesto denunciando a exploração da fé por políticos e grupos completamente ultrapassados. O cristianismo não pode servir de escudo àqueles que desejam defender seus privilégios.

NOTICIARIO GERAL
A Banca Nacionalista, de São

José dos Campos, sofreu um covarde atentado por parte de grupos extremados daquela cidade. O

SARGENTOS CONDENADOS E DEPORTADOS

Após 19 horas de Julgamento, dois civis — os líderes sindicais *Afonso Dellelis* e *José de Araujo Plácido* — e seis sargentos *Aimoré Zoch Cavalheiro* (deputado eleito pelo Rio Grande do Sul, mas não empossado), *Edgar Nogueira Borges* (Um dos vereadores mais votados no município de São Paulo, também não empossado), *Armando D'Avila Machado*, *Sidney Adolfo Pupo*, *José Pereira Santiago Neto* e *Maurício Porto* — foram condenados a quatro anos de reclusão pelo Conselho Permanente de Justiça Militar da 2a. Auditoria de Guerra, por "incitamento à rebelião" no episódio de Brasília. Deve-se notar que todos os implicados estavam em São Paulo naquela data.

PROMOTOR PEDIU ABSOLVIÇÃO

Em face da fragilidade e quase inexistência de provas, a promotoria pediu absolvição em nome da justiça. E a defesa nem sequer apresentou suas testemunhas, tão certa estava da absolvição de todos ção. Apesar disto o Conselho deliberou por 3 votos contra 2, com base ção. Apesar disto o Conselho deliberou por 3 votos contra 2, com base no artigo 233.

PLANO GOLPISTA

A condenação dos sargentos nacionalistas e dos dois líderes sindicais foi recebida como parte da trama golpista que a reção articula para a deposição do presidente da Republica. Prova disto é a implicação de mais três sargentos: *Barreto*, *Almeida* e *Leindenberg* e dois oficiais: *Brigadeiro Dirceu de Paiva Guimarães* (Comandante do Parque da Aeronautica) e *Cel. Mario Dias* (Com. do G.Can 90), bem como o sr. *João Goulart* presidente da Republica.

São os interesses do capital estrangeiro e dos exploradores do povo que estão determinando todas estas perseguições aos sargentos nacionalistas, que não confundem patria com minoria privilegiada.

DEPORTAÇÃO E ANGUSTIA

Antes mesmo de ser promulgada a sentença pelo Conselho, quatro dos seis sargentos condenados foram deportados para a fronteira, para lhes dificultar a apelação ao Tribunal Superior Militar.

A angustia dos familiares dos sargentos presos foi agravada pela decisão do Tribunal de reduzir, pela metade, os vencimentos dos sargentos perseguidos.

nucleo da SABU que organizou a banca, sofreu um duro golpe, instigado pelo Pe. *Cirilo Pais* que edita um negócio chamado "Lábaro". Continua porém decidido a continuar na sua luta, que apenas começou.

Comunicamos o resultado do nosso sorteio realizado dia 21 de março último: 1.º premio 3721; 2.º premio: 2574; 3.º premio: 3312.

Está em organização uma exposição de Artes Plásticas na redação de BU. Apresente seus trabalhos e auxilie na elaboração da mostra.

Solicitamos mais uma vez dos nucleos já fundados de SABU que nos enviem seus endereços ... com urgência.

Datilografas que se disponham a trabalhar nas horas vagas serão bemvindas... Procurem *Maria da Graça* na redação de BU.

1 — Adhemar comprou 75 milhões de cruzeiros em granadas ofensivas (ditas de "efeito moral" mas que matam). As compras foram feitas através da firma Valparaíso do Rio de Janeiro, não aparecendo o nome da Força Publica nas transações.

2 — 300 individuos estão sendo treinados por Mr. Costello e Mr. Hill — membros do Ponto IV junto à policia paulista — para comporem o corpo especial de proteção ao sr. Adhemar de Barros.

3 — Para fugir ao controle de munições feito pelo Exército sobre munições adquiridas pela Força Publica de São Paulo, Mr. Costello entregou àquela força policial máquinas operatrizes especiais para recarregamento de cartuchos.

4 — Foram ainda adquiridos pelo Governo do Estado 13 canhões e 30 carros de combate equipados com metralhadoras antiaéreas.

5 — A policia civil de São Paulo está utilizando armas de uso exclusivo do Exército — metralhadoras Thompson com tripé e metralhadoras Ponto 50.

BONUS - PARTICIPAÇÃO

Para que o BRASIL, URGENTE continue.

Anexo, cheque, vale-postal ou ordem de pagamento (risque o de sua preferência) no valor de como colaboração à batalha pela preservação de BRASIL, URGENTE!

Nome

Rua N.º

Cidade Estado

" PADRE LADRÃO "

PEÇA EM
TRÊS ATOS DE
ROBERTO FREIRE

No telhado, junto à escada, Eduardo oferece passagem ao Padre.

EDUARDO — Ladies, first... Cuidado com a sãia!

Com um empurrão, Padre Paulo joga Eduardo lá de cima. Eduardo cai de mau jeito, de modo a rolar na terra e sujar toda a roupa. Os outros riem. Padre Paulo segura a batina, salta e corre de pé, mas sente o tornozelo. Manca, quando se aproxima de Eduardo e o ajuda a limpar a roupa.

EDUARDO — Chega de palhacada e vamos conversar!

PAULO — Bem, pessoal, debandar. Menos você, Pedrão. Vai pregar a torre.

Antônia e Zeca saem despedindo-se de Eduardo. Pedrão, do lado da Igreja, trabalha com o martelo. O Padre leva Eduardo para os fundos da Igreja. Zeca, assovia diante do barraco de Nena. Ela aparece na porta.

NENA — Acabaram as molecagens do Padre?

ZECA — Acabaram.

Sentam-se ambos no degrau diante da porta do barraco.

NENA — Isso lá é coisa que se faça com o doutor? Eu sou doutado... Vocês parecem menino... Isso não é trabalho.

ZECA — Porisso é que gosto de trabalhar pro Padre. Porisso é que trabalho tem de ser só coisa séria e triste que nem na fábrica? Chega mais perto, Nena.

NENA — Pra quê?

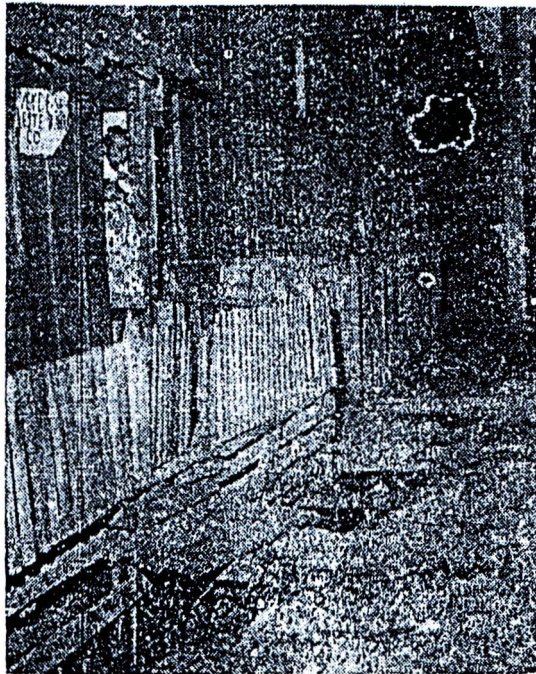
ZECA — Quero sentir você perto, uai.

NENA — Pedrão tá vendo a gente...

ZECA — Tem três filho... essas coisa não é novidade pra gente.

Zeca puxa Nena para junto de si. Começa a apertá-la.

ZECA — Vimo dar uma cotrinha no barraco...



NENA — Não! Tu prometeu! Tem de conhecer tudo junto no barraco e eu.

ZECA — Barraco é tudo igual...

NENA — O meu, não... Olha pra mim, Zeca.

ZECA — O que é que tem?

NENA — Sou igual?

ZECA — Não... tu é a mulher mais diferente do mundo!

NENA — Pois meu barraco também é. Padre Paulo quis o meu ontem. Taquei a janela no nariz dele.

ZECA — Que é que tu tava fazendo lá dentro?

NENA — Camisola... a camisola do dia!

ZECA — É? Legal... Que cor?

NENA — Sou moça, Zeca... branca, ora...

Zeca abraça Nena. Começa a beijá-la no rosto e no pescoço.

ZECA — Só mesmo Padre Paulo podia me obrigar... Mas não, não?

NENA — O quê?

ZECA — A gente já tava vivendo junto tem mais de três meses, não fosse o bandido... Tô achando que ele desforra na gente o que não pode fazer...

NENA — Calma, Zeca, o casório é pra semana. Até que tu vá nessa espera. Sabe, eu sonho toda noite que já aconteceu.

ZECA — Se tu sonha, então é porque sabe como é. E sabe...

NENA — Saber na Idéla a gente sabe... Imagina.

ZECA — O que é que tu sonha?

NENA — Que tô danada de feliz... Sabe, é engraçado... gente é um só... só tem duas perna... na barriga é que se separa. Tem dois peito, quatro braço... duas cabeça. Se tu

ri, eu rio... Se tu ronca dormindo, eu ronco também. Se tu fala, eu falo junto a mesma coisa.

ZECA — Sonho besta!

NENA — Ah, Zeca, é bonito, só tu vendo...

ZECA — A coisa como é, é mais bonita. Vou te explicar. É o seguinte...

NENA — Não! Zeca, vou fazer minha primeira comunhão no dia do casamento. Quería que tu fizesse também. Mas o Padre não quer...

ZECA — Nem eu! Gozado, ôe...

NENA — Ele diz que tu é grosso, mas bom. Que já é católico do teu jeito. Disse que se existisse tu no mundo, Cristo não precisava ter morrido na cruz. Eu é que sei, mas não, hein?

ZECA — E qual é o meu jeito?

NENA — Não fica bravo comigo... Vou repetir igualzinho como ele falou... Falou que tu é mais mico do que gente... mas que vai assim mesmo pro céu. Que nem tua inscrição no Partido, nem tuas safadêza...

ZECA — Esse cara confunde tudo! Não quero nada com o céu dele! O caso é o seguinte... gosto mais das idéias do doutor Eduardo, mas topo mais o jeito do Padre. Mas nada de primeira comunhão, confissão e outras bestêra. Só topei esse negócio da gente não começar antes do casório porque... porque...

NENA — Por que, Zeca?

ZECA — Sei lá! Quer saber de uma coisa? Pra mim não interessa nem o Partido nem a religião, tá? São idéias tão complicada e atrapalhada que eu não confio. Pra mim tem o doutor Eduardo e o Padre. Os dois são amigos, fico com os dois. O que eles fazem pra gente aqui na favela é o que interessa.

(CONTINUA)

AJUDE BRASIL URGENTE A SOBREVIVER

Manifesto ao Povo

AJUDE BRASIL URGENTE A SOBREVIVER

Nós AÇÃO CATÓLICA BRASILEIRA, da Arquidiocese de São Paulo, através da FEDERAÇÃO DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS e dos movimentos de Ação Católica especializada de adultos e de jovens cumprimos um dever cristão de, num momento de dificuldades e agitações, vir a público para manifestar o seguinte:

1) Sentindo que a Ação Católica só é autêntica na medida em que estiver unida a seu Bispo, disposta a servi-lo, fazemos questão de expressar nossa absoluta filiação ao Eminentíssimo Cardeal Arcebispo de São Paulo, Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, a quem declaramos nossa obediência total;

2) Expressamos mais uma vez a nossa disposição de lutar com tôdas as nossas forças pelas reformulações estruturais do país, em conformidade com o lúcido e oportuno manifesto da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, datado de 30 de Abril de 1963;

3) Expressamos nosso profundo constrangimento às explorações da fé e do sentimento religioso do povo brasileiro e à utilização política da religião, criando um clima de divisão na Igreja a partir das diferenças de opções existentes no plano temporal. Constatamos que estas atitudes são contrárias ao espírito de unidade vivido pelos cristãos, neste tempo da Igreja em Concílio;

4) Expressamos nosso integral apoio à Ação Católica de Belo Horizonte e a seu Excelentíssimo Arcebispo, D. João Rezende Costa, pelo manifesto corajoso que lançaram e expressamos ainda o nosso desagravo aos mesmos pelas ofensas e calúnias que vêm sofrendo;

5) Cremos e proclamamos que só se está integrado na Igreja na medida exata em que se estiver aderido ao Bispo, reconhecendo na sua pessoa o Pastor escolhido por Deus para conduzir o rebanho. Nestes termos, os católicos de Belo Horizonte devem obediência pública a D. Rezende, assim como aqueles que em São Paulo, se alegram de serem católicos e proclamam esta sua condição, só o serão de fato na medida em que estiverem unidos ao Bispo de São Paulo, o Eminentíssimo Cardeal Motta

Assinam este manifesto:

Pedro Calil - Presidente da Ação Católica

Pe. Dário Bevilacqua - Assistente Eclesiástico

Pe. Luis Gargioni - Vice-Presidente da Federação das Congregações Marianas

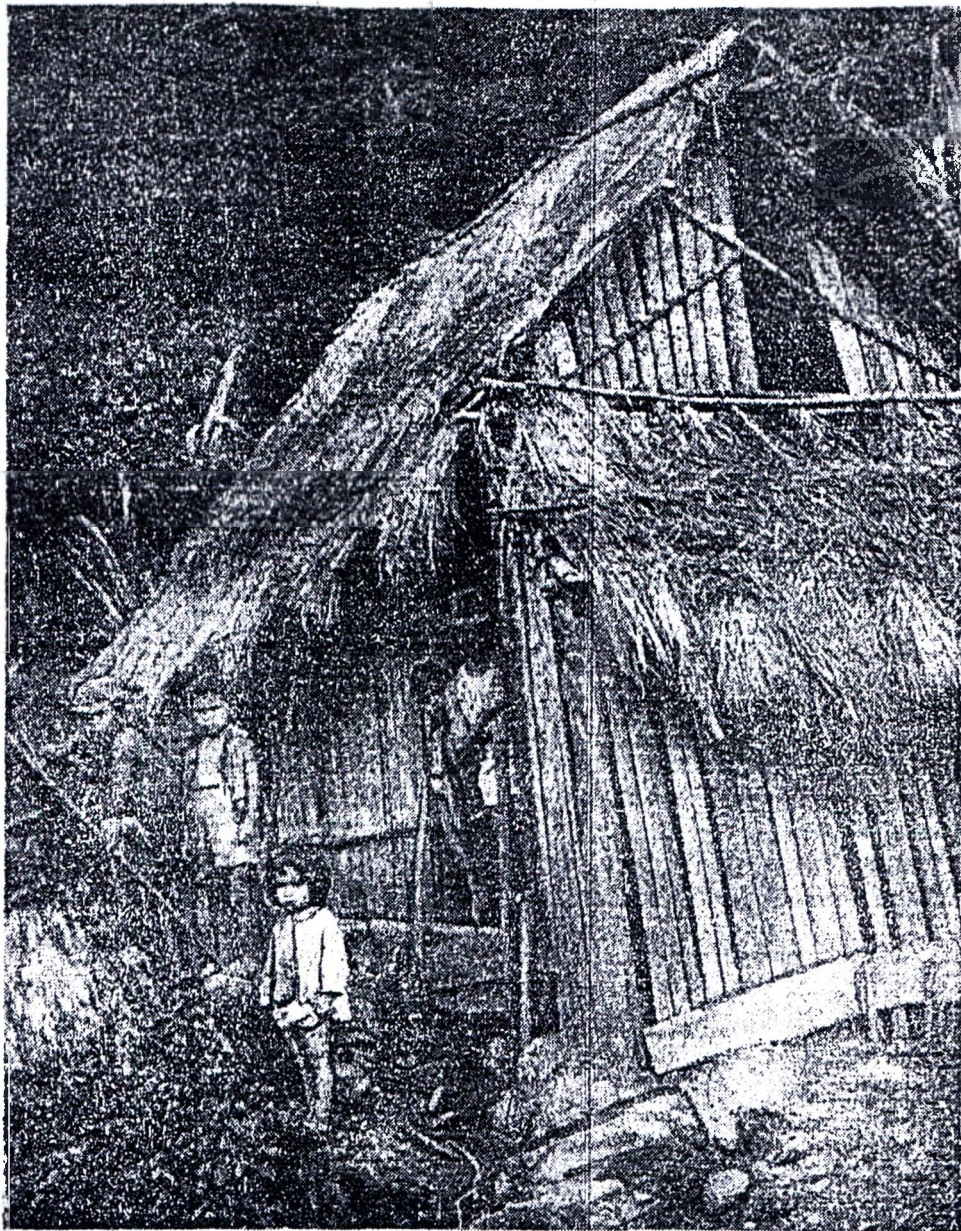
NOTA: Este manifesto conta com o apoio de S. Emcia. Sr. Cardeal

arapuã

- Foi ouvir o comício de defesa da legalidade ?
- Fui, mas não entendi nada.
- Por que ?
- O cara falou a tempo todo sem tirar o charuto da boca.

FALAM MUITO NA PREGAÇÃO DO LACERDA, COM TODA A RAZÃO. SÓ QUE A PREGAÇÃO DELE VEM DE PREGO.

A FOTO DA SEMANA



DEVE SER COMUNISTA... MORA ALI SO PRÁ FAZER AGITAÇÃO

— Dona Conceição disse que se o Jango vier falar em S. Paulo no dia primeiro de maio, estoura a guerra civil.

— Claro. Defesa da legalidade é isso; chegar na cara de um presidente da República e dizer que ele não pode falar em praça pública.

E QUANDO O ORADOR DISSE QUE NÃO ENTRARIA NUMA GUERRA FRATICIDA VEIO A VOZ DE BAIXO:

— FRATICIDA ? É QUEM DISSE QUE VOCÊ VAI LUTAR CONTRA OS CAMELOS ?

— Alô ? É da Usina ?

— Sim.

— Pode vir à Guanabara participar de um comício contra a reforma agrária ?

— Não estou ouvindo nada. Fala mais alto ! O roteiro aqui ao lado não deixa escutar !

— Que você acha do clima de tensão ?

— Tensos estão os cabelos, só

Cabelos ? Como ?

— De tanta êles puxarem

— Escuta, qual é a Constituição que não pode ser reformada ?

— A Constituição Federal, lógico.

— Ah, essa que foi reformada em agosto de 61 e em fins de 62 ?

ADHEMAR E LACERDA LUTAM PELAS INSTITUIÇÕES DEMOCRÁTICAS. ESTOU ESPERANDO PARA VER QUAL DOS DOIS VAI GANHAR AS INSTITUIÇÕES DEMOCRÁTICAS.

Roberto Freire, psicanalista, escritor, dramaturgo e jornalista

- Roberto , queria perguntar para você, como você se aproximou desse grupo que fez o jornal B.U. , quais os objetivos de vocês, o que vocês pretendiam, como vocês procederam e como é que começou o jornal ?

Nesse período, começo da década de 60, eu tinha abandonado a psicanálise. Não queria mais exercer essa profissão. Passei a discordar profundamente da metodologia, da ideologia, da forma de agir da psicanálise como instrumento, mais a serviço do poder do que qualquer valor como crescimento e desenvolvimento de pessoas. Foi um rompimento brusco e eu decidi me tornar jornalista, porque o jornalismo é um tipo de atividade que me interessou. Eu não tinha podido militar ainda de forma contínua, tinha trabalhado pouco no Estado de São Paulo e logo saí. Depois, tive com Samuel Vainer, no Última Hora. Esse pedido foi muito mais importante para mim, porque Samuel Vainer é um homem extremamente criativo e tinha uma visão do jornalismo muito moderna e muito atuante. Ficou esse sentimento de que poderia ser uma profissão que atendesse meu desejo de participação social muito mais avançada, muito mais calorosa, muito mais efetiva do que a psicanálise, que era uma coisa fechada, limitada e extremamente reacionária. Eu já era um socialista, sempre fui socialista, mas com dificuldade de militância porque eu era um socialista não marxista. Eu era um anarquista. Os meus amigos eram marxistas. Eles tinham a militância deles. A gente convivia intelectualmente, efetivamente, mas na ação era difícil, porque eu sempre critiquei o Partido Comunista pelo seu autoritarismo e hierarquia. Eram dois pontos que me faziam como anarquista não aceitar o socialismo, que nós anarquistas chamamos de autoritário. Eu queria militar e não tinha campo. Nesse período, eu tinha sido indicado para o Ministério da Educação e Cultura, para o cargo de Diretor de Serviço Nacional de Teatro. Eu havia militado muitos anos no teatro e o pessoal indicou meu nome, a própria classe. Paulo de Társo Santos, que era o Ministro de Educação, me chamou e eu aceitei. Comecei a trabalhar no Ministério no Rio de Janeiro. Nesse período, eu estava em contato com a Ação Popular, era amigo do Betinho e de vários líderes da Ação Popular. Encontrei um campo de atuação, porque a Ação Popular vinha de uma origem

cristã, mas não tinha os aspectos de uma militância da Igreja Católica. Havia um fundo de humanismo, sem dúvida nenhuma, da forma pela qual eles viam a realidade. Tinha essa origem do catolicismo através do Padre Henrique Vaz, que foi o criados da Ação Popular.

- Você estava no Rio nesse período ?

Não. Eu ficava entre São Paulo e Rio. Minha família morava em São Paulo e eu trabalhava no Rio uns 4 ou 5 dias da semana e depois passava os fins de semana aqui. A classe teatral era São Paulo e Rio basicamente, e muitos dos atendimentos que eu fazia junto a classe era aqui em São Paulo, onde o teatro estava em desenvolvimento naquela época. Comecei a militar na Ação Popular, comecei a participar, estudar, entender e discutir a linha política. Pra mim batia bem. Tinha algumas dificuldades com o saldo cristão. Nunca fui um cristão, mas tinha um humanismo parecido com os militantes. Nesse período, eu também fazia o que sobrou da minha atividade como terapeuta. Atendia uns clientes do convento de Dominicanos aqui de São Paulo. Um pároco, eu sempre esqueço o nome dele, era uma pessoa extremamente inteligente, me chamou para ajudá-lo na seleção dos candidatos a padres. Os noviços chegavam lá pretendendo ser Dominicanos e tinham dúvida sobre a vocação sacerdotal. Confundiam as vezes vocação com problemas psicológicos, relacionamentos familiares, problemas sexuais, etc. Ele pedia que eu ajudasse a selecionar aqueles que a vocação era mais evidente, do ponto de vista do mistério do cristianismo. Eu não entendia nada do que era isso, mas entendia perfeitamente o que era neurose, que poderia empurrar alguns jovens para uma fuga da vida social e sexual, usando a religião como uma espécie de saída neurótica. Foi um trabalho muito interessante. Acho que ajudei muito. Debatia muitas das questões e ajudei bastante a selecionar. Mas era interessante, porque mesmo aqueles que eu apontava com problemas neuróticos, os candidatos aceitavam e eu propunha que eles fizessem um tratamento na sua cidade de origem e depois voltassem. Não era uma recusa definitiva. Era um conselho científico para que eles direcionassem melhor a vocação deles. Com isso, acabei conhecendo os padres Dominicanos e comecei a admirar a inteligência, a cultura e a formação deles. Já conhecia amigos que conheci lá

na França, quando morei em Paris, que também estavam estudando para serem dominicanos. Conheci sobretudo a cultura e uma visão avançada do social, que parecia me influenciar bastante. Achava bonita e verdadeira. Muito próximo do Marxismo, porém com uma visão humanística mais espiritual. Entre esses padres, um deles era o Frei Carlos Josaphá, uma pessoa que admirei pela imensa inteligência e sensibilidade e sobretudo o poder de comunicação. Ele foi talvez o maior orador que eu já conheci. Os sermões do Frei Carlos Josaphá eram tão inteligentes, tão bem humorados que eu acabei freqüentando a missa. Eu ia lá assistir o sermão e ia embora. Mais eu não perdia os sermões dele, que eram realmente interessantíssimos, serviam de análise do problema social, visando soluções para o problema do homem, e sobretudo da exploração do homem pelo homem, isso com uma extrema agudeza. Acabei conhecendo Frei Carlos e ficamos muito amigos. Nas nossas conversas, passávamos a noite inteira debatendo questões políticas e sociais. Ele me pareceu um revolucionário, do nível dos revolucionários que eu já conhecia, mas que eram do partido comunista. Mas era um revolucionário autêntico e tinha uma visão política muito parecida com um outro católico, que eu tive sempre uma profunda admiração, que é o Dr. Alceu de Amoroso Lima. Frei Carlos, nas conversas dizia : “ Não adianta acreditar e sonhar. Nós temos que partir para ação.” O que me impressionava é que ele falava e pedia ação, e pregava isso na igreja. Aquilo foi me convencendo tanto, que um dia ele propôs que a nossa ação deveria ter um veículo em que ele pudesse expor nossas idéias, além dos cursos que ele fazia e os livros que publicava. Resolvemos fazer um jornal. Depois desse desejo de ter um veículo de comunicação das idéias, foi preciso um esforço muito grande para conseguir jornalistas capazes de realizar isso. Os jornalista católicos que militavam nos jornais eram profundamente reacionários. Eram conhecidos no Estadão. O Estadão sobretudo, tinha uma dezena deles, mas eram terrivelmente reacionários. Tivemos dificuldade e acabamos não encontrando ninguém. Nós precisávamos de um jornalista militante e convidamos o Josimar Moreira, que era um amigo de Samuel Vainer que trabalhou como Diretor do Última Hora em Recife. O Josimar estava morando em São Paulo, quando Samuel me apresentou ele, que também adorou a idéia, porque também era um socialista mas tinha muitos problemas com o partido. Ele achou fantástico existir uma outra forma de proposta de uma ação social , socialista

revolucionária, que não precisasse ser marxista. Ele chamou alguns amigos dele, em que ele confiava e eu fiquei como Diretor Responsável. Para conseguir fazer o jornal existir, o nome fui eu que dei. Nós estávamos procurando nomes e um dia veio uma notícia do exterior que era (Londres, Urgente) , (Nova York, Urgente), e eu falei : “ Olha, interessante, né ? Vamos chamar de Brasil, Urgente” . Eles gostaram muito do nome que eu sugeri. Começamos a divulgar para conseguir recursos financeiros. Mas foi uma batalha que durou mais ou menos um ano. Uma luta tremenda. Os meus amigos eram quase todos marxistas e eu não tinha ninguém para convidar. O Frei Carlos tinha vários amigos que freqüentavam a igreja e que eram pessoas de valor : advogados, engenheiros, médicos, que se apaixonaram pela idéia também e começamos a trabalhar. Mas o trabalho tinha que ser através da própria igreja. Como é que nós iríamos buscar o dinheiro para fazer o jornal se não fosse através da igreja ? Não poderia ser da igreja como instituição. Tinha que ser da militância dos sacerdotes. Nós conseguíamos chegar às igrejas através dos párocos. Eles abriam espaço para nós e nós fazíamos o discurso. Eu fiz vários discursos propondo a colaboração, a participação das pessoas e quedessem dinheiro. Nós criamos a SABU (Sociedade Amigos do Brasil Urgente). Esse pessoal se organizou e começaram a coletar dinheiro no Brasil inteiro. Até o momento em que se percebeu que tínhamos o suficiente e lançamos o 1º número. O 1º número foi uma coisa trabalhosa, porque agente não tinha muita experiência. Não conhecia muito bem a técnica do jornalismo. Para a mecânica do jornal tínhamos o Josimar.

- Tinha um outro jornalista , o Dorian, né ?

Dorian Jorge Freire

- Isso !

Que era um amigo do Josimar, que era do Rio Grande do Norte, se eu não me engano.

- Ele está lá agora ?

Ele está no Rio Grande do Norte. O Dorian nunca mais vi. Mas era um jornalista também competente. Tinha mais um outro, que agora me escapa o nome. Eram três jornalistas : o Josimar, o Dorian e esse outro. No 1º número, nós decidimos em pauta que eu fizesse uma grande reportagem sobre os remédios. Foi um trabalho enorme, achei que ficou imenso, mas eles decidiram que tinha que sair, porque era a primeira vez que se fazia um levantamento sobre o papel da indústria farmacêutica estrangeira no Brasil. Descobrimos uma exploração violentíssima. Eles tinham o controle total de tudo. Estabeleciam os preços e o governo não conseguia controlar. Era um horror, porque estavam explorando de uma maneira chantagística. Remédio é uma chantagem. Se você não compra você morre. Eles tinham controle absoluto. A matéria chamava “ Remédios matam o Brasil” . Mostrávamos economicamente o prejuízo que eles causavam à economia brasileira através dos ? e do processo chantagístico que eles atuavam e continuam atuando ate hoje. A matéria foi muito violenta, muito forte. O jornal apareceu como uma coisa forte e essa matéria mostrou a cara da nossa audácia, de invadir coisas que eram mais ou menos sagradas. Ao mesmo tempo eu trabalhava no Ministério da Educação tentando fazer alguma coisa pelo teatro. Mais pelo teatro popular, que tinha problemas muito sérios com o teatro profissional. Eu queria que o teatro amador, que o teatro operário, um teatro que servisse mais as populações, que servisse de instrumento de apoio cultural para a formação da cultura brasileira e comecei a trabalhar com o Paulo Freire. Depois que ele terminava as campanhas de alfabetização nas regiões, eu entrava com o teatro, que continuava a conscientização. Os operários aprendiam a ler, depois a gente mostrava o que eles iam fazer com a leitura, através de espetáculos populares que agente armava em todo o Brasil.

- Tinha um nome esse trabalho, esse projeto ?

Era um projeto que eu fiz, chamava-se “Campanha para um Teatro Popular” , alguma coisa assim. Ele foi muito bonito. Na verdade, nós criamos um trabalho nas favelas de vários estados. A gente montava peças de caráter popular, usando uma metodologia semelhante a do Paulo Freire. O Paulo Freire procurava localizar o universo popular da região, saía a palavra chave como universo vocabular e em cima dessa palavra ele

começava a alfabetização. Nós íamos nessas regiões, nas favelas, descobríamos o problema principal e em cima do problema principal a gente criava uma peça, levávamos a eles, que tinham que discutir os problemas que estavam realmente vivendo e conseguir soluções.

- Certo !

Muitos atores, muitos diretores aderiram e foi um trabalho muito bonito. Eu acho que a parte mais emocionante foi a da favela. Mas o que eu lamentei ter que parar foi o teatro para os povoados ribeirinhos do Amazonas, o Rio Negro por exemplo. Pegávamos aquelas barcas e montávamos um palco em cima . Chegando na cidade a gente encostava e fazia um espetáculo, já conhecendo qual a problemática deles e fazíamos um espetáculo para que fossem debatidos os problemas, me lembro que nessa época, tive que inventar uma iluminação porque não tinha luz. Tinha que fazer o teatro a noite, porque de dia eles trabalhavam. Eu inventei o refletor de gás, à gás, que deu uma luz completamente meio azulada, mais muito bonita. Aprendemos muito sobre o que é Teatro Popular !

- Eu li num dos seus artigos no livro “Viva eu, viva tu, viva o rabo do tatu” que você considera importante e fundamental, depois das peças a discussão, né ?. No caso, vocês praticavam essa metodologia, né ?

Exatamente. Acabava o espetáculo, eu ou pessoas ligadas a gente iam lá e sancionavam o debate.

- Você acompanhava o grupo de teatro ?

Eu acompanhei o mais que eu pude. Mais eu já estava com o B.U. e tinha que dividir meu tempo. Muitos desses espetáculos eu produzi mas acabei não assistindo.

- Você também não estava presente às reuniões semanais, de fazer a pauta, o jornal, essas coisas ?

Pouco tempo. Eu gastava todo o dinheiro que ganhava em passagens aéreas. Fazia uma reunião de manhã no B.U., a noitinha ia pro Rio, passava a noite no Rio e depois voltava para São Paulo. Era uma vida absolutamente louca. Também viajava de trem a noite para trabalhar no dia seguinte. Fiz muita viagem de trem. Fiquei conhecido de todos os serviços do trem. Eu passava um dia em São Paulo, um dia no Rio e dormia a noite no trem. Minha mulher viajava comigo. Ela podia também. Bom, aí, saiu o jornal e foi aquela luta, buscar matéria, fazer a pauta, etc. Foi um trabalho extremamente criativo, que dava a sensação de estar sendo muito útil. Era o fim do governo Goulart. Vieram aqueles momentos críticos de crise do Goulart com aquela postura revolucionária, mas ao mesmo tempo extremamente demagógica com o socialismo de oportunismo, seguindo a linha Getulista. É um falso socialismo na verdade. Um Getulismo quanto o Goulart. Tanto o Getúlio quanto o Goulart, abriam coisas bastante interessantes do ponto de vista popular, salário mínimo e aquelas coisas todas, mas no fundo, servindo o poder econômico. O Última Hora foi fundado com o dinheiro dos patrões para ser lido pelos operários. Eu assistia essas reuniões.

- Ah é ?

Eu estava presente

- Samuel Vainer

Morei um tempo na casa de um parente meu que era banqueiro. Na casa dele eu assisti à reunião do PDS ou PSD, eu acho, que era um partido da direita preparando o lançamento do Última Hora para eles terem um instrumento de ação dentro do operariado, com os operários, de controle do operário.

- Você acha que era uma coisa declarada, assim nesse sentido ?

Para mim era evidente.

- Porque, por exemplo : Hoje tem alguns empresários que participam do PT, né ?

Pra mim e a mesma coisa, só que eles estavam com o poder na mão. Eles tinham o poder e faziam parecer que tinham uma visão do social através de instrumento trabalhista. Amenizavam a contradição e iludiram muita gente.

- Agora no B.U. você não tinha essa sensação ?

No B.U. não. A sensação que eu tinha é que nós éramos um bloco extremamente unido, com uma visão ideológica altamente debatida e trabalhada em cima de um socialismo que eu, como anarquista, chamava de socialismo libertário, embora ele preferisse que fosse um socialismo cristão. A gente combinou que eu não falaria de anarquismo e ele não falaria de igreja. Podia falar do cristianismo. Do que fosse cristão falasse, mas não impregnasse a ideologia do jornal com a marca da igreja católica. Nem de um movimento revolucionário anarquista, que seria um socialismo diferente, um socialismo oposto. Não interessava o nome. O que interessava era o que nós estávamos fazendo, que era denunciar a exploração capitalista, proteger o trabalhador e criar uma ética política que não existia no Brasil. Reclamar por esta ética chamando para trabalhar com a gente, para fazer entrevistas, as maiores cabeças. Todas as pessoas mais inteligentes, mais cultas e mais abertas participavam do jornal. E passou a ser odiado pelos outros jornais, sobretudo os reacionários que estavam se organizando para tomar o poder. O B.U., eu acho que foi uma das coisas mais agressivas que aconteceu. O Partido Comunista tinha uma ação progressiva predatória contra o capitalismo, mas estavam proibidos de uma ação revolucionária direta. O Partido Comunista de Moscou dominava os partidos comunistas do mundo inteiro e impedia que prosseguisse a revolução cubana na América Latina. Tanto que a aventura de Che Guevara foi totalmente combatida pelo Partido Comunista. Aqui no Brasil, os meus amigos comunistas ficavam desesperados, porque eles ficavam falando e participando, mas a

ordem era se infiltrar no poder, ficar no poder para no futuro fazer qualquer coisa. Mas uma atitude direta como a nossa eles condenavam. Achavam que estávamos cutucando leão com vara curta. Foi mais ou menos isso que aconteceu : e aumentando. Os debates em torno das idéias socialistas eram cada vez maiores, até que houve o golpe. Antes um pouco do golpe, comecei a perceber uma crise que vinha dos católicos que participavam da revista, que era ? . Sobretudo comecei a perceber uma crise no Frei Carlos Josaphá. Uma crise que comecei a vê-lo ficar cada vez mais abatido e aparecer cada vez menos. Até que um dia, mais ou menos uns 20 ou 30 dias antes do golpe, ele me procurou em casa e disse que tinha que viajar imediatamente para o Vaticano. O Papa estava chamando os padres brasileiros que estavam envolvidos no processo político contra o Estado. Que o Vaticano faça isso eu acho natural, porque eu tinha quase certeza que o Vaticano estava ligado ao poder do Estado. Sempre esteve – (Roberto) “ Mas eu imaginava que o Senhor fosse rebelde !” (Frei) “ O que se há de fazer ?” , ele disse, “ Eu tenho que obedecer.” (Roberto) “ Então o Senhor não é um revolucionário !” – Aí começamos uma discussão terrível e ele não foi flexível. Um dia ele passou lá em casa : - (Frei) “ Estou indo para o aeroporto e não vou voltar mais”.

- Isso foi em dezembro, né ?

Não me lembro a data.

- O Jornal terminou na véspera do golpe, né ?

É, na véspera do golpe. Dois meses antes, ele simplesmente, sem me dar maiores explicações, ele entregou tudo em minhas mãos e disse – “ Eu vou me embora ! Eu não consigo enfrentar essa ordem” – Eu falei : “ Mas o senhor concorda ?” (Frei) “ Não concordo mas tenho que me submeter” (Roberto) “Eu não entendo como um revolucionário se diz obrigado a aceitar uma ordem reacionária !” . Fui com ele quase até a porta do avião. Eu não acreditava que ele fosse cumprir isso. Ele foi embora e nunca mais voltou. Quando voltou não me procurou e se me procurasse não o receberia. Logo depois do Golpe, fui preso e fiquei mais ou menos 1 ano em várias prisões,

sobretudo respondendo sobre Frei Carlos Josaphá. Eu me sentí profundamente traído, enganado e passei a ter uma visão completamente diferente do que eu tinha das possibilidades da Igreja, em algum momento da história, poder apoiar de maneira eficiente, honesta e corajosa o povo contra o Estado autoritário. Eles se submetem ao Estado autoritário através de uma organização autoritária, hierarquizada, a ponto de um Papa dizer – “ Vem, sai, vai você pra lá !” – e eles não reagem. Eu só me lembro daquela época de um padre que reagiu, Padre Torres, se eu não me engano. Torres enfrentou, lutou e acabou sendo morto em guerrilha. Eu achava que o Frei Carlos Josaphá faria uma coisa semelhante. Então, foi uma decepção, um sofrimento para mim. Eu me lembro que passei 6 meses lendo inteirinhos os jornais B.U. para um grupo de militares explicando tudo que foi escrito : por que Frei Carlos dizia isso, o porque daquilo ... E eu tinha que defender o Frei Carlos sempre – “ Ele tava certo” e eles diziam “ Como é que você acha que ele está certo, se ele está lá no Vaticano, lá numa boa e você está aqui respondendo por ele ?”. Como ele não estava aqui e as coisas que o frei Carlos dizia eram consideradas subversivas, eu paguei por todas elas porque eu era o diretor responsável. Nunca o denunciei, nunca o acusei. Essas coisas que eu estou contando pra você, eu falo com a maior tranqüilidade, porque já publiquei tudo isso. Tá no livro, eu posso até te dar. Não tenho um livro para te dar mas eu posso te emprestar e você tira xerox. Acabei escrevendo sobre isso pra mostrar especialmente o seguinte : que não se pode confiar em nenhuma instituição, especialmente através do poder da mídia e dos valores autoritários de hierarquizadas instituições, num processo revolucionário. Porque, por exemplo, a Igreja, ela vive da piedade. Ela propõe sacrifícios, ela propõe esmolas, ela propõe ajuda, ela tá sempre envolvida em renúncias. Pega alguns padres que tem algum poder de mídia, como é o caso do atual Padre Marcelo, que fazem palhaçadas. Quer dizer, se adaptam ao momento, atraem a ingenuidade popular e se mantêm ligados aos governos do povo, mas sempre de forma paternalista. Mesmo o próprio Betinho, depois mais tarde, fiquei profundamente chocado com ele com a atitude de combater a fome através da esmola. Eu não conversei mais com ele, mas me lembro de muitas vezes termos conversado que a justiça social se produz impedindo a fome e não dando esmolas para quem tá com fome. Aí não é justiça social, é caridade. Você mantêm o status de justiça, produz a injustiça e depois...

... das formas criadas pelo próprio Estado anti-revolucionário, quer dizer, as instituições são para combater as mudanças, as transformações. O que a história vem mostrando é que se você toma o poder pelas armas, quebra as instituições e domina o país, você tem que criar uma nova instituição chamada exército, que vai criar uma nova instituição para manter a revolução. E fica permanentemente criando instituições que substituem as outras. Elas acabam caducando também, mas continuam. Esses processos políticos de tomar o poder e criar instituições pelas armas ou pelas eleições, acabam sendo processos infinitos. A gente lembra por exemplo, quando houve a eleição no Chile, e o Allende foi eleito pelo povo. Foi uma das coisas mais extraordinárias. Aqueles mineiros, todos do cobre, votaram em Allende e um comunista foi eleito, eleito democraticamente. Mas durou quanto tempo? As instituições políticas se organizaram e isso incomodou profundamente os EUA. O palácio dele foi tomado, ele foi assassinado e se instalou uma das piores ditaduras do mundo, da história do mundo contemporâneo, que foi o Pinochet. Eu acho que uma pessoa que tem uma visão socialista e é revolucionária, não pode acreditar nas instituições, não só do Estado. O Estado é um absurdo, é um erro, não pode existir o Estado. A sociedade tem que ser administrada por ela mesma de outra forma e não através da criação de um poder que é estático, violento. Isso de ter armas, etc..., mas isso é outra discussão. Acho que não é só o Estado e nem só a igreja. A outra instituição que não pode existir também é a dos partidos políticos, porque a existência dos partidos mistifica e engana as pessoas que estão vivendo uma democracia. Os partidos produzem as eleições, para através das eleições para a renovação das pessoas no poder, e isso vai mantendo o processo democrático. Mas é um profundo engano, porque os os partidos são organizações de oportunismo, para colocar no poder as pessoas que não são administradoras e querem usar individualmente o poder para benefício próprio ou para benefício do partido. O povo fica enganado, porque ele acha que votando estaria mudando o Estado. Está mudando coisíssima nenhuma. Nós estamos vivendo hoje uma fase terrível! Acabou o governo militar, mas nós estamos sendo enganados por um processo pseudo-democrático de eleições que estão produzindo esses políticos que estão aí e nós estamos vendo o trabalho que está dando pra limpar. Se gasta mais tempo, mais dinheiro para limpar o proprio instrumento político dos traficantes, dos bandidos, dos assassinos, dos

corruptos. Não é possível acreditar que deva existir qualquer instituição existindo eleições, existindo partido, existindo igreja influenciando e existindo Estado. Haverá sempre o autoritarismo, a exploração do homem pelo homem, a hierarquização. Depois a gente cai num outro problema que é mais profundo, que é a pior de todas as instituições, a que gera tudo isso, que é a instituição da família. A idéia da família é uma idéia também antiga, clássica e extremamente podre. Bom, vamos voltar um pouquinho ao final do B.U., né? Eu tive várias prisões por causa do B.U., prisões por causa das minhas ações no Ministério da Educação com essa campanha de popularização do teatro e porque eu dei dinheiro para construir o teatro da UNE. A UNE estava sem teatro e eu terminei a obra para criar o teatro da UNE. Quando o teatro ficou pronto, houve o Golpe e eles botaram fogo. Fui acusado e passei por um processo de PM, tanto por causa do B.U., quanto pela minha ação no Serviço Nacional do Teatro. Eu tive 12 prisões. Em algumas delas passei por torturas terríveis, porque eles queriam que eu entregasse o Frei Carlos Josaphá, né? Que eu entregasse as pessoas que ajudaram a formar o B.U. . Eu resisti o quanto pude. Não abri nada.

- Agora nenhum dos outros membros do jornal foi preso, né?

Não. Ninguém foi preso. Eu era o diretor responsável e militante também. Eles sabiam das duas coisas, então, fizeram a ligação. Os outros eram católicos, advogados, médicos e se fossem chamados diriam: “Não ... são idéias do Frei Carlos, o Roberto que tocava com ele as coisas e tal...” . E o Frei Carlos estava na Europa. O que era interessante é que eles achavam que eu que utilizei o Frei Carlos. Eu me lembro que num inquerito me perguntaram: “Como é que você conseguiu convencer um padre tão inteligente a se tornar um palhaço nas tuas mãos para fazer essa violência toda?” e eu ouvia tudo isso. Bom, aí o Jornal foi invadido, empastelado. Levaram tudo. Estavam com todos os documentos. No dia 31 mesmo, eles já... Quando saiu o Golpe, no dia seguinte, eles foram lá e destruíram tudo. Levaram todas as coisas e fui preso uma semana depois, a minha primeira prisão. Fui preso várias vezes porque eles queriam...

- Eles te soltavam e depois prendiam?

É que eles queriam que eu ficasse solto para ver meus contatos. Porque eles tratariam de descobrir mais coisas sobre a Ação Popular, sobre essa levada da Igreja para a esquerda. Eles achavam que não era só eu, que tinha outros ramos, etc. Bom, eu me lembro que fiquei profundamente deprimido com essa história do Frei Carlos. Foi a primeira grande decepção da minha vida em termos de valor humano. Eu atribuí a ele um valor muito acima do que se pode atribuir as pessoas e bem vi um covarde. Mas eu não enxergo, ele pode te falar, parece que uma sobrinha minha conversou com ele. Ele acha que eu tenho razão de estar magoado com ele. Mas não é magoado com ele. Eu tenho uma tristeza muito grande por ver um movimento de ação revolucionária pelos pobres, pelos infelizes, pelos explorados, totalmente destruído por uma covardia e submissão a um poder, que ele mesmo diz que era um poder espiritual, que eu não tenho. Eu não entendo isso, não tenho essa espiritualidade e não vivo essas coisas. Ele tem que achar que o Papa está certo, que a Igreja tá certa, porque ele representa Deus e Deus é a verdade dele. Então, tudo aquilo que nós fizemos foi uma brincadeira, uma irresponsabilidade, alguma coisa assim. Eu vejo como um prejuízo tremendo para meu país, para o Brasil. Um prejuízo terrível para o povo que continua na miséria. Padeceu tudo o que padeceu, porque ele entregou as armas. Eu tive que ficar pensando aqui. Pagando. Eu não me incomodo por ter passado pelas torturas, perdido uma vista, passado quase quatorze anos desempregado, passando por momentos terríveis e difíceis. Acho que foi uma luta. Nós enfrentamos eles. Eles ganharam e para instalar o poder, tiveram que nos esmagar. Mas eu não aceito.

- Agora, Roberto, você naquele momento, não agora mas naquele momento, você e o grupo achavam que estavam fazendo uma revolução ? Que tinha possibilidade de ter sucesso, de a ação de vocês ser muito importante, não ser a única, mas muito importante para uma grande virada ? Vocês estavam convencidos disso ?

Estávamos convencidos, só que de uma forma um pouco diferente de como você afirmou. Qualquer ato revolucionário é um ato do qual você não tem certeza absoluta. Você tem esperança absoluta. E isso te mantém vivo e ativo, né ? Eu fiz um número

para a revista Caros Amigos sobre a vida e a revolução do Guevara. Uma das coisas que mais me impressionou é que, até o momento da morte, com tudo destruído, ele ainda tinha esperança. Porque a esperança, dizem que a esperança é a última que morre, mas não é isso. A esperança é uma coisa muito forte, porque se não houvesse esperança, o forte sempre venceria o fraco. Não haveria mudança e seria sempre a mesma coisa. Eu acho que as mudanças ocorrem por uma esperança louca de algumas pessoas, que de repente transformam-se em muitas. Nesse livro que eu vou te dar para tirar cópia, tem um capítulo que eu trato de como é que um dia, uma verdade pode ser implantada a revelia de todo o poder. Eu digo que eu tenho vários exemplos de coisas que ninguém acreditava que fosse possível acontecer. Por exemplo a Revolução Cubana. Cuba, uma ilhazinha pequena, um poder de Estado poderosíssimo com o apoio dos Estados Unidos. Cuba era o quintal da prostituição norteamericana. Esse povo, com o apoio da União Soviética, enfrentou e enfrenta até hoje os Estados Unidos. Eu estive em Cuba há uns 4 anos atrás e fiquei impressionado. Mas o que mantém a luta dos cubanos até hoje, tem o símbolo do Fidel. Mas é muito mais do que isso. Houve uma transformação no conceito de vida social. Eles foram de uma coragem naquela revolução, uma coisa espantosa. Sempre digo que eu gosto de me lembrar como teria sido o discurso de Fidel na praça central de Cuba, que hoje se chama Praça da Revolução, vendo o povo cubano cantando “Guantamera”. O povo, produzindo uma revolução, assumindo o poder e transformando a sua vida. Mais que a Revolução Cubana, acho que a mais sintomática foi a tomada de Argel. Eu morava na França nessa época e acompanhei muito de perto, como é que os argelinos expulsaram os franceses. Depois um diretor italiano chamado Pontecorvo, fez um filme, chamava-se “A batalha de Argel”, que é profundamente um estudo, uma tese que foi defendida por um professor italiano e ele fez o filme em cima da tese. Uma pesquisa muito bonita. Quando os líderes revolucionários foram todos assassinados e o povo em Argel, uma cidade completamente tomada pelo militares franceses. Quando mataram o último líder, o povo ficou completamente orfão. Não tinha mais jeito. Eles não teriam nenhuma esperança de poder mudar, deixar de ser colônia francesa e o povo não agüentava mais. O Pontecorvo, mostrava de uma maneira maravilhosa no filme, que as pessoas começaram a chorar a perda do líder. As mulheres iam para a rua e começavam a apitar com a boca, um assovio que elas fazem não com o

lábio, mas com a garganta, muito firme. Esse assovio foi aumentando constantemente. Os velhos e as crianças, porque tinham poucos homens na cidade, mas ainda havia alguns homens, eles foram todos para as praças centrais de Argel. Agente ouvia aqueles gritos de aglomeração. Havia uma ordem de evacuação da praça. Ninguém se movia. Eles começaram a atirar e o povo aos berros. Aqueles gritos foram sobre os tanques, os canhões e as metralhadoras e trucidaram todos os franceses. O final da batalha tem assim : metade daquele povo que estava lá na praça estava morto e não tinha ficado nenhum francês vivo. Eles tomaram Argel assim. É um consciente coletivo, vamos dizer assim, é a alma dessa esperança que, tem uma hora que ela limita. Você não reage a agressão porque tem medo de morrer, tem medo de se machucar. Mas quando você já perdeu tudo, não tem mais o que..., tanto faz, a metade se sacrifica pela outra metade e não se pode escolher quem vai morrer, quem vai viver. Vão todos contra a coisa. Essa tese é belíssima porque a Argélia, a partir daquele momento, iniciou o processo de vitória e acabou com a colonização. Eu sempre achei que a gente nunca pode perder a esperança de uma transformação social. Eu passei esses dias profundamente angustiado com a história da FEBEN. É uma coisa, “ Ah ! Não tem jeito” . É claro que tem jeito. Mas as confições dos crimes, a idiotice dos políticos, dos administradores. Eles foram enfiando esses meninos dentro de um deposito, como se lavassem o chão e empurrassem a sujeira para debaixo do tapete – “ Ah ! Não tá solto. Tá tudo preso mesmo e tal...” De repente explode como explodiu, né ? Então eu acho que uma pessoa que nasce militante e revolucionária, como é o meu caso, eu não tenho a falsa modestia em afirmar que desde menino nunca mudei. E não paro ! Tenho que encontrar uma solução. Eu to achando o Brasil cada vez mais perdido. Esse governo do FHC, que algumas áreas tiveram esperança, que era um cara intelectual, um socialista, está se mostrando um grande esteio do capitalismo no Brasil. Mas eu tenho certeza que está germinando alguma coisa por baixo. Mas o que eu queria afirmar para você, que eu acho que estaria dentro da sua tese, é que as coisas não acontecem no tempo que devem acontecer. As ações são meio anestesiadas por falsos aspectos revolucionários. Como o da Igreja, por exemplo e como é o do PT hoje. O PT é uma coisa que tá enganando o povo, já faz bastante tempo, como partido dos trabalhadores e com conteúdo socialista. Mas, o que ele fez por todo esse tempo ? Candidatou-se a presidente da República,

virou deputado, virou governo, etc. Mas eles sabem que a hora que assumirem o poder vão reproduzir exatamente o que estão fazendo aí. Você não muda um Estado só porque tomou o poder. Se vai ter que se aparelhar para ser Estado e sendo Estado, já está contra a sociedade. Existe uns anarquistas fantásticos, um deles é Pierre Clast. Pierre Clast têm um livro que se chama “A sociedade contra o Estado”. Nós estamos vivendo, há muito tempo, com o Estado dominando a sociedade, sendo que o certo é a sociedade dominar o Estado. Só quando houver essa inversão, haverá uma modificação na sociedade. Naquela época, nós parecíamos loucos. Só um grupinho de católicos influenciando todos os outros católicos do Brasil com um jornal que tirava , sei lá, no máximo 100.000 exemplares. De fato a gente acreditava que aquilo pudesse estar ajudando o Brasil. Mas, se pensar bem, eu acho que ajudou.

- Tiragem de 20.000 com 8.000 acionistas, né ?

O número era bem maior, mas eu não me lembro. Tem um livro de um francês, que eu não lembro o nome dele. Era um anarquista que conta a Revolução Soviética através de uma visão anarquista. Eles foram marginalizados na Revolução Soviética. Os comunistas queriam executar, mataram os anarquistas, prenderam, etc. Os anarquistas queriam uma outra forma de modificação do Estado. Esse livro é interessante, porque ele vai contando como era a crítica que se fazia internamente dentro da própria revolução. O título do livro é lindo. Estou pensando até em roubar esse título para o próximo livro meu. Chama-se “ A vitória dos vencidos”. Porque não é preciso ganhar a guerra para impor uma idéia. As idéias já minam se elas forem cultivadas e defendidas, né ? O que é que está acontecendo agora ? Cada vez que se comete um erro, uma falha na administração pública, existem gritos. E vieram de onde esses gritos ? De revoltas anteriores que foram massacradas. Então, a idéia de Vitória dos Vencidos é que : os vencidos não foram eliminados. Eles foram somente derrotados. E as idéias que eles defendem vão passando.

- Os escritos deles ficam.

E vão passando para as gerações. Não é só o escrito não. Fica marcado no genes da espécie. Acho que cada experiência assim profunda, sofrida, modifica os próximos genes, na formação dos próximos genes através da evolução da espécie, evidentemente a espécie humana. Se ela continuar assim vai ser extinta, porque está insatisfazendo a maioria dos seres humanos. Se nos fizermos um cálculo de quanto se comete de injustiça social no mundo inteiro, é uma coisa brutal. Então, é uma espécie que está se alto destruindo e a natureza está gravando isso. Acho que cada gesto de solidariedade, de justiça, de luta pela justiça, seja de uma pessoa, seja de 10 mil, marca e fica na história. Não para ser usada como a Igreja faz. A história de Cristo é uma história linda, né ? Fica-se usando a bandeira de Cristo, mas se cometendo as mesmas injustiças. Recentemente resolvi refazer a minha experiência do B.U.. Há uns 3 anos atrás, depois de uma viagem a Cuba, ha uns 3 ou 4 anos atrás, eu e alguns jornalistas resolvemos criar uma revista., Caros Amigos. E com essa revista, nós queríamos fazer uma intervenção e começamos a fazer. Mas, com o passar do tempo, a instituição, as instituições começaram a se interessar pela revista, porque ela tinha um poder muito grande de sensibilizar as pessoas revolucionárias, insatisfeitas, combatidas. Porque o resto das revistas no Brasil, odiavam a mídia. Nunca tivemos um anúncio. O poder econômico não quer que a revista exista, então há um bloqueio. Mas o que aconteceu ? De repente eu to lá trabalhando e percebo que tá sendo infiltrada a revista do PT. O PT descobriu que não tinha um veículo e que o veículo mais limpo, mais respeitado, mais a disposição para uma campanha política forte era a revista. Dessa vez eu pulei antes, porque no B.U. eu fui massacrado depois. Eu tive que sair da revista porque comecei a discutir e não admitia que a revista Caros Amigos tivesse qualquer influência partidária. Considero, e pensei que meus companheiros também considerassem, que os partidos políticos sejam , talvez, as grandes causas das dificuldades para a socialização, para a solução dos problemas sociais, vamos dizer assim. Acabei me afastando. Já estava doente. Já estava completamente cego, não estava mais podendo escrever e estava chocado com essa infiltração do PT. Eu me afastei. Não estou mais. Mas você veja que, até bem pouco tempo, eu estava no mesmo espirito do B.U. de 63 e hoje é 99. Quer dizer 36 anos atrás. E se tiver mais 36 anos de vida, vou fazer uma porção de loucuras.

- A princípio porque você é um revolucionário e em segundo, nós não temos uma imprensa isenta. Nós não temos nada ! Não vamos nem dizer revolucionária, né ?

Exatamente. Não temos nada que não seja dominado pelo poder econômico.

- Exatamente. Então é muito complicado esse setor, porque o PT tem condições de ter seu próprio jornal diário, mas eles não conseguem fazer. Nem que seja de 4 folhas para ter nas bancas exposto. Porque isso aí, é uma coisa que todo operário passa na banca de manhã e para. De manhã eu paro e olho na banca.

Mas eu acho que o PT já está financiando a Caros Amigos. Acho que aquela revista vai ser transformada num órgão do PT.

- Agora, Roberto, eu queria voltar um pouquinho ao trabalho de vocês no B.U. , que é um ponto específico sobre a \Reforma Agrária. Vocês discutiam as propostas do governo ? Vocês tinham discussões ideológicas, eu acredito, né ? Pelo menos com conversas, mesmo informais que são produtivas, né ? E o caso da Reforma Agrária, a Igreja tem limites muito sérios, né ? Isso não chamava a atenção de vocês como um alerta ?

Olha, esse é um ponto fundamental. O Frei Carlos Josaphá defendia a Reforma Agrária como se fosse um ponto indispensável. Mais eu acho que foi justamente por essa nossa defesa da Reforma Agrária e o apoio que nós demos de certa forma ao Julião, Francisco Julião, às primeiras idéias barrais lá em Pernambuco, quando ele assumiu o primeiro governo, quando começou a trabalhar na Reforma, na distribuição das terras, eu acho que foi um dos pontos mais gordativos no B.U.. Já ali, comecei a perceber o quão importante seria a Reforma Agrária para o início da resolução dos problemas sociais. Nós percebemos que foi uma violência o que fizeram no campo. Destruíram todos os sindicatos rurais. Mataram no Golpe, né ? Mesmo antes do Golpe, mas depois do Golpe, os camponeses foram terrivelmente dizimados e pouca mídia noticiou. A violência que se cometeu contra as organizações camponesas, eu não tenho datas e nem nomes. A primeira violência de assassinato, de prisões cometidas pelo governo foi

contra as organizações agrárias. Mas o tempo foi passando e eu comecei a assistir a transformação das idéias sobre reforma agrária. Até que um dia fiquei surpreso com uma coisa que, vou dizer com toda a sinceridade, é a única ação política atual que eu acredito, que é dos Sem Terra. O MST (Movimento dos Sem Terra), desde o nascimento naquela reunião lá em Cascavél no Paraná no começo dos anos 80, vem se transformando num movimento que qualquer anarquista sonha e adora. Nasceu do próprio povo. O trabalhador rural se reuniu, se organizou e criou uma entidade autogestiva que tem lideranças, mas são lideranças condutoras e não lideranças de poder.. E hoje a organização dos Sem Terra é uma das mais brilhantes organizações autogestivas. Essas figuras que aparecem como o Rainha e outros, aparentam estarem liderando, mas estão encarregados da ação junto a sociedade, junto às entidades e a mídia. Eles é que falam mas não são eles que dirigem o MST. A direção é regional. Cada região tem as suas lideranças provisórias, substituíveis a qualquer momento. Mas, a existencia do movimento é devida a ação para produzir as ocupações. Eles se organizam com algumas lideranças e fazem a ação. Isso vem acontecendo solto, porque a ideologia básica deles eles não sabem. Eu, quando entrevistei o Stedile na Caros Amigos, ele levou até um susto. Eu disse : “ Olha ! Vocês estão se organizando de uma forma absolutamente revolucionária anarquista”. Não tem poder central. Não tem hierarquia e tudo nasce da ação e eles estão, já ha alguns anos, com o poder cada vez maior. E a expansão da Reforma Agrária está sendo feita por eles e contra o Estado, porque o FHC não aceita que a Reforma Agrária não seja feita por ele. E ele não pode fazer a Reforma Agrária porque tem rabo preso com uma porção de fazendeiros, os ruralistas do Congresso, que até agora concederam financiamentos fantásticos, Fazendeiros e proprietários de terra. Ele tem o rabo preso e não pode fazer a Reforma porque o povo precisa e os Sem Terra estão fazendo. Eu venho acompanhando o mais perto possível esse trabalho, porque acho que eles podem começar um processo revolucionário definitivo. Se não forem assassinados e destruidos como os outros já foram. Agora. O que impede de serem violentamente destruidos ? Foi feito uma pesquisa, não me lembro po quem foi, acho que pelo próprio Estado há uns 8 anos atrás, na qual 70% da população brasileira apoia a Reforma Agrária proposta pelos Sem Terra. Então, se o FHC mandar o exercito em cima dos Sem Terre, vai haver um

levante. Porque a ação deles é uma ação que a mídia tenta enxovalhar de todo jeito, inventa histórias. Claro que alguns cometem erros e excessos e tal, né? Mas a coisa em si é muito bonita e muito certa. Eu acho que nos estamos caminhando para o primeiro movimento nacional popular sem direção hierárquica e sobretudo desligado dos partidos. Porém, na mão da Igreja. A Igreja percebeu a importância e vem dando todo o apoio. Mas o Stedile, ele não quis abrir, mas eu percebi que ele quis dizer que o pessoal é católico. Mas o movimento não tem nada a ver com a Igreja, como também não tem nada a ver com os partidos.

- Agora no caso do B.U. , nos artigos que eu li, que analisei, a Reforma Agrária sempre foi proposta com base na pequena propriedade e com indenizações...

... na época, agente se iludia. Eu me iludia pelo brilhantismo e pela pseudo-autenticidade do Frei Carlos Josaphá. Eu o achava um gênio e um grande revolucionário. E me iludia também com o Papa João XXIII, que era o Papa daquela época. Ele que era um camponês, um homem de uma bondade, de uma sinceridade..., e com a Mater et Magistra, ele mostrou uma confiança muito grande nos processos revolucionários, nas transformações sociais indispensáveis. Havia uma ilusão em torno da Igreja para mim. Era o Papa lá em cima, aquela coisa maravilhosa, e o Josaphá e os dominicanos aqui apoiando a gente. Isso pra mim já não existe mais. Frei Carlos Josaphá foi uma das 3 formas terríveis que já passei na minha vida e que me fez sofrer. Ele fez muito mais sofrer a população brasileira, o povo brasileiro. Mas o Papa atual, o nosso João Paulo II é um deambulador, um passador. Ele, quando esteve no Brasil, pela última vez, um reporter do Estado de São Paulo perguntou para ele : “ O Senhor é a favor ou contra a Reforma Agrária ?”. E ele disse : “ Eu sou inteiramente a favor. Desde que se respeite as propriedades”. É uma frase de uma ambigüidade... Fica zero a zero, né? Não é possível fazer uma Reforma Agrária com respeito a propriedade, porque são propriedades ou ilícitas, ou roubadas, ou compradas com o dinheiro do poder econômico e que estão sendo abandonadas, deixadas sem produção, para uma população precisando trabalhar. Precisando comer e não tendo onde trabalhar, porque está tudo cercado e é propriedade imobiliária dos Senhores da terra. Não existe essa

levante. Porque a ação deles é uma ação que a mídia tenta enxovalhar de todo jeito, inventa histórias. Claro que alguns cometem erros e excessos e tal, né? Mas a coisa em si é muito bonita e muito certa. Eu acho que nos estamos caminhando para o primeiro movimento nacional popular sem direção hierárquica e sobretudo desligado dos partidos. Porém, na mão da Igreja. A Igreja percebeu a importância e vem dando todo o apoio. Mas o Stedile, ele não quis abrir, mas eu percebi que ele quis dizer que o pessoal é católico. Mas o movimento não tem nada a ver com a Igreja, como também não tem nada a ver com os partidos.

- Agora no caso do B.U. , nos artigos que eu li, que analisei, a Reforma Agrária sempre foi proposta com base na pequena propriedade e com indenizações...

... na época, agente se iludia. Eu me iludia pelo brilhantismo e pela pseudo-autenticidade do Frei Carlos Josaphá. Eu o achava um gênio e um grande revolucionário. E me iludia também com o Papa João XXIII, que era o Papa daquela época. Ele que era um camponês, um homem de uma bondade, de uma sinceridade..., e com a Mater et Magistra, ele mostrou uma confiança muito grande nos processos revolucionários, nas transformações sociais indispensáveis. Havia uma ilusão em torno da Igreja para mim. Era o Papa lá em cima, aquela coisa maravilhosa, e o Josaphá e os dominicanos aqui apoiando a gente. Isso pra mim já não existe mais. Frei Carlos Josaphá foi uma das 3 formas terríveis que já passei na minha vida e que me fez sofrer. Ele fez muito mais sofrer a população brasileira, o povo brasileiro. Mas o Papa atual, o nosso João Paulo II é um deambulador, um passador. Ele, quando esteve no Brasil, pela última vez, um reporter do Estado de São Paulo perguntou para ele : “ O Senhor é a favor ou contra a Reforma Agrária?”. E ele disse : “ Eu sou inteiramente a favor. Desde que se respeite as propriedades”. É uma frase de uma ambigüidade... Fica zero a zero, né? Não é possível fazer uma Reforma Agrária com respeito a propriedade, porque são propriedades ou ilícitas, ou roubadas, ou compradas com o dinheiro do poder econômico e que estão sendo abandonadas, deixadas sem produção, para uma população precisando trabalhar. Precisando comer e não tendo onde trabalhar, porque está tudo cercado e é propriedade imobiliária dos Senhores da terra. Não existe essa

possibilidade. Naquela época eu não entendia muito bem. Cheguei até a achar, eu me lembro das influências dos marxistas, que diziam : “ Não ! Tem que tomar a terra, mandar prender, mata, fica... Eu me lembrava do Dr. Givago. Eu tinha visto o filme, como é que se invadia as propriedades. Mas, eu também conhecia um pouco a Revolução Espanhola e lembrei que podia ser de uma maneira bem diferente do que os anarquistas fizeram. Mas hoje, acompanhando a luta dos Sem Terra, eu acho que a visão de Reforma deles é perfeita. Eles estão localizando áreas improdutivas, áreas devolutas e estamos vendo que, mesmo essas áreas, os proprietários estão querendo cobrar fortunas para ceder. Coisas que não os pertencem. E o governo esta insistindo em comprar terras que pertencem a (fulano), se existem terras que estão abandonadas. O Brasil é tão grande ! Três ou quatro vezes mais do que suficiente para se fazer uma Reforma Agrária. Agora o governo quer fazer justiça a propriedade. Como se fosse fazer justiça a ? , como o Rei da Inglaterra. Dividiu o Brasil em 11 pedaços e deu para 11 sujeitos. Assim começou a propriedade da terra no Brasil. Pra que isso ? Não há necessidade, porque esse estudo eles já fizeram e está mais do que provado que o que aconteceu no Pontal do Paranapanema é uma coisa maravilhosa. Eu, no meu último romance, trato da Reforma Agrária num momento da história. São dois filhos de Sueco com Brasileiro. Dois irmãos.

- Já foi lançado né ?

Já foi lançado. É evidente. É a história de um amor incestuoso entre dois irmãos. Eles não se conhecem. Foram separados gêmeos. Separados ao nascer. Ela foi educada pela mãe na Suécia e o pai educou o menino numa fazenda aqui no Pontal do Paranapanema. Aos 25 anos a mãe morre, ela vem para o Brasil e conhece o irmão. Ambos com 25 anos. Eis que surge uma paixão e eu conto a história deles. Como eles venceram os preconceitos, os medos do incesto e quando eles conseguem vencer o medo inconsciente. O medo dessa história é universal, que é o incesto. Eles chegam na fazenda do avó e descobrem que é tudo propriedade ilícita. Então, eles acabam se envolvendo com o problema da Reforma Agrária. Tive que estudar muito esse problema lá. Lá, o que é terrível é que são terras devolutas. Todas terras devolutas,

apropriações e desmatamento de reservas florestais., se invadiu reservas e tomou-se conta. Houve muita queima de arquivos. Eles falsificaram documentos. Existe, vamos dizer, 10% daquela área é legal, o resto tudo é ilegal. Então, se o governo quisesse declarar aquela terras como propriedades do Estado e entregasse aos Sem Terra, estaria roubando de ladrão. Punindo os ladrões e possibilitando essa população de sobreviver. Tá uma luta tremenda ! Mas lá os Sem Terra estão conseguindo vencer na justiça. Já existe uma boa área lá que a justiça acabou dando ganho de causa. Não que eles passassem a ser proprietários, mas que os proprietários não teriam o direito de impedi-los de estar lá. Agora eles vão requerer, estão requerendo a posse, através de um processo de assentamento do Ministério da Agricultura, que é uma coisa legal. Mas eles estão fazendo a coisa muito bem organizada, com uma boa assistência jurídica. Eu só acho que eles têm que tomar um certo cuidado com a Igreja. Estou sentindo falta da adesão das pessoas que estão assistindo isso e não estão apoiando mais, porque a mídia faz o possível para ignorar, para não noticiar, para deformar e não se trata isso nas escolas, não se cria debates mais abertos. Eu queria muito participar, estar ajudando na ampliação para o nível universitário dos debates sobre a Reforma Agrária do MST. Eu dei um nome em uma palestra que vou fazer agora em Piracicaba sobre isso, o nome ficou assim : “ Os com tesão e os Sem Terra”, ou seja, a juventude que tem tesão pela vida, pelas coisas justas e etc., deveriam estar aderindo mais, participando mais dessa luta, dessa população Sem Terra.

- Roberto, qual é a lembrança que você guardou mais traumática, além da prisão que você teve, com relação a sua experiência no B. U. ?

Olha ! Eu fazia o B.U. com uma paixão ! Eu tinha a impressão que eu andava nas nuvens de tanta felicidade, de tanto sentir a utilidade do que eu tava fazendo. Ainda não era um jornalista muito experiente, mas aprendi muito com Josimar Moreira, que por uma coincidência fantástica, muitos anos depois, a filha dele casou com meu filho menor. Mas era um estado de permanente felicidade, de luta, de resistência. Aquela resistência heróica. Uma coisa muito bonita, que acho que a gente precisa passar de vez em quando isso na vida para valorizar mais o que tem, o que consegue. Mas quando

houve a crise no B. U., a dor pela traição de Frei Carlos foi uma coisa que praticamente me afastou de todo o grupo. Eu encontrava o grupo, a gente chorava, a gente não sabia o que dizer um para o outro, entende ? Não para os jornalistas, mas para os católicos que eram amigos do Frei Carlos. Alguns deles queriam perdoar, queriam entender. Eu não queria saber de nada, estava indignado. Mas eu acho que o B.U. foi acabando dentro de mim, não como bandeira. Para mim ela existe até hoje e é um dos pontos melhores da imprensa brasileira. Eu tive a sorte de participar de alguns dos momentos mais importantes da imprensa brasileira, que foi o B.U. e depois Realidade. Eu fui reporter dessa revista maravilhosa, onde aprendi jornalismo de fato, onde publiquei reportagens fantásticas, que me honram até hoje e agora com Caros Amigos. Realidade também foi fechada. Fomos afastados em bloco, toda a equipe pela direção da Abril, porque eles nos consideravam socialistas. Socialistas que eles chamavam de comunistas. Tentaram nos afastar para tornar a revista mais reacionária e a revista acabou. Mas então, eu tive essa sorte de participar de momentos da imprensa tão grandes para mim, por exemplo, para mim, Realidade é uma obra prima. Não existe nenhuma revista no Brasil, nunca existiu, tão bonita e tão completa, tão bem feita, tão bem realizada, com fotografos fantásticos e etc. Acabei até ganhando um prêmio Esso de reportagem, quando trabalhava em Realidade Agora também em Caros Amigos, estava todo animado, achando que iríamos produzir uma nova “Alô Brasil, Urgente”, uma nova “Realidade” e estou vendo tristemente a coisa acabar na mão de um partido político.

- Você guardou alguma coleção do B.U. ?

Pois é. Quando eu fui preso, minha casa de madrugada foi invadida. Eles entraram no meu quarto, me levaram enquanto eu estava de pijama, invadiram minha biblioteca, leram os livros, levaram tudo e foi uma cena muito trágica. Foi trágica porque eles me espancavam muito. Minha mulher desesperada, meus filhos pequenos acordaram vendo aquela brutalidade. Foi até uma coisa cômica. Quando eles me jogaram dentro do camburão, os vizinhos acordaram também e foi um escândalo. Levaram todos os B.U. que eu tinha lá em casa. Meu filho, desesperado, correu atrás do camburão. Quando o

camburão foi embora, ele parou, viu um vizinho e perguntou : - “ Por que meu pai está sendo preso ?” – o vizinho disse : - “ Olha meu filho ! Só há duas hipóteses : ou ele é ladrão ou é comunista” . Deu um trabalho para minha mulher explicar para ele que eu não era nenhuma das duas coisas, mas parecidas. Bom ! Foi embora minha coleção. Depois, vários amigos me deram alguns exemplares. Mas a grande quantidade do acervo do B.U. estava em nossa sede. Eles levaram, queimaram tudo e guardaram 2 ou 3 coleções que eles usavam para fazer os inquéritos. Eu sei que alguns amigos têm, mas eu nunca mais lí, nunca mais peguei.

10/06/99 – Convento dos Dominicanos – Assunto : Anos 62 e 63 – Movimento Político Social

Frei Carlos Josaphá

- O Sr. Estáva falando da UNE, né ?

Certo. O Jornal B.U. surgiu, de fato, na convergência de vários movimentos. Porque, todos numa insatisfação com a situação do Brasil, ou seja, do ponto de vista econômico, político, cultural e educacional, a gente poderia dizer que o termo que reunia todo mundo era Reforma de Base. Quero dizer que, os comunistas, indo mais na linha da revolução e todo o movimento, que poderíamos chamar assim, social e os grupos sociais na linha de reformas de estrutura. Essa grande exigência, de não apenas pessoas honestas, mas instituições que fossem a serviço do povo, portanto, um lado popular, pode chegar até a um certo populismo no sentido de querer mobilizar simplesmente o povo. Foi, digamos popular, no sentido de encaminhar o povo a tomar posições de maneira concreta. Olha ! Eu lhe indicaria um documento que exprime uma espécie de expressão consciente disso, que é o Credo Social Cristão, que está publicado no jornal, sobre o meu nome, no Jornal B.U., creio que no mês de maio. Esse Credo Social Cristão, surgiu da maneira seguinte : nós queríamos dizer a opinião, qual era a nossa posição. Uma posição do ponto de vista social, que pudesse ser abrangente nas bases.

Desde os comunistas, desde aqueles anarquistas, todos os comunistas e aqueles que chamariamos de socialistas. Aqueles que eram nacionalistas, porque o nacionalismo se impunha, se opunha a dominação do capital estrangeiro e às transacionais ou as multinacionais, como vemos hoje. Quer dizer que o nacionalismo, não era no sentido de querer propagar uma ideologia, assim de exaltação do Brasil. Não ! Era o de se opor ao que hoje domina, isto é, a idéia de que o desenvolvimento deve ser dependente. Ao passo que o nacionalismo queria um desenvolvimento que nós chamamos de endógeno, autônomo. A partir do próprio país e da solidariedade para com os outros e não vindo do exterior , seja por imposição, seja por imitação. Todas essas correntes tem esse denominador comum, que é de fazer uma reforma de estrutura no Brasil, mobilizando o povo e a liderança, estando a serviço de um movimento geral. Há um documento, que é o Credo Social Cristão, que foi elaborado por um grupo do B.U., foi aceito pelo Cardeal e foi lido na frente da Catedral da Praça da Sé, que era, naquele tempo, muito ampla. Nós fizemos uma reunião ali e se leu o Credo. O Credo Social, apesar de Ter uma formação, um pouco assim idealista, corresponde, penso eu, naquilo que era aceitação geral do ponto de vista cristão. Quer dizer, nós aceitamos isso a partir de uma adesão ao Evangélho e os comunistas diziam : - “ Nós aceitamos isso porque é a lei da História. Nós aceitamos isso porque corresponde a luta que os trabalhadores tiveram até hoje”. Mas o certo é que nós aceitamos esse Credo Cristão, que a gente diria hoje o Credo Democrático. Quer dizer, fazer todas as reformas com o apoio popular, mas através de um Congresso eleito e pressionado pelo povo, etc. Quer dizer, democrático. Por outro lado, uma democracia que não fosse só formal, só os direitos liberais e deixar fazer. Mas que incluísse os direitos econômicos, os direitos sociais, educacionais e que fizesse uma verdadeira promoção de povo. Nesse sentido, é a idéia de desenvolvimento, desenvolvimento para todos, desenvolvimento solidário. Esse Credo Social poderia servir como ponto de referência para chegar e dizer : - “ Olha ! Aqui temos um documento que traduz uma consciencia desse movimento, com as imperfeições, com as linguagens do tempo e tal”. – Isso saiu em maio de 63 no B.U.. Agora, como é que nós chegamos a isso ?

- Frei Josaphá, e nesse dia que vocês se reuniram e lançaram o manifesto lá na Catedral da Sé, havia formalmente representantes de outros grupos políticos não católicos ? Como vocês pretendiam que fosse feita essa reunião, essa adesão ?

Nesse dia, nós já tínhamos os representantes. O maior número era dos estudantes. Os estudantes tinham um núcleo cristão, que era a JUC (Juventude Universitária Católica). Havia um grupo mais político que era a AP (Ação Popular) que, em geral, diz ser cristã, mas nitidamente política, visando um trabalho de compromisso social. Nós tínhamos, por outro lado, um bom número de representantes dos trabalhadores. Havia um núcleo desses trabalhadores, que era Frente Nacional de Trabalho, que era dirigida pelo Dr. Mário Carvalho de Jesus, um advogado cristão de grande admiração cristã e que tinha uma espécie de pequena confederação de sindicatos. Esses sindicatos eram de inspiração cristã. Por outro lado, tínhamos, entre os trabalhadores, sindicatos em geral. Os últimos que aderiram a nós, foram os sindicatos dos metalúrgicos mais vermelhos, mais comunistas, mas que estavam presentes. Quando lançamos o Jornal, eles não estavam presentes e eu procurei explicar a eles, participando de uma assembléia junto com Mário Carvalho de Jesus. Expus os ideais do jornal e a assembléia rejeitou oficialmente, dizendo que não acreditava em coisa de padre, que certamente tínhamos boa vontade, mas estávamos a serviço do capitalismo. Quando houve uma grande greve, não me lembro bem, mas foi começo de 63, conduzidas pelos comunista, todos os outros jornais foram contra a greve. Eles viram que o único jornal que tinha noticiado objetivamente a greve, e era favorável aos objetivos da greve, tinha sido o B.U.. A partir desse momento, nós tínhamos um comunista que fazia parte da própria redação do Jornal. Mas, o princípio era, que tudo se fazia segundo os objetivos do Jornal e que nem nós seguiríamos orientações do Partido Comunista, nem orientações da hierarquia da Igreja, mas que seria sempre uma decisão tomada, coletivamente no Jornal e que predominaria o que parecesse mais racional, mais de acordo com o povo, etc. Portanto, já em meados de 63, nós estávamos unidos. Podemos dizer, estudantes com núcleo cristão, mas com a penetração daqueles que queriam reformas, operários e os camponeses, a liga dos camponeses. A maior dificuldade é que nós não dávamos nenhum apoio direto a alguma coisa que se parecia comunista, mas dizíamos : - "Olha !

O que os comunistas fizeram na linha de reivindicação justa, nós apoiamos”, e eles diziam – “ Tá certo”. Nós procurávamos entender, nos problemas práticos e não em formulações de doutrinas. Isso para o diálogo mais difícil, que era com a extrema esquerda comunista. Agora, como é que o Jornal surgiu mesmo ? O ponto de partida foram as incíclicas de João XXIII, sobretudo a Mater et Magistra, em 1961. Nós estávamos procurando certo ponto de aglutinação e eu fiz uma série de conferências que agrupavam mais de 1.000 pessoas aqui, na própria igreja de São Domingos. Dava um curso na sala da Cúria Metropolitana e no fim desse curso, surgiu a questão : “Mas afinal, essa doutrina, vamos fazer o que ?”. Partimos então para dizer : “ Olha ! Nós vamos fazer então o que esse país precisa : reformas”. Veja a palavra : Reforma de Base, que era mais ou menos umas 12 reformas, compreendendo desde a reforma política, a reforma econômica, a reforma bancária, a reforma de educação, a reforma de imprensa, da informação, da comunicação, a reforma agrária, sobretudo a reforma urbana, no sentido de rever a questão da propriedade imobiliária. Nós tínhamos na mão as 12 dessas reformas de base...

- Que vocês mesmo chegaram a essa conclusão ou as mesmas que o governo Goulart propunha ?

O governo João Goulart coincidia em algumas coisas conosco e outras não. O que nós pensávamos era depois do governo João Goulart, levar a Brasília um Congresso novo com uma maioria e o povo pressionar esse Congresso para votar essas reformas. Por isso, uma importância muito grande que nós dávamos era a alfabetização dos adultos. Nisso, nós nos encontrávamos com Paulo Freire. Eu me encontrei em Brasília com Paulo Freire, em uma reunião com o Ministro de Educação que era o Paulo de Tarso. Nessa época ele está um pouco afastado, mas Paulo de Társo, que era Ministro da Educação, nos convocou para fazer um Departamento de Educação Popular e a primeira experiência seria feita em Brasília. Quer dizer, havia assim uma espécie de encontro, de conjunção, de confluência de forças e a gente pensava que era preciso atraparalhar a opinião pública e trabalhar a educação. Mas, de urgência, trabalhar os adultos, os trabalhadores adultos camponeses e operários e formar então, um grande movimento. Foi

isso que o Golpe de 64 quis impedir, que não houvessem eleições, porque com eleições nos levaríamos a melhor. Eles se viram num desespero de causa, quer dizer, que tendo um dinheiro muito grande, que podia influenciar muito, assim a burguesia, mas eles já não pegavam mais as bases. Eles tiveram medo que, com as eleições, nós fizessemos um governo muito mais comprometido com um programa determinado. Agora, o que é importante é : Por que o Jornal ? Nós começamos a notar que havia uma série de movimentos, greves, etc. A imprensa deturpava tudo : ou não dava notícia ou dava a notícia distorcida. Aquilo nos causava uma indignação muito grande e dizíamos : “ Sem a opinião pública, nós não temos nada a fazer”. Sobretudo, a gota d’água foi uma greve que estava sendo realizada em Perús, na fábrica de cimento. Essa greve estava sendo apoiada pelo nosso movimento em geral. Eu estava lá com Dom Jorge, bispo de S^{to} André, que era um grande líder naquela época, com Mário Carvalho de Jesus, estavam lá com piquete de greve, conversando, etc. Quando chegou a polícia e atacou imediatamente. Chegou a ferir não só um trabalhador, mas os outros também, assim, sem propôr nada. Invadiu e ... ao mesmo tempo, a imprensa deu que os operários é que tinham se oposto contra a polícia, que foi obrigada a fazer aquilo. Nós assistíamos, então, fizemos uma declaração para os jornais. No dia seguinte, todos os jornais publicaram a nossa declaração, dizendo que o Bispo de S^{to} André e o Frei Carlos Josaphá, ficaram nervosos com a intervenção da polícia e não compreenderam, etc. Quer dizer, mesmo se a gente quisesse fazer uma declaração, todos os jornais, dariam a notícia completamente distorcida. Foi aí que nossa opção foi o jornal. Então as necessidades do jornal foram : primeiro para ser o porta-voz e segundo para ser a ligação do movimento com a opinião pública. Por isso, o jornal nasceu assim, de uma maneira ampla, quer dizer, na verdade, custe o que custar, justiça, doa a quem doer. Era o nosso lema : verdade e justiça. Fazia a junção das coisas. Boa informação, mas na luta. Justiça significa para nós é lutando por todos os direitos para todos. Então, o jornal foi lançado no começo, assim, pegando e dizíamos : “ Olha ! Vamos fazer uma ação popular”.

- Como é que vocês, o senhor especialmente, que estava junto com os trabalhadores, como é que foi a operacionalização ? Que grupo assumiu isso ? Como é que foi lançada

a idéia ? Porque a necessidade já está clara, o porque de fazer o jornal. ? Agora, como é que foi criado ?

Nesse caso, se reuniu, nos reunimos em uma assembléia com aqueles que freqüentavam as reuniões, contando com as lideranças anteriores. A liderança do Omar Carvalho de Jesus no meio dos trabalhadores, contando com as lideranças da JUC no meio dos estudantes e contando com a AP. Quer dizer, esses grupos já existentes se reuniam e eu assumia a liderança. Discutíamos : “ Nós precisamos de um Jornal. Precisamos dizer o seguinte ...”, “ O que nós vamos apresentar”. Vamos apresentar as duas idéias. A imprensa que tá aí, é uma imprensa interesseira, é vendida, etc, então, uma crítica forte da imprensa e propomos alguma coisa que seja uma informação do povo e eu insisti sobre isso : “ Olha ! A TV diverte o povo, mas nós queremos é informar”. Bom, nesse caso, dissemos : “ Vamos montar uma sociedade”. E fundou-se uma sociedade da ordem Dominicana, com a ordem que era Verdade. Então, essa sociedade chamava Veridas S / A, veridas é verdade. Ela vai recolher as futuras ações. Bem, aí nós estabelecemos aquelas regras famosas : Todo mundo pode contribuir, mas não podemos permitir agrupamento de ações. Quer dizer que ninguém pode Ter mais de 10 ações.

- Tem um regimento ?

Sim. Tem um regimento.

- Será que foi guardado ?

Olha ! Eu ainda ainda tenho outra dessa proposição, porque era curioso. O nosso idealismo é imenso. Eu não tenho, mas posso ver no estatuto. Não é um estatuto, porque não chegamos a fazê-lo. A urgência era tão grande, que começamos imediatamente, em toda parte. Eu escrevi um livro (O Evangelho e a Revolução Social), vendia-se esse livro em toda parte e “ Vamos fazer o Jornal ! Vamos Fazer o Jornal”. De tal maneira que, nós partimos com a idéia do Jornal em começo de 62 para ele sair em começo de 63. Bem, nós tínhamos um ano. Mas isso era assim : vai à Sorocaba, vai à Santos, vai à

Campinas, vai a São Salvador da Bahia, vai a Manaus, falando : “ Olha ! precisamos de um jornal. Esse jornal vai ser o jornal da AP, vai ser o jornal da JUC, vai ser o jornal dos trabalhadores, dos camponeses, pra dizer a verdade e tal...Você quer, então assina aqui, 10 reais, 10 reais, 10 reais...

- Como eu ví, eram 8.000 acionistas inicialmente. Parece que uma parte do próprio jornal que falou isso, né ?

Fala isso.

- E vocês faziam a tiragem de 60.000 exemplares, com uma porcentagem pequena de encalhe, né ?

É. O primeiro número foi tiragem de 100.000. Depois baixou e a gente queria retomar até chegar lá, né ? Então, bem..., não se chegou a oficializar o registro dessa sociedade. Quer dizer, praticamente com o dinheiro começou a se fazer o jornal. Tanto que, todo mundo , em termos de ação, perdeu. Quando o jornal foi suspenso, perdeu tudo e nem tinha ninguém a responder nada em título de ação. A dificuldade para proceder democraticamente é que eu não queria o dinheiro de ninguém. Dinheiro de ninguém quer dizer dinheiro picadinho. Esse dinheiro picadinho é difícilimo de conseguir. Economicamente o jornal tinha grandes dificuldades e, eu mesmo tive ofertas, que eu não menciono assim os nomes, certas associações ligadas ao capital estrangeiro, chegavam assim – “ Você está com dificuldade. Você vai ficar em déficit durante 5 ou 6 anos. Nós garantimos a publicação do jornal. Contanto que você ponha os comunistas para fora, ponha os estudantes para fora, etc. Você sozinho conosco” ,esse tipo de coisa. Mas o que me parece importante para a compreensão da coisa, é que havia bastante idealismo e muita pressa. O que, de fato correspondia a uma fase pré-revolucionária. De modo que lançamos o jornal com a direção de dois jornalistas : Josimar Moreira, do Última Hora e o Dorian que vinha também do Última Hora. Esses eram os dois jornalistas. Havia uma equipe de 12 pessoas, representando esses diferentes grupos e a pressa de sair o jornal. De modo que agente não tinha nenhuma garantia econômica

nem uma estruturação jurídica. “ Vamos funcionár uns 4,5,6 anos e então a gente vai chegar e poder fazer a estruturação”. O que não aconteceu, porque no dia 1º de abril de 1964, a polícia chegou lá, no dia precedente ao golpe, e fecha o jornal. Uma das coisas que favoreceu, justamente conta com o novo regime para ele não machucar demais o pessoal, é que nós tínhamos a lista desses 8.000 acionistas e os primeiros eram, por exemplo, o General Perí, que era o comandante, o governo do Estado.

- Mas eles tinham uma postura nacionalista.

Quer dizer, eles tinham a confiança. Eu chego lá dizendo que vou fazer um jornal para dizer a verdade, pela justiça e tudo, no primeiro tempo. Tanto que, muita gente no começo estava conosco. Quando eles leram o primeiro número, deixaram o jornal. E outros o contrário : “ Isso de dizer a verdade não quer dizer nada. Eu quero saber o seguinte : Na hora da briga, com quem vocês estão ? Há uma discussão séria no Congresso. Com quem vocês estão ?”. E aí, nós tomamos nitidamente a posição daqueles que queriam reformas. Desde uma extrema esquerda, até um centro de esquerda. Então, a gente contava com pessoas como o Governador Arraes, atual secretário de Saúde, o Governador Borges de Goiás. Sabe o que foi muito interessante, o Governador de Minas, o Magalhães Pinto, nos ajudou, mas estava oscilando. Quando, na última hora, que ele viu que o exército estava organizado, ele passou e o Golpe estourou em Minas. . Bem ! Dá pra você ver aí que, de fato, o jornal correspondeu a uma espécie de entusiasmo bastante boa dentro da organização, mas que não chegou a se organizar como um movimento nacional. E o movimento existia com uma grande margem de espontaneísmo. Na igreja que havia um pároco que queria a doutrina social da igreja, ele nos acolhia. Lá onde a gente encontrava um pároco que era ligado aos protetores da igreja, esse não nos deixava nem vender o jornal na paróquia. Falava que o jornal era comunista. E foi interessante, porque diante disso, houve uma pressão, e aqueles que já preparavam o Golpe de 64, pediram para que eu saísse do Brasil. Esse pedido foi feito através de Anunciatura, junto com a Santa Sé, junto com a Ordem Dominicana em Roma. E então : “ Para o bem aí da paz, é melhor você sair. Senão a Santa Sé vai intervir”. Nesse caso, com os superiores aqui do Brasil, eu tomei a decisão

de sair para evitar que viesse uma ordem e desmoralizasse o jornal, porque não teria mais o apoio da Igreja, compreende ? Quando eu saí e peguei o avião para ir a França, ía um missionário do Amazonas e eu então sentei junto com ele. Estava com o clero assim e ele viu que eu era padre e disse : “Olha ! É capaz que haja uma greve aí...”, e eu brincando com ele disse : “ Se há greve eu sou a favor”. Então ele disse : “ Ei, não brinca não. Em São Paulo tem um padre comunista, o Frei Carlos Josaphá, mas ele está com todos os comunistas aí...”

de sair para evitar que viesse uma ordem e desmoralizasse o jornal, porque não teria mais o apoio da Igreja, compreende ? Quando eu saí e peguei o avião para ir a França, ia um missionário do Amazonas e eu então sentei junto com ele. Estava com o clero assim e ele viu que eu era padre e disse : “Olha ! É capaz que haja uma greve aí...”, e eu brincando com ele disse : “ Se há greve eu sou a favor”. Então ele disse : “ Ei, não brinca não. Em São Paulo tem um padre comunista, o Frei Carlos Josaphá, mas ele está com todos os comunistas aí...” Aí eu perguntei : “ O senhor está vindo do Amazonas ?” – “To. Eu to trabalhando lá”. Eu dei a ele um cartão e disse : “ Eu sou o Frei Carlos Josaphá, de modo que a gente fala muita coisa ...”, e comecei a explicar a ele e ele disse “ Ah ! De fato... !. Aí eu perguntei : “ O senhor já leu alguma coluna do B.U. ?”, “Nunca li”, “O Senhor já leu a coluna B.U. ?”, “Nunca li”, “O senhor já leu algum livro do Frei Carlos Josaphá ?”, “Nunca li. Então fala mais ”. Mostrei a ele um exemplar do jornal, mostrei a coisa e tal... Ele, então, viu que era em nome de uma posição cristã, que agente estava ligado a todos aqueles que queriam as reformas, mas sem a característica comunista, etc. Isso para dizer que dentro da Igreja, aqueles que eram conservadores, ligados aos grandes bem feitos capitalistas, sobretudo aqui em São Paulo. Por exemplo os grandes capitalistas italianos aqui, tem muita influência sobre a apostólica italiana e da igreja que é romana. Então, esses aí se opunham a nós fortemente em nome do capitalismo. Agora, o Cardeal de São Paulo, esse nos apoiava efetivamente, mas fazia questão de dizer que o jornal não era cristão, mas um jornal de cristãos com outras pessoas de boa vontade e ele, então apoiava como uma iniciativa de leigos. Muitas vezes eu ia lá, conversava com ele e ele dizia : “ Olha, eu estou de acordo com você, mas não diga que eu estou de acordo, mas estarei de acordo, apoio e tudo”. Ele guardava sempre a independência dele como bispo da Diocese, mas ele sempre nos apoiava quando agente explicava a ele, né ?

- Não era um jornal da Igreja. Era um jornal de cristãos que tinha um compromisso com a mudança social, com os problemas que haviam naquele momento, que são muito piores que agora, até, né ?

Exato. Quer dizer, o jornal partiu desse grupo cristão, ele se ampliou de tal maneira que esse grupo exercia sempre uma liderança dominante no jornal, mas não na base de dizer : Ah ! Por isso é cristão. Não é assim, porque isso vai melhorar a vida do povo, porque isso é mais justo. O que se passava era nesse sentido.

- Vocês, para escrever, era também dentro de toda essa efervescência ? Havia uma pauta, uma organização dos diversos grupos ou cada um mandava seu artigo ? Como é que funcionava efetivamente a redação do jornal, até esse período que o Senhor acompanhava diretamente ?

Olha ! Em todo jornal haveria um artigo assinado por mim. Eu escrevia esse artigo e sempre consultava os redatores. Por outro lado, havia sempre, antes do lançamento de cada número, havia uma reunião de uma redação ampla, mais ou menos doze, que discutiam “ Que ênfase a gente vai dar ?”. O jornal era feito de uma maneira profissional, quer dizer, havia jornalistas que decidiam, como ele era semanário, qual aspecto a gente daria mais ênfase na parte editorial. Havia várias facções do jornal, cada uma com um jornalista responsável. Havia uma parte aberta que se pedia : “ Mande notícias das lutas de Goiás. Mande notícias das lutas no Maranhão. Mande notícias das lutas de Porto Alegre, etc.”. Com essa parte, pegava-se todas essas notícias e se fazia um picadinho. De fato, havia um lado profissional, porque os jornalistas que dirigiam, vinham do jornal Última Hora, que tinha base e se estabeleceu num projeto geral... A idéia era, do ponto de vista cultural, de fundar um jornal semanário em São Paulo, que deveria se tornar um jornal nacional. O que se conseguiu fazer substancialmente.

- Chegou a vários estados ?

A todos os estados. Ele era impresso aqui na sexta-feira, sábado era colocado no avião e no domingo em todas as capitais, todas as cidades importantes. E nós fazíamos um título que dizia que, o B.U. é o único jornal que é nacional. Era um pouco mirabolante, mas falávamos isso. Depois, fundar o jornal que será cotidiano em São Paulo, diário. A terceira coisa, cadernos chamados Cadernos B.U., que cheguei a redigir e que não

foram publicados. Seriam cadernos, folhetos de divulgação das idéias. Eu cheguei a fazer um, mas não foi publicado. Depois, mais tarde, entrar na linha de fazer uma coleção de livros e livrarias, do ponto de vista cultural. Por outro lado, do ponto de vista da ação, uma espécie de super estrutura dos movimentos para informação, exemplo, ligue camponês. Mas os operários não apoiaram, porque ligaram o sindicalismo industrial, o sindicalismo urbano com o sindicalismo camponês. Eu gostava de falar roceiro, porque o termo camponês é meio estrangeiro. Aqui temos posseiros, roceiros, gente da roça. Ligar os estudantes com os camponeses. Já havia muito disso com as lideranças, mas era essa a idéia. Depois, o problema de apoiar os partidos reformistas de esquerda. Essa era a idéia que ia se desdobrar. Nessa parte, nós fomos sem fatos. Nenhum desses projetos foram levados adiante, a não ser naturalmente o jornal. Cada movimento depois foi vítima, por exemplo, a Ação Popular sofreu terrivelmente.

- Frei Josaphát, falando dos diversos grupos, gostaria que o senhor falasse sobre a Ação Popular, a ligação com o jornal e a sua origem, a mobilização que ela exercia nesse momento, de 62 a 64.

Bem, eu não poderia lhe dar informações precisas, datas e nomes de pessoas. Para isso, eu precisaria consultar mais. Nessa ocasião, nós estávamos tão empenhados na ação, que a gente não tinha arquivos e não anotava. Não tivemos tempo de fazer qualquer documentação sobre esses movimentos, quer sobre o B.U., quer então sobre os movimentos operários, camponeses ou mais estudantil como a Ação Popular. Olha ! Uns dois anos antes de começarmos o trabalho intenso em São Paulo com a encíclica de 1961, havia um movimento católico por excelência na Universidade, que era a JUC, mas a JUC entrou em crise. Cada vez mais ela queria a autonomia dos leigos. Ela queria autonomia no plano político. Ela queria autonomia no plano social. E a Igreja insistia que ela era uma organização apostólica. Portanto, anunciou o evangelho. Com os leigos anunciando o evangelho, no sentido de os operários evangelizando operários, camponeses evangelizando camponeses, estudantes evangelizando estudantes, a JUC entrou de fato em um grande conflito interno com a autoridade da Igreja, porque ela dizia : “ Nós hoje, antes de mais nada, temos que anunciar o Evangelho trabalhando

pela libertação daqueles que são oprimidos, lutando, etc. Foi daí então que brotou a Ação Popular, no sentido de ser uma sociedade leiga civil, aceitando cristãos e até mesmo as lideranças cristãs, mas sem nenhuma dependência da Igreja. A Ação Popular corresponde a uma espécie de aspiração a autonomia que animava a ação católica, praticamente a JUC, e também a JEC (Juventude Estudantil Católica), que eram os mais jovens, no plano colegial e ginásial. Ação Popular significa a busca de eficácia, autonomia de verdadeira ação. A idéia que, aliás, é uma idéia que nós encontramos em padres pensadores, como o padre Labré e de que o verdadeiro anor cristão se traduz na luta pela justiça. A partir desse momento, a gente vai vendo assim que a AP, faz uma espécie de colheita das lideranças cristãs mais ativas, mais inteligentes, mais realistas, mais corajosas. Foi essa AP que no momento da proposição do jornal, nos deu apoio. Embora a AP guardasse toda a sua autonomia. Sua grande coisa era a autonomia, seja em matéria de ações, seja em matéria de publicações, e até mesmo de chegar e dizer : “ O B.U. cumpre uma parte, mas um setor enorme a cobrir que ele não está fazendo”. Nesse sentido, o jornal da AP era bem mais ideológico. O que o nosso jornal queria era penetrar num público bastante largo, portanto aceitar e dialogar, com o que nós chamariamos hoje, uma burguesia avançada, que nos chamavamos na ocasião de progressista. Portanto, a AP guardava uma radicalidade mais intensa do que o grupo B.U., embora nós tivéssemos na mesma linha, nós reconhecíamos a mesma trincheira. MIAs tarde, quando veio o Golpe e quando os Dominicanos se empenharam, muitos deles como o Frei Beto que estava procurando defender esse elementos e fazer com que eles pudessem sair do país sem que caíssem nas mãos da polícia. Quer dizer que sempre houve um grande entendimento, mas também uma grande independência. Por isso que eu nunca acompanhei de perto as atividades específicas da AP, mas eu acho que, naquele momento, era um grupo dos mais típicos dessa animação social que o B.U. era um porta-voz.

- Eles escreviam artigos para o jornal ou eles também faziam parte daqueles doze que organizavam a redação do jornal ?

Sem dúvida. Eles faziam parte da equipe, faziam parte da animação, da difusão do jornal e, entre eles, houve a participação através de artigos. Mas o importante é que eles estavam na base do apoio efetivo, na divulgação do jornal, na preparação do jornal e nas críticas sobretudo : “ Olha ! O jornal não está sendo suficientemente radical. Nós não estamos atentos a tais injustiças, etc

- Então Frei, a AP, a Frente Nacional do Trabalho, JUC...

JEC e JOC e todas as ligas camponesas também tinham representantes entre vocês?.

As ligas camponesas tinham contato conosco, mas não tinham representantes permanentes, mas tivemos encontro com Francisco Julião pessoalmente para acertar as coisas. Havia também grandes líderes. Nesse tempo, o Bispo de S^{to} André, Dom Jorge, nos ajudou muito. Havia pessoas que apoiavam fortemente o jornal. De modo geral, todos aqueles...

- A Ação Católica, por exemplo ?

A JUC, JEC e JOC eram ações católicas. A Ação Católica geral, essa não, porque era dos adultos, sabe ? Mais calmos e tal. Era mais a juventude e a Ação Católica especializada. JUC, JEC e JOC que entravam mais. Haveria uma juventude agrária, mas nessa época não estavam tão penetrantes. Estavam mais através das ligas camponesas ou de movimentos semelhantes. Haviam outros movimentos que não estavam ainda tão bem organizados, por exemplo os Franciscanos. Padre Bernadino, ele tinha em Divinópolis, todo um trabalho de Reforma Agrária, ele teve dificuldades quando veio o Golpe, mas não estava ligado diretamente. Ele apoiava, tinha simpatia po Julião, mas ele fazia com o grupo dele. Uma coisa que era difícil, era a ligação com os políticos, porque a gente não queria se ligar em nenhum partido, mas queria apoiar as reformas. De modo geral, nós estávamos na mesma linha de toda a linha nacionalista na Câmara e que foram tdos caçados, logo após o golpe de 64.

- O Senhor lembra os nomes dos representantes, por exemplo, a AP, era sempre o mesma pessoal ou eventualmente mudava ?

Em geral, era alguém designado pelo movimento. De modo que tínhamos alguém representando o sindicalismo em geral, alguém do Partido Comunista.

- Além da Frente Nacional, ainda tinha comunistas ?

A Frente Nacional era cristã, sobretudo metalúrgicos. O sindicato dos metalúrgicos era dos mais fortes daquele tempo. Eram os mais vermelhos. Agora, eles estavam lá, não como representantes do partido, mas pelos trabalhadores.

- Um apoio ao jornal, né ?

Isso. Então, para que você possa ter uma anedota que possa ilustrar isso, o grupo cristão do jornal disse : “ Olha ! Vamos fazer de vez em quando uma reunião, fim de semana que a gente vá rezar, em Barueri ou numa fazenda e tal”. Nós tínhamos o compromisso de que, nada se faria no jornal sem transparência. Então avisamos e : “ Escuta, vocês vão fazer uma coisa lá para discutir sobre o jornal”, eu disse “ Não. Nós vamos discutir sobre espiritualidade. Quem quiser ir...”. E eles foram, muitos deles foram. Então nós celebrávamos a missa, e os comunistas : “Pra que essa vela acesa com esse sol quente agora ? Por que esse Jesus Cristo vem aqui nessa luta nossa, se ele já morreu ha tanto tempo ?”. Então a gente discutia : “ Porque vocês introduzem o Karl Marx ? Ele não ajuda vocês ? É um pensador”. Aí então eu fui ao Cardeal e disse “ Nós vamos fazer uma missa bem simples, sem vela acesa, essa coisa e tal. Pode ser numa mesa. Jesus Cristo fez numa mesa. Leu a palavra da Bíblia, deu conselho a turma e tal”. Nós discutíamos os nossos problemas hoje. Era interessante, porque a gente tinha esse princípio, de falar : Olha ! Nós estamos aqui, mas nós não queremos fazer um trabalho de proselitismo católico nem comunista, etc. Nós queremos é partir para os interesses do povo. Nesse caso, ninguém chegava e declarava : “ Eu estou aqui para dizer isso em

nome da AP...”. Não. Nós sabíamos que era da AP, mas estava lá para disutir : “ Olha ! Nós vamos apoiar ou não, a greve que os bancários irão fazer agora. Quem está fazendo essa greve ? É Fulano de Tal. Qual é o objetivo dele ? É isso, isso e tal. Nós vamos apoiar, mas não forte demais, que esse é um movimento assim...” . As vezes ao contrário : “ Há uma luta agora dos trabalhadores que estão reivindicando condições de saúde, falta de um ambiente e tal. Vamos fazer, apoiar fortissimamente. Vamos brigar com eles. Fulano, você vai lá, faz a cobertura disso, faz a fotografia, pega bem a miséria lá e vamos dar um grito e tal”. Todo o grupo estava de acordo, que é certo que é na linha do jornal, né ? Embora talvez, essa ação ajudasse os comunistas, que fossem eles que estivessem liderando lá.

- O que importava era toda a mobilização, a conscientização, etc., né ? O objetivo maior era esse. Agora Frei, quando o senhor saiu, foi para Paris, houve um grande abalo no jornal, né ? Será que essas reuniões de quinta feira continuaram sendo realizadas, por que o senhor continuou escrevendo de lá, que eu acompanhei, né ?

Nesse caso, eles continuaram. E veio essa questão, como são vários líderes, eu exerci um papel de estar fora, de não representar movimento nenhum. Aí a dificuldade era maior e, sem dúvida alguns abandonaram, mas o jornal nesse momento, tinha uma liderança bastante grande. Por exemplo, o Ruy do Espirito Santo era desse tempo, o Dorian é desse tempo e o Josimar já ficou um pouco mais, mas foi mais o Dorian e o Ruy do Espirito Santo. Havia quem manteve sempre a linha, mas com mais dificuldade. De fato foi um Golpe bastante forte, e também o estremecimento da Igreja. Aqueles que não estavam muito convictos, eles se esvaziaram. Nesse momento, lançaram um movimento chamado Amigos do B.U.. Esse grupo ajudou muito, quer dizer era uma espécie da estruturação da difusão, criar um núcleo, né ? Vamos supor, “quem vende 100 jornais ganha isso e tal”, esse tipo de campanha dentro do jornal. Talvez, desse lado, o jornal começou a ficar mais independente daquele grupo fundador inicial. Eu acredito que, até o fim eles mantiveram bem a solidariedade da equipe com o público. Havia pessoas que enxergavam bem, por exemplo, alguns jornalista que diziam : “ Isso aqui não pode sair em nosso jornal. Toma pra vocês. Isso é matéria de vocês, né

?” e amigos que estavam em outros jornais que nos passavam a informação. Nós fizemos a cobertura da morte do Kennedy, anunciamos assim : “ Kennedy. Assassinato político” . Nós verificamos que 3 minutos depois da morte, já se sabia quem era o assassino, toda a vida pregressa do assassino, a vida passada dele, que ele era de fato um bom atirador. Como é que mata, e a polícia deu tão direitinho tudo, tudo, tudo do assassino. Quer dizer, aí tem coisa. Aí foi aquele susto, mas temos os nossos argumentos.